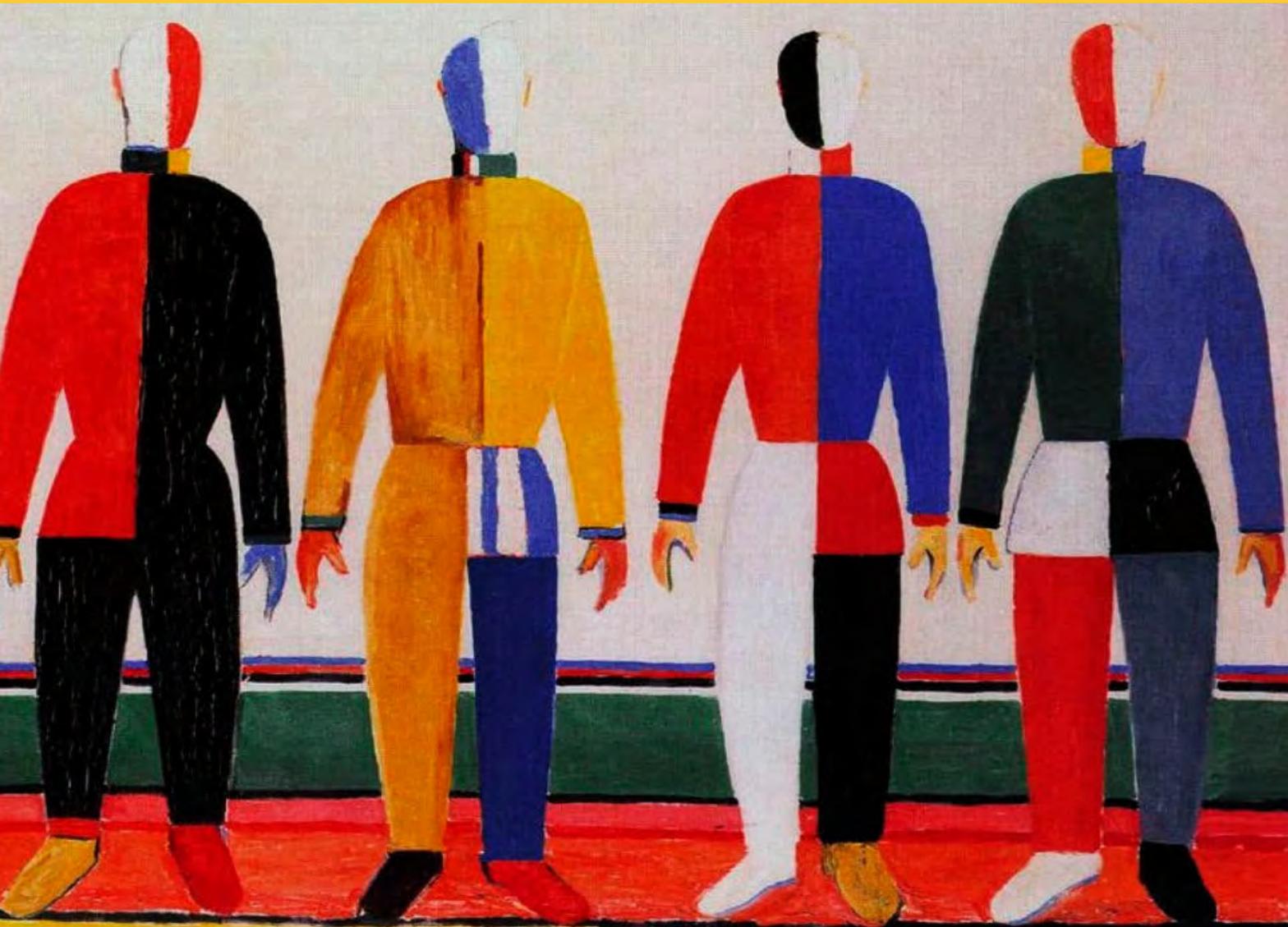


revista resgates

nº 2 - 2012



Somos 7 bilhões! E daí?



COLÉGIO
STOCKLER
VESTIBULARES

ANA PAULA MUCHE SCHIAVO

IZABELA HARUMI NISHIOKA

ANNIA LALESCA MAZUR LAURICELLA

JÚLIA ORTOLAN PRADO

BARBARA ZAGO BAPTISTA

LINA GUZIKASKAS CELESCUEKCI

CAROLINA PIAI VIEIRA

MARIANA FAVA DE ALMEIDA

GABRIELA BRANCO DOS SANTOS

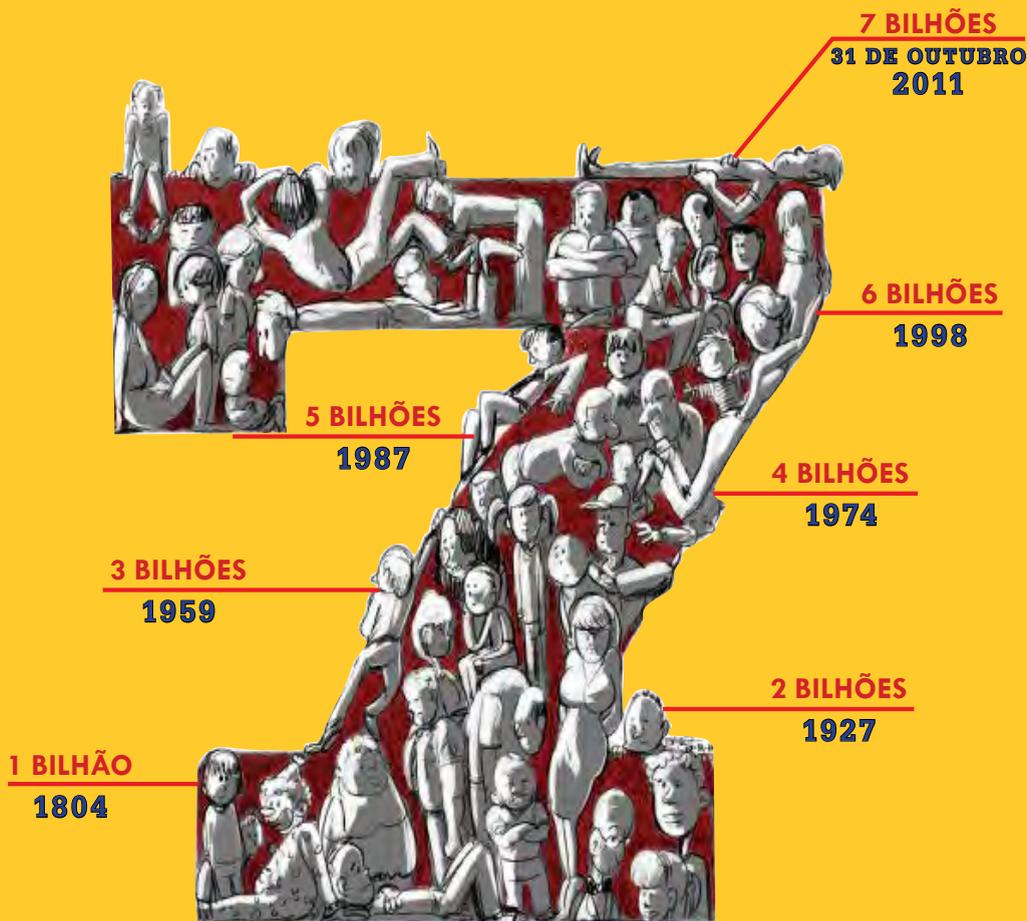
REBECCA RODRIGUES BUENO MOMO

GISELLA GALLO MÜHLEISE

SANTIAGO SULZBECK VILLALOBOS

GRECCA VOLPE DIAS

VITOR MEDEIROS SAMPAIO



Somos 7 bilhões! E daí?

Somos 7 bilhões! E daí?



Revista Resgates / Colégio Stockler.
nº 2 - 2012. São Paulo - SP.
Ensaio acadêmico.

Conselho editorial: Eduardo Montechi Valladares e
Luiza Luz
Editoração: Rosenildo Stangherlin
Revisão: Isabel Menezes

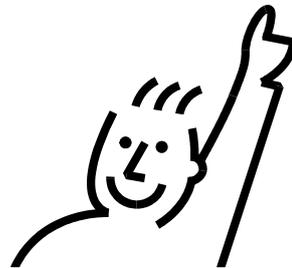
Somos 7 bilhões! E daí?

2012

Apresentação	5	Eduardo Montechi Valladares e Almir Bunduki
Retomada do objetivo original: (in)felicidade em foco	7	Ana Paula Muche Schiavo
Sete bilhões em ação: as demandas energéticas	15	Annia Lalesca Mázur Lauricella
Suicídio: coragem ou covardia?	29	Bárbara Zago Baptista
A tecnologia in(forma): a sociedade da informação	37	Carolina Piai Vieira
As novas tecnologias como forma de inclusão social - diminuindo fronteiras e a desigualdade	47	Gabriela Branco dos Santos
Existe uma propaganda universal?	57	Gisella Gallo Mühleise
A taxa de fecundidade e suas influências no número populacional	65	Grecca Volpe Dias
O acreditar no futuro: profissões e tecnologias	73	Isabela Tsutiya Andrade
Cirurgia plástica e insegurança emocional	85	Izabela Harumi Nishioka
Energias renováveis – nossa salvação?	97	Júlia Ortolan Prado
Sustentabilidade em um mundo superlotado	111	Lina Guzikauskas Celescuekci
A globalização da moda e a criação da identidade pessoal	123	Mariana Fava de Almeida
Teatro e cinema: resgate da cultura no mundo contemporâneo	137	Rebecca Rodrigues Bueno Momo
A engrenagem verde: uso de alimentos transgênicos	147	Santiago Sulzbeck Villalobos
Ocupe Wall Street: duas realidades em conflito - Perspectiva e histórico de um mundo consumido pelo lucro	153	Vitor Medeiros Sampaio

Somos 7 bilhões! E daí?

TURMA DE 2012



COLÉGIO
STOCKLER
VESTIBULARES

Somos 7 bilhões! E daí?

Por maior que seja a população mundial, ela é composta por indivíduos. E cada um deles tem sua trajetória pessoal, seus desejos e seus sonhos. Sete bilhões de pessoas, o que isso significa? Como quantificar esse número tão largo? Afinal, as pessoas não choram sobre cifras ou estatísticas. Cada um de nós, dessa enorme multidão de sete bilhões de humanos, se comove com o que ocorre com as pessoas que nos são próximas, e manifesta solidariedade e compaixão com a dor e o sofrimento alheio. Mas, também, evocamos ódio e intolerância. Como expressar isso, a não ser pela linguagem?

A principal finalidade da linguagem é a comunicação. Embora isso possa soar como trivial, é necessário reafirmar a sua enorme importância na vida de cada indivíduo e na relação que cada um de nós estabelece com os outros. Entre as diferentes formas de linguagem, a leitura e a escrita são habilidades de vital importância para todos os indivíduos. Além de sua utilidade na vida diária, elas permitem a aquisição de novos conhecimentos.

São as palavras, as frases e as relações coerentes entre os enunciados que produzem os saberes. Por isso, um dos maiores desafios pedagógicos de uma escola é incorporar todos os alunos à cultura da leitura e da escrita e conseguir que todos se tornem leitores e escritores proficientes. E isso vai muito além do domínio de regras, de convenções e das arbitrariedades ortográficas do código oficial.

Fazer da escola uma comunidade de escritores capazes de produzir seus próprios textos, nos quais estejam expressas as ideias e as reflexões de cada um dos participantes, é uma tarefa árdua. Afinal, não se trata de treinar fórmulas que os tornem simples copistas. É necessário permitir que cada estudante, ao longo de seus anos escolares, desenvolva a capacidade de produzir discursos originais, ou textos que expressem suas próprias ideias e que sejam capazes de transmitir isso de maneira clara aos destinatários. Uma escrita que seja pertinente e adequada a determinado tipo de situação social.

Vivemos em uma sociedade em que a habilidade de processar informações é essencial à sobrevivência do indivíduo, em todos os aspectos. Mas o desenvolvimento da leitura e da escrita não se limita apenas à garantia de maior acesso à informação. Ele promove e facilita o aperfeiçoamento de outras habilidades também fundamentais, como a criatividade e o espírito crítico. Ou seja, assegura para cada ser humano as condições básicas para o exercício pleno da cidadania e a completa efetivação do potencial intelectual e afetivo.

Sabemos que escrever não é uma tarefa fácil. É preciso sempre romper o inevitável tremor diante de uma folha em branco. A *Revista Resgates*, ao reunir as melhores monografias dos alunos das terceiras séries de 2012, homenageia aqueles que, enfrentando o medo, preencheram muitas folhas com as suas ideias, sonhos e reflexões.

Esta edição também repara um grave erro. Uma das mais notáveis monografias do ano passado deixou de ser publicada por um descuido

editorial. A, hoje, aluna do curso de Jornalismo da PUC-SP Carolina Piai Vieira foi autora de um texto com o título de “A tecnologia in(forma): a sociedade da informação”. Ele foi incorporado aos artigos que compõem a edição de 2012.

O isolamento do indivíduo, com cada um entocado em seu mundo particular e privado, impede a transmissão de experiências comunicáveis. Para que as narrativas possam fluir, elas precisam de encontros sem prazos, ocasiões que possam ser desfrutadas sem pressa alguma. Elas necessitam que o ouvinte, ou o leitor, tenha condições de degustar cada uma das palavras narradas. Mais ainda, que o conteúdo possa ser guardado, acrescido de outras experiências e transmitido com ampla liberdade.

Em um mundo caracterizado pela aceleração dos processos produtivos e pelo consumo exacerbado, o tempo se tornou uma mercadoria que é cada vez mais contabilizada. Parece não haver mais o espaço para a pausa, para o momento necessário e essencial em que a narrativa e a leitura possam prosperar. Não é possível que de tão absorvidos pela nossa sobrevivência sejamos continuamente consumidos pelo presente imediato. Às vezes, é necessário, como propunha Nietzsche, ser um esbanjador e saber ruminar.

“O leitor de quem espero algo [...] deve ser calmo e ler sem pressa. [...] Tal homem ainda não desaprendeu a pensar enquanto lê, compreende ainda o segredo de ler entrelinhas, tem mesmo o caráter tão esbanjador que medita ainda sobre o que leu, mesmo muito tempo depois de não ter mais o livro entre as mãos. E não para escrever uma resenha ou outro livro, mas apenas e somente isso – para meditar! Condenável esbanjador!

[...] É certo que, a praticar desse modo a leitura como arte, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido [...] e para o qual é imprescindível ser quase uma vaca e não um ‘homem moderno’: o ruminar...”

Esperamos que os leitores do segundo número da *Revista Resgates* consigam seguir o conselho do filósofo alemão. Aqueles que a escreveram merecem que todos nós nos tornemos verdadeiros ruminantes esbanjadores. Eles também merecem os nossos mais calorosos parabéns e as esperanças que suas vidas sejam plenas.

Eduardo Montechi Valladares e Almir Bunduki

Resumo

O objetivo desta monografia é apresentar o conceito de felicidade e como esse conceito foi moldado na sociedade pós-moderna para atender às necessidades de venda do mercado. Desenvolve-se o tema passando pelas bases da alienação, como ela se dá nos indivíduos do mundo ocidental e quais as consequências dela na população. Por fim, é abordado o futuro da sociedade hiperconsumista.

Palavras-chave: felicidade, consumo, bens materiais, sociedade pós-moderna, satisfação, prazer.

Abstract

The goal of this report is to present the concept of happiness and how this concept was modified in the postmodern society to attend the needs of market sale. The subject is developed going by the bases of alienation, how it works on individual of western world and consequences of it in the population. Finally, we discussed the future of hyper-consumerist society.

Keywords: *happiness, consumption, material goods, postmodern society, satisfaction, pleasure.*

“Quem fala de felicidade com frequência tem os olhos tristes.”

Louis Aragon

1. Introdução

Em um mundo com sete bilhões de pessoas vivendo majoritariamente sob as ordens de um sistema que supervaloriza o consumo, o conceito de felicidade foi distorcido para atender a demanda pelo lucro. Tal conceito se transforma em produto ideológico de mercado, por meio da Indústria Cultural,¹ levando ao consumismo. O bem-estar é relacionado ao prazer de ter desejos satisfeitos, delimitado pela cultura e distorcido na sociedade pós-moderna além de ser buscado naturalmente pela humanidade.

O poder disciplinar² implantado por meio da cultura, leva-nos a uma cegueira quanto aos nossos próprios desejos. A sociedade atual apresenta o paradoxo do superindividualismo atrelado à submissão às vontades implantadas pela indústria de bens de consumo. A partir do momento em que o consumo deixa de ser subordinado a necessidades materiais e passa a ser um ato em busca de *status*, um consumo da ideia atrelada à mercadoria (mudança que ainda será trabalhada adiante nessa monografia), a busca de satisfação subjetiva une-se com o consumismo. Cria-se uma ilusão de que o consumo é uma forma de bem-estar.

Sabendo que a felicidade é uma meta subjetiva a ser buscada por todos, devem-se criar meios de alcançá-la. De nada serve desenvolvimento econômico sem que haja um crescimento do bem-estar da população, mesmo que parcial – levando em conta que o capitalismo é um sistema, por princípio, excludente. É necessário que se conheça os empecilhos sistêmicos para, assim, achar soluções para ultrapassá-los. Uma análise do mecanismo de dominação contemporâneo leva-nos ao conhecimento de causa, permitindo que seja criado o meio para que atinjamos nosso objetivo original: a felicidade plena.

2. Meta

Inicialmente é necessário que se defina a felicidade.

A felicidade se relaciona diretamente com a satisfação de ter desejos atendidos. Os desejos podem ser divididos em três grupos:³ os desejos do corpo, os da alma e os materiais. Satisfazer os desejos causa-nos a sensação de prazer e, naturalmente, “o homem só toma interesse por aquilo que lhe proporciona prazer”.⁴

Sendo assim, a busca pelo prazer e, portanto, pela felicidade é natural a todos os humanos.

Os desejos do corpo são os mais primitivos, os animais. Saciar fome, sede, sono e tensão sexual, por exemplo, são atividades que proporcionam prazer no âmbito físico. São as necessidades criadas pelo instinto de sobrevivência do ser humano. Sempre presentes durante toda a vida, se renovam em ciclos periódicos.

Os desejos da alma fazem referência ao aspecto subjetivo. Fazer bem a alguém, sentir-se útil, ter bons relacionamentos interpessoais, equilíbrio emocional são algumas das situações que levam à satisfação da alma. São as necessidades puramente humanas, nascidas do pensamento e da capacidade de interpretação dos homens.

A intensidade e prioridade desses desejos se relacionam diretamente com a personalidade do indivíduo. A natureza deles também é muito variável, muito relacionada à cultura e valores pessoais. Dessa forma, satisfazê-los é um plano muito complicado de ser realizado: é muito flexível, complexo e totalmente abstrato.

Os desejos materiais dizem respeito à posse de objetos. “O homem feliz tem necessidade de gozar, sem dificuldade, de diferentes bens exteriores.”⁵ É uma parte necessária para a felicidade completa do homem, que lhe proporciona conforto.

Possuir bens materiais, como parte necessária da felicidade plena (e também para o bom funcionamento do sistema), é um direito assegurado pelo Estado. A posse de objetos como direito humano ligado à liberdade do indivíduo nasce nos textos de John Locke (1632 - 1704)⁶. A Constituição Federal Brasileira apresenta esse princípio:

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XXII - é garantido o direito de propriedade;

Atualmente, entretanto, a relação com a felicidade foi distorcida para favorecer o consumo exacerbado. Os bens não significam mais um meio de ter conforto, de plenitude; o prazer reside no consumo em si. Adquirir passa a ser um prazer maior do que o conforto que o objeto pode oferecer.

Tendo esses três grupos de necessidades satisfeitos de forma equilibrada, chega-se à felicidade plena. Entretanto, os desejos a serem atendidos variam de indivíduo para indivíduo. Por isso, o conceito mais sólido de felicidade depende de cada um. Felicidade não é um conceito universal, já que se baseia nas sensações pessoais.

3. Objeto

A mercadoria é o objeto em foco quando se discute a sociedade do hiperconsumo. Para entender a relação entre o consumidor e a mercadoria atualmente é necessário que se analise a evolução dessa relação. Segundo Gilles Lipovetsky, o consumismo pode ser dividido em três fases.⁷

A Fase I inaugura a necessidade de consumir. É o período em que o desejo de comprar passa a ser algo de todos, não mais só das elites. A propaganda começa a ter papel fundamental para o consumo, levando as pessoas a crerem que consumir é uma forma de prazer.⁸

Nessa mesma fase, criam-se as marcas, levando os consumidores a comprar o nome mais que o produto em si. A utilidade perde valor, sendo substituída pelo “selo de qualidade” que a marca oferece. Há o começo da submissão do indivíduo aos desejos criados pelas grandes corporações.

Na Fase II, com a associação consumo-azer já estabelecida, a lógica seguida passa a ser do “volume de vendas elevado, preços mais baixos possíveis, margem de ganho fraca e rotação rápida das mercadorias”.⁹ O consumo passou a ser das massas. As transações comerciais eram feitas em grande escala.

Comprar passa a ser um ato exibicionista: compra-se para ter status. A mídia tem grande influência nessa situação, mostrando o que deve ser valorizado ou desvalorizado, o que é prestigiado e o que é menosprezado. Na propaganda, são valorizados os prazeres instantâneos, “curtir a vida” e *glamour*, tomando o lugar do sacrifício proveniente da ideologia cristã, predominante até o momento.

A Fase III, por sua vez, tem como foco o consumo íntimo e experiencial. O consumo deixa de ser um modo de reconhecimento para ser algo para si mesmo: nasce o superindividualismo no consumo. “Não é mais a hora da fria

funcionalidade, mas da atratividade sensível e emocional.”¹⁰ O ato de comprar passa a ser uma busca por lazer, prazer, bem-estar por si só. Busca-se uma experiência nova no ato de consumir.

Nessa mesma fase, a mercadoria é desprovida de valor de utilidade; compra-se pelo significado, pela ideia embutida na mercadoria. Origina-se a *mercadoria-signo*. A ideia que o produto carrega é criada pelas propagandas que, geralmente, apelam para os sentimentos do indivíduo, criando desejos, levando à ilusão de que se atingirá a felicidade ao se ter esses supostos desejos satisfeitos. A venda do produto depende de quanto consegue trazer à tona o desejo inerente do consumidor de ser feliz. Entretanto, o prazer da satisfação ao comprar é acompanhado pela frustração; desejos plásticos levam à felicidade plástica.

Desse modo, a mercadoria tem uma relação muito próxima com o indivíduo moderno. Há um jogo com os desejos pessoais. E, mais que apenas algo material, trata-se de uma complexidade subjetiva. Não é mais possível separar o material necessário do excedente; o que não é necessário é comprado pela esperança que isso leve à felicidade.

4. Controle

Para que ocorresse essa implantação de valor subjetivo na mercadoria e do consumismo na cultura ocidental, foi necessária a Indústria Cultural. Por meio de propagandas como “Lugar de gente feliz!”¹¹ e “Para uma vida mais gostosa”¹², a felicidade é relacionada ao lugar de consumo ou ao consumo puro de um produto. As massas são postas a acreditar que comprar é o meio de atingir o bem-estar subjetivo.

É criada na mente das pessoas a necessidade de consumir e o meio sempre eficiente de fazê-lo é usando o desejo instintivo de atingir a felicidade. As empresas buscam o lucro e, para isso, incentivam o consumo: fazem as massas acreditarem que precisam comprar determinado produto que precisa ser vendido. Assim, a felicidade alienada é transferida de um gênero para outro dependendo das necessidades de venda do sistema. Tal transferência é retratada por Gilles Lipovetsky em seu livro **Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo**, da seguinte forma:

Daí a condição profundamente paradoxal do hiperconsumidor. De um lado, esse se afirma um “consumator”, informado e “livre”, que vê seu leque de escolhas ampliar-se, que consulta portais e compradores de custo, aproveita pechinchas do low-cost, age procurando otimizar a relação qualidade/preço. Do outro, os modelos de vida, os prazeres e os gostos mostram-se cada vez mais sob dependência do sistema mercantil.

(LIPOVETSKY, 2006, p.14)

Por outro lado, é pregada uma postura conformista. As pessoas são domadas, alienadas e controladas sem perceber a influência a que são submetidas. Como diz Gilles Lipovetsky no mesmo livro:

O capitalismo de consumo não nasceu mecanicamente de técnicas industriais capazes de produzir em grandes séries mercadorias padronizadas. Ele é também uma construção cultural e social que requer a “educação” dos consumidores ao mesmo tempo que espírito visionário de empreendedores criativos, “a mão invisível dos gestores”.

(LIPOVETSKY, 2006, p.28)

Outro fator que garante a “educação” dos hiperconsumidores intimistas é o micropoder que a Indústria Cultural exerce nas pessoas. A sociedade contemporânea é a mesma do poder disciplinar. O poder disciplinar, de Michel Foucault, ocorre com a autovigilância do indivíduo que, a partir do momento em que acredita estar sendo vigiado constantemente pela sociedade, acaba por reprimir seus impulsos, substituindo-os pelos comportamentos impostos. A sociedade do consumo experiencial prega que se deve ser feliz. Essa felicidade é, então, associada ao consumo de forma plástica. “Ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz. Então era.”¹³

Portanto, sabendo que, como dizia Freud, “a novidade constitui sempre a condição do gozo”,¹⁴ encontra-se na estrutura básica do sistema de consumo o experimentalismo e intimismos atrelado ao sempre novo. Dessa forma, o consumo intimista consegue se sustentar com a satisfação momentânea e insuficiente da novidade. É um jogo no qual as peças são as ambições pessoais e o objetivo final é a venda desenfreada. Como colocaria Lipovetsky, “o universo mercantilizado agrava metodicamente o mal do homem”.¹⁵

5. Crescimento

Contrariando o pensamento originado no movimento iluminista, o progresso tecnológico e econômico não está levando a humanidade à felicidade. Em parte isso se deve ao racionalismo exagerado que exalta somente máquinas e lógica, desvalorizando o aspecto sentimental (tão importante quanto o material) e o instintivo para atingir a felicidade plena; em parte ocorre porque o desenvolvimento das tecnologias não significa boa distribuição destas para a população.

Há, indubitavelmente, um crescimento no potencial de conforto das pessoas. Ainda assim, bens de consumo responsáveis pelo conforto são usados para criar o desejo nas pessoas e, assim, faturar-se muito mais com eles que seu valor real de uso. Como já dito, não é mais a utilidade o que importa, mas a ideia embutida no objeto.

Sendo assim, a produção de pesquisas de desenvolvimento de novos bens materiais está cada vez mais submissa à busca do lucro. O progresso em prol do bem-estar se enfraqueceu. As invenções se curvam ao poder das corporações.

Todo o crescimento de conhecimento e tecnologias no campo material não significa o mesmo ritmo de crescimento de bem-estar. Isso vale para as classes que não têm acesso aos bens, não podendo usufruir do conforto propiciado, e vale para as classes abastadas, que mesmo com acesso nunca estão satisfeitas em seus desejos. Há a busca incessante do sempre novo.¹⁶

6. Consequências

Proveniente da alienação do conceito de felicidade, pela busca de uma felicidade plástica e o achado da decepção, a população se encontra mais triste. Os índices de incidência de mazelas como ansiedade e depressão aumentaram na população.¹⁷ Tal aumento é uma tendência em toda a população sob a influência do sistema do mundo ocidental.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a incidência de depressão na população mundial cresceu muito, chegando a aproximadamente 330 milhões de atingidos na década de 1990.¹⁸ De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto de Saúde Mental da Universidade de Heidelberg, o índice de incidência de ansiedade vem aumentando princi-

palmente em cidades, os maiores templos de consumo do ocidente.

Sendo assim, pode-se concluir que o consumo desenfreado, a dominação da mente e a desilusão da felicidade alienada afetam a todos. O que se busca acaba sendo modificado pelos ideais e máximas do sistema. O modo de operar que existe na sociedade moderna propicia a falta de bem-estar, mesmo com avanços tecnológicos (que prometiam tanto para conforto e felicidade).

7. Conclusão

“Progredimos no caminho da felicidade? Afirmá-lo seria confundir indevidamente bem-estar material e vida feliz.”¹⁹ Como pôde ser visto, cada vez mais nos afastamos da busca original pela felicidade. Para ter mais lucro e manter o ciclo de reprodução acelerada do capital, usaram-se os instintos do homem. Ainda assim, há como mudar o quadro, voltando para a busca de real felicidade pessoal.

Para isso é necessário mudanças, primeiramente, na forma de propaganda. O jogo com desejos pessoais é infalível para incentivar o

consumo, mas o lucro não deve ser mais valorizado que a felicidade. Assim, ainda que não se mude a estrutura básica do sistema, usando propagandas que remetem à utilidade do produto, é possível que o conceito de felicidade volte a ser aquele individual, que apenas o próprio indivíduo sabe completamente, o ideal de felicidade real.

Outro ponto importante é a utilização do potencial de conforto criado pelo desenvolvimento tecnológico. Isso seria possível retomando parte da ideologia do Iluminismo: basta criar um vínculo mais profundo entre o progresso material e o aumento da felicidade das pessoas. Isso pode ser feito tanto pelo uso cru do objeto, sem ideias acopladas como, e indispensavelmente, pela melhor distribuição do acesso a bens materiais.

Portanto, é possível que as pessoas tenham mais chances de ser felizes se forem incentivadas por um modo de vida diferente, que não seja baseado no consumo excessivo. Por fim, é preciso que todos se conscientizem que o lucro por si mesmo não trará felicidade para nenhuma parte da população e que apenas a felicidade tem valor real.

Notas

- 1 O conceito de *Indústria Cultural*, de Adorno (1903 - 1969) e Horkheimer (1895 - 1973), mostra como a sociedade foi levada ao consumo por meio da propaganda, da hipervalorização do detalhe em detrimento da utilidade total da mercadoria. Tal atitude leva à formação de uma massa alienada, submissa ao consumo desenfreado.
- 2 Referência à *Sociedade do Controle*, de Michel Foucault (1926 - 1984). O poder disciplinar se expressa pela autovigília do indivíduo que se faz agente e delimitador da própria ação. No contexto, poder disciplinar é a forma de poder utilizada sobre o indivíduo pela Indústria Cultural.
- 3 Segundo Aristóteles, os bens do corpo, os bens da alma e os bens externos.
- 4 Citado de DIFANTE, Édison Martinho da Silva. **O Conceito de Felicidade na Filosofia Prática de Kant**. Tese de Mestrado, UFSM, Santa Maria, 2008. p.37.
- 5 LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.18.
- 6 Ainda que propriedade no contexto das obras de Locke abranja também liberdade e vida, os bens materiais foram pela primeira vez colocados como necessários aos humanos.
- 7 Divisão feita em LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 8 Consolidação do consumo-prazer reforçado pela criação de grandes lojas bem decoradas (magazines) que funcionavam como templos de satisfação ilusória.
- 9 LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.33.
- 10 LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.45.
- 11 Propaganda dos Supermercados Pão-de-Açúcar.
- 12 Propaganda da Sadia.
- 13 Tirado de LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.28.
- 14 LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006. p.67.
- 15 Tirado de LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.158.
- 16 A busca do sempre novo já era colocada como fonte de frustração e controle por Adorno na sua obra **Indústria Cultural**.
- 17 BARBOSA, António & TELLES-CORREIA, Diogo. Ansiedade e Depressão em Medicina: Modelos Teóricos e Avaliação. **Acta Med Port**, 22, pp. 89-98, 2009.
- 18 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Unhappy. Disponível em: www.who.int. Acesso em: 24 de set. de 2012.
- 19 Tirado de LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.17.

Referências

- ADORNO, Theodore. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARANHA, M. L., & MARTINS, M. H. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- BARBOSA, António & TELLES-CORREIA, Diogo. Ansiedade e Depressão em Medicina: Modelos Teóricos e Avaliação. **Acta Med Port**, 22, pp. 89-98, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: A transformação das pessoas em marcadoria**. Tradução C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOTO, Carlota. Ética e Educação Clássica. **Educação & Sociedade**, 76, pp. 121-146, out. 2001.
- CARVALHO, Camila da Silva, & SANTOS, Goiamérica Felício dos. Publicidade e Cosnumo: A Felicidade Sob Novos Signos. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, pp. 1-12, 2008.
- CHIH, Chiu Yi. **A Eudaimonia na Polis Excelente de Aristóteles**. São Paulo, 2009.
- CORBI, Raphael Bottura, & MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, dez. 2006.
- DIFANTE, Édison Martinho da Silva. **O Conceito de Felicidade na Filosofia Prática De Kant**. Tese de Mestrado, UFSM, Santa Maria, 2008.
- FERRAZ, Renata Barboza, TAVAREZ, Hermano, & ZILBERMAN, Monica L. Felicidade: Uma Revisão. **Psiquiatria Clínica**, p.234-242, 2007.
- FONTENELLE, Isleide A. Os Paradoxos do Consumo. **RAE**, pp. 104-105, set. 2008.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRAZIANO, Lilian D. **A Felicidade Revistada: Um Estudo Sobre Bem-Estar-Subjetivo na Visão da Psicologia Positiva**. São Paulo, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MATTOS, Geísa. O Debate sobre a Felicidade na Sociedade Líquido-Moderna. **Revista de Ciências Sociais**, p.157-161, 2010.
- MOURA, Bruno Azevedo. A Felicidade e a Teoria da Ambivalência. **Mediações**, n. 15, p. 349-353, dez. 2010.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Unhappy. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 24 set. 2012.
- PENA, Roberto Patrus Mundim. Ética e felicidade. **Cadernos de História**, p.33-46, 2007.
- SANTOS, José Francisco Quirino; NAKAMURA, Eunice & MARTIN, Denise. A compreensão da depressão na população pobre, uma ocorrência mais (fortemente) social, do que uma doença (fracamente) clínica. **Mediações**, n. 12, p. 313-322, jun. 2007.
- SILVA, Elizete Cconceição. Interminável Busca da Felicidade. **Mediações**, p. 297-299, jun. 2009.
- ZANCOPÉ, Tatiane; ABEICHE, Regina P. Christofolli & CANIATO, Angela Maria P. Reflexões Acerca do Ideal de Felicidade na Contemporaneidade. **Psicologia Social: desafios e ações**. Maringá, p. 1-6, 2010.

Resumo

Neste trabalho, relaciona-se a evolução numérica da população mundial com as demandas energéticas necessárias para suprir as necessidades de cada período. Apresentam-se questões específicas de determinadas regiões do planeta no que se refere ao uso da energia e seus possíveis impactos.

Palavras-chave: energia, crescimento populacional.

Abstract

This work relates the numerical growth of the world's population and the energy demands of each place and time. There are specific questions that refer to the use of energy in planet's regions and their possible impacts.

Key-words: *energy, population growth.*

1. Introdução

No pós-Segunda Guerra Mundial, a humanidade assistiu ao maior crescimento populacional percentual desde o surgimento do homem. Dos anos 50 do século passado até o começo do segundo milênio, houve aumento de 138%¹ no número de habitantes do planeta. De 1900 até a década de 1950, essa taxa foi de 52%, percentagem que seria consideravelmente maior se não fossem as ocorrências das duas Grandes Guerras Mundiais. Esse planeta superlotado veio acompanhado de várias mudanças: urbanização, novas tecnologias de produção, generalização da sociedade de consumo, desperdícios extremos, espaços superpovoados e globalização. Essas transformações, aparentemente desconexas, unem-se em um ponto único: energia.

A revolução técnico-científico-informacional estabeleceu novas formas de conexão. O desenvolvimento das telecomunicações, da internet em particular, e a maior eficiência dos meios de transportes tornaram-se propulsores da globalização. A acelerada inovação na criação dos produtos torna-os obsoletos em curto espaço de tempo e a fabricação dessas mercadorias de alta tecnologia, além de exigir mão de obra qualificada, consome quantidades astronômicas de energia. Ao mesmo tempo, a modernização do campo, também resultante da atual revolução tecnológica, demanda energia, poupa mão de obra e expulsa a população para a cidade. O aumento do número de habitantes nas cidades e a necessidade de circulação típica do modo de vida urbano demandou a elevação do número de veículos e, conseqüentemente, de energia para colocá-los em movimento.

O desenvolvimento da produção fabril e o maior número de carros, entre outros motivos, causaram aumento no aquecimento global. Verões mais quentes são acompanhados de invernos mais rigorosos e, embora esses últimos sejam uma realidade distante para os brasileiros, também é necessária energia para prover o aquecimento durante as estações frias em países do hemisfério norte.

Essas necessidades agravam-se cada dia mais com o aumento populacional e com as crises políticas. As fontes energéticas estão relativamente concentradas. Países como o Kuwait produzem mais de 500% de suas necessidades, enquanto os Estados Unidos, líderes na produção de quase todos os tipos de energia, cobrem apenas 77%. Para se ter uma noção de como a questão assombra a geopolítica

atual, basta lembrar da URSS que, mesmo isolada politicamente, não deixou de exportar gás natural.²

Claramente, o estilo de vida de tantas pessoas e a velocidade com que o capitalismo desenvolve-se hoje não podem ser mantidos sem a ampliação na geração de energia. Associados a essa demanda, crises políticas, problemas ambientais e o fim de recursos inquietam líderes e civis ao redor do globo.

No decorrer da história da humanidade, é possível observar algumas reações características do crescimento populacional. É evidente que quando o número de pessoas aumenta, as demandas por bens, emprego e serviços também aumentam.

Esta monografia tem como objetivo fazer uma análise introdutória do processo de crescimento demográfico, como os ocorridos agora e no começo do século XX, comparando exigências e implicações. Em seguida, esses aumentos serão relacionados à questão energética atual e à necessidade da busca por uma matriz energética mais diversa. O grande desafio da atualidade é a obtenção de fontes energéticas sustentáveis, baratas e seguras.

Todas as necessidades da população mundial giram em torno da geração de energia e, a ela, estão subjacentes as grandes questões ambientais do mundo atual. O nosso modelo de desenvolvimento está baseado na constante inovação e consumo. Isso é impossível sem energia.

A questão também pode ser abordada do ponto de vista físico: a diferença entre energia inicial e final é trabalho, trabalho realiza-se com força, sem força o mundo não se move. Ou do ponto de vista geográfico: a paisagem ao nosso redor é repleta de aparelhos eletrônicos, carros, e todo o tipo de bugiganga, dependentes de energia para a sua produção e funcionalidade, do petróleo em particular, principal matriz energética mundial. Sem a fabricação desses artigos, na qual é consumida energia, a economia estagna-se, as pessoas perdem seus empregos e o mundo entra em colapso.

As análises histórica e matemática do crescimento populacional servirão de base para a interpretação da chegada aos sete bilhões de habitantes e a compreensão da problemática energética.

Optei por fazer um diagnóstico das fontes de energia sob uma ótica histórica em função da carreira que pretendo seguir, a engenharia elétrica, e também da minha afinidade pela geografia.

Considero o tema de grande relevância acadêmica, científica e social, pois a sua abrangência permite relacioná-lo às grandes questões presentes no mundo em que vivemos, como sustentabilidade, interesses econômicos, disputas geopolíticas e, inevitavelmente, discutir as consequências para as gerações futuras, caso a humanidade não caminhe rumo a soluções pertinentes e imediatas.

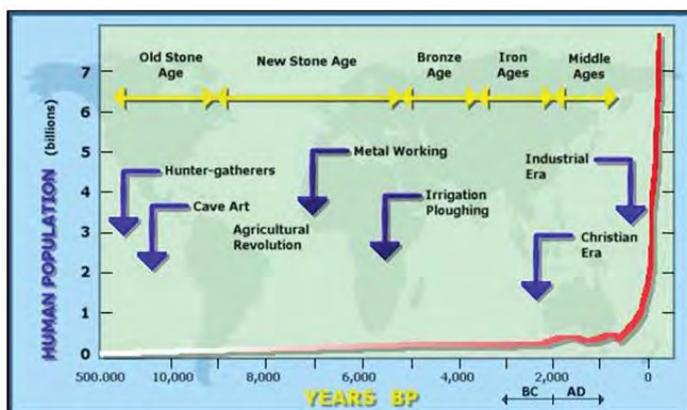
2. Descrição estatística e histórica do fenômeno de crescimento populacional

Os primeiros registros do homem na Terra são provavelmente as pinturas rupestres. Essa arte primitiva data de um tempo em que nós ainda éramos nômades e estávamos um tanto dispersos pela Terra. A revolução agrícola³ rompeu esse panorama.

No momento em que nos tornamos sedentários, começamos a alterar a natureza, visando ao nosso próprio benefício, e a sociedade atual começou a ser forjada. O sedentarismo acarretou também um crescimento populacional inédito, mas, para os padrões de hoje, é quase desprezível (conforme pode ser observado no gráfico da figura 1).

Embora na época em questão a energia usada fosse principalmente a força física do próprio homem, outras fontes começaram a ser exploradas, como a tração animal. Nesse aspecto, os chineses estavam à frente do resto do mundo, tanto durante a revolução agrícola quanto nos séculos que se seguiram, desenvolvendo rodas eficientes e usando carvão vegetal, muito antes dos ocidentais, para o aquecimento doméstico e para a fundição.⁴

Figura 1. Crescimento populacional da humanidade.



Fonte: Global Change. Disponível em: <http://www.globalchange.umich.edu/globalchange2/current/lectures/human_pop/human_pop.html>. Acesso em: 03 jun. 2012.

Os séculos vão passando, o uso da tração animal populariza-se, assim como o uso da energia eólica para viagens a barco e em moinhos. Apesar disso, a principal fonte de energia utilizada ainda é a humana, mais especificamente a escrava. Isso pode ser exemplificado pelo Império Romano que, em seu auge, desmatava florestas em busca de energia combustível, mas mesmo assim não resistiu à falta de escravos. A energia mecânica humana era a principal nas civilizações mesopotâmicas e egípcias, que também faziam uso dos seus rios e do vento, embora em menor escala.

Com o fim do Império Romano, os tão mencionados escravos tornaram-se os servos da Idade Média. Em tal período, foi feito largo uso do calor, ou seja, da queima da madeira, por exemplo, como fonte de energia, em especial para fundir metais. A Idade Média inicia recuperando-se das baixas da queda do Império Romano, até que ocorre um decréscimo na população, causado pela peste negra. Nessa mesma época, a população chinesa, antes tão vasta, também sofre um decréscimo, por causa de pragas e invasões.

O fim do feudalismo e, conseqüentemente, da Idade Média, leva ao surgimento das primeiras cidades e do capitalismo como hoje o conhecemos. A busca por novos mercados estimulou a pesquisa de maneiras para melhor aproveitar os ventos. A chegada dos colonizadores às novas terras ocasionou um dos maiores desastres demográficos já vistos, sendo a população americana dizimada principalmente por doenças.

A aglomeração em cidades e o mercantilismo exigiram aumento na velocidade do ciclo capitalista. Dessa forma, acontece a Primeira Revolução Industrial, que faz uso, basicamente, do carvão como fonte de energia. É a partir desse novo modo de produção que a humanidade encara a possibilidade de escassez de fontes e a poluição alarmante.

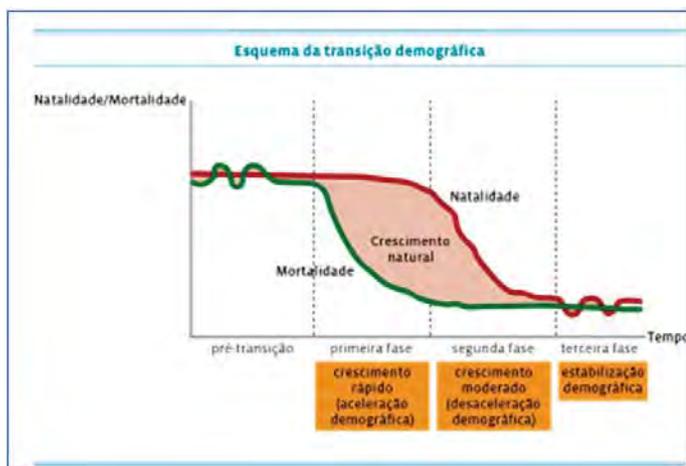
A Segunda Revolução Industrial difere-se da primeira no âmbito energético por começar a utilizar o petróleo e a energia elétrica. A busca por fontes fósseis e/ou geradoras de energia elétrica foi responsável por algumas das rivalidades imperialistas que levaram à Primeira Guerra Mundial. A Primeira e a Segunda Revolução Industrial são, na verdade, processos quase complementares, que implementaram tecnologias desenvolvidas em curto espaço de tempo.

O ritmo lento de crescimento demográfico

co, no qual a taxa de natalidade era quase igual à taxa de mortalidade, é acelerado na Europa industrializada. As pessoas, agora predominantemente habitando cidades, têm maior acesso a condições sanitárias⁵ e a descobertas da medicina que acompanharam o desenvolvimento da indústria, como a vacina.⁶ Paralelamente, a taxa de natalidade permanece alta, pois crianças são potenciais trabalhadores⁷ que elevarão a renda familiar.

O processo de industrialização e o consequente aumento populacional estiveram, inicialmente, restritos a alguns países europeus e aos Estados Unidos. Essa sequência de acontecimentos será, mais tarde, observada em países subdesenvolvidos. A transição demográfica descrita anteriormente está ilustrada na figura 2.

Figura 2. Transição demográfica.



Fonte: Population Reference Bureau (PRB), 2006. The Classic Stages of the Demographic Transition. Disponível em <<http://www.prb.org/Publications/GraphicsBank/PopulationTrends.aspx>>. Acesso em 10 jun. 2012.

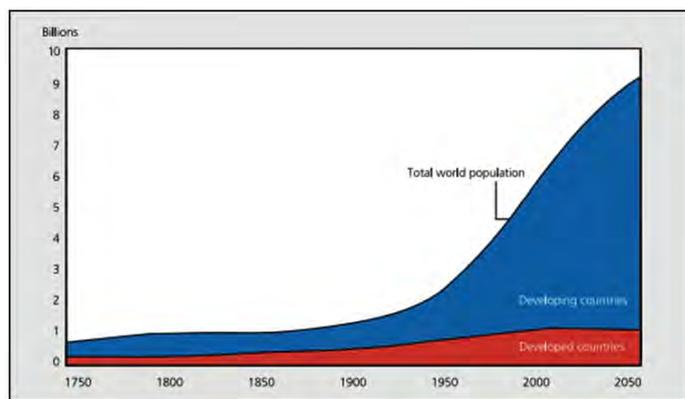
Apesar das baixas ocorridas nas duas Guerras Mundiais, a humanidade continua a crescer acentuadamente, em especial após a Segunda Guerra Mundial, quando ocorre o chamado *baby boom*. Homens e mulheres, animados pela prosperidade do pós-guerra, têm filhos, havendo uma geração nascida nos anos 50 particularmente numerosa.

A partir de 1945, a prosperidade aparenta ser mundial. Os países já industrializados buscam fontes de energia e sua taxa de natalidade diminui. Nesses mesmos locais, a taxa

de crescimento populacional atenua-se no decorrer do século XX e a população envelhece.

Países em vias ou em processo de industrialização, como o Brasil, são responsáveis por um crescimento de 138% (observar figura 3) da população mundial entre 1950 e 2000. Isso ocorre porque os acontecimentos vividos pelas nações já industrializadas (industrialização, urbanização e crescimento populacional) agora sucedem nos chamados “subdesenvolvidos”.

Figura 3. Comparação entre o número de habitantes de países em desenvolvimento e desenvolvidos.⁸



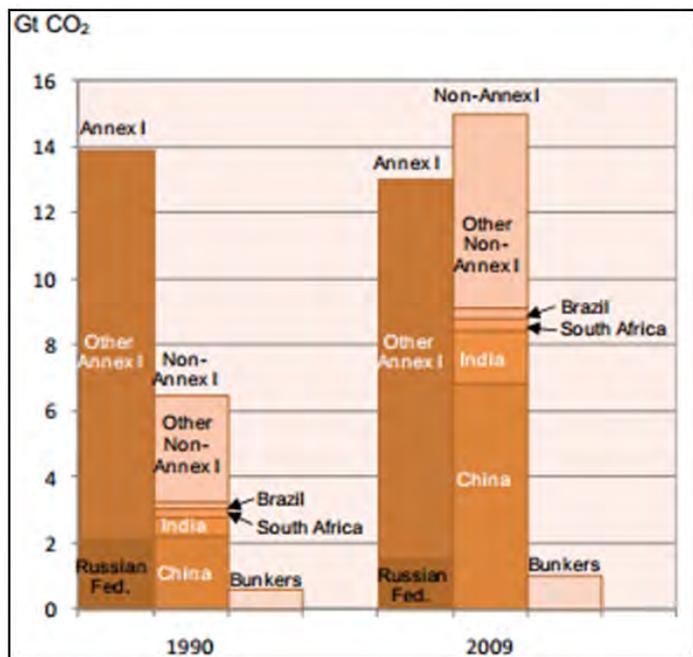
Disponível em: <http://www.worldbank.org/depweb/english/beyond/beyondco/beg_03.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Fonte: Word Bank.

Nem todos os países classificados como “subdesenvolvidos” industrializaram-se simultaneamente. Enquanto Brasil e Argentina já se industrializaram e estabilizaram suas taxas de crescimento populacional, nações africanas e asiáticas ainda vivem esses processos. Como exemplos, temos o Paquistão, que entre 1990 e 2009 teve um aumento populacional de 57,2%, e a Nigéria, que, nesse mesmo período, teve um aumento de 60%.⁹

Como se pode notar, a busca por recursos, em geral não renováveis, como o petróleo, agora é mundial. Determinados países, classificados como emergentes, produzem como nunca e poluem na mesma proporção (como pode ser observado pelo gráfico da figura 4, a respeito dos BRICS)¹⁰. A dependência global da energia resultou em crises como a do petróleo, no acúmulo de poder nas mãos da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e na busca por fontes alternativas.

Figura 4. Emissões de CO₂ pelos BRICS em 1990 e em 2009.



Fonte: IEA – International Energy Agency. Disponível em: <<http://iea.org/co2highlights/co2highlights.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Vale detalhar que na crise do petróleo, iniciada na década de 1970, o preço desse produto sofreu significativas elevações, sendo que, em pouco mais de sete anos, o valor do barril praticamente triplicou. Esse fato provocou aumento do valor do produto primário de países subdesenvolvidos. Dentre os fatores responsáveis pela referida elevação do preço do petróleo está a criação da OPEP, constituída pelos principais produtores mundiais de petróleo, com a intenção de unificar o preço do produto, promovendo um cartel internacional e controlando a oferta desse item no mercado.

3. Da água aos nêutrons, o que abastece o planeta

Energia não precisa, necessariamente, ser derivada de uma operação “complexa”, como a queima do carvão ou a liberação de nêutrons. Na verdade, a única exigência para que haja energia, do ponto de vista da física, é que também exista trabalho, executado por uma força. Dessa forma, é qualificada como fonte de energia a força humana. Porém, este capítulo visa a analisar formas de energia de maior rendimento, utilizadas hoje em dia para suprir a demanda mundial.

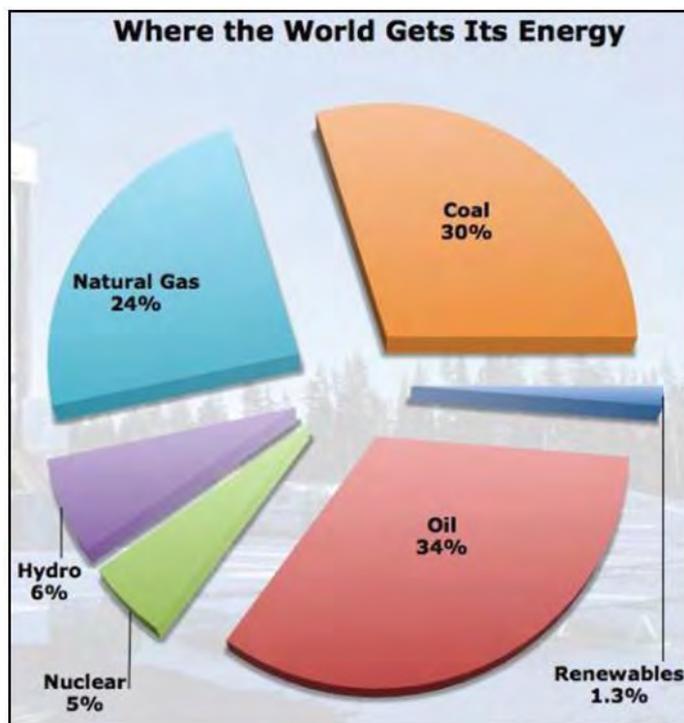
O petróleo, sem dúvida a mais polêmica fonte, corresponde a 34% (figura 5) da ma-

triz energética mundial. É um hidrocarboneto formado pelos restos de seres e de vegetais que habitaram a Terra milhões de anos atrás. Esses materiais orgânicos foram soterrados por rochas, ficando em condições de temperatura e pressão que propiciaram reações químicas que os transformaram em óleo. O óleo pode correr por rochas porosas, ou ficar preso entre rochas impermeáveis, formando bacias.¹¹ Pode até acontecer de o petróleo vaziar em direção à superfície, sendo, na maior parte dos casos, biodegradado por uma bactéria.

Quando não ocorre a total biodegradação, forma-se uma área com óleo, um tipo não convencional de petróleo.

Outro tipo não convencional de petróleo é o xisto betuminoso, constituído quando as condições de temperatura e pressão não são ideais para a formação de petróleo fazendo com que este se funda à rocha sedimentar próxima. Para a sua extração, é necessário aquecer a rocha, em um processo tão poluente quanto o processo de extração do petróleo existente na areia. A extração do óleo cru também emite CO₂ e pode causar desastres ambientais.¹²

Figura 5. Matriz energética mundial.



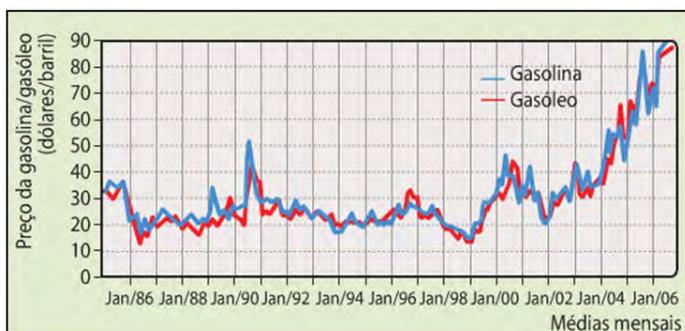
Fonte: British Petroleum. Disponível em: <http://www.bp.com/livessets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Historicamente, a importância do petróleo remonta à Antiguidade, quando era usado

para a pavimentação de estradas na Mesopotâmia (região até hoje muito rica no combustível). Mas só começa a ser usado em escala industrial no século XIX, sendo alvo de disputas durante a Segunda Guerra Mundial,¹³ mesmo assim, mantendo-se em preços baixos.

A era de prosperidade e Guerra Fria do pós-1945 pedia por óleo barato, de maneira que o choque da crise de 1973 e da criação da OPEP abalaram os mercados mundiais. Os preços do petróleo estabilizaram-se nos anos de 1980 (embora nunca voltassem a ser os mesmos) e voltaram a subir posteriormente, em função do 11 de setembro e dos conflitos no Oriente Médio, desesperando líderes, acionistas e consumidores (ver figura 6). O pânico e a dependência visivelmente não foram suficientes para que o petróleo fosse abandonado. Isso porque ele ainda é uma das fontes de maior rendimento e com maior versatilidade de uso (ele pode ser tanto combustível como fonte de eletricidade, seus derivados têm múltiplos fins).

Figura 6. Variações dos preços do petróleo e da gasolina.



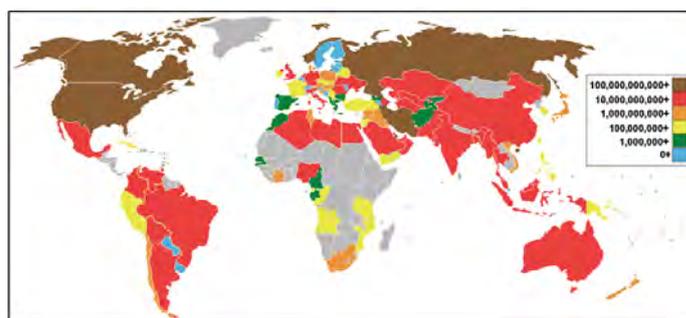
Fonte: Netxplica. Disponível em: <<http://www.netxplica.com/verifica.o.que.sabes/8.preco.petroleo.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

A formação do gás natural em muito se assemelha à do petróleo. Além de ser um hidrocarboneto (porém mais velho), o gás natural também é formado por sedimentos armazenados no calor pressurizado de rochas. Justo por diferenças nessas condições é que ele é gasoso. Ademais, é rico em metano, um hidrocarboneto leve que determina sua qualidade. Por sua formação peculiar, não tem contato com enxofre, logo, quando queimado, não libera esse gás, ao contrário do petróleo, evitando a chuva ácida. É também um pouco menos poluente do que, por exemplo, o petróleo, o carvão e o diesel. É relativamente abundante (ver

figura 7), também por causa da sua peculiar formação (escapa com mais facilidade por entre as rochas), não sendo motivo de disputas da dimensão das do petróleo, embora seja vital para a calefação.¹⁴

O gás natural é utilizado, principalmente, para o aquecimento doméstico no hemisfério norte. Essa fonte não renovável também pode gerar eletricidade e ser combustível para carros e aviões, não tendo o mesmo rendimento que o petróleo no caso dos primeiros. É importante lembrar que é um combustível fóssil e, portanto, um poluente. Seu transporte é caro, sendo feito por oleodutos, que tendem a causar tensões políticas por onde passam. Em caso de vazamento, há chance de explosão.

Figura 7. Reservas de gás natural.

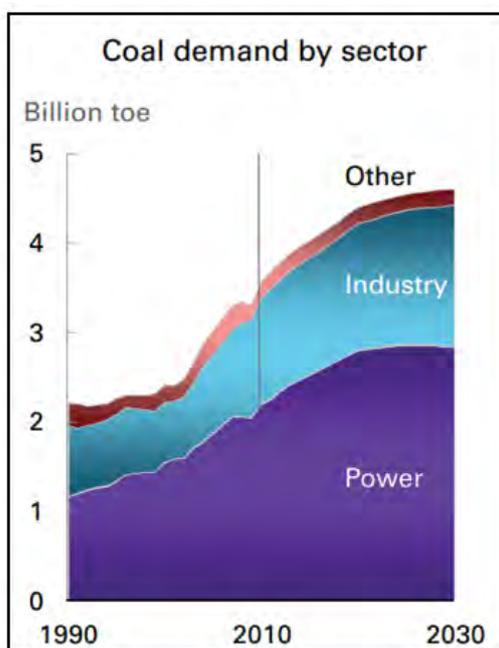


Fonte: Upload. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1b/Natural_gas_production_world.PNG>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Na linha das fontes poluentes ainda há o carvão, que assim como as citadas anteriormente também é um combustível fóssil. A qualidade do carvão é determinada pela sua riqueza em carbono.¹⁵ Relativamente próximo da superfície, sua exploração é feita por mineiros, que frequentemente sofrem acidentes ou trabalham irregularmente. O carvão não é caro, é muito versátil (pode ser líquido ou gasoso) e rende relativamente bem. Por outro lado, sua queima polui e causa chuva ácida. É usado para gerar eletricidade e em indústrias, como a siderúrgica (ver figura 8).

Já foi dito que o uso do carvão era finito, porém a crise do petróleo e o preço das outras fontes reavivam sua necessidade.¹⁶ Prova da sua utilidade é o fato de que grandes produtores de carvão, como a Índia e a China, ainda o importem.

Figura 8. Demanda por carvão natural.

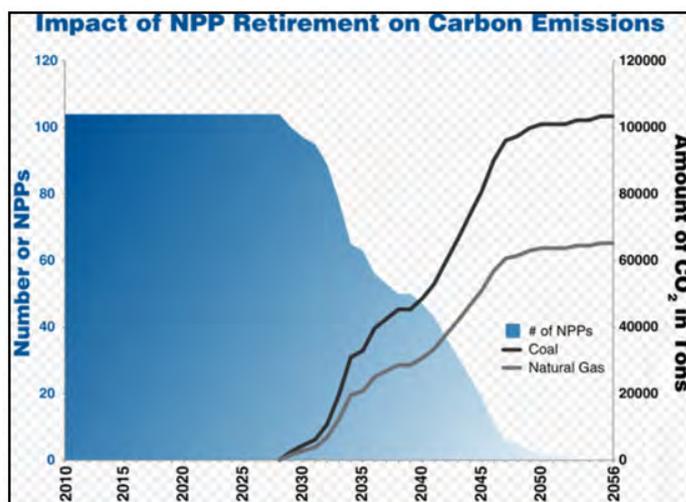


Fonte: British Petroleum. Disponível em: <http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/STAGING/global_assets/downloads/O/2012_2030_energy_outlook_booklet.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2012.

A energia nuclear, embora não polua (ver figura 9), também é causadora de polêmicas. Enquanto alguns países diminuem sua participação na matriz energética, outros, geralmente com populações mais volumosas, expandem sua importância, por exemplo, a Índia e a China. Suas usinas ocupam pouco espaço, têm um rendimento relativamente bom e são confiáveis (não dependem de fatores ambientais, como vento e maré, para o funcionamento). Em contrapartida, quando ocorre algum problema e o material radioativo vaza, a região fica inabitável por anos e os danos são irreparáveis. Os resíduos também são um problema, pois podem ser usados como arma e não há um depósito de lixo adequado – não importa o lugar onde sejam despejados, sempre serão um estorvo.

O urânio, principal elemento usado para a geração de energia nuclear, não é abundante e existem previsões de que daqui a 30-60 anos ele estará extinto. A construção das usinas, além de demandar um grande investimento inicial, é muito demorada, resultando em tecnologias obsoletas e na possível falta de urânio no futuro. Mesmo assim, em países onde não há outras fontes disponíveis e é necessária uma diversificação na matriz energética, centrais nucleares são instaladas.

Figura 9. Aumento hipotético na emissão de CO₂ dos Estados Unidos caso sua geração de energia nuclear fosse substituída por gás natural ou carvão.



Fonte: Upload. Disponível em: <[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/64/CO₂%26NPPs.png/770px-CO₂%26NPPs.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/64/CO2%26NPPs.png/770px-CO2%26NPPs.png)>. Acesso em: 05 jun. 2012.

No campo das energias renováveis, temos a principal fonte na matriz energética brasileira,¹⁷ ou seja, a hidroelétrica. O maior investimento é o inicial, fazendo com que essa fonte seja mais barata com o passar do tempo. Não emite CO₂,¹⁸ é confiável (a água não irá parar de mover os geradores), não produz rejeitos e há maneiras de controlar o fluxo de água e, portanto, a produção de energia. Ao mesmo tempo, é preciso alagar uma região e até mesmo desviar o curso de um rio para maximizar ou criar o potencial da usina. Isso pode ser tanto positivo, dado que a inundação pode prevenir que outras áreas alaguem e promover a irrigação, quanto negativo, pois o microclima de uma região é afetado, assim como a vida das pessoas do local. A construção da usina é cara e depende de certo relevo, não podendo ser feita em qualquer lugar. É uma das fontes renováveis de maior potencial de geração de energia.

A energia eólica conserva algumas semelhanças com a hidroelétrica: ambas são renováveis, não emitem poluentes e precisam de determinadas condições para a instalação de suas usinas. A conversão do vento em energia pode ser feita por pequenos fazendeiros, em um esquema de autoabastecimento lucrativo. A instalação de centrais eólicas também fortalece a economia local ao gerar empregos.

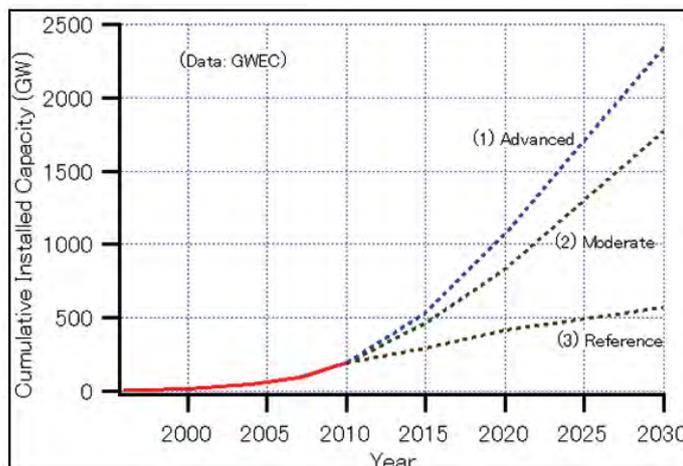
Por essas razões, o uso de energia eólica aumentou muito nos últimos anos (ver figura 10), resultando em um preço mais competitivo.¹⁹

Apesar do paralelo desenvolvimento da tecnologia com a disseminação da energia eólica, alguns problemas ainda não foram de todo exterminados. As hélices podem interferir em sinais de rádio e TV, são barulhentas e podem ferir aves e outros animais voadores. A energia também não é completamente confiável, pois depende da existência e intensidade do vento.

A energia solar também depende da intensidade dos raios solares. Assim como a eólica, é renovável, não emite CO₂ e é recomendável para propriedades privadas.²⁰ O custo alto da instalação será eventualmente compensado pela conversão da luz do sol em

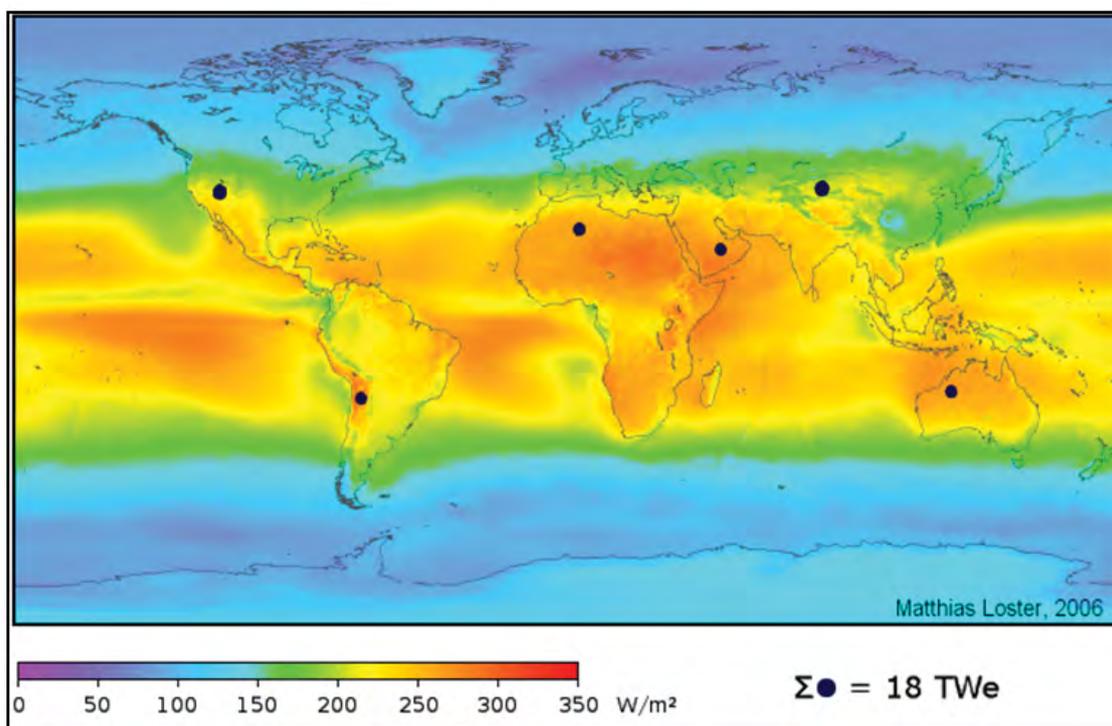
energia. Os painéis de captação ocupam um espaço relativamente grande, mas esse problema pode ser resolvido instalando-os, por exemplo, no telhado de residências, estabelecimentos comerciais e industriais, descentralizando a produção e, dessa forma, viabilizando o seu custo. Pela figura 11, é possível inferir que as regiões de maior insolação estão na linha do equador, com destaque para a África, continente que poderia aproveitar esse potencial.

Figura 10. Aumento na capacidade eólica instalada.



Fonte: Upload. Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/GlobalWindPowerCumulativeCapacity-withForecast.png>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

Figura 11. Áreas iluminadas pelo Sol.



Fonte: EZ2C Foundation. Disponível em <http://www.ez2c.de/ml/solar_land_area/>. Acesso em 05 jun. 2012.

No âmbito de fontes de energia que podem ser usadas como combustíveis, em uma possível substituição de combustíveis fósseis, temos a biomassa.

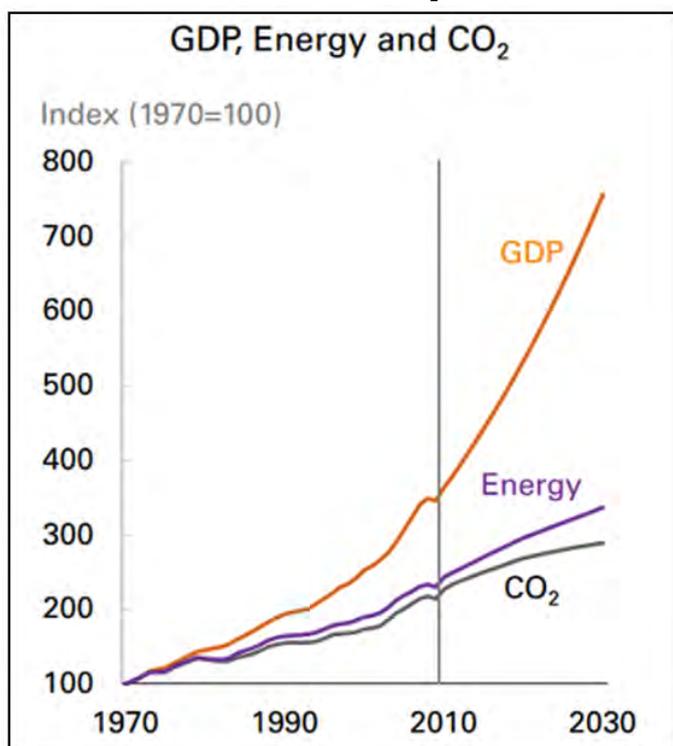
A biomassa consiste em rejeitos orgânicos que serão convertidos em energia. Dessa forma, é uma fonte renovável, sustentável e não poluente (o CO₂ emitido na sua queima será absorvido pelas próprias plantas depois). O uso da biomassa por agricultores pode ser um ganho extra.²¹ Entretanto, sua utilização pode acarretar o uso abusivo de solo que poderia ser destinado ao plantio de gêneros

alimentícios. Seu rendimento como combustível para carros ainda não é tão elevado como o da gasolina.

4. Conclusão

Nas últimas décadas, o aumento do PIB mundial, resultante da globalização, intensificou a circulação de mercadorias e pessoas e ampliou a capacidade produtiva de países, antes periféricos, em destaque os BRICS.²² O aumento do PIB mundial diretamente relacionado à maior demanda por energia, resultou em acréscimos das emissões de CO₂ (figura 12). Esses países, além de elevarem sua produção industrial e agrícola, intensificaram o uso dos meios de transporte, contribuindo para o aquecimento global. Assim, a humanidade vive o conflito de conciliar o crescimento econômico e a erradicação da pobreza com a busca de fontes não poluentes e renováveis.

Figura 12. Relação entre PIB, demanda por energia e emissão de CO₂.



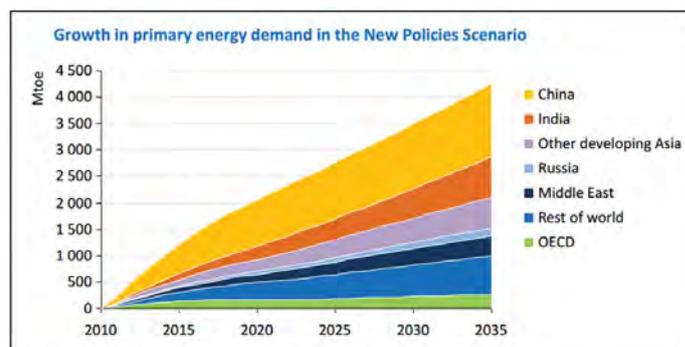
Fonte: International Energy Agency – IEA. Disponível em: <<http://iea.org/co2highlights/co2highlights.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Países europeus vivem um processo de envelhecimento da população e de estabilização demográfica. Dessa forma, sua demanda por energia se deve mais ao estilo de vida da população do que ao número de habitantes. Por

esse motivo é possível que em um futuro próximo a demanda energética dos países europeus seja pequena quando comparada com, por exemplo, a chinesa.

Os Estados Unidos tendem a manter sua demanda como hoje, adequando-a apenas às novas exigências da população e não a um aumento dessa população. Uma situação oposta à da China (exemplo clássico e de proporções mais visíveis), que enfrenta tanto o aumento populacional quanto as novas necessidades e exigências dessa população. A concentração da indústria em países em desenvolvimento também faz com que sua demanda por energia aumente. Analisando o exemplo chinês, é possível notar como o uso de carvão esteve diretamente relacionado ao aumento da participação da indústria na economia.

Figura 13. Aumento da demanda por energia no mundo atual.



Fonte: IEA – International Energy Agency. Disponível em: <<http://iea.org/co2highlights/co2highlights.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

A Rússia, apesar de integrante dos BRICS, vive um processo diferente. Em vez de importar fontes de energia, ela as exporta para países do oeste europeu, necessitando cada vez menos delas.

A possível escassez dos recursos fósseis obrigou alguns países a investirem em matrizes energéticas mais diversificadas, como os Estados Unidos, que lideram o estímulo ao biocombustível. O Brasil é outro grande produtor de bicomcombustíveis, que também se tornou autosuficiente em petróleo, podendo tornar-se um futuro exportador.

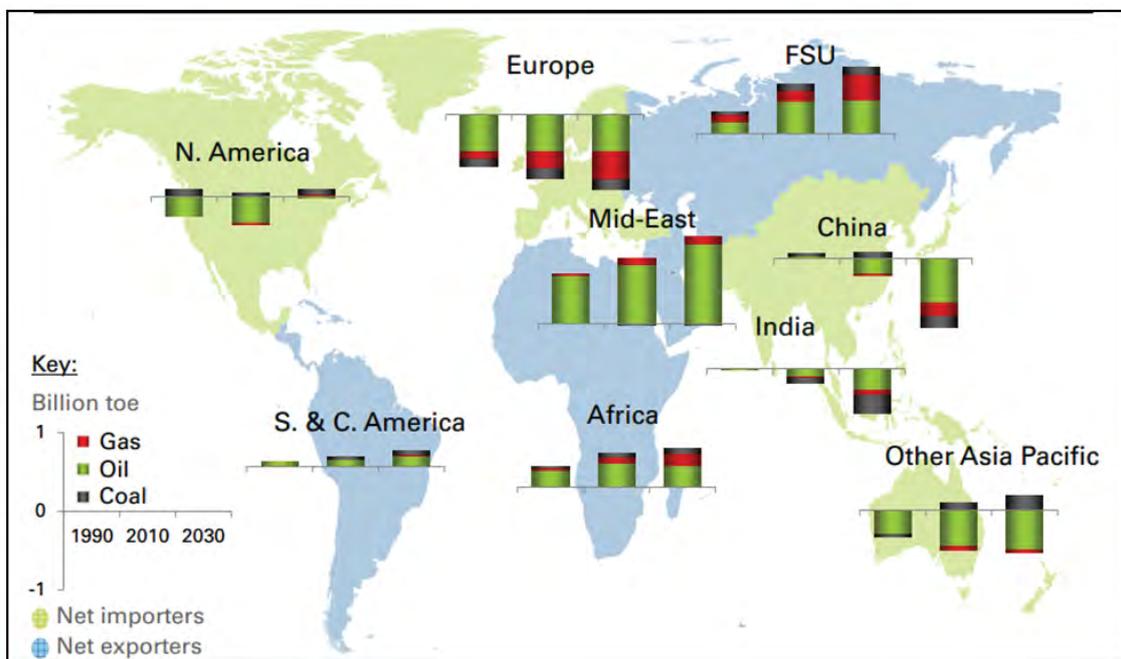
A África já teve suas riquezas muito exploradas, porém o potencial energético do Rift Valley (geotérmico e hidroelétrico), o potencial solar e outros recursos fósseis tendem a se intensificar nos próximos anos.

A demanda por petróleo tende a manter vivas as exportações do Oriente Médio, assim como a importância política da região. Em con-

traste com essa situação, os recursos fósseis europeus são cada vez mais escassos, motivando a importação e destacando a importância da Rússia na região.

Os fatos expostos anteriormente estão ilustrados na figura 14.

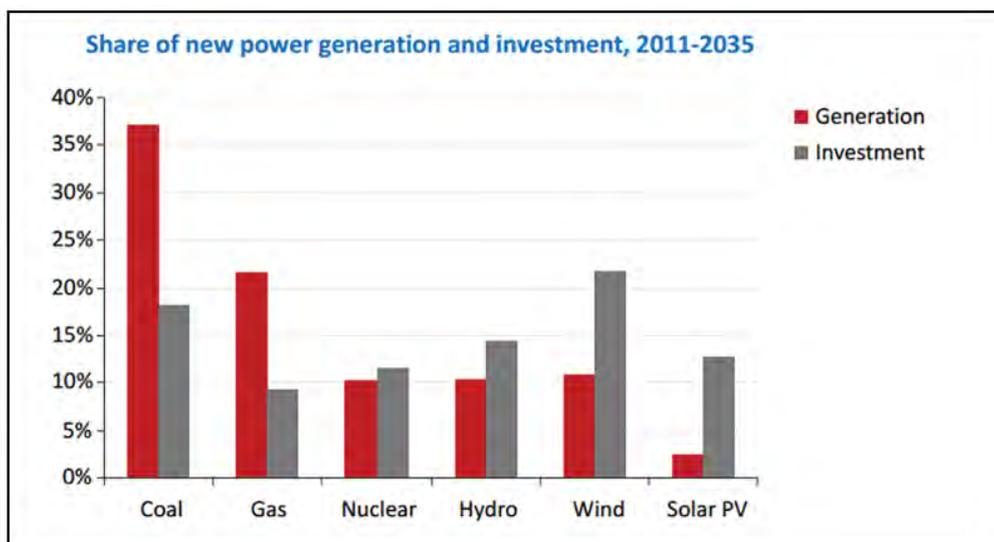
Figura 14. Novo balanço nas relações de importação e exportação.



Fonte: British Petroleum. Disponível em: <http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/STAGING/global_assets/downloads/O/2012_2030_energy_outlook_booklet.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

A situação ilustrada no mapa acima é característica de um mundo sedento por energia, tanto renovável quanto não renovável. O investimento em recursos renováveis tende a aumentar, disseminando-os e posteriormente intensificando sua competitividade. É importante ressaltar que a razão entre o investimento inicial e a sua compensação em geração de energia ainda é muito mais favorável a fontes poluentes (ver gráfico da figura 15).

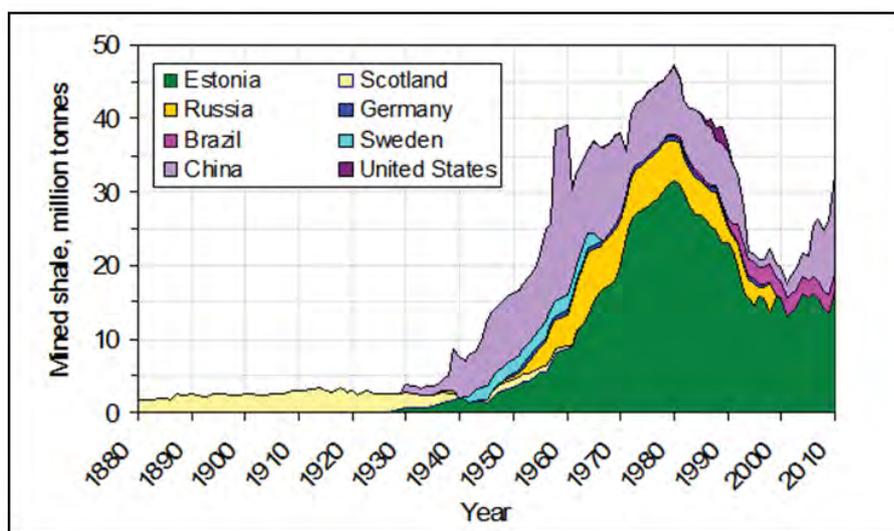
Figura 15. Relação entre investimento e geração de energia.



Fonte: British Petroleum. Disponível em: <[TTP://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/STAGING/global_assets/downloads/O/2012_2030_energy_outlook_booklet.pdf](http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/STAGING/global_assets/downloads/O/2012_2030_energy_outlook_booklet.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2012.

Sendo assim, um processo curioso pode ocorrer: energias alternativas²³ ampliarão sua participação na matriz energética mundial ao mesmo tempo em que a exploração dos combustíveis fósseis se intensifica. Esses últimos, explorados, em parte, nas formas não convencionais, como o xisto betuminoso (citado no capítulo 3). É possível notar pela figura 16 que, durante a crise do petróleo, o xisto foi mais largamente explorado. Sua exploração pelos chineses também aumentou recentemente, mais uma vez devido à demanda por combustíveis fósseis e pela instabilidade do mercado controlado pela OPEP.

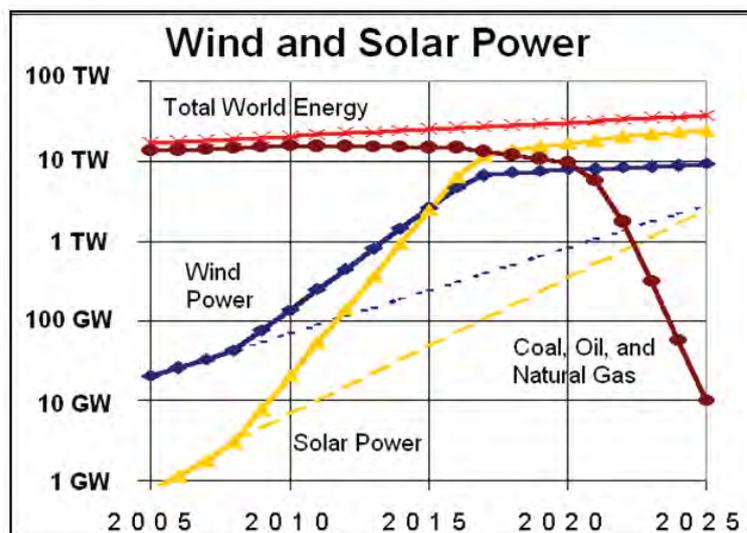
Figura 16. Produção do xisto betuminoso no decorrer do tempo (parte 1).



Fonte: Schlumberger. Disponível em: <http://www.slb.com/~media/Files/resources/oilfield_review/ors10/win10/coaxing.ashx>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Os combustíveis fósseis ainda serão usados por algum tempo, pois a substituição total deles por fontes como a eólica e a solar seria caríssima (ver figura 17), exigindo um aumento de 160% da energia eólica até 2015 e um aumento de 80% na solar, no mesmo prazo.

Figura 17. Produção do xisto betuminoso no decorrer do tempo (parte 2).



Fonte: Upload. Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Windandsolar.png>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

Dessa forma, a tendência mundial é de diversificação da matriz energética, diminuindo o impacto ambiental (porém não o erradicando) e a dependência externa. China e Índia tendem a importar mais recursos fósseis, ao contrário do Brasil, dos Estados Unidos, da Rússia e da África, que pode iniciar uma exploração mais metódica das suas riquezas.

Claramente apenas a diversificação da matriz energética não será o suficiente para conter o aquecimento global. O desperdício que ocorre atualmente e o aumento exponencial do gasto energético castigam a Terra. Isso evidencia a necessidade de um novo método de reciclagem e um modo de produção menos dependente da exploração de recursos naturais. A popularização de meios de transporte

coletivos e o maior uso de hidrovias também seriam de grande ajuda para a diminuição das emissões de CO₂.

A humanidade, quando diante de uma situação de escassez de recursos e de grandes crises, sempre encontrou soluções alternativas. Porém essas alternativas não passam apenas pela questão energética. O que está, também, em discussão é a essência de um modo de vida baseado no consumo e no desperdício e os hábitos e valores decorrentes desse modo de vida. No entanto, não podemos esquecer-nos do sentido de urgência, em função da gravidade da situação ambiental do mundo em que vivemos e do mundo que poderá ser herdado pela minha geração e as que estão por vir.

Notas

- 1 WORLD population growth. **World Bank**. Disponível em: <http://www.worldbank.org/depweb/english/beyond/beyondco/beg_03.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- 2 Inclusive, foi a exportação de gás natural, junto com o petróleo, que reavivou a economia da Rússia pós-URSS.
- 3 Revolução agrícola, no caso, a ocorrida na transição do Paleolítico para o Neolítico. É importante salientar que, assim como o crescimento populacional decorrente da revolução industrial e das inovações médicas, o crescimento ocasionado pela revolução agrícola ocorreu em diferentes momentos em diferentes partes do mundo.
- 4 GOLDEMBERG, José. **Energia e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Edgard Blucher, 2004.
- 5 Em um primeiro momento as condições de vida na cidade eram deploráveis, causando muitas mortes. Após algum tempo, medidas sanitárias e de saúde foram tomadas.
- 6 Vale ressaltar que o aumento da expectativa de vida não diz respeito apenas à expectativa de vida total, mas também ao aumento da esperança de sobrevivência ao nascer, dado que muitas crianças não passavam do primeiro ano de vida.
- 7 O trabalho infantil não é uma prática condenada em lugar algum na época em questão.
- 8 O gráfico de crescimento demográfico faz o formato de um J, correspondendo a curva desse J justamente à Revolução Industrial.
- 9 WORLD population growth. **World Bank**. Disponível em: <http://www.worldbank.org/depweb/english/beyond/beyondco/beg_03.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- 10 Brasil, Rússia, Índia e China.
- 11 Isso explica a abundância de petróleo no Oriente Médio, seu relevo é propício a “aprisionar” petróleo.
- 12 FARAH, Marco Antônio. **O petróleo e seus derivados**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- 13 A Operação Barbarossa (invasão da URSS pela Alemanha) visava a, entre outras coisas, conquistar o Azerbaijão, maior produtor do óleo na época, fornecendo-o para a URSS.
- 14 Chegou a causar tensões entre a Rússia, fornecedora, e os demais países europeus, consumidores.
- 15 O carvão brasileiro é extremamente pobre.
- 16 YERGIN, Daniel. **O petróleo – uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- 17 A matriz energética brasileira é exemplar, consiste principalmente de fontes renováveis, no que diz respeito à geração de eletricidade e no caso de combustíveis há uma presença incomum dos biocombustíveis.
- 18 Não emite CO₂ desde que não seja construída em área de floresta.

- 19 Mas ainda assim elevado. Principalmente no que se refere ao valor das hélices mais modernas, que não fazem tanto barulho, quebram menos e não interferem nos sinais de rádio e TV.
- 20 Em especial aquelas afastadas, como em desertos, pois nessas regiões é caro o transporte de energia.
- 21 BAJAY, Sérgio; ROSÍLIO-CALLE, Frank; ROTHMAN, Harry (orgs.). **Uso da biomassa para a produção de energia**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- 22 Possível exceção da Rússia, que esteve no centro da geopolítica mundial desde o início da Guerra Fria.
- 23 A energia alternativa é renovável, não poluente, sustentável e não muito usada em âmbito global.

Referências

- BAJAY, Sérgio; ROSÍLIO-CALLE, Frank; ROTHMAN, Harry (orgs.). **Uso da biomassa para a produção de energia**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- BARTLET, Albert. Aritmética, população e energia – 2002. **YouTube**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kPJo3yetEXI>>. Acesso em: 16 mar. 2012.
- BAUMAN, Shelly et al. Intermediate energy infobook – 2011-2012. **NEED – National Energy Education Development Project**. Disponível em: <<http://www.need.org/needpdf/Intermediate%20Energy%20Infobook.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.
- BP ENERGY OUTLOOK 2030. Statistical Review of World Energy. **BP Global**. Disponível em: <http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/STAGING/global_assets/downloads/O/2012_2030_energy_outlook_booklet.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- FARAH, Marco Antônio. **O petróleo e seus derivados**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- GLOBAL CHANGE. **Population growth over human history**. Disponível em <http://www.globalchange.umich.edu/globalchange2/current/lectures/human_pop/human_pop.html>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- GOLDEMBERG, José. **Energia e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Edgard Blucher, 2004.
- INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **CO₂ emissions from fuel combustion**. Disponível em <<http://iea.org/co2highlights/co2highlights.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- PROS AND CONS OF OIL. **K5 - Key Frame 5 Studios**. Disponível em: <<http://www.keyframe5.com/pros-and-cons-of-oil/>>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- LLOYD, Christopher. **O que aconteceu na terra? A história do planeta, da vida & das civilizações, do big bang até hoje**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- LOMBORG, Bjorn. **Cool it – Muita calma nessa hora!** Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2008.
- PRESS RELEASE. POP/918. World population to increase 2.6 billion over next 45 years, with all growth occurring in less developed regions. **United Nations**. Disponível em <<http://www.un.org/News/Press/docs/2005/pop918.doc.htm>>. Acesso em: 3 jun. 2012.
- TESSMER, Hélio. Uma síntese histórica da evolução do consumo de energia pelo homem. **Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha**. Disponível em: <<http://www.liberato.com.br/upload/arquivos/0131010716090416.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2012.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- WORLD population growth. **World Bank**. Disponível em <http://www.worldbank.org/depweb/english/beyond/beyondco/beg_03.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- YERGIN, Daniel. **O petróleo – uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Resumo

Baseado em diversos livros de Psicologia, este trabalho discute o que é de fato o suicídio, o quão presente ele está em nossa vida, mesmo que implícito, e alguns de seus aspectos e registros. O objetivo desta monografia é conscientizar o leitor de que não é preciso ser um psicólogo ou um psiquiatra para ajudar alguém que já teve esse tipo de pensamento. Esse assunto tem de deixar de ser um tabu. É algo sério e que precisa ser discutido, até mesmo no âmbito da saúde. Querendo ou não, esse preconceito só colabora ainda mais para que essas mortes se concretizem.

Palavras-Chave: suicídio, depressão, psicologia.

Abstract

Based on several Psychology books, this paper discusses what is actually suicide, how it is present in our lives, even if implicit, and some of its aspects and records. The purpose of this monograph is to make the reader conscious that one need not be a psychologist or a psychiatrist to help someone who already had this kind of thinking. This subject has to stop being taboo. It's something serious that needs to be discussed, even as a health problem. This only contributes to the materialization of these deaths.

Keywords: suicide, depression, psychology.

A Sierguéi lessiênin - Maiakovsky¹

Você partiu,
 como se diz,
 para o outro mundo.
Vácuo. . .
 Você sobe,
 entremeado às estrelas.
Nem álcool,
 nem moedas.
Sóbrio.
 Voo sem fundo.
Não, lessiênin,
 não posso
 fazer troça, -
[...]
Para o júbilo
 o planeta
 está imaturo.
É preciso
 arrancar alegria
 ao futuro.
Nesta vida
 morrer não é difícil.
O difícil
 é a vida e seu ofício.
(Tradução de Haroldo de Campos)

1. Introdução

A pirâmide etária dos países desenvolvidos é caracterizada por ter não sua base ou topo alargados e, sim, sua parte intermediária, que representa os jovens e adultos. Pessoas cujas idades variam entre 15 e 45 anos são consideradas mais importantes pelo fato de terem um maior poder econômico que crianças e idosos, tendo, portanto, uma maior influência sobre a sociedade em que vivemos hoje. Esse grupo tem como um dos tipos mais comuns de morte o suicídio, que foi definido por Émile Durkheim, em seu livro "O Suicídio" como "todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado".

Existem aproximadamente 7 bilhões de pessoas no mundo e, por mais sombrio que isso soe, mais de um milhão delas, por ano, escolhe tirar sua própria vida. A porcentagem em relação ao total parece insignificante, porém esse número corresponde somente aos indivíduos que obtêm sucesso nesse ato. Estudos comprovam que, nesse mesmo período de tempo, mais de 20 milhões de pessoas tentam se matar, mesmo que apenas uma vez. A parte mais chocante e difícil de aceitar é: quase todas as pessoas no mundo já tiveram pensamentos suicidas pelo menos em um momento da vida.²

2. O suicídio como estudo sociológico

O suicídio é uma questão que já foi estudada em praticamente todas as áreas do conhecimento, desde a Literatura à Sociologia.

Pelo fato de o suicídio ser considerado um ato totalmente individual, em que somente a vítima, que também é a agressora, pode determinar ou não o fim de sua vida, é comum pensar que ele não deveria ser tratado por sociólogos, já que esses dedicam-se a um estudo geral da sociedade, e não a um indivíduo em particular. Durkheim explica que o assunto é de interesse da Sociologia com o seguinte raciocínio:

Se considerarmos o conjunto de suicídios cometidos em uma determinada sociedade, durante uma dada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não será uma simples soma de unidades independentes, uma coleção de elementos, mas constituirá por si um fato novo, que possui a sua unidade e a sua individualidade, por conseguinte a sua natureza própria, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social.³

O conceito subjetivo de sociedades suicidas surge a partir da noção de que

tanto no próprio indivíduo como na sociedade em geral, os impulsos destrutivos têm de ser neutralizados ou desviados para que não se tornem autodestrutivos. A agressividade não neutralizada ou dirigida pelo instinto de vida será insuperável e se manifesta para fora ou para dentro do indivíduo ou da sociedade.⁴

Muitos fatos que ocorrem no Brasil indicam um suicídio parcial, porém nem sempre são percebidos. Exemplos disso são o aborto, que impede o nascimento de milhões de crianças por ano, e a própria fome, causada pela miséria excessiva.

A mídia, principal meio de influência, também contribui para uma forma de suicídio, já que incentiva o modelo de vida consumista, supervalorizando cada vez mais os bens materiais. Muitas vezes, faz com que os indivíduos, que tinham consciência, a percam e sejam vítimas de um suicídio, porém não necessariamente físico, como é de costume pensar. Um suicídio psicológico, se assim pode ser designado, como na depressão: o indivíduo se sente inferior, não tem ânimo para as atividades mais corriqueiras e passa a ser “morto” por dentro, mesmo que ainda esteja ali presente.

3. Tipos de suicídio

Durkheim, em seu livro *O suicídio*, classificou o autoassassinato em três tipos: egoísta, altruísta e anômico.

Sobre o suicídio egoísta, analisa logo no início a questão religiosa, em resumo, comentando sobre o fato de o número de suicídios por parte de protestantes ser significativamente mais alto que nas outras religiões, como a católica e a judaica. Ainda assim, a questão religiosa não basta para defini-lo. Egoísmo, de acordo com o *Dicionário Larousse da Língua Portuguesa*, significa “sentimento ou atitude de excessivo apego aos próprios interesses em detrimento dos interesses dos outros”. Segundo o sociólogo, o suicídio egoísta estabelece relação direta entre o suicídio e o grau de integração dos grupos sociais, sejam esses quais forem. Em outras palavras: pelo fato do indivíduo ter poucos laços sociais significativos, sua morte, em teoria, não implicaria nenhuma consequência marcante. Estatísticas demonstraram, inclusive, que pessoas viúvas, solteiras e divorciadas possuem uma maior tendência a cometer esse tipo de suicídio.

A partir do gráfico estatístico é possível notar que, em relação ao total, o número de homens solteiros e viúvos, na França, país de origem do sociólogo, é maior em até 60% do que o de casados, enquanto o das mulheres solteiras e viúvas tem um aumento acima de 40% em relação às casadas.

QUADRO XXI
FRANÇA (1889-91)
Suicídios cometidos por 1.000 habitantes de cada grupo de idade e de estado civil
– Média anual

Idades	Solteiros	Casados	Viúvos	Coeficiente de preservação dos		
				Casados		Viúvos
				Com relação aos solteiros	Com relação aos viúvos	Com relação aos solteiros
<i>Homens</i>						
15-20.....	113	500		0,22		
20-25.....	237	97	142	2,40	1,45	1,66
25-30.....	394	122	412	3,20	3,37	0,95
30-40.....	627	226	560	2,77	2,47	1,12
40-50.....	975	340	721	2,86	2,12	1,35
50-60.....	1.434	520	979	2,75	1,88	1,46
60-70.....	1.768	635	1.166	2,78	1,83	1,51
70-80.....	1.983	704	1.288	2,81	1,82	1,54
Acima.....	1.571	770	1.154	2,04	1,49	1,36
<i>Mulheres</i>						
15-20.....	79,4	33	333	2,39	10	0,23
20-25.....	106	53	66	2,00	1,05	1,60
25-30.....	151	68	178	2,22	2,61	0,84
30-40.....	126	82	205	1,53	2,50	0,61
40-50.....	171	106	168	1,61	1,58	1,01
50-60.....	204	151	199	1,35	1,31	1,02
60-70.....	189	158	257	1,19	1,62	0,77
70-80.....	206	209	248	0,98	1,18	0,83
Acima.....	176	110	240	1,60	2,18	0,79

Fonte: DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 183.

O suicídio altruísta se dá de duas maneiras:

- O indivíduo se vê oprimido e sem importância para a sociedade, e acaba encontrando a morte de si mesmo como a melhor solução.
- O indivíduo se mata em razão de um grande ideal, como, por exemplo, homens-bomba e kamikazes.

Por fim, o suicídio anômico acontece quando os princípios de um indivíduo não são compatíveis com as normas sociais e as leis que governam a sociedade. No pensamento da vítima, é necessário ter uma alternativa para escapar. Nesse caso, a morte passa a imagem de melhor saída.

4. O suicídio no mundo capitalista

É muito comum, ao ser informado de um caso de suicídio, fazer-se a seguinte pergunta: “Ele tinha um bom emprego, uma boa condição financeira. Como pôde deixar tudo isso para trás?” Para entender o jeito de pensar da vítima, primeiramente, é preciso analisar o contexto na qual ela está inserida.

Quando se trata de pessoas de estratos médios e altos, é muito provável que a competição desenfreada, a neces-

sidade de status e poder, a valorização das pessoas pelo que têm, o estímulo ao consumismo etc. façam com que elas passem a viver numa roda-viva, em que sempre querem mais e estão constantemente se comparando com as outras.⁵

De acordo com especialistas, para se encaixar nesses padrões é necessário ter uma “coluna flexível”, isto é, ser capaz de trair um amigo, ser desonesto, aceitar a humilhação, enfim, agir somente de acordo com os seus interesses.

Aqueles com “colunas pouco flexíveis” tendem a não lidar bem com o fracasso. Ocasionalmente, entram em uma depressão e recusam ajuda profissional, já que não reconhecem que estão doentes.

Um acontecimento histórico, que teve proporções mundiais e foi “causa” (já que dificuldades na vida de alguém não provocam, de fato, o suicídio) de muitas mortes autodirigidas, foi a Crise de 1929. A crise de superprodução fez com que acionistas e pessoas que viviam de negócios financeiros, em geral, perdessem todo seu dinheiro da noite para o dia, literalmente. Muitos acreditavam que o dinheiro era a única necessidade de um ser humano, portanto, sem ele, não tinham como sobreviver; não suportavam essa ideia e acabavam se matando.

5. Bilhetes suicidas

Poucas pessoas, ao se matarem, deixam bilhetes suicidas. Normalmente, tais bilhetes são deixados por jovens e não adultos. Mesmo assim, a minoria acaba por deixá-los. Um em cada quatro indivíduos que provocam autoassassinato deixam algum tipo de relato antes de sua morte.

O primeiro bilhete suicida encontrado na história, segundo o psiquiatra britânico Chris Thomas, foi escrito por um egípcio, que descreve primeiramente sua dor e depois mostra o quanto a morte parecia atrativa para ele naquele momento. Desde então, bilhetes suicidas vêm sendo escritos, seja com lápis, giz, caneta ou, em casos mais radicais, com sangue.⁶

Qualquer tipo de relato feito antes do autoassassinato não é objetivo. Ler o bilhete, uma carta ou até mesmo uma anotação não faz com que outra pessoa entenda o real motivo pelo qual o suicida cometeu esse ato e a dor exata que ele sentia.

Bilhetes mais curtos, muitas vezes são caracterizados por serem como uma espécie de instrução para a pessoa que encontrar o corpo já morto: “Antes de entrar, por favor, chame os médicos!”, “CUIDADO. GÁS DE CIANURETO NESTE BANHEIRO”.

Mas um simples aviso, ou uma instrução não é o único tipo de bilhete. Outro é aquele no qual a vítima culpa uma pessoa viva pelo seu suicídio, deixando isso claro no seu relato final. Um bilhete que exemplifica bem esse caso é de um homem cuja esposa havia se apaixonado pelo seu irmão: “Eu amava você, mas morro odiando-a e também ao meu irmão.” Ou, por exemplo, não necessariamente culpando-a de forma explícita, mas mostrando um desgosto e uma promessa de assombração futura, como em um bilhete similar de outro suicida: “Odeio você e toda a sua família e espero que nunca tenha um pedaço de mente. Espero assombrar esta casa enquanto você viver aqui e lhe desejo toda a má sorte do mundo.”⁷

Porém, existe um tipo de bilhete que é totalmente o oposto desse anteriormente citado. Ao invés de culpar alguém, reforça a ideia de que o suicídio não foi causado por alguém especial, chegando o suicida até a se desculpar pelo ato. Esses bilhetes são normalmente escritos por pessoas que sofrem de doenças mentais, que pedem perdão e agradecem todo o apoio, porém dizem que as vozes (ou uma ilusão, ou um delírio ou algo do tipo) foram mais fortes e as levaram a tomar a decisão final.

6. O suicídio como forma de arte

O suicídio, por mais sombrio que seja, quando não concretizado, pode se transformar em uma forma de poesia. A mera inadaptação à vida não obriga que o indivíduo se mate, mas, muitas vezes, acaba por virar inspiração na área literária.

O livro *13 bilhetes suicidas*, de Cláudio Muriilo Leal contém bilhetes que o mesmo escreveu, mesmo sem ter cometido autoassassinato.

Como já foi citado, não se pode entender por completo, o que o suicida sentia no momento de tal ato. Porém, alguns trechos permitem uma análise psicológica.

No primeiro poema do livro, seus versos finais dizem:

“Ninguém impede
a mão que acende o fogo.
Depois, a notícia no jornal.”⁸

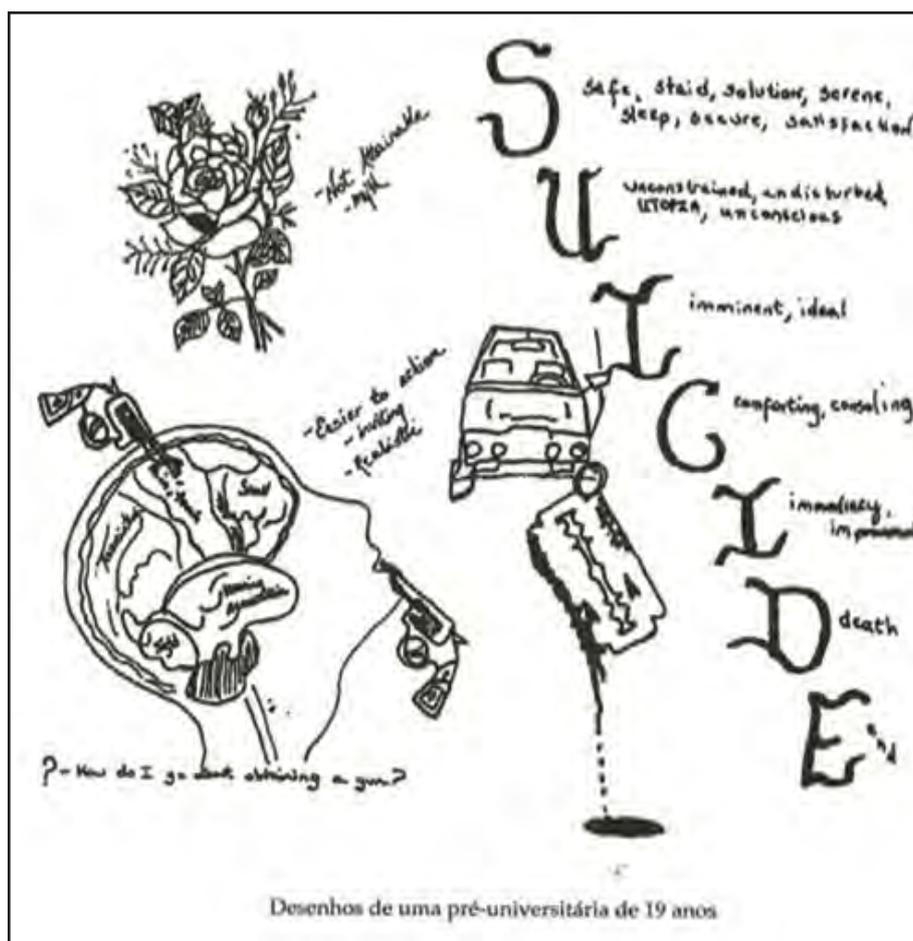
O autor, nessa parte, demonstra a falta de preocupação com a sociedade em relação a ele. Ninguém, de fato, impede o ato, porém, depois que ele se concretiza, se torna motivo de conversa alheia. É como se a vítima sofresse e, mesmo assim, ninguém estivesse disposto a ajudá-la.

No sétimo poema, o autor escreve versos que permitem uma análise simples de entender.

“No último círculo,
encontrar o cadáver,
a solução do enigma,
a carta que traz
no bolso do short.”⁹

Por mais subjetivo que seja, permite a interpretação de que a vítima tentou se livrar desse sentimento, porém viu o suicídio (“encontrar o cadáver”) como única solução para o seu fim.

Não necessariamente, o jeito de dizer “adeus” do suicida, seja virtual ou real, é feito por meio de um poema. A jornalista Daw Renee Befano, que cometeu suicídio no dia 29 de outubro de 1995, fez desenhos e expôs, por meio deles, o que sentia e o que a morte autodirigida significaria.



Fonte: JAMISON, Kay Redfield. *Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010. p. 88.

7. Existe solução?

O suicídio parte de sentimentos particulares que não podem ser entendidos por completo por mais ninguém além da vítima. Porém, é possível ajudar, mesmo que tal ajuda não seja profissional. O autoassassinato é um tabu: as pessoas evitam falar do assunto, mesmo sabendo que é comum e todos um dia na vida têm esse tipo de pensamento. Uma depressão, muitas vezes, pode ser quase curada simplesmente se o paciente for ouvido. Não necessariamente a ajuda precisa ser de um psicólogo ou psiquiatra. A sociedade tem de acabar, ou pelo menos minimizar ao máximo, esse preconceito que tem contra suicidas. O preconceito é um fator que colabora com a decisão do ato final.

Notas

1 Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/maiakovski/maiakovski_poema.htm>. Acesso em: 24 set. 2012.

2 “Um milhão de pessoas se suicidam por ano no mundo, um número maior que o de vítimas de guerras e homicídios, segundo relatório da OMS (Organização Mundial de Saúde).

O documento do órgão da ONU foi elaborado para a décima edição do Dia Mundial de Prevenção de Suicídio, que aconteceu ontem.

As taxas de suicídio mais elevadas são as dos países do leste da Europa, como Lituânia ou Rússia, enquanto as mais baixas se situam na América Central e do Sul, em países como Peru, México, Brasil e Colômbia.

EUA, Europa e Ásia estão na metade da escala. Não há estatísticas sobre o tema em muitos países africanos e do Sudeste Asiático.

Segundo o relatório, uma pessoa se suicida no mundo a cada 40 segundos. O número de tentativas de suicídio também é alto, com 20 milhões de tentativas por ano.”

In: Um milhão de pessoas se suicidam por ano, segundo a OMS. **Folha de S. Paulo**, 11 set. 2012, C9.

3 DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Editora Martin Claret, 2003. p. 17

4 Idem.

5 CASSORLA, Roosevelt. **O que é suicídio**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 74-75.

6 JAMISON, Kay Redfield. **Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010. p.71.

7 JAMISON, Kay Redfield. **Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010. p. 74.

8 LEAL, Cláudio Murilo. **13 Bilhetes Suicidas**. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, nov. 1997. p. 11.

9 Idem, p. 27

Referências

CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

JAMISON, Kay Redfield. **Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio**. Tradução de Gilson B. Soares. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010.

LEAL, Cláudio Murilo. **13 Bilhetes Suicidas**. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, nov. 1997.

VOMERO, Maria Fernanda. Por que uma pessoa se mata? **Super Interessante**, ed. 184, p. 36-43, jan. 2003.

Resumo

Vive-se no tempo da Sociedade da Informação. Para entendê-la é feito um estudo sobre a história dos meios de comunicação (prensa móvel, jornal, rádio, televisão e computador).

O projeto retrata a evolução deles atrelada ao seu impacto social, ressaltando o caráter libertário que cada estágio evolutivo teve. Explica-se assim o porquê de a sociedade contemporânea se considerar tão liberta. Porém, sabe-se que por diversos momentos ela demonstra dependência total da tecnologia.

Assim, conclui-se que a história, proporcionando diversas formas de liberdade, invocou nas pessoas essa vontade que elas têm de obtê-la. Os mais recentes manifestos provam que temos meios de atingi-la, só é necessário que se queira.

Palavras-chave: informação, tecnologia, Sociedade da Informação.

Abstract

We live in the Information Society. To understand it, a study about the history of the media forms (printing press, newspaper, radio, television and computers) is made.

The project portrays media's evolution along with its social impact, standing out the libertarian character witch each stage has had. It is also explained why the contemporary society considers itself so "free". Although, it is known that in a lot of moments it shows total dependence on technology.

So, it is concluded that history, providing many ways of freedom, invoked in people this hunger to obtain it. The most recent manifests prove that we have ways to reach liberty, only will is required.

Keywords: information, technology, Information Society.

“Nós somos os filhos do meio da história, sem propósito ou lugar. Não tivemos Grande Guerra, não tivemos Grande Depressão. Nossa grande guerra é a guerra espiritual, nossa grande depressão é a nossa vida. Fomos criados pela televisão para acreditar que um dia seríamos ricos, estrelas de cinema e da Globo. Mas não seremos. E estamos aos poucos aprendendo isso. E estamos muito, muito revoltados.”

(Clube da Luta, David Fincher)

1. Introdução

Este projeto tem como tema geral “A Revolução Científico-Tecnológica e o seu impacto na vida cotidiana”. Especializa-se na relação entre a informação e a tecnologia com o objetivo de entender a sociedade em que vivemos. Relatará a evolução dos meios informativos e comunicativos, relacionando-a com os períodos históricos nos quais ocorreram ou se acentuaram. Os meios em foco serão a prensa móvel, o jornal, o rádio, a televisão e o computador.

Com o passar do tempo, os seres humanos desenvolveram diversos processos tecnológicos para se comunicarem que substituíram outros menos eficientes e, muitas vezes, mais lentos. Essas substituições mudaram a vida de muitas pessoas. Desde o desenvolvimento da prensa móvel por Gutenberg até a internet, não foram apenas as formas de se comunicar que mudaram. As pessoas também o fizeram. Elas foram se transformando lentamente até chegar ao que chamamos hoje de Sociedade da Informação, que é conhecida pela informação livre, pois a internet – o seu meio de comunicação principal – disponibiliza essa liberdade de expressão. Entretanto, cabe a indagação de quão livre a humanidade é atualmente, pois ela está a todo momento “conectada”. Essa conexão é tão intensa e constante que reflete a dependência da tecnologia que vem sendo desenvolvida. Até que ponto somos livres? Será que não estamos passando por um novo processo de escravidão? Caso estejamos, como aboli-la?

O conhecimento sobre todos esses meios tecnológicos e seus impactos sociais é de importância suprema, porque talvez assim tenhamos capacidade de responder a essas perguntas. Por que respondê-las? Porque fazemos parte dessa sociedade. Portanto, é essencial entendê-la e conhecê-la.

Nós fazemos parte dela, mas ela também faz parte de nós.

2. A prensa móvel e a Reforma Luterana

2.1 Dos chineses, aos alemães... Quem sabe até aos árabes?!

Quando Johann Gutenberg inventou a prensa móvel em meados dos anos 50 do século XV, provavelmente não imaginava a repercussão que seus tipos móveis de metal teriam em toda a história da humanidade. Esse importante inventor nasceu em Mainz, na Alemanha, e discute-se inclusive a influência da região em seu invento, pois essa área banhada pelo rio Reno contava com diversas prensas de vinho. Dessa forma, estima-se que Johann transformou prensas utilizadas para produzir bebidas naquelas usadas para facilitar a difusão da informação.¹

Suas prensas de metais podem também ter sido influenciadas por aquelas de madeira criadas pelos chineses e japoneses. Desde o século VIII, aproximadamente, esses povos usavam blocos de madeira entalhada quando imprimiam um texto específico. Entretanto, o método era muito mais apropriado para a linguagem de diversos ideogramas desses orientais do que para o pequeno alfabeto ocidental. Outra criação no Oriente que antecedeu à de Gutenberg foram outros tipos móveis criados pelos coreanos.²

Não se sabe exatamente de onde veio a ideia do “líder” da revolução da impressão gráfica. Sabe-se, todavia, que foi ela que impulsionou a disseminação desses tipos na Europa. No início do século XVI já havia mais de 250 lugares nesse continente com máquinas impressoras.

Em outras regiões a disseminação não foi tão facilitada e intensa, mesmo porque ela estava atrelada a um movimento religioso: a divulgação de Bíblias se tornou muito maior, assim as pessoas podiam lê-la. Atualmente, ler o Livro Sagrado não demonstra nenhuma ameaça. Porém, naquele período nem todos tinham acesso a essa leitura, portanto, os que tinham, nem sempre eram fiéis a ela. Como eram estes os mesmos que detinham o poder religioso, foram eles também que dificultaram esse processo na Rússia e no mundo cristão ortodoxo. Na região russa, por exemplo, a primeira gráfica permitida foi fundada apenas em 1711 em São Petersburgo, devido aos grandes esforços do czar Pedro, o Grande.³

Não foi apenas o catolicismo que impediu a difusão da nova tecnologia da época, o is-

lamismo também o fez. Os líderes muçulmanos sentiam-se amedrontados com a expansão de ideias ocidentais, que podiam influenciar os seus fiéis tornando-os hereges. Esse obstáculo islâmico gerou o sentimento de superioridade em muitos europeus. Um deles, o secretário da Sociedade Real de Londres faz uma demonstração disso em uma carta na qual diz: “o Grande Turco é um inimigo da aprendizagem para seus súditos, porque ele acha vantajoso conservar as pessoas na ignorância para impor-se. Por isso não tolerará qualquer impresso, sendo da opinião de que a impressão gráfica e o aprendizado, especialmente aquele encontrado nas universidades, são o combustível principal da divisão entre cristãos.”⁴ Percebe-se nesse fragmento a relação que surgiu nesse período entre a imprensa e a liberdade.

Essa relação não parece ter mudado. Informação garante liberdade de expressão, de opinião... Martinho Lutero fez jus a essa ideia libertária.

2.2 Uma visão herege movimentando o mundo moderno

Assim como Gutenberg, Martinho Lutero nasceu na região que hoje pertence à Alemanha. Ele veio ao mundo em 1483, e já em torno do ano de 1510, estava contestando a realidade da época. Lutero era um frade agostiniano, entretanto ao questionar a Igreja Católica, se tornou um herege. Seu questionamento se baseava no poder absoluto dessa instituição, que não apenas representava questões de fé, como também comerciais. A Igreja da época controlava o povo. Como quase ninguém tinha acesso à leitura da Bíblia, era a Igreja quem lecionava os fiéis de acordo com os escritos. O clero fazia uso desse domínio intelectual para distorcer informações e manipular os leigos. Além disso, por meio de indulgências, as pessoas compravam o seu lugar no céu. De acordo com o pensamento da época, esse dinheiro dado ao clero garantiria o perdão de Deus a todos os pecados cometidos pelo comprador.⁵

Esse herege, professor da Universidade de Wittenberg, propunha então graça, fé e escritura. A graça de Deus é aquela que garante o perdão e a salvação de todos por Ele sem a exigência de qualquer pagamento. A fé é a crença que tudo que é dito na Bíblia é verdade, e a certeza da graciosidade divina. A escritura, enfim, é a autoridade religiosa dos textos bíblicos, mas, para ele, essa autoridade deveria ser lida e conhecida por todos e não

somente pelo clero. Esse direito à leitura e ao conhecimento é o que ele chamou de “sacerdócio de todos os crentes” e foi por causa disso que a prensa móvel teve tanta influência na Reforma Luterana.

Martinho traduziu o Livro Sagrado do latim à língua germânica. O texto bíblico traduzido foi então propagado por grande parte da Alemanha, é o que se percebe na seguinte citação: “Um único impressor em Wittenberg, Hans Lufft, vendeu cem mil cópias em 40 anos, de 1534 a 1574.”⁶ Alguns discursos seus também foram impressos, além de livros. Outro método de imprensa utilizado na Reforma foi a panfletagem. Para que as ideias luteranas fossem propagadas por todas as classes sociais, as elites passaram a disseminá-las. Os panfletos e os debates públicos atingiam o povo, mostrando a ele uma alternativa à supremacia da Igreja medieval. O frade também fez as “95 teses” que foram afixadas na catedral de Wittenberg, expostas de modo que todos pudessem ler.

Por meio desses exemplos, é possível perceber a influência que a impressão teve sobre esse movimento protestante e a força dele. Para que ele fosse contido, a Igreja católica criou o Índice de Livros Proibidos durante o Concílio de Trento (1545-1563), marco inicial da Contrarreforma. Essa era uma forma de censura que perdurou até o século XIX e, ainda hoje, de forma mais “branda”, continua existindo como uma lista de obras não recomendadas. A informação contida nessas obras que não eram sugeridas daria liberdade a quem, a princípio, era escravo do sistema religioso medieval.

Entretanto, pelo que os dados indicam, essa liberdade foi alcançada pelo povo germânico. Aponta-se que “mais de 80% dos livros em alemão publicados no ano de 1532 – para ser exato, 418 títulos em um total de 498 – tratavam da reforma da Igreja”.⁷ Além da impressão, aconteceram sermões que não devem ser menosprezados. Porém, se forem comparados a manifestação literária da época, não tiveram grande importância.

A Igreja não teve muitas opções, caso ignorasse os protestantes os fiéis achariam que os hereges tinham razão, mas, se respondesse a Lutero incentivaria a laicidade. Assim, ela iniciou o processo de Contrarreforma. Todavia, se sabe que a imprensa já tinha levado a informação a muita gente, que a liberdade já tinha sido alcançada. Liberdade na escrita. Liberdade na religião.

3. O boom dos jornais impressos e a Revolução Francesa

Entre os séculos XVII e XVIII, a grande novidade na Europa era o jornal diário. Não mais a impressão da Bíblia, agora o que fixava as pessoas eram as notícias de todo dia, o conhecimento do que acontecia em outra cidade que não a sua. O conhecimento rápido e prático levou à venda de estimadamente 15 milhões de jornais na Grã-Bretanha apenas no ano 1792.⁸

Os jornais europeus dessa época eram bastante variados. Havia aqueles acadêmicos que expunham novos livros e descobertas: inaugurado em 1665, *The Transactions of the Royal Society of London* era um deles. Outros eram dirigidos a um público leigo, um exemplo disso era o *Mercur Galand*, inaugurado em 1672. Sua estrutura era baseada em uma carta escrita por uma mulher que vivia em Paris para outra que vivia no campo; a parisiense enviava informações da cidade e da Corte, de peças em cartaz e da moda, incluindo também elogios ao governo de Luís XIV, o qual obviamente patrocinava com louvor o editor. Já o jornal *The Spectator*, com início de publicação em 1711, esbanjava de sua liberdade política. Nele os editores observavam debates e os questionavam e analisavam, sem tomar posição ou aderir a eles. Assim, disseminavam a filosofia, expandindo-a para além das academias.⁹

Alguns críticos da época alegaram que esses impressos levavam à luz informações que deveriam estar em segredo. A interferência deles na Revolução Francesa, sem dúvidas, mostra que se uniram às ideias dos iluministas para formar uma nova sociedade, uma nova França e também um novo período histórico.

O Iluminismo usou a metáfora da luz para expressar a razão. A oposição entre racionalidade e fé fez com que pensadores criticassem e questionassem o sistema em que viviam. O regime da França na época era absolutista, uma monarquia comandada pelo rei Luís XVI (1774-1789) que favorecia o clero, a nobreza e a burguesia envolvida em grandes redes de monopólios. O Terceiro Estado, que era constituído pelo restante da população francesa, era sujeito ao pagamento de impostos, por exemplo. Portanto, a grande base da sociedade francesa era explorada e inferiorizada pelas poucas classes favorecidas nessa política. Nesse contexto que filósofos como Voltaire difundiram suas ideias (o que não implica na busca desse pensador em atingir o “povo”). Entre elas é coerente a citação da frase: “A via pela qual se ensinou durante largo tempo a arte de

pensar, de certeza que é oposta ao dom de pensar.”¹⁰ Dessa forma, esse intelectual leva a algumas pessoas a consciência crítica, tanto sobre a vida que levavam no país, quanto sobre o próprio pensamento de cada um em relação ao conhecimento que tinham e do qual podiam usufruir.

Os livros dos iluministas foram muitas vezes censurados no Antigo Regime francês. Entretanto, essa manipulação do governo não impediu que em 1789 o Terceiro Estado derrubasse a Bastilha, o local em que os presos políticos ficavam, e iniciasse a Revolução Francesa. Em busca de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” os franceses se opuseram à monarquia e se rebelaram. Os acontecimentos eram tantos que escritores apostaram em jornais, a explosão da imprensa foi tanta que pelo menos 250 jornais surgiram no último semestre do mesmo ano.¹¹

Os jornais se tornaram o meio de o povo francês ter conhecimento de toda e qualquer novidade em relação à Revolução. As notícias eram constantes e interessantes para todos, fazendo com que mesmo aqueles que morassem em pequenas cidades soubessem o que acontecia com o país. Entretanto, é importante destacar que, assim como na Reforma Luterana, não era toda a população que sabia ler. Portanto, a comunicação oral também acontecia (por meio de debates, por exemplo) e não deve ser excluída. Pois, teve também papel fundamental no episódio.

A importância da imprensa francesa foi então fundamental nesse período que abrangeu desde o governo de Luís XIV (1643-1715) até o fim do regime monárquico e o início da Idade Contemporânea. Os jornais, atrelados a livros, passaram a disseminar nesse período o cotidiano, a realidade. A realidade francesa, a realidade europeia. Em poucas páginas esse meio de comunicação passou a levar conhecimento a muitas pessoas diariamente, elas não estavam mais presas ao desconhecido. Obtiveram liberdade. Liberdade no pensamento.

4. O rádio e as Grandes Guerras

Em 1864, o campo eletromagnético passou a ser interpretado em equações pelo cientista britânico James Clerk Maxwell. Passada uma geração, Heinrich Hertz tirou essas equações da teoria e comprovou-as na prática. Oliver Lodge inventou então um coesor, aparelho que detecta ondas eletromagnéticas, composto por um fio dentro de um tubo que recebia ondas hertzianas.¹²

Quem iniciou o desenvolvimento dessa tecnologia, entretanto, não foi Lodge. Em 1896, o homem que se transformaria no mito da radiodifusão se propôs a mostrar o que chamou de “desenvolvimentos na transmissão de sinais e impulsos elétricos”. Ele era Guglielmo Marconi, um italiano interessado em física, que deu utilidade a essa ciência criando uma nova forma de comunicação. Ele acreditava que essa inovação era necessária.¹³

Utilizando então o que ele chamava de “o ilimitado, incompreensível, sensível meio, o éter”, fez jus à liberdade que a atmosfera nos dá para nos locomover, locomovendo mensagens e ideias. Criou em 1897 sua própria empresa, Wireless Telegraph and Signal Company, vendendo equipamentos sem fio a comerciantes e ao governo. Em 1901, provou que seu sistema realmente funcionava ao mandar uma mensagem por meio de um transmissor da Grã-Bretanha ao Canadá. A mensagem passou, portanto, por 3200 km. O físico italiano patenteou seu equipamento. Há questionamentos a respeito de seu papel na invenção, é dito que muito antes dele um brasileiro chamado Roberto Landell de Moura já havia descoberto esse meio de comunicação. Alega-se que como esse cientista nativo do Brasil não fazia parte da comunidade científica internacional, ele não foi reconhecido. Não se sabe ao certo se isso é verdade. O que se sabe é que quem tem a patente é Marconi.¹⁴

Ele mesmo participou da Primeira Guerra Mundial, evento no qual a comunicação sem fio foi fundamental. Os militares fizeram uso desse tipo de equipamento para que pudessem se comunicar facilmente. Os Estados Unidos, um país inicialmente neutro no conflito, censuraram essas transmissões com a Lei do Rádio em 1912. Esse controle foi muito questionado, principalmente pela empresa que o inventor do rádio fundara nos Estados Unidos. A utilidade militar dessa tecnologia era evidente.

Foi a partir daí que esse novo meio de se comunicar se converteu num utensílio doméstico. No país que outorgou a Lei do Rádio, por exemplo, havia em média 5,5 milhões de aparelhos em 1925. Essa mania fez com que a publicidade dominasse então o setor, e para entender o sistema da época, basta que se parafraseie Edgar Felix: “Que gloriosa oportunidade para o publicitário difundir sua propaganda de venda. Havia uma audiência incontável, disposta, entusiástica, curiosa, interessada, à procura de divertimento e alcançável na privacidade de seus lares.”¹⁵

Baseando-se nesse impacto da mídia na vida das pessoas do século XX, regimes autoritários como o fascista e o nazista disseminaram seus ideais através desse meio de comunicação. Hitler propagou sua ideologia antissemita, antidemocrática, racista, expansionista e favorável à exterminação daqueles que não faziam parte do seu povo ariano por meio da publicidade. Dessa forma, convenceu o povo alemão de que eles eram melhores do que os outros, de que eles faziam parte de uma raça superior. Fez tudo isso por meio do rádio, principalmente. Em seu livro *Mein Kampf*, essa sua intenção propagandista fica clara no trecho: “A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião.”¹⁶

A vitória da opinião desse líder nazista durou por pouco tempo. Ao mesmo tempo em que ele disseminava suas ideias autoritárias, outros europeus disseminavam as deles. Essas últimas buscavam liberdade política, enviaram mensagens ao mundo em 45 línguas. Assim, passaram a considerar o rádio a “Voz da Liberdade”.¹⁷

A liberdade agora estava solta no ilimitado éter de Marconi. Liberdade no ar. Liberdade na política.

5. A televisão e o pós-guerra

“Antes que o próximo século expire, os netos da geração atual se verão uns aos outros através do Atlântico, e os grandes eventos mundiais, ao passarem diante da câmera, serão realizados no mesmo instante perante a humanidade.”

(Texto publicado na *Lightning* por autor desconhecido em 1893)¹⁸

O escritor citado acima estava certo no que escrevia. Na década de 1920, diversos cientistas foram desenvolvendo tecnologias que levaram à invenção da televisão. Vários sistemas foram desenvolvidos, o primeiro a ser apresentado foi o do britânico John Logie Baird. No dia 30 de setembro de 1929 ele fez um experimento televisivo na companhia BBC. Um russo, Vladimir Zworykin, também desenvolveu seu sistema elétrico completo do aparelho televisivo. Ele patenteou sua invenção em 1932 e fez experimentos na companhia RCA. De acordo com o nativo da Rússia essa novidade tecnológica era “uma nova versão do olho elétrico”.¹⁹

O aparelho televisivo foi apresentado publicamente na Feira Mundial de Nova York, em 1939. Entretanto, apenas em 1941 algumas transmissões foram iniciadas. A explosão do novo meio de comunicação teve seu ápice entre os anos de 1947 e 1952 nos Estados Unidos. A produção desses aparelhos no país passou de 178 mil para 15 milhões no país nesse período. A audiência crescia mais a cada dia, seguindo o exemplo do rádio: a “TV” virou mania nesse território.

A época foi marcada pelo que é chamado de Guerra Fria. Esse conflito ideológico foi marcado pela oposição entre os sistemas capitalista e comunista. O primeiro era representado pela potência norte-americana, que incentivava a economia civil além da produção bélica. Já o segundo era liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a qual vivia sob um regime autoritário que, em favor da indústria bélica, dispensava qualquer produção que favorecesse a vida dos seus cidadãos.

Dessa forma, o sistema que tem como objetivo o lucro era almejado pelos povos. Diferentemente do que propõe o socialismo de Marx, o governo comunista se impunha sobre a sua nação sem pensar nos seus direitos, nas suas vontades. As evoluções tecnológicas nos Estados Unidos fizeram com que essas pessoas se orgulhassem do país em que moravam e da ideologia que ele tinha nessa “guerra”.

Essa felicidade e orgulho dos norte-americanos pela sua cultura desenvolvida é refletida no filme *O Sorriso de Monalisa*²⁰ que retrata os anos 50 no país. Enquanto uma moça assiste ao programa *Eu amo a Lucy*²¹, uma das maiores atrações da época, ela diz que “ama Lucy, apesar de esta ser uma comunista”. Esse comportamento demonstra a popularidade dos programas, o entretenimento que eles proporcionavam, e também a oposição ao sistema econômico adotado na União Soviética.

Quando as pessoas oprimidas pela ditadura soviética ou por outras como ela descobriram essas evoluções tecnológicas, passaram a desejá-las fervorosamente. Desejavam a liberdade de ter tecnologia, de ter desenvolvimento. Esse desejo era visto diariamente no Muro de Berlim, que dividia a cidade, onde cada lado representava uma ideologia da Guerra Fria. Quando os alemães do lado comunista souberam dessas inovações, tentaram cada vez mais fugir do país onde estavam, tentavam ultrapassar o grande obstáculo.

Em 1989, houve a queda do muro que lhes privava de liberdade. Liberdade nos olhos.

6. O computador, a internet e a Sociedade da Informação

Konrad Zuse e o início da era da informação foi o nome de uma exposição em Berlim, no ano de 2010. A história do que ali era exibido tinha começado havia mais de setenta anos.²²

Em meados da década de 1930 foi criada a primeira máquina programável do mundo. Seu nome é Z1 e seu criador é Konrad Zuse. Criada com propósitos de guerra, o instrumento era capaz de efetivar cálculos complexos para a época. O primeiro “computador” do mundo foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial, mas mesmo depois disso o seu inventor não o abandonou: reconstruiu-o e o expôs no Museu Alemão de Tecnologia.

Depois dessa criação alemã, outras vieram; dentre elas o Colossus, o Eniac, o Univac e muitas outras. Nessas máquinas substituíram-se as válvulas dos primeiros computadores por transistores e então se desenvolveram *chips*; diminuiu-se o tamanho do aparelho; facilitou-se a sua produção e a sua distribuição. A tecnologia não para, discute-se até um novo computador, o quântico.²³

O avanço tecnológico das máquinas foi privilegiado com o que chamamos de internet. A criação do “ciberespaço” ocorreu entre 1993 e 1994. Dois fatores essenciais para essa evolução foram o acesso público ao Mosaico, um programa de navegação, e a transformação de uma rede dedicada à pesquisa acadêmica em uma rede aberta a todos. O desenvolvimento a partir daí foi desenfreado e é resumido em “mais fenômenos do que fatos”.²⁴

Esses fenômenos são os que a nossa sociedade vivencia. A internet atualmente está em todos os lugares, tanto nos *NetBooks* quanto nos *BlackBerry*. Estamos conectados a toda hora, a todo minuto. Pertencemos a redes sociais como o Facebook, que criam uma conexão no mundo inteiro. Fazemos pesquisas no *Google* e em 17 segundos recebemos mais de 11.400.000 resultados se a palavra procurada for “Egito”. Encontraremos os mais diversos textos, *sites*, *blogs*, anúncios, notícias. Cada qual expõe o que o seu autor quer expor ao mundo, à rede que liga toda a humanidade.

Essa diversidade é facilmente atingida aqui no Brasil. São apenas 17 segundos. Entretanto, em países como a China o processo não é o mesmo. O *site* da *Google* lá é censurado. *Sites* como o Facebook não existem.

A censura da ditadura comunista chinesa agora impede que seu povo encontre informações a partir do termo “Egito” em seus *micro-blogs*. Esse bloqueio ocorreu devido às recentes manifestações políticas egípcias.

Elas tiveram início com o bruto assassinato de um jovem na base do espancamento. Quem o espancou foram policiais, pois sabiam que esse moço, Khaled Said, tinha publicado fotos em seu *blog* com substâncias ilegais. Entretanto, em menos de cinco dias após o ocorrido, foi criada a página *We Are All Khaled Said* no site de relacionamentos *Facebook*. A partir disso, o povo egípcio passou a seguir o evento e programar manifestações contra o governo ditatorial do país. Vídeos dos policiais foram publicados no *YouTube*, todos estavam a par do que estava acontecendo. Todos do mundo, não só todos do Egito ou todos do Oriente Médio.²⁵

A população daquele país saiu às ruas no início do ano de 2011 incessantemente. Ela lutava a favor da deposição do ditador Hosni Mubarak, cujo governo caracterizou-se pela brutalidade e a exterminação da oposição política. Entretanto, ele não pôde evidenciar essas suas características nessa onda revolucionária, ela foi muito intensa, muito exposta na mídia para que ele tomasse atitudes perversas. Elas seriam expostas ao mundo, denunciadas.

O povo chinês, por sua parte, não pode saber disso, não pode saber da liberdade que as pessoas têm. Da liberdade que o mundo tecnológico dá à nossa sociedade, a sociedade da informação.

“Mubarak é deposto pelo povo, o Egito explode de alegria.”²⁶ Esse povo desfrutou da maior liberdade que a mídia já deu para se manifestar, para mudar. Liberdade na informação. Liberdade na transformação. Liberdade na expressão.

7. Conclusão

No desenvolvimento do projeto, conclui-se que a mídia deu lentamente liberdade total à maior parte da sociedade. A tecnologia desenvolveu os meios até o ponto em que encontramos notícias em computadores quânticos. Torna-se estranho imaginar a vida antes da prensa móvel desenvolvida por Gutenberg, por exemplo. Os livros eram escritos a mão. Não havia jornais, panfletos. Não havia desenvolvimento tecnológico e provavelmente nem imaginação suficiente para que pensassem em instrumentos como o rádio, a televisão e o computador.

Os anos se passaram e aprendemos a fazer melhor uso dessas tecnologias. Elas são o meio que encontramos para nos sentirmos inseridos no mundo.

Entretanto, estamos lentamente nos sufocando nessas redes sociais. Os jovens cada vez mais trocam o convívio social pelo cibernético. E são esses jovens que serão os adultos de amanhã, os governantes, os advogados, os empresários, os operários. Os jovens são o futuro.

Dessa forma, eles devem seguir o exemplo dos egípcios e levar o mundo virtual ao mundo real. Manifestações dessa nova consciência jovem já estão sendo expostas. Uma delas foi o movimento ocorrido no colégio Arquidiocesano. No dia 16 de fevereiro um dos tópicos mais comentados na internet brasileira foi o boicote que os alunos dessa escola fizeram à cantina.²⁷

De certo a causa desses estudantes não era das mais revolucionárias, daquelas que mudam o mundo, que mudam o governo. Mas, mudaram o mundo deles, o mundo do Arquidiocesano.

Eles usaram a internet para se libertarem. Assim que tem que ser. Não nos deixemos levar pela dependência tecnológica. Não devemos ser dependentes de nada ou de ninguém. Isso é liberdade.

Notas

- 1 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 2 SPALDING, Marcelo. História da leitura (III): a imprensa de Gutenberg. **Digestivo Cultural**. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=3287>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- 3 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 4 Idem.
- 5 FREITAS NETO, José Alves de; TASINAFO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: HARBRA, 2006.
- 6 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 7 Idem.
- 8 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 9 Idem.
- 10 TORRES, Marcelo. **Pensamentos**. Disponível em: <http://www.matorres.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=188:pensamentos&catid=46:filosofia&Itemid=53>. Acesso em: 9 jun. 2011.
- 11 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 12 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 13 Idem.
- 14 GUGLIELMO Marconi. **UOL**, Educação, Biografias. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u632.jhtm>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- 15 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 16 A PROPAGANDA Política Nazista. Enciclopédia do Holocausto. **United States Holocaust Memorial Museum**. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- 17 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 18 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 19 Idem.
- 20 O SORRISO DE MONALISA. Direção: Mike Newell. Produção: Elaine Goldsmith-Thomas, Paul Schiff e Deborah Schindler. Roteiro: Lawrence Konner e Mark Rosenthal. EUA: Columbia Pictures, Revolution Studios e Red Om Films.
- 21 EU AMO A LUCY. Criação: Jess Oppenheimer, Bob Carroll Jr. e Madelyn Davis. EUA: CBS, 1951-1960. 30 min, colorido, inglês.
- 22 MUSEU alemão exhibe o Z1, o primeiro computador do mundo. **G1**, São Paulo, 7 set. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/09/museu-alemao-exibe-o-z1-o-primeiro-computador-do-mundo.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- 23 UM POUCO da história dos computadores. **Mansano**. Disponível em: <http://mansano.com/beaba/hist_comp.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- 24 BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- 25 MOVIMENTO egípcio começou com indignação e uma página no Facebook. **Último Segundo**. 10 fev. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/nyt/movimento+egipcio+comecou+com+indignacao+e+uma+pagina+no+facebook/n1237996180486.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- 26 MUBARAK é deposto pelo povo, o Egito explode de alegria. **UOL Notícias**, 11 fev. 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/02/11/mubarak-e-deposto-pelo-povo-o-egito-explode-de-alegria.jhtm>>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- 27 PROTESTO de estudantes em escola de SP vira assunto mais comentado na web. **Jornal da Globo**, 17 fev. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/02/protesto-de-estudantes-em-escola-de-sp-vira-assunto-mais-comentado-na-web.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

Referências

Filmes

CLUBE DA LUTA. Direção: David Fincher. Produção: Art Linson, Cean Chaffin e Ross Grayson Bell. Roteiro: Jim Uhls. Baseado no livro homônimo de Chuck Palahniuk. EUA: 20th Century Fox, 1999. 139 min, colorido, inglês.

EU AMO A LUCY. Criação: Jess Oppenheimer, Bob Carroll Jr. e Madelyn Davis. EUA: CBS, 1951-1960. 30 min, colorido, inglês.

O SORRISO DE MONALISA. Direção: Mike Newell. Produção: Elaine Goldsmith-Thomas, Paul Schiff e Deborah Schindler. Roteiro: Lawrence Konner e Mark Rosenthal. EUA: Columbia Pictures, Revolution Studios e Red Om Films, 2003. 114 min, colorido, inglês.

Artigos

A PROPAGANDA política nazista. Enciclopédia do Holocausto. **United States Holocaust Memorial Museum**. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

DO TELÉGRAFO à internet – Como a tecnologia afetou os jornais. **Observatório da Imprensa**, 19 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=573IMQ009>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

MOVIMENTO egípcio começou com indignação e uma página no Facebook. **Último Segundo**, 10 fev. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/nyt/movimento+egipcio+comecou+com+indignacao+e+uma+pagina+no+facebook/n1237996180486.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

MUBARAK é deposto pelo povo, o Egito explode de alegria. **UOL Notícias**, 11 fev. 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/02/11/mubarak-e-deposto-pelo-povo-o-egito-explode-de-alegria.jhtm>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MUSEU alemão exibe o Z1, o primeiro computador do mundo. **G1**, São Paulo, 7 set. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/09/museu-alemao-exibe-o-z1-o-primeiro-computador-do-mundo.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

PROTESTO de estudantes em escola de SP vira assunto mais comentado na web. **Jornal da Globo**, 17 fev. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/02/protesto-de-estudantes-em-escola-de-sp-vira-assunto-mais-comentado-na-web.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

SPALDING, Marcelo. História da leitura (III): a imprensa de Gutenberg. **Digestivo Cultural**. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=3287>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

TORRES, Marcelo. **Pensamentos**. Disponível em: <http://www.matorres.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=188:pensamentos&catid=46:flosofia&Itemid=53>. Acesso em: 9 jun. 2011.

UM POUCO da história dos computadores. **Mansano**. Disponível em: <http://mansano.com/beaba/hist_comp.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2011.

Livros

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia – De Gutenberg à internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUGLIELMO Marconi. **UOL**, Educação, Biografias. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u632.jhtm>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

FREITAS NETO, José Alves de; TASINAFO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: HARBRA, 2006.

LECLERC, Gérard. **A sociedade de comunicação. Uma abordagem sociológica e crítica**. Tradução: Sylvie Canapé. Lisboa: Piaget, 1999.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Franscisco Conte. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 1ª ed. São Paulo: Atual, 2007.

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo explicitar as diferentes formas de inclusão social, baseadas nas novas tecnologias. Está alicerçado no direito da educação como a mais básica premissa da sociedade funcional, bem como da difusão igualitária e democrática do conhecimento. O objetivo pretendido nesta monografia é abordar a possível união entre os saberes que circundam uma sociedade complexa, com o auxílio do advento tecnocientífico, sem agredir o meio ambiente.

Palavras-chave: inclusão social, educação, sustentabilidade, tecnologia, conhecimento.

Abstract

This paper has as main objective the exposition of the different forms of social inclusion, based on new technologies. It is built on the right of education as the most basic premise of functional society, as well as the egalitarian and democratic dissemination of knowledge. The intended purpose of this monograph is to display the possible union between the knowledge surrounding a complex society, with the help of technoscientific advent, without harming the environment.

Keywords: *social inclusion, education, sustainability, technology, knowledge.*

1. Introdução do tema proposto

Em um mundo habitado por aproximadamente sete bilhões de pessoas, em um crescimento exacerbado e exponencial,¹ é mais que esperado que impasses das diversas ordens que uma sociedade engloba aconteçam, dadas as diferenças étnico-culturais, territoriais e legais.

Não há a perspectiva de que a urbanização caótica, a violência, os problemas referentes à alimentação, lixo, entre outros, resolvam-se voluntariamente. É necessária, portanto, uma racionalização coletiva, um movimento generalizado de conscientização de que o mundo está abrigando cada vez mais indivíduos e de que mais percalços surgirão.

Em meio a tamanha evolução tecnológica visível, especialmente, desde o início do processo de globalização e ganhando mais força a cada dia que passa, é plausível que os mais novos e amplos recursos tecnológicos, comunicativos, teóricos ou informacionais sejam um bom jeito para unir as pessoas com mais facilidade. Desse modo, torna-se viável disseminar o conhecimento rapidamente e colocar em prática a inclusão social, convidando os cidadãos a serem seres socialmente ativos e cientes dos acontecimentos mundiais.

Com o perceptível envelhecimento da população,² há uma vontade global de edificar um saber que una o novo ao antigo. Isso ampliaria a informação, fazendo-a atingir diversas faixas etárias simultaneamente. Ensinaría como preservar a identidade cultural e associá-la aos âmbitos de saúde, educação e até mesmo à construção de um caráter de maior tolerância e respeito com o idoso, jazidos no saber étnico e histórico.

Constantemente, vemos indivíduos que, por falta de acesso a informações, quer sejam políticas, sobre acontecimentos mundiais ou qualquer outra, ocupam, involuntariamente, um posto de seres alienados e até mesmo ignorantes.

As diferenças sociais, próprias do sistema capitalista, não permitem que todos possuam os mesmos recursos. Isso decorre do descaso político, o qual acaba por inviabilizar a educação igualitária e justa, que tiraria as pessoas da zona da alienação.

Somente os indivíduos que buscam com muito afinco (acima da média geral) ou possuem condições financeiras e bases ideológicas para sustentar um estudo de qualidade, conseguem, atualmente, sair de tal condição.

Os indivíduos que não fazem parte dos programas assistenciais governamentais, ou que não possuem condição financeira suficiente, raramente são ajudados e incentivados. Indo contra a mais básica premissa do ensino de qualidade, que deveria ser a sua ampla e homogênea difusão.

Como já antes dito pelo filósofo francês Émile Durkheim, “a educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto”.³

2. A educação

O trabalho de educação de um indivíduo inserido em uma sociedade ultrapassa as barreiras da educação moral familiar. A futura contribuição individual, compatível à função social que preserve a cidadania, requer especialização e conhecimento técnico da profissão que será exercida.

É uma responsabilidade educacional, atrelada aos valores que, comumente, são legados familiares, formar seres os quais na iminência de sua fase austera e adulta, sejam completos e prontos para contribuir com uma sociedade harmoniosa. Afinal, não há como esperar que, de forma geral, o indivíduo não apropriadamente orientado, faça decisões políticas que contribuam para a determinação coerente do destino do Estado-Nação, sob a influência de civilidades corrompidas e do próprio bem monetário.

Um país desenvolve-se a partir de sua política, uma nação, por meio de sua cultura e educação. Desvencilhar ambos os conceitos é muito complexo, mas ano após ano, vemos um crescente abismo entre os dois, o qual parece ser quase impreenchível. No Brasil, o quadro social vigente é o retrato da opressão dos poucos ricos sobre os pobres em maioria abundante e isso se estende para o ramo do ensino. As elites detêm grande parte do acesso à informação no país.

Os poucos esforços que são visíveis em prol da boa educação pública advêm das elites ideológicas universitárias (ousados pesquisadores e cientistas que interagem com os movimentos sociais) e algumas organizações como o Instituto de Tecnologia Social (ITS Brasil) e Ciências, Tecnologia e Inovação (CT&I).⁴ Na mente da maioria do povo, ainda alienado, pouco se vê a ideia de que a educação brasileira é demasiadamente deplorável.

As escolas públicas hoje enfrentam muitos impasses, desde a má qualidade do material didático (não valorizado ou subsidiado pelo governo), falta de infraestrutura, inadimplência e maus salários pagos aos profissionais de ensino, até a violência presente na relação aluno-professor. Atitudes ofensivas à educação e demasiadamente brutais.

Dadas as grandiosas fronteiras do Brasil, haveria a necessidade de uma estratégia de ensino padronizada em todos os estados do país, uma vez que, mesmo que de má qualidade, as escolas ainda são superiores nos grandes centros urbanos, os quais permitem maior acesso aos meios informacionais, enquanto se deteriora o conhecimento e sua propagação nas menores cidades e comunidades.

Todos esses fatores fazem com que exista uma supervalorização das instituições de ensino particulares, o que ocasiona uma grande inflação anual nos preços das mensalidades escolares, já que, infelizmente, as escolas particulares são as únicas confiáveis.

Muitas vezes, os alunos que estão acostumados com a aprovação automática da rede pública, ao serem reprovados em determinadas matérias, desistem do ensino, que é obrigatório, e vão exercer funções inapropriadas para sua idade, podendo ser levados até para um mundo de ilegalidades. Os que persistem nas escolas, geralmente, concluem o curso com muitas disparidades em relação aos que tiveram uma educação paga e, mesmo com interesse, não possuem subsídios educacionais para ingressar em universidades de qualidade (que para a surpresa geral, são, em sua maioria, públicas).

Quando não há uma base educacional apropriada é desleal a concorrência entre os diversos indivíduos que cursaram em diferentes redes. O que falta hoje no Brasil é a base da educação.

3. A tecnologia social

Um dos poucos meios conhecidos pelo homem que ultrapassam o mero conceito de comunicação e é cobijado por todos, atualmente, com o seu razoável acesso, é a internet. Muitos a usam para o entretenimento próprio ou para a comercialização de bens materiais, fins, majoritariamente, egoístas.

Porém, a internet poderia ser usada para

romper as barreiras territoriais, especialmente no Brasil, de modo a facilitar a comunicação entre regiões distantes, possibilitando o ingresso de todos no mundo do conhecimento e da boa educação, de forma democrática, transformando a tecnologia, que nem sempre é científica ou computadorizada em tecnologia social.

A tecnologia social é, por sua vez, a aplicação do conhecimento para solucionar alguns dos problemas da população e promover amplamente os direitos humanos e a igualdade. Os direitos que devem ser igualitários para todos são: direito à vida, à alimentação e à saúde, de "ir e vir", à moradia, ao trabalho, acesso a educação e conhecimento, a cultura e direito a usufruir do patrimônio científico, tecnológico e cultural do país.

Tal especialidade da tecnologia seria um método facilitador de abranger todos os tipos de pessoas, assemelhando-se a uma ponte comum a todos os indivíduos e ao conhecimento como um todo. A ampliação dos processos de inclusão da tecnologia culmina em uma sociedade composta por humanos mais cientes, racionalmente exercitados, mais antenados, melhores. Induz, portanto, ao saber coletivo.

Há dois tipos de saberes: o saber acadêmico, que demanda o conhecimento profundo, fundamentado e técnico das descobertas da natureza, da história, da geografia e das ciências sociais; e o saber popular que é a base cultural de um povo, a identidade e experiência de um povo, o qual só pode ser adquirido com a convivência e com o trabalho. O segundo é muito visível no Brasil. O primeiro por sua vez, ficou à deriva das oscilações de um governo desatento para com as necessidades de seus eleitores. O equilíbrio, quer seja intelectual, quer seja social, é atingido apenas pela união de ambos os saberes.

4. A tecnologia informacional

A tecnologia da informação, em todos os setores do país, mesmo que de forma implícita, atinge a todos, independentemente da sua exposição direta a ela. A área do conhecimento que se responsabiliza pela criação, administração e manutenção da informação, por meio dos mais distintos aparatos de acesso, modifica o modo como se propaga ou se armazena a sabedoria, acelerando a vida mundial.

O aprofundamento da tecnologia informacional resultou em uma maior percepção dos

meios de comunicação como conectores entre o cotidiano banal e o conhecimento, afinal, à medida que o povo sucumbe, majoritariamente, à rapidez e à tecnologia, vê-se, de forma peculiar, o englobamento de pessoas nessa rede, a inclusão social, como numa fagocitose tecnológica e social.

O objetivo é desenvolver, gradativamente, os dispositivos de acesso em tamanha intensidade e escala, a ponto de ocorrer um grande barateamento nos preços de produção e venda, tornando tais dispositivos mais atingíveis para toda a população mundial. Juntamente às aulas de familiarização com as novas tecnologias (que deveriam ser oferecidas gratuitamente pelo governo), barreiras seriam rompidas e o caminho em prol do conhecimento para todos, seria mais afável e desobstruído.

5. As relações sustentáveis e sociais

Por um longo período de tempo, acreditou-se que a melhoria do conhecimento técnico traria a solução para todos os conflitos, negligências e problemas do mundo. No entanto, é mais que claro que, apesar do progresso em ritmo alucinante, questões como poluição, aquecimento global, riscos nucleares, entre outras, emergiram e foram agravadas. Isso culminou no desenvolvimento de métodos de contenção dos impactos da produção sistemática, originada pelo conhecimento e, também por ele, limitada.

Com tantas pessoas coexistindo e utilizando as fontes naturais, há uma forte necessidade de que o espaço mundial seja reorganizado e priorizado, para tornar a convivência entre tantas pessoas facilitada e até mesmo justa. Sem agredir a natureza, com o intuito de valorizá-la e fazê-la progredir junto ao homem, trabalhos de organização territorial, visam à socialização dos conhecimentos de preservação do meio.

Os projetos sustentáveis que visam à preservação do meio ambiente, também são abordados pela perspectiva dos projetos de inclusão. Baseando-se nos princípios de reciclagem e reúso de materiais para novos propósitos, inclusive para fins artesanais que incentivariam a economia solidária e consciente, observa-se uma relação de união entre o “sustentável” e o “social”, em níveis menos complexos.

Por mais conturbado que pareça, não há maneira simples de se abordar as leis de direito ambiental (assunto tão presente no mundo

atual), que abarcam o conceito de sustentabilidade, sem que haja uma boa noção da situação espacial de determinado país, uma vez que tais leis ultrapassam barreiras da propriedade privada, da ganância individual para garantir o bem comum e o bem do meio ambiente, que é de todos.

A sustentabilidade e suas práticas são imprescindíveis para a sobrevivência do homem, não só para a manutenção da vida terrestre, mas a existência humana depende do tratamento e longevidade que damos aos recursos naturais, por exemplo, a água, que todos creem ser algo infindável, é, além de necessária, finita.

6. A transformação pelo conhecimento e a razão e respeito frente à natureza

Para muitos indivíduos, com as suas árduas vidas e na constante luta pela sobrevivência, a educação é uma aventura e eles não podem se dar esse luxo. Passando por dificuldades, poucos veem como a informação pode mudar uma vida, mesmo porque é necessário tempo e dedicação para tanto.

Passam-se anos para que ocorra a formação intelectual de uma pessoa. Para trabalhar no campo, por exemplo, é preciso que a especialização em agropecuária seja feita nas localidades. Ir para as cidades para estudar seria um retrocesso, nesse caso, uma vez que não há proximidade com o objeto de estudo.

As trocas entre as pequenas comunidades assentadas em localidades rurais, como as incentivadas pelo Centro de Capacitação em Agropecuária e Desenvolvimento Sustentável (Ceagro), associado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST),⁵ são enfatizadas pelo ensino coerente, junto ao respeito à terra.

Para garantir o bem-estar dos animais de que dependem e do terreno do qual usufruem, os indivíduos ali residentes são devidamente instruídos pelos membros do Centro sobre os processos pelos quais o gado tem que ser submetido para verificação de saúde. Bem como sobre a área de pastagem, uma vez que o pequeno produtor tem que controlar e verificar a terra, garantindo a rotatividade da produção e a preservação do meio.

Mesmo em âmbito rural, as dualidades geradas pela dificuldade de conciliar sustenta-

bilidade e economia têm que ser enfrentadas, aniquilando, pouco a pouco, o egoísmo e evidenciando a valorização ambiental, o respeito com o homem e todos os seres vivos.

Dados como os oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶ comprovam que há falhas no conhecimento produtivo: a agricultura convencional perde por ano 20 toneladas de solo por hectare cultivado, um desrespeito com o meio e com o conhecimento de agricultura.⁷

Para que isso não ocorra, a instrução das pessoas no meio rural deveria ter o intuito de formar agricultores com visão científica, com organização na produção e cooperação entre todos.

7. Os projetos de melhoria: “Extensão Universitária”

Existe no país atualmente uma tendência à crucial “Extensão Universitária”, a qual visa unir o saber popular e o fundamentado pelo estudo, com a transposição do conhecimento produzido nos grandes centros universitários à comunidade, em nível local, nacional ou internacional.

Mesmo que não seja uma solução, mas sim um pequeno reparo no buraco da educação, a consciência social que rege tal projeto é de notável significância, com as constantes trocas que ocorrem entre universidade e sociedade, ajudando na construção de uma identidade cultural e educacional. É um trabalho de superação de condições.

Os universitários saem de sua zona de conforto, viajam até as várias localidades do país, difundindo em comunidades o modo correto de como se inserir no mercado, de como tratar a terra, as pessoas e o próprio trabalho.

A união entre a tecnologia e a “Extensão” resulta em cursos realizados pelo Instituto de Tecnologia Social (ITS – Brasil),⁸ em parceria com várias universidades como a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), aprofundando conceitos.

Os projetos da inclusão social abrangem oficinas de ensino e aprendizagem de várias áreas, com funções sociais de inserção cultural e no mercado de trabalho. Dentre elas, destacam-se a Oficina Escola Têxtil em Osasco,⁹ que é o aprendizado e prática da costura voltados para o âmbito social, bem como oficinas gastronômicas, hortas modelo, entre outras.

Tais projetos incentivam não somente o lado do conhecimento, como também uma experiência que preza o trabalho e o espírito coletivo que regem a vida em sociedade.

Um país adquire força à medida que adquire a capacidade de produzir conhecimento. A Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) visa aumentar a acessibilidade e difundir a informação por meio de palestras e seminários, busca também englobar os temas fundamentais para as experiências da tecnologia social.¹⁰

A necessidade de uma mudança profunda no quadro social implica o fato de que é preciso tornar os projetos sociais pontuais em algo permanente, construir, portanto, conhecimentos juntamente à população. Garantir que a população, a partir da informação, caminhe por si e ajude a fundamentar a vida em sociedade, abandonando a máxima aparentemente vigente: “O capitalismo a todo o custo”. Construir a política, a economia e a própria sociedade não a partir do bem próprio, mas do bem coletivo.

Solucionar as dificuldades da transportação do conhecimento também é um projeto que deve ser abordado. Apesar de a política abortar e se esquivar de ideias de dispersão de tecnologia, como oferecer internet e aulas de compreensão dos novos aparatos gratuitamente para todos, é isso que deveria ocorrer.

Todos os indivíduos do país têm o direito obrigatório ao conhecimento e, portanto, às suas extensões, a tecnologia é apenas uma metodologia que aplica os direitos que constam na lei.

8. Os preconceitos e as relações interestaduais

A intolerância, demasiadamente presente na sociedade falsamente tolerante, domina pensamentos que colocam em posição de inferioridade os menos escolarizados. A depreciação do saber cultural faz uma sociedade alheia à vida do outro e egoísta.

A comparação entre os dados dos estados brasileiros também é grande fonte de preconceito, já que, muitas vezes, os fatos apresentados pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),¹¹ entre outros índices de desenvolvimento, evidenciam as diferenças sociais e a escolaridade entre determinadas cidades ou estados.

Há uma ruptura de preconceitos perante a

economia solidária gerada pelos projetos da tecnologia social, uma vez que pequenos negócios de pessoas simples e de baixa renda são bem-sucedidos, como projetos de oficinas. O conhecimento se difunde e todos são inclusos na oportunidade de fazer um projeto emergir.

Existem muitas experiências desse tipo dentro dos estados brasileiros, como o projeto Abelha Nativa no Maranhão, Pedagogia Griô, em Lençóis, Bahia, e Economia Popular e Solidária de Osasco, São Paulo,¹² que visam à inclusão social por meio do conhecimento, bem como do trabalho.

Ações voluntárias que têm como objetivo a inovação social também estão presentes em estados como o Paraná (6ª Mostra de Ação Voluntária), com o intuito de que as pessoas e instituições trabalhem com seriedade na mudança do quadro vigente e incentivem o desenvolvimento social mais organizado, gerando evolução econômica nas comunidades.

9. Os direitos humanos: organização popular e cidadania

A discussão dos direitos no Brasil cresce diariamente. As reivindicações trabalhistas, ambientais e das necessidades humanas vigoram em prol da igualdade, democracia e paz.

Motivada pela experiência da luta coletiva do povo que sofre violações na busca pela garantia das mais básicas premissas da vida, surge e se fortalece a cidadania tal como a conhecemos. Há a necessidade de um indicador de direitos humanos, que demonstre o status da igualdade, preservando convivência pacífica, os próprios cidadãos e a ética. É a garantia da coexistência.

Há exemplos de cursos que incitam o enfrentamento visando ao direito igualitário, como o que se dá a distância: Direitos Humanos e Mediação de Conflitos, realizado junto à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH/PR),¹³ que é proposto a militantes e movimentos populares, associações, de forma gratuita.

Na esfera rural, dados comprovam as diferenças existentes de direitos e distribuição de terras. Há uma pequena parcela de indivíduos que possuem terras, por vezes improdutivas, em excesso; e uma enorme parcela da população, que apesar de produtiva ou assentada, possui menos de um módulo rural (necessário para a produção mínima e subsistência) para a produ-

ção do bem vital, vivendo às vezes na condição de proprietário por ocupação e produção, isto é, “usucapião”.¹⁴

Dados do IBGE dizem que estabelecimentos com áreas menores que 200 hectares são 93,8% dos estabelecimentos rurais e possuem apenas 29% das terras do Brasil. As propriedades acima de 200 ha, por sua vez, representam 5,3% dos estabelecimentos, porém abrangem 70,8% da área agrícola do país.¹⁵ Tais dados explicitam uma falha governamental no conceito de igualdade, nos direitos da propriedade privada, não se enquadrando no conceito de justiça territorial.

Há ainda outros aspectos de direitos a serem revisados. Os sindicatos que lutam, cotidianamente, pelos salários e bem-estar de seus representados, lutam acima de tudo, pela liberdade de expressão no trabalho, pelo conhecimento, pela igualdade.

10. “Rio + 20”: as questões sociais e ambientais esquecidas

Ações diplomáticas serão tomadas mediante acordos e documentos políticos entre países, após a discussão sobre o meio ambiente que será realizada entre os dias 20 e 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro, a conferência das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável. Haverá uma tentativa de criação de um acordo com cláusulas que garantam tal desenvolvimento. Houve no ano de 1992 uma conferência semelhante (Eco 1992), quando foi agendada esta segunda reunião vinte anos depois para debater tais questões ambientais.

Com os colapsos financeiros recentes, os países desenvolvidos e “ricos”, agora mais “empobrecidos”, ficaram sem resposta diante de diversas reclamações devidas à poluição e degradação do meio por eles causadas, dado o desenvolvimento sem medidas.

A intenção da nova reunião é buscar uma solução para os impactos ambientais que não podem ser retrocedidos nem revertidos, apenas amenizados. Como também, encontrar um modo de adequar a produção econômica à sustentabilidade (harmonia entre ambas), a “Economia Verde”.

Muitos defensores de ambos os lados estão amplamente perplexos e apreensivos. Mesmo sendo uma questão de sobrevivência, há a necessidade de concessão entre as ideologias econômicas e “verdes”.

Outro intuito é encontrar, dentre os países “ricos” aqueles que financiem toda a salvação do meio ambiente da depredação que eles mesmos causaram, conciliando-a com a proteção do patrimônio cultural e social, isto é, a valorização da cultura indígena e das localidades em que se inserem no Brasil, por exemplo.

Há também a necessidade da comprovação de que culturas anteriormente consideradas inferiores são completamente compatíveis com a modernidade e, portanto, com a tecnologia. O mundo se expande, bem como o conhecimento, seus métodos e até seus interlocutores.

Uma economia permissiva ao crescimento do contingente populacional – realidade mundial contemporânea – deve, ao passo que alimenta a evolução, atenuar os percalços no meio ambiente e os espaciais. Atualmente, a população mundial gira em torno de 7,1 bilhões de pessoas, o que restringe o homem a um espaço cada vez mais diminuto, com recursos não equivalentes ao modo de vida que se leva, as fontes devem ser trabalhadas e usadas com mais consciência a cada dia que passa.

A luta da humanidade pela sobrevivência resulta em benefícios relacionados à saúde e à educação, porém, uma baixa taxa de mortalidade precoce e uma alta taxa de pessoas com idade e conhecimento para estarem econômica e socialmente ativas, influem ainda mais no crescimento avassalador do planeta.

O Brasil é um dos poucos países que possuem hoje um “bônus demográfico”, isto é, o número da população adulta é maior que o de idosos e crianças, o que já ocasiona uma economia à frente das demais (contribui-se mais para a previdência do que se paga em benefícios).

Uma vez bem manipulada pelo governo e pela própria população, a fase vivida atualmente pode ser um apogeu econômico não somente para o Brasil, que se beneficiará diretamente, mas para todo o mundo. Há uma obrigação de aproveitá-la para alavancar o crescimento, sem, contudo, destruir o meio ambiente.

11. Conclusão

Um mundo isento do caos que rege as relações sociais instáveis e voláteis é uma utopia, obviamente, inviável na prática. Um mundo onde se conciliam educação e as mais diversas formas de tecnologia, a preservação do meio e a economia, é completamente plausível – apesar de ser uma caminhada tortuosa – e possibilita uma coexistência mais equilibrada.

Com a intenção de se redimir dos problemas do mundo, o homem consciente e bem orientado busca meios inovadores para solucioná-los e viver em um planeta na iminência da “superlotação”. Porém, somente o homem que teve, durante a sua formação, subsídios educacionais pode prosseguir na busca por um meio mais justo, afável e sustentável.

Independentemente do potencial do país, somente a educação contribui para a estruturação correta e a evolução crítica dos seres sociais. O conhecimento é, portanto, o melhor método de inclusão social e o melhor modo de fazer um país se desenvolver cada vez mais, gradativamente. Se associado a qualquer forma de tecnologia e seus dispositivos de disseminação, muitas barreiras são rompidas e o crescimento será efetivo.

Notas

- 1 Dados estatísticos fornecidos pela ONU, através do site R7. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/relatorio-da-onu-aponta-crescimento-desenfreado-da-populacao-mundial-20111026.html>>. Acessado em: 20 jun. 2012.
- 2 Baseando-se inclusive nas pesquisas do teórico Warren Thompson sobre transição demográfica, bem como no artigo “O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo”, de A. Kalache, na **Rev. Saúde Públ.**, 1987. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v21n3/05.pdf>>. Acessado em 24 set. 12.
- 3 Considerado um dos pais da sociologia, Émile Durkheim combinava a pesquisa empírica com suas teorias sociológicas. Teorizou muito sobre a educação. Trabalho acadêmico disponível em: <<http://www.secult.salvador.ba.gov.br/SITE/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/GRANDES%20MESTRES/emiledurkheim.pdf>> . Acessado em: 24 set. 2012.
- 4 ONGs voltadas para o desenvolvimento tecnológico sustentável.
- 5 Movimento dos Sem-Terra. Movimento conhecido no Brasil, que clama uma reforma agrária. Destacam-se seus assentamentos, nos quais as famílias desprovidas de propriedade, acampam.
- 6 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- 7 Estudo fornecido pelo IBGE pelo portal: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censoagro2006.pdf . A partir da página 47. Acessado em 24/09/2012.
- 8 Instituto de Tecnologia Social
- 9 “Por meio da Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Inclusão, o município implantou o Portal do Trabalhador e a Oficina Escola Têxtil. Com essas iniciativas, criou uma política articulada de programas sociais com ações de geração de emprego e renda para os beneficiários do Bolsa Família.”. Dado fornecido no site: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2242:catid=28&Itemid=23> . Acessado em: 24 set. 2012.
- 10 Dados encontrados no portal da associação: http://abong.org.br/quem_somos.php . Acessado em 24/09/2012.
- 11 Índice de Desenvolvimento Humano.
- 12 Projetos do ITS Brasil que visam irradiar o conhecimento, em suas mais amplas formas, para todos. Dados extraídos do portal online: <http://www.itsbrasil.org.br/projetos> . Acessados em 24/09/2012/
- 13 Órgão governamental responsável pelos direitos humanos do cidadão.
- 14 Conceito do Direito Civil que expressa o direito do cidadão que adquire a posse de um imóvel ou bem móvel em virtude do uso do mesmo por um determinado período de tempo.
- 15 Dados de Censo Agropecuário de 2006, fornecidos pelo portal do IBGE em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/default.shtm . Acessado em: 24/09/2012.

Referências

- CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS.
- FOUREZ, Gerard. **A Construção das Ciências**: Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.
- MORAES, Orozimbo José de. **Economia Ambiental – Instrumentos Econômicos para o Desenvolvimento Sustentável**. 1ª edição. São Paulo: Centauro, 2009.
- MOREIRA, Ildeu de Castro. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil**: a popularização da ciência e tecnologia como um elemento de inclusão. Vol. 1, Distrito Federal, nº2, 2006.
- PENTEADO, Hugo. **Ecoeconomia – Uma nova abordagem**. 2ª edição. São Paulo: Lazuli, 2008.
- REVISTA VEJA. São Paulo, SP: Editora Abril, ano 45, nº 25, p. 108, 20 jun. 2012. Semanal.
- REVISTA CONHECIMENTO – Ponte para a vida. São Paulo, SP: ITS Brasil, ano 1, nº 3, p. 6-21, 36–37, set. 2007.
- REVISTA CONHECIMENTO – Ponte para a vida. São Paulo, SP: ITS Brasil, ano 1, nº 4, p. 20–23, out. 2007.
- REVISTA CONHECIMENTO – Ponte para a vida. São Paulo, SP: ITS Brasil, ano 2, nº 5, p. 1-13, 31–33, jul. 2008.
- REVISTA CONHECIMENTO – Ponte para a vida. São Paulo, SP: ITS Brasil, ano 2, nº 6, p.6–19, out. 2008.
- REVISTA CONHECIMENTO – Ponte para a vida. São Paulo, SP: ITS Brasil, ano 2, nº 7, p.1–25, mar. 2009.
- VINHA, Valéria da; LUATROSA, Maria Cecília; MAY, Peter. **Economia do Meio Ambiente**. 2ª edição. São Paulo: Editora Campus, 2010.

Resumo

As propagandas estão sendo divulgadas mundialmente, e através delas percebemos se há uma linguagem universal. Comparando propagandas de empresas multinacionais, podemos chegar a uma conclusão.

Palavras-chave: comunicação, propaganda, consumo, globalização.

Abstract

The advertisements have being published worldwide, and through them we can realize if there is a universal language. Comparing advertisements of multinational companies, we can reach a conclusion.

Keywords: *communication, advertising, consumption, globalization*

1. Apresentação da propaganda e imprensa

Devido ao desenvolvimento da tecnologia, o homem mais facilmente se move entre os diferentes países, seja virtual ou fisicamente, influenciando todo o meio de trabalho, inclusive a comunicação.

Diante disso, a Propaganda e a Publicidade vêm crescendo mundialmente e, para isso, desenvolvem casos (“cases”) universais que transcendem a linguagem, a cultura, os costumes locais, focando em situações que valorizam a internacionalização do homem e a busca de objetivos sociais e ecológicos comuns: a linguagem universal.

Fábricas e indústrias visam a produzir para o mundo todo. As multinacionais empregam pessoas de diversas culturas e desenvolvem produtos para atingir a maior parcela possível do público-alvo.

Todos esses produtos precisam ser publicados e traduzidos universalmente; por isso a propaganda está em busca de uma linguagem universal. Várias marcas são conhecidas mundialmente e, para isso apresentam propagandas correspondentes para cada país, atingindo suas metas em relação à cultura de cada um.

2. O surgimento da propaganda e imprensa

A propaganda foi inventada muito antes do que pensamos. Já na Antiguidade, podemos afirmar a existência da mesma. Havia trocas de alimentos (mercadorias), levando-os de grandes a pequenas cidades, o comércio. Naquela época, a propaganda era dita, falada, chegando aos ouvidos da população que logo iria comprar a mercadoria, se tivesse interesse.

Em 1439, Johannes Gutenberg inventou um método prático para produzir de uma só vez, uma grande quantidade de cópias de um texto. Era um modo eficaz e produtivo, sem gastar muito esforço para reproduzir as longas páginas da Bíblia, pois essas eram escritas a mão. Com essa invenção, as notícias passaram a se espalhar mais rápido pela cidade.

Foi após a Revolução Francesa que a publicidade começou a se expandir atingindo o que é hoje.

Durante a Revolução Industrial, o concei-

to da propaganda se ampliou. Nessa época houve o desenvolvimento de grandes empresas de jornais, em países como Inglaterra, Estados Unidos e França. No Brasil, a primeira empresa de propaganda foi criada em 1914, em São Paulo, e era chamada Eclética.

3. As primeiras propagandas brasileiras

As propagandas brasileiras vêm cada vez mais ganhando seu espaço na economia internacional. O Brasil se encontra entre os quatro países mais premiados pelo Festival Internacional de Propaganda de Cannes.

Atualmente, 52% das propagandas são transmitidas pela televisão, 22% nos jornais, e o restante é dividido em revistas, *outdoors*, e rádios.

Em 1808 nasce a primeira propaganda brasileira no Rio de Janeiro, um anúncio sobre vendas de casas. E depois de 58 anos, são publicados os primeiros painéis nas ruas, e distribuídos panfletos de propaganda. As propagandas se aperfeiçoaram a partir do século XX, com a aplicação de cores, desenhos e fotos, atraindo cada vez mais os consumidores.

Figura 1 – Anúncio publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 20/02/1896. Uma das primeiras propagandas ilustrativas brasileiras.



Fonte: Imagem retirada do site: < <http://jamille1987.blogspot.com.br/2011/05/as-primeiras-propagandas-no-brasil.html> >. Acesso em: 25 set. 2012.

As propagandas ganham vida, e transmitem o seu charme aos brasileiros, influenciando-os ao consumo. Panfletos sobre roupas, joias, tecidos importados, shows de teatro entre outros chamam a atenção.

O consumo e a economia brasileira entraram em crise após o final da Primeira Guerra Mundial e a Crise de 29, sendo uma época muito difícil para a economia brasileira e a publicidade.

Figura 2 – Alguns exemplos de propaganda da época, como a chegada do achocolatado em pó Toddy, e a cerveja Brahma.



Fonte: fotos retiradas do site: <<http://jamille1987.blogspot.com.br/2011/05/as-primeiras-propagandas-no-brasil.html>>. Acesso em: 24 set. 2012.

4. Propaganda x consumidor

A propaganda foi criada para chamar a atenção para os produtos que acabaram de entrar no mercado. As propagandas são formas de provocar os telespectadores e chamá-los para consumir tal produto. Dessa forma contribuem para o desenvolvimento da economia e renda de um país.

Porém contribuem também para tornar as pessoas consumistas e/ou impulsivas. Quando veem as propagandas, elas passam a querer aquele produto e, não conseguindo se conter, compram a mercadoria. Dessa forma, as criações dos meios de comunicação e publicidade fortalecem a economia capitalista.

O capitalismo está atrás de tudo o que fazemos. Em um ano temos 4 estações, e para cada uma há um clima diferente. Com base nisso, temos que ter quatro tipos de roupas para cada estação, e assim cada ano apresenta uma tendência de moda diferente, da qual queremos sempre fazer parte. E para fazer parte, devemos comprar e consumir.

Chega a um ponto em que vivemos para isso, não conseguimos passar um dia sem gastar dinheiro. A gasolina que usamos, as nossas refeições, gastos com contas de água, luz, etc., tudo isso vira uma bola de neve que no final do mês chama-se: conta negativa.

5. Uma linguagem universal

O Festival Mundial da Propaganda ocorre anualmente em Gramado, RS, Brasil e elege os vídeos de propagandas mais bem elaborados, considerando o seu produto e o público-alvo determinado. Observando os ganhadores da categoria “Ouro – Peças isoladas” de 2011, chama a atenção o fato de que as peças mais premiadas são aquelas que não apresentam linguagem verbal, e sim apenas linguagem visual.

5.1 Rollercoaster

Figura 3 – Cena do vídeo Rollescoaster, uma propaganda realizada para a Orquestra de Câmara de Zurique.



Fonte: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html>. Acesso em: 12 jun. 2012.

O vídeo chamado de *Rollercoaster* foi criado pela agência Euro RSCG para divulgar as apresentações da Orquestra de Câmara de Zurique. A utilização da música rápida e os movimentos em alta velocidade da câmera sobre uma partitura transmitiram a emoção e adrenalina de uma montanha russa, cujo destino final seria a Orquestra da Câmara de Zurique. Este material ganhou o prêmio de melhor propaganda minimalista, segundo o site *Encontre Dicas*, ao apresentar uma ideia criativa, nunca apresentada antes. A propaganda passa ao público-alvo a vontade de ir ao concerto.

5.2 Café Tainá

Há também uma propaganda brasileira ganhadora da melhor ilustração, segundo o site *Encontre Dicas*, dentro da mesma ideia da não utilização de falas. O “Café Tainá”, apresenta seu tema principal como: “Quando dormir não é uma opção”.

Figura 4 – Propaganda do café Tainá



Fonte: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html>. Acesso em: 12 jun. 2012.

5.3 Live the Language – Paris

Com um critério parecido com o das propagandas acima, o vídeo *Live de Language – Paris* divulga uma empresa de viagens, turismo e intercâmbio. Essa propaganda mostra a cultura da França, trazendo a língua francesa para o comercial, fazendo o público se interessar pelo local ao qual a propaganda se refere. Apresenta a mistura da linguagem visual com a verbal, porém de um modo diferente, apenas

com o visual é possível compreender a mensagem: fazer o público se interessar pela França, pela língua francesa e pela cultura.

Figura 5 – Cena inicial do vídeo *Live the Language – Paris*



http://www.youtube.com/watch?v=1QO8LoGNpc&feature=player_embedded

Acesso em 12 de Junho de 2012.

6. No caminho oposto da universalidade

6.1 Feito para “hermanos”

Uma reportagem de *O Estado de São Paulo*, caderno de negócios, publicada no dia 19 de março de 2012, página N8, apresenta as diferenças entre duas propagandas de carro da marca Peugeot, uma feita para o Brasil e outra para a Argentina. Foram realizadas duas propagandas diferentes para atingir os objetivos da marca da seguinte forma: no Brasil, os recursos mais utilizados, segundo o publicitário Celso Loducca, foram “focar no carro e mostrar os conceitos como potência e masculinidade”, enquanto que na Argentina, o anúncio “preza os atributos como elegância e estilo, e o carro mal aparece”. Loducca argumenta que “a população é mais homogênea e educada na Argentina, capaz de captar mensagens mais sofisticadas. No Brasil, precisamos ser mais literais para atingir diferentes tipos de consumidores”.

7. Uma marca mundialmente conhecida

A Coca-Cola é uma marca mundialmente conhecida. Trata-se de uma empresa de bebidas (refrigerantes e água) criada originalmente em 1886 nos Estados Unidos, Atlanta. Ela atua hoje em mais de 200 países, entre eles: Canadá, México, Cuba, Panamá, Porto Rico, França, Espanha, Bélgica, Itália, Guatemala, Honduras, Peru, Austrália, África do Sul. Segundo estimativas, seriam servidas 1,7 bilhão de doses por dia de seus produtos.

A empresa investe muito em propaganda. Como exemplo, na propaganda abaixo são utilizadas as linguagens visual e musical, podendo assim atingir uma grande quantidade de países. Dessa maneira, não é necessário investir na tradução de várias línguas, sendo uma forma básica e bonita de transmitir o tema aplicado.

A maneira como é apresentado o tema principal “Copa do Mundo”, em que todos os países são campeões é uma linguagem universal.

Figura 6 - Cena de vídeo produzido durante a Copa do Mundo de 2010 com o título Coca-Cola - Waving Flag



Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=V7Nr9MsDB88>>. Acesso em 12 de Junho de 2012.

8. Temos realmente uma linguagem universal?

Depois das diversas pesquisas, podemos notar que os filmes de propaganda não precisam de uma linguagem falada para serem compreendidos. A emoção e a ideia do produto pode ser passada por meio da expressão do corpo humano e da música. Essa é a verdadeira linguagem universal.

Retomando os princípios dos filmes mudos como os de Charlie Chaplin, tivemos em 2012 um grande sucesso, o filme ganhador de 5 Oscars, *O Artista*, dirigido por Michel Hazanavicius, que foi totalmente realizado em branco e preto, sem falas, somente com interpretação dos personagens e música instrumental de fundo.

Figura 7 – Cena do filme *O Artista*



Fonte: <<http://omelete.uol.com.br/videos/o-artista-trailer-legendado/>> Acesso em: 10 jun. 2012.

Outro exemplo é o maravilhoso e romântico filme de propaganda da Canon, contemporâneo, colorido e sem nenhuma fala, somente atuação e música, intitulado *Igrejas*.

Figura 8 – Cena do filme *Igrejas*



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=9kiQN3_U4Oc> Acesso em: 8 jun. 2012.

E ainda comercial da Volkswagen ganhou o prêmio Ouro das Melhores Propagandas do Mundo de fevereiro de 2011, segundo o site *Encontre Dicas*. Também é rico em imagem e ação com uma música contundente de fundo.

Figura 9 – Cena de comercial da marca Volkswagen



Fonte: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html> Acesso em: 9 jun. 2012.

9. Conclusão

A publicidade e propaganda brasileiras vêm crescendo muito rápido e são reconhecidas mundialmente por seu belo trabalho e criatividade na mídia. Muitos profissionais brasileiros são contratados por empresas estrangeiras, que procuram cada vez mais jovens talentos brasileiros.

A técnica mais utilizada ultimamente pelos publicitários é não usar a linguagem verbal, e sim apenas música de fundo e imagens. Isso faz com que o telespectador pare para refletir sobre a propaganda.

Referências

- CAFÉ Tainá: Não Durma. **Encontre Dicas**. São Paulo, 26 mar. 2011. Disponível em: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html>. Acesso em: 9 jun. 2012.
- COELHO, Daniele Maria Teixeira. A publicidade comparativa e seu tratamento legal. **Revista Forense**, São Paulo, v. 354, 2003.
- CUNHA, Lilian. Feito para 'Hermanos'. Making of. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2012. Ilustrada, p. N8.
- ECKSTEIN, Axel. The Force: Volkswagen Commercial. **Encontre Dicas**. São Paulo, 26 mar. 2011. Disponível em: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html>. Acesso em: 12 jun. 2012.
- GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: comunicação persuasiva**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- JOHN, Ricardo. Igrejas. Comercial da Canon. **Encontre Dicas**. São Paulo, 26 mar. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9kiQN3_U4Oc>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- LIVE the language – Paris. **You Tube**. São Paulo, 30 out. 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1_QO8LoGNpc&feature=player_embedded>. Acesso em: 12 jun. 2012.
- O ARTISTA. Trailer Legendado. Omelete. **UOL Vídeos**. São Paulo. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/videos/o-artista-trailer-legendado/>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- THE COCA-COLA Company. **Wikipedia**. São Paulo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Coca-Cola_Company>. Acesso em: 12 jun. 2012.
- WAVING Flag. **You Tube**. São Paulo, 1 maio 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=V7Nr9MsDB88>>. Acesso em: 12 jun. 2012.
- ZKO Rollercoaster. **Encontre Dicas**. São Paulo, 26 mar. 2011. Disponível em: <http://www.encontredicas.info/2011/03/as-melhores-propagandas-do-mundo-de_26.html>. Acesso em: 9 jun. 2012.

Resumo

O tema desta monografia é a taxa de fecundidade. Neste trabalho, falarei sobre o conceito e a importância dessa taxa, tendo o foco no Brasil. Além disso, será discutido como ela é influenciada e como ela se relaciona com o número populacional.

Palavras-chave: fecundidade, taxa de fecundidade, influências no número da população, população, crescimento populacional, Brasil, demografia.

Abstract

The theme of this monograph is the fertility rate. In this report, I will talk about the concept and the importance of this rate, with focus on Brazil. Furthermore, it will be discussed how it is influenced and how it relates to the number of population.

Keywords: *fecundity, fertility rate, influences on population numbers, population, population growth, Brazil, demography.*

1. Introdução

De acordo com as recentes projeções demográficas, a população mundial, atualmente com mais de 7 bilhões de habitantes, deverá atingir aproximadamente 9 bilhões por volta de 2050,¹ e posteriormente entrar em declínio. Isso poderá acontecer, pois com o envelhecimento da população e a diminuição do número de nascimentos, ocorrerá, com o tempo, um equilíbrio entre as taxas de natalidade e mortalidade² e, depois disso, o número de mortes será superior ao de nascimentos, causando a diminuição da população mundial.

Atualmente, nota-se, em vários países, sobretudo os desenvolvidos e emergentes, rápida desaceleração do crescimento populacional. Nesses países as pessoas estão tendo cada vez menos filhos e aumentando a expectativa de vida. Caso essa tendência não se modifique, ocorrerá um processo de retração populacional mundial e um envelhecimento da população, com fortes impactos econômicos e sociais.

O crescimento da população mundial, dado o número que atingiu nos dias atuais, merece atenção especial por parte de diversos especialistas. Hoje estamos enfrentando diversos problemas que influenciam a nossa vida e que, conseqüentemente, influenciarão a vida dos futuros habitantes desse planeta. Com a população crescendo essa situação só deve piorar, mas o seu declínio acentuado também é foco de problemas.

O mundo precisa mudar e essa mudança deve ocorrer o mais rápido possível, de forma ordenada, com um planejamento bom e que nos ajude para que, no futuro, os diversos fatores com os quais devemos nos preocupar não sejam mais um problema. Esses fatores são a administração dos alimentos, a quantidade de água potável que ainda nos resta, os problemas ambientais que vão destruindo o mundo e seus recursos, a poluição que causamos ao meio ambiente, a estrutura do local em que vivemos, o saneamento e a educação, as diversas formas encontradas de exclusão, o envelhecimento da população em idade ativa, entre outros.

Além disso, é imprescindível que os países façam mudanças em relação à previdência social e à idade da aposentadoria, pois com o aumento do envelhecimento da população e a diminuição dos jovens e trabalhadores, problemas econômicos surgirão. Alguns países já estão fazendo essas mudanças, mas muitos ainda precisam pensar nessa possibilidade.

Levando isso em consideração, pesquisarei

a taxa de fecundidade de diversos países e a do Brasil, pois esse indicador é influenciado por vários fatores e, além disso, ele nos dá uma ideia do que pode vir a acontecer com o número populacional mundial e como isso nos afetará com o passar do tempo.

2. A taxa de fecundidade e sua importância

A taxa de fecundidade é o número médio de filhos nascidos vivos que uma mulher teria ao final de sua idade reprodutiva (seu período fértil). Seu cálculo é feito pela razão entre o número de filhos nascidos e o número de mulheres entre 15 e 49 anos em uma população.

O resultado apresentado pela taxa tem grande importância, pois esse indicador mostra a tendência da população aumentar ou diminuir e, caso o valor obtido seja menor que 2,1 filhos por mulher, a reposição populacional não é garantida. Isso ocorre pelo fato de as duas crianças substituírem os pais e “a fração 0,1 é necessária para compensar os indivíduos que morrem antes de atingir a idade reprodutiva.”³

3. As influências que alteram a taxa

O número de filhos que uma mulher tem é influenciado por muitos fatores que foram aumentando com o passar dos anos, e a tendência no mundo todo é a diminuição da taxa de fecundidade.

A partir do momento em que um país começa a se desenvolver, uma das conseqüências é o aumento da urbanização e, com isso, as mulheres passam a ter menos filhos. Esse fenômeno ocorria porque, nas áreas rurais, as famílias pensavam que, para ter ajuda nos trabalhos no campo, necessitavam ter um grande número de filhos. Hoje isso aparece com menos frequência, pois as máquinas substituem boa parte do trabalho do homem no campo.

Além disso, nas grandes cidades o acesso a informações referentes aos métodos contraceptivos é muito maior e mais fácil, auxiliando na diminuição do número de filhos que uma mulher tem. Isso ocorre, pois a partir do momento em que as pessoas sabem como prevenir a gravidez, o número de filhos existentes em cada família acaba diminuindo e a gravidez passa a ser planejada. Os principais métodos utilizados são a camisinha, a pílula anticoncepcional e a esterilização, tanto do homem quanto da mulher.

Outra influência que a urbanização tem, em relação à diminuição da taxa de fecundidade, é o fato de o custo de vida em áreas

urbanas ser mais alto. Todas as despesas são maiores e os gastos de uma pessoa são essencialmente com: alimentação, saúde, transporte, educação e habitação. Isso faz com que as pessoas tenham seu planejamento familiar e ele muitas vezes influencia na decisão de ter filhos ou não.

No Brasil, a alta taxa de impostos acarreta um elevado custo de vida. Outro fato que gera muitos gastos para a população é a falta de suporte e investimento do país em relação às coisas básicas que todos necessitam (e que fariam com que o desenvolvimento do país fosse cada vez maior), pois as despesas na criação dos filhos ficam cada vez mais elevadas.

A situação de hoje no nosso país é preocupante em relação ao investimento nos hospitais, transporte e educação e, no caso das habitações, muitas pessoas vivem em moradias precárias (sem saneamento básico, principalmente) ou até mesmo em favelas.

Os hospitais públicos não têm infraestrutura decente, não há espaço para os pacientes serem atendidos, há falta de medicamentos e de médicos, as pessoas não conseguem ter o atendimento na hora, as filas de espera para determinados tratamentos chegam a ter anos, etc. Com isso, as pessoas que querem ter a garantia de um bom tratamento de saúde quando precisarem, acabam gastando seu dinheiro com assistência médica e com as despesas que o convênio médico não cobre.

Os transportes públicos (coletivos) não são eficientes. Isso é fato porque, além de não serem de alta qualidade (são velhos e muitas vezes quebram ou têm algum tipo de problema), eles não conseguem suprir a necessidade da população que depende desse meio de transporte. Por isso, superlotações que prejudicam esse veículo são frequentes, gerando mais problemas, e a parcela de pessoas que necessitam do transporte coletivo é bem expressiva.

Desse modo, muitas pessoas sentem necessidade de comprar um carro para que, assim, possam se locomover quando precisarem e não sejam dependentes dos transportes públicos. Como consequência disso os gastos aumentam, pois há não só o valor do carro, mas o de todas as despesas que ele gera para seu funcionamento e manutenção.

Nosso ensino público tem duas faces: as escolas e as universidades. Os colégios têm baixíssima qualidade e isso indica uma retração, pois já houve uma época na qual o ensino público era melhor que o privado. As escolas pú-

blicas não têm uma boa infraestrutura e existe cada vez mais a falta de professores.

Ao contrário das escolas, as universidades públicas são de ensino com alta qualidade. Por esse motivo, a preferência da maior parte das pessoas é entrar em uma universidade pública. Nela, o bom ensino é garantido, além das vantagens que uma pessoa encontra ao estudar em uma instituição pública (como o valor nulo a ser pago pelo curso).

Hoje, devido aos problemas que o ensino público tem, aqueles que querem garantir uma boa educação para seus filhos e um (provável) bom futuro, precisam investir no ensino privado e isso só gera mais despesas para a família.

Alguns outros fatores que acabam influenciando a tendência mundial da redução do número de filhos que uma mulher tem são: o grande número de mulheres inseridas no mercado de trabalho (o que faz com que elas se dediquem mais à vida profissional e menos à vida em suas casas e cuidando dos filhos); a escolaridade feminina que teve um grande aumento (fazendo com que as mulheres tenham mais conhecimento e consciência de seus atos).

4. As influências que a taxa de fecundidade têm no número da população

Por ser o indicador que calcula o número médio de filhos que uma mulher pode ter ao longo de sua vida, a taxa de fecundidade sempre irá influenciar o número populacional. A comparação feita entre as taxas ao longo dos anos é o que mostra se a tendência da população é aumentar ou diminuir.

A cada ano o ritmo do crescimento da população apresenta uma diminuição e, atualmente, a taxa do crescimento populacional é de 2,02% ao ano. A ONU (Organização das Nações Unidas) fez estimativas que apontam para 2050 o ritmo anual de 0,33%⁴ e isso mostra claramente a desaceleração que já está sendo presenciada por todos nós.

Além disso, “as taxas de fertilidade globais nos últimos cem anos declinaram consistentemente, de um pico de 6 filhos por família na aurora do século 20 a 5, em 1950, e 2,5 hoje”⁵. Considerando dados de 2009, foram divulgadas pela ONU as seguintes taxas de fecundidade: Ásia (2,3), África (4,45), Europa (1,52), Oceania (2,42), Estados Unidos da América e Canadá (2,02), América Latina (2,17) e Brasil

(1,94).⁶

As taxas da Europa, do Canadá, dos Estados Unidos da América e do Brasil já indicam diminuição no número populacional, pois o valor dessas taxas está abaixo do valor necessário para a reposição da população (2,1).

Caso essa tendência atinja a África, a Ásia, a Oceania e a América Latina, poderemos então concluir que não haverá reposição da população e, portanto, ela começará a diminuir.

5. Consequências do aumento e da diminuição da população

Com a população mundial aumentando cada vez mais, os países devem ter um bom planejamento para que não surjam muitos problemas junto ao crescimento.

Pessoas têm necessidades básicas para sobreviver e é primeiramente com isso que devemos nos preocupar. Saúde, alimentação, moradia e educação são o básico a que todos devem ter acesso, mas isso não acontece em alguns lugares.

Esse é um problema que muitos países enfrentam e isso deve ser combatido desde já, pois caso não haja atuação contra esse fato, a situação só irá piorar para aqueles que já o enfrentam e países que não têm esse tipo de problema correm o risco de enfrentá-lo num futuro próximo.

É necessário que haja planejamento.

A saúde precisa ter alta qualidade, pois com isso ocorrerão menos mortes, a expectativa de vida da população irá aumentar e também acontecerá o aumento da qualidade de vida. Ter saúde acarreta em uma vida melhor, porque as pessoas têm menos coisas com que se preocupar (tratamentos, remédios, consultas médicas, etc) e têm mais disposição para o dia a dia, ou seja, para viver.

A urbanização deve ser muito bem planejada, pois as cidades irão comportar cada vez mais pessoas e sua estrutura deve ser perfeita. Hoje, muitas cidades já encontram problemas de estrutura, com existência de moradias precárias (sem saneamento) e até mesmo favelas. Além disso, há a questão do transporte, que muitas vezes não é eficiente e só gera mais problemas para os cidadãos.

O controle em relação à comida e à água também deve ser feito, simplesmente porque sem alimentação nenhum ser humano sobrevive. Outro fato importante é que a água está aca-

bando e os alimentos precisam ser bem controlados para que não exista a fome e o desperdício.

Muitos países, principalmente os da África, sofrem com a falta de alimentos. Outros, como os Estados Unidos da América, têm índice de abundância em relação a eles. Além disso, em países como os Estados Unidos da América, a quantidade de alimento que cada pessoa consome é muito maior do que a necessária para a sobrevivência de um indivíduo. Essa desigualdade não deve existir e precisamos agir para que isso mude.

Além desses fatores, também é necessário o planejamento da educação, pois para que um país se desenvolva a educação é fator de grande importância. Uma população com educação significa uma população com conhecimentos e isso leva a sociedade, com o tempo, ao desenvolvimento. As ideias surgem e, com elas, as melhorias.

Depois do crescimento, surgirá a estabilização e, posteriormente, a diminuição da população.

A Divisão de População, uma agência da ONU, estima⁷ que a estabilização ocorra aproximadamente em 2100. Depois disso, a diminuição da população é uma consequência, pois a estabilidade não é eterna, e mais problemas poderão surgir.

A partir do momento em que o número de filhos que cada mulher tem diminuir, que a saúde tem melhor qualidade, que há mais educação e melhor qualidade de vida, um fator que aparece é o envelhecimento da população.

6. Os efeitos do envelhecimento da população na sociedade e na economia

Como consequência da diminuição da população, surgirá o envelhecimento dela.

Quando isso acontecer, o número de idosos obviamente aumentará e, com isso, algumas coisas deverão mudar nas sociedades. A economia será afetada e a vida de todos os jovens também.

Como o número de aposentados será maior, os gastos com a aposentadoria também aumentarão. Além disso, a população de trabalhadores irá diminuir, causando problemas no ramo dos negócios que afetarão toda a população mundial.

Os jovens terão mais despesas, pois os

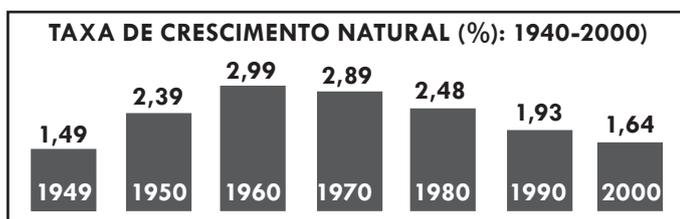
governos gastarão mais (com o maior número de aposentadorias) e os impostos que a população paga ao governo serão cada vez mais altos. Outro fator é o campo da saúde, que deverá estar em constante evolução, mantendo a alta qualidade, pois quanto mais idade uma pessoa tem, mais propícia a ter problemas de saúde ela é.

Para que tudo isso seja combatido, providências como o aumento da idade de aposentadoria, o estímulo para a introdução e permanência das pessoas no mercado de trabalho e as pesquisas para as melhorias e os avanços na área da saúde devem acontecer.

Esses são os primeiros passos, mas muita coisa ainda deve ser discutida para que o planejamento funcione e os problemas diminuam.

7. A taxa de fecundidade no Brasil

No Brasil, a partir da década de 1960, começa a ser vista uma diminuição da taxa de crescimento populacional e a principal razão para que essa queda seja contínua é a diminuição da taxa de fecundidade, que foi muito influenciada pelo intenso processo de urbanização. O gráfico a seguir mostra essa clara diminuição.



Fonte: IBGE

Fonte: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/populacao-brasileira-crescimento-fecundidade-e-outros-dados-demograficos.jhtm>>. Acesso em 09 junho 2012.

A desaceleração demográfica passa a ocorrer a partir da década de 1960, ou seja, “a diminuição das taxas de natalidade passou a ser maior que a das taxas de mortalidade, registrando (...) tendência à queda”.⁸

Em 1960 a taxa de fecundidade era de 6,3 filhos e a partir daí a taxa só diminui, ou seja, as famílias brasileiras são cada vez menores. Dez anos depois, a taxa foi de 5,8 filhos por mulher e na década seguinte diminuiu para 4,4. Em 1991 a taxa era de 2,9, no ano de 2000, a taxa foi de 2,38 filhos e em 2006, de 2 filhos por mulher, atingindo um valor abaixo da taxa de reposição (2,1). Quatro anos depois (2010), o valor da taxa caiu para

1,86 filho.⁹

Entre 2000 e 2010, a queda foi de 21,9% (como pode ser visto na tabela abaixo) e em todos os estados houve diminuição da taxa de fecundidade. “O Sudeste tem a menor taxa, de 1,66 filho por mulher; e o Norte, a maior, de 2,42 filhos por mulher. O Rio de Janeiro tem a menor taxa entre os Estados, 1,62 filho por mulher.”¹⁰

Tabela 1 - Grandes Regiões - Taxa de Fecundidade Total - 2000-2010

Grandes Regiões	Taxa de Fecundidade Total		Diferença Relativa 2000/2010(%)
	2000	2010 ⁽¹⁾	
BRASIL	2,38	1,86	-21,9
NORTE	3,16	2,42	-23,5
NORDESTE	2,69	2,01	-25,2
SUDESTE	2,10	1,66	-21,0
SUL	2,24	1,75	-21,7
CENTRO OESTE	2,25	1,88	-16,3

Fonte: Censos Demográficos 2000/2010

(1) Resultados Preliminares

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1>. Acesso em: 9 jun. 2012

8. Conclusão

Hoje, o Brasil apresenta uma situação na qual a maioria da população é adulta e, pelo fato de a maior parcela da população ser ativa, o país deve aproveitar o momento para uma janela de oportunidades.

Como o número de filhos que as mulheres têm está diminuindo cada vez mais e a dedicação ao trabalho é maior, nosso país precisa adotar medidas de incentivo ao trabalho, para que a economia seja cada vez melhor e o país cresça.

Além disso, medidas como o planejamento da estrutura da sociedade devem ser feitas e tudo isso só irá gerar mais desenvolvimento e trará vantagens para nós.

A diminuição na taxa de fecundidade pode abrir, nesse momento, a janela de oportunidades e, no futuro, causará o envelhecimento da população. Com isso, concluo que se o país aproveitar esse momento e fizer todas as melhorias possíveis, mais adiante a população não terá tantos problemas com o envelhecimento da população e isso só traz o crescimento da qualidade de vida e o desenvolvimento do país.

Notas

- 1 “Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), a Terra terá pouco mais de 9 bilhões de habitantes em 2050, crescendo a um ritmo anual de apenas 0,33% ao ano.” FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. A População Mundial. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/populacao-mundial.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- 2 **Taxa de natalidade**: Número de pessoas que nascem por 1.000 habitantes durante 1 ano; **Taxa de mortalidade**: Número de pessoas que morrem por 1.000 habitantes durante 1 ano.
- 3 FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Taxa de Fecundidade. **Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- 4 “a Terra terá pouco mais de 9 bilhões de habitantes em 2050, crescendo a um ritmo anual de apenas 0,33% ao ano, considerado inferior à taxa atual (2,02%).” FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. A População Mundial. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/populacao-mundial.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- 5 PACIORNIK, Celso. E se a população mundial encolher? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 31 out. 2011. Internacional, p. A16.
- 6 Dados obtidos em: FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Taxa de Fecundidade. **Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- 7 MANIR, Mônica e SAYURI, Juliana. Pra onde vai esse trem? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2011. Aliás, p. J4-J5.
- 8 MENDONÇA, Cláudio. População brasileira: Crescimento, fecundidade e outros dados demográficos. **UOL Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/populacao-brasileira-crescimento-fecundidade-e-outras-dados-demograficos.jhtm>>. Acesso em: 23 mar. 2012.
- 9 Dados obtidos em: FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Taxa de Fecundidade no Brasil. **Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade-no-brasil.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2012.
- 10 Média de filhos por mulher cai a 1,86 no País, diz IBGE. **UOL Mulher**. Rio de Janeiro, 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2011/11/16/media-de-filhos-por-mulher-cai-a-186-no-pais-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

Referências

- CARVALHO, José Alberto Magno de; BRITO, Fausto. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 351-369, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/rbepop/v22n2/v22n2a07.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- CENSO 2010: País tem declínio de fecundidade e migração e aumentos na escolarização, ocupação e posse de bens duráveis. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 16 nov. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FECUNDIDADE, Natalidade e Mortalidade. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/fecundidade.html#anc3>>. Acesso em: 9 jun. 2012.
- FARID, Jacqueline. IBGE: mulheres menos instruídas têm mais filhos. **Estadão.com.br**, 17 set. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-mulheres-menos-instruidas-tem-mais-filhos,611319,0.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2012.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. A População Mundial. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/populacao-mundial.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Taxa de Fecundidade. **Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Taxa de Fecundidade no Brasil. **Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade-no-brasil.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

www.mundoeducacao.com.br/geografia/taxa-fecundidade-no-brasil.htm>. Acesso em: 9 jun. 2012.

GIANBIAGI, Fábio. **Demografia – a ameaça invisível**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

IBGE: População brasileira envelhece em ritmo acelerado. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 27 nov. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272>. Acesso em: 24 mar. 2012.

MANIR, Mônica; SAYURI, Juliana. Pra onde vai esse trem? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 outubro 2011. Aliás, p. J4 e p. J5.

MÉDIA de filhos por mulher cai a 1,86 no País, diz IBGE. **UOL Mulher**. Rio de Janeiro, 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2011/11/16/media-de-filhos-por-mulher-cai-a-186-no-pais-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

MENDONÇA, Cláudio. População brasileira: Crescimento, fecundidade e outros dados demográficos. **UOL Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/populacao-brasileira-crescimento-fecundidade-e-outros-dados-demograficos.jhtm>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

MENDONÇA, Cláudio. Demografia: Transição demográfica e crescimento populacional. **UOL Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/demografia-transicao-demografica-e-crescimento-populacional.jhtm>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

NASRI, Fabio. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. O envelhecimento populacional no Brasil. *Einstein*, Supl. 1, S4-S6, 2008. Disponível em: <<http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/833-Einstein%20Suplemento%20v6n1%20pS4-6.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

NAZARETH, J. Manoel. **Demografia – A ciência da população**. São Paulo: Editorial Presença, 2004.

PACIORNIK, Celso. E se a população mundial encolher? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 31 out. 2011. Internacional, p. A16.

PAIVA, Paulo de Tarso Almeida; WAJNMAN, Simone. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-322, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbepop/v22n2/v22n2a07.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

POPULAÇÃO mundial passará de dez bilhões até 2100. **ONU BR Nações Unidas no Brasil**, 3 maio 2011. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/populacao-mundial-passara-de-dez-bilhoes-ate-2100/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

ROLLET, Catherine. **Introdução à Demografia**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2007.

Resumo

O objetivo deste trabalho é o de descrever como a globalização, as três Revoluções Industriais e o aumento da população mundial afetaram o meio ambiente e as consequências com as quais devemos lidar. O texto também apresenta algumas das organizações não governamentais, grupos, reuniões e protocolos que discutem o meio ambiente e o novo conceito de desenvolvimento sustentável. Novas ideias e tecnologias são inseridas como algumas das soluções para o futuro: desde o método mais simples, como a reciclagem, até ideias mais complexas, como, por exemplo, a criação de um carro elétrico. Além disso, novas carreiras são indicadas por serem boas ideias para os próximos anos.

Palavras-chave: meio ambiente, ONG's, globalização, sustentabilidade, tecnologias, capitalismo.

Abstract

The main point of this report is to describe how the Globalization, the three Industrial Revolutions and the increase of the world population affected the environment and the consequences we have to deal with. The text also presents some of the Non-Governmental Organizations, groups, meetings and reports that discuss the environment and the new concept of sustainable development. New ideas and technologies are shown to be some of the solutions to the future: they discuss the basic methods such as recycling things or even complex ones, like developing an electric car. Some of the new professions are also indicated to be a good choice for the next years.

Keywords: environment, NGOs, globalization, sustainability, technology, capitalism

1. Introdução

Mudar o futuro. Esta bandeira, empunhada nos séculos XIX e XX por grupos e indivíduos tão generosos quanto apenas visionários, trocou de mãos no início do terceiro milênio. A desiludida frase do beatle John Lennon, “the dream is over”, em 1970, referia-se a um cenário que excluía qualquer hipótese de esperança para uma geração. Agora, estamos tratando de um sonho possível, que tem a natureza como patrimônio de todos. De mudanças que não subvertem as relações de produção, nem a ordem econômica – algo que abre caminho para deter o esgotamento de energia, garantir água potável, limpar o ar que respiramos nas grandes cidades, impor um controle maior das variações climáticas e suas consequências.¹

Um dos assuntos mais discutidos mundialmente nos últimos tempos tem sido a grande catástrofe em relação ao meio ambiente, causada pela evolução do capitalismo e surgimento da globalização: excesso de poluição, cidades crescendo cada dia mais, falta de recursos e desmatamentos. Além disso, essa economia também está causando problemas sociais, como o aumento da desigualdade, exclusão social e maior alienação da sociedade. Por isso, países de todo o mundo vêm se reunindo para discutir sobre os dias atuais e as tendências para o futuro, fazendo convenções e assinando protocolos.

Segundo Fritjof Capra², o capitalismo transformou a diversidade em monocultura, a ecologia em engenharia e a própria vida numa mercadoria. Por isso, esse modelo econômico não é viável a longo prazo, não sendo sustentável nem em questões ambientais, nem sociais e políticas.

Organizações não governamentais (ONGs) como o *Greenpeace*, o *Green Building Council* e a *World Wide Fund For Nature* (WWF), cientistas e até mesmo governantes estão procurando, cada dia mais, achar soluções para uma salvação mundial, e principalmente, informar a toda população dos riscos que estamos correndo.

Al Gore (ex-vice-presidente dos Estados Unidos da América – 1993/2001) fez muitas palestras ao redor do mundo mostrando índices atuais de emissão de gases, desmatamentos e ações prejudiciais ao meio ambiente. Em seguida, ele apresentou uma visão sobre a tendência de todos esses índices, indicando que a cada minuto que passa, o mundo só piora. Uma das palestras do presidente foi gravada, se tornou um filme *Uma Verdade Inconveniente* e ganhou o prêmio Oscar para melhor documentário no ano de 2007.

Wall-e, uma animação de Andrew Stanton, produzida pela Pixar Studios, nos mostrou uma visão de um futuro não muito distante, sendo considerada, por Pedro Butcher³, a história mais crítica da Pixar, pois envolve mensagens ecológicas e políticas.

Com tantas preocupações e manifestações contra a destruição do planeta, cientistas vêm pesquisando e criando as mais novas tecnologias, como a energia das ondas, também conhecida como maremotriz e, além disso, novas carreiras estão começando a surgir nas mais diversas universidades do mundo inteiro.

Esses encontros, protocolos e conferências já estão obtendo resultados, como a criação de leis ambientais, avanços em relação ao meio ambiente e a diminuição da emissão de substâncias tóxicas. Mas esses resultados ainda não são suficientes para impedir o fim de nossos recursos naturais ou mesmo desacelerar o ritmo da mudança climática que o planeta está sofrendo.

O principal objetivo do trabalho apresentado é discursar os recentes problemas que envolvem o nosso meio ambiente e como eles podem ser evitados no futuro. O trabalho discutirá o processo de evolução do capitalismo e será enfatizada a ação do homem e da tecnologia para a reversão das previsões traçadas.

2. Modelo econômico capitalista

O capitalismo é o sistema socioeconômico predominante desde o fim do feudalismo até os dias atuais no mundo ocidental. Nessa economia, tanto os meios de produção, quanto o capital por eles produzido, são propriedade privada. Tal modelo tem como principal objetivo o lucro. Os donos de terras pagam seus funcionários com salário em moeda, as mercadorias são somente para venda e, por consequência, todas as negociações são na base do capital.

A desigualdade social, nesse sistema, é inevitável a partir do momento em que alguns ganham mais e outros, menos, tendo como efeito a exploração trabalhista dos funcionários pelos proprietários e uma deficiência no balanceamento social. Não é surpreendente que índices recentes apresentam que, em sete bilhões de habitantes, 5% desses consomem um total de 23% de toda a energia produzida no mundo. Ou mesmo que 13% dos habitantes não possuem água potável e 38% carecem de saneamento básico.⁴

No entanto, Adam Smith (1723 – 1790), um dos idealizadores do liberalismo – modelo político-econômico em que cada um possui liberdade política, econômica e religiosa –, defende que cada indivíduo deve pensar no seu próprio “eu”, pois esse faria o melhor para si e toda a sociedade seria beneficiada. Apresenta, pois, que a divisão do trabalho e a desigualdade social seriam apenas resultados da falta de egoísmo.

Perceptivelmente, a visão da sociedade sobre o capitalismo nos dias atuais é um tanto diferente da perspectiva anterior à globalização econômica e à Terceira Revolução Industrial. Isso acontece porque atualmente tudo depende da internet, atividades econômicas se tornaram globalizadas e, segundo Fritjof Capra, esse capitalismo se estrutura em torno de redes de fluxos financeiros. Vale ressaltar que esse novo modelo não é sustentável, nem do ponto de vista econômico, nem do ponto de vista ambiental, e seria necessário reiniciar o processo, a partir de suas bases.

3. A Terceira Revolução Industrial

Foi a partir da década de 1970 que a Terceira Revolução Industrial inovou a concepção de sociedade. Redesenho de antigas tecnologias e surgimento de inúmeras outras, é o ponto de partida dessa nova era, distanciando-se da proposta da Primeira Revolução Industrial que tinha como característica principal o algodão e o aço e da Segunda Revolução Industrial, os ramos metalúrgicos e químicos.

É nesse novo momento que a tecnologia com a ciência desenvolve a informática com a criação de computadores, *softwares* e *chips*. Aumenta e melhora os meios de telecomunicação, baseando-se em satélites para aperfeiçoar as transmissões de rádios e televisores. A biotecnologia surge com a reforma de medicamentos e, a telefonia, variando entre fixa e móvel, melhora a comunicação instantânea.

Observada por um ponto de vista social, a revolução não apresenta apenas bons resultados. As novas máquinas e o início da robótica contribuíram para o aumento do desemprego mundial, pelo fato dessas cumprirem o papel de um ser humano, com uma maior eficiência nas indústrias em geral, e menor custo.

A propagação de tecnologias acarreta, também, algumas consequências que terminam por apresentar uma exaltação máxima do capitalismo e por acelerar e adaptar a globalização, um modelo de mercado mundial.

4. Globalização

Conhecida como o processo de integração econômica e social, a globalização iniciou-se na época das Grandes Navegações, mas após a Segunda Guerra Mundial, o modelo foi inovado pelas tecnologias surgidas na Terceira Revolução Industrial, somado de novas estruturas sociais e mudanças na economia.

A distância entre países “desenvolvidos” e “em desenvolvimento” cresceu muito desde o início do capitalismo e uma das consequências foi a necessidade, por parte dos países ricos, de atingir maiores mercados pelo mundo.

Com a ajuda da internet e da comunicação instantânea, o desejo dos países ricos foi realizado com uma enorme facilidade. O mercado passou a exportar muito mais mercadoria do que antes e o nível de importação também aumentou pelo fato da carência de matéria-prima, importada dos países pobres.

Esse “Novo Mundo” transformou a vida de muita gente. Marcas famosas em apenas um país tornaram-se famosas em todo o planeta. Por essa razão, podemos hoje estabelecer um *ranking* das marcas mais globalizadas como, por exemplo, a Coca-Cola, a IBM e a Microsoft, que ocupam os três primeiros lugares do *ranking* de 2011⁵. Todo o tipo de mercadoria, desde bens de consumo não duráveis até os duráveis, começaram a viajar pelo mundo afora à procura de mercados interessados.

Blocos econômicos, como o NAFTA, o MERCOSUL e a UNIÃO EUROPEIA, começaram a surgir. Esses têm como princípio o barateamento do comércio entre os países participantes e o fortalecimento das relações comerciais internacionais.

Um aspecto interessante sobre a globalização é que nem sempre essa tem a ver apenas com o mercado financeiro, mas sim com uma união de culturas. Habitantes de diversos países começaram a ter mais acesso e conhecimento sobre outros lugares, diferentes culturas e línguas, e tudo isso graças à internet e à televisão.

O intercâmbio passou a ser algo comum entre jovens de classe média-alta de todo o mundo: na Austrália, por exemplo, é fácil encontrar estudantes dos Estados Unidos, China, Alemanha, Brasil e Rússia juntos, compartilhando dos mesmos benefícios que os próprios australianos. Essa experiência, portanto, diminui o nível de alienação da sociedade, número que cresceu muito com o aumento da tecnologia.

A circulação de notícias é feita de maneira muito mais veloz. Acidentes que acabaram de ocorrer na China estão sendo transmitidos praticamente ao vivo aqui no Brasil. Pessoas de todo o mundo têm a possibilidade de saber informações de outros países em questão de segundos.

A música é outro ponto positivo desse novo modelo de vida: brasileiros ouvem música estadunidense enquanto os franceses ouvem a brasileira. Bandas inglesas fazem shows na Ásia e bandas australianas vão para a Europa. Simplesmente não existem mais barreiras para diferenciar umas das outras.

No começo, a globalização foi vista como um ótimo avanço para a humanidade. Segundo estudo feito pelo *The World Bank*, a qualidade de vida de muitos indivíduos melhorou e o índice de pessoas vivendo com menos de US\$1 diminuiu 20% em um período de 20 anos.⁶

Contrapondo-se a esse estudo, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou o livro *Flat World, Big Gaps*, que defende a tese de que a melhoria na economia de países, desenvolvidos e não desenvolvidos, foi desigual e que a taxa de pobreza não se reduziu.⁷

5. Organização Mundial do Comércio (OMC)

No comércio internacional, os países mais desenvolvidos sempre tiveram mais vantagens sobre os subdesenvolvidos, o que criava conflitos entre esses, que tentavam chegar a um acordo que beneficiasse ambos os lados.

O objetivo de criar a OMC, em 1995, foi o de haver uma intermediação entre os países que estão no campo econômico para impor regras e normas para, assim, estabelecer um padrão do qual todos pudessem se beneficiar.

6. Sete bilhões...

Uma das maiores preocupações sociais e econômicas de hoje em dia é a velocidade do crescimento populacional. Para exemplificar, basta lembrarmos que em 1800 a população mundial era de 1 bilhão de habitantes e, em pouco mais de 200 anos, esse número passou para 7 bilhões.

Poucas pessoas têm ideia da dimensão do número 7 bilhões, mas se você parar para pensar, com 7 bilhões de passos, é possível dar 133 voltas no planeta Terra, ou se contar até 7 bilhões em voz alta, demoraria 200 anos para terminar.⁸

No entanto, o problema não é só o número de habitantes ou quantas voltas se daria na Terra. O que vem incomodando muitos profissionais é o porquê desse crescimento acelerado e quais serão os efeitos disso nos próximos anos.

Uma boa resposta para explicar o aumento populacional é o desenvolvimento da biotecnologia e da medicina. As inovações propostas por essas áreas aumentaram a expectativa de vida mundial, ou seja, pessoas estão vivendo mais e, apesar de a taxa de natalidade ter-se reduzido em comparação a anos anteriores, ainda não é o suficiente para estacionar o crescimento.



Índices de natalidade, crescimento populacional e expectativa de vida

A melhoria na economia de países desenvolvidos e de alguns subdesenvolvidos diminuiu bastante a taxa de natalidade. No entanto, os países de baixa renda, considerados excluídos do capitalismo, apresentam, ainda, um alto índice de natalidade. Além disso, a economia acarreta, também, um maior êxodo rural, o que aumenta perceptivelmente a urbanização e a população morando em cidades. Como exemplo disso, podemos citar: em 1975, havia 3 cidades com mais de 10 milhões de habitantes, conhecidas como megalópoles; hoje, existem 21 dessas.¹⁰

O maior problema, na verdade, é que índices apresentam um crescimento de 150 mil pessoas diariamente nos próximos 40 anos e, para abastecer esse aumento, o planeta precisa de 70% mais comida e infraestrutura condizente. Segundo Jim Leape, da WWF, nós estamos usando 50% mais recursos do que a Terra consegue produzir sustentavelmente e, se não mudarmos os planos, esse valor crescerá tão rápido que, em 2030, dois planetas não serão suficientes para manter a população.¹¹

7. Clube de Roma

Fundado em 1968, pelo industrial Aurelio Peccei, com ajuda de cientistas e políticos, tem como objetivo discutir questões políticas e econômicas, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Os assuntos discutidos entre os membros são o rápido crescimento populacional e a rápida velocidade das indústrias.

Em 1972, os participantes do clube escreveram um relatório conhecido internacionalmente como o Relatório de Roma, que tratava de uma projeção de um futuro 100 anos distante, mostrando os problemas que existiriam para a humanidade, sobre questões socioeconômicas. O relatório dizia, como conclusão, que a solução para a estabilidade econômica seria o congelamento do momento atual, ou seja, congelamento da população e do mercado financeiro.¹²

8. Sustentabilidade

Diante do cenário apresentado, surge o conceito de desenvolvimento sustentável, com a ideia da não agressão ao meio ambiente. É um desenvolvimento econômico e material que incorpora em seus objetivos um controle ambiental.

“O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” é a definição de sustentável apresentada no Relatório Brundland.¹³ É o desenvolvimento da gestão ambiental, a exploração controlada de recursos, a preservação de florestas e animais e, principalmente, a inovação tecnológica, como energias limpas, novos meios de agricultura, entre outras medidas.

Reuniões e conferências vêm acontecendo nas últimas décadas e essas apresentam como principal foco a preocupação com o meio ambiente e a procura de soluções para o futuro.

9. Rio-92 e Rio+20

A II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano foi realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e visou solucionar a degradação ambiental.

A reunião teve a presença de representantes de diversos países e ONGs. Acordos foram firmados, como a Agenda 21, pela qual 179 países se comprometeram em cuidar do planeta. São 40 capítulos que englobam todos os aspectos desde o ar até o mar e apresentam métodos para a proteção ambiental e para alcançar o desenvolvimento sustentável.

Já a conferência conhecida como Rio+20 é o mais novo encontro, que será realizado também no Rio de Janeiro, em junho de 2012. Um dos seus principais temas é a Economia Verde, que propõe um novo sistema de produção, com objetivo de reduzir as emissões de gases e tornar mais eficiente o uso dos recursos naturais. Além disso, a Conferência tem como objetivo a renovação dos acordos estabelecidos na conferência anterior somada à erradicação da pobreza dos países membros.

A Rio+20 atrairá muita gente e muita atenção, mas questões políticas e econômicas vão dificultar que obtenhamos progresso. Não será dessa vez que veremos nascer novos acordos. As lideranças dos países ricos estão mais preocupadas em resolver seus problemas econômicos deflagrados pela grave crise que teve início em 2008, no mercado imobiliário americano, com reflexos posteriores nos países europeus.¹⁴

É o que afirma Maurice Strong, ex-secretário-geral da Eco-92 e hoje professor da Universidade de Pequim.

10. Organizações não governamentais

As ONG's são organizações sem fins lucrativos que atuam em áreas que, normalmente, estão com alguma necessidade de atenção especial, focando em problemas pouco vistos pelos Estados. Elas têm como temas de discussão o meio ambiente, a discriminação social, a pobreza e problemas econômicos.

É a partir de parcerias com empresas ou governos, ou na base de doações, que essas ONG's possuem verba para agir a favor de seus ideais.

Algumas organizações são conhecidas mundialmente. É o que acontece com o Greenpeace e a World Wide Fund for Nature (WWF), ambas visam a conservação da natureza, a preservação da vida animal e o desenvolvimento sustentável.

11. Seattle x OMC

As regras e normas criadas pela OMC, em 1995, não podiam se dizer sustentáveis, pois acarretaram uma série de problemas, como a desintegração social, uma deterioração do meio ambiente e, até mesmo, uma maior alienação do povo.

Para tentar analisar e compreender as inovações trazidas pela globalização, Manuel Castells¹⁵ escreveu o livro *The Rise of the Network Society*. Com a mesma proposta, ativistas diversos escreveram o *The Case Against the Global Economy* e constituíram um fórum, que apresentou como consequência o aparecimento de ONG's se opondo à OMC tanto em questões político-econômicas, quanto em questões ambientais e sociais.

Essas ONG's fizeram protestos em Seattle, lugar de encontro da OMC. A oposição ficou conhecida como Coalizão de Seattle e, em janeiro de 2001, houve um encontro dos opositores no Fórum Social Mundial em Porto Alegre (Brasil) no mesmo dia em que ocorreu o encontro no Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça). A provocação se deu pelo fato de que, no Brasil, o encontro contou com a participação de milhares de homens e mulheres, de todas as raças e, em Davos, o encontro foi secreto, apenas com grandes representantes empresariais.

O encontro no Brasil discutiu o tema "Um Outro Mundo é Possível" e a possibilidade de esse mundo existir. Com o tamanho e a repercussão que o evento obteve, Seattle se tornou um símbolo da resistência mundial, "sede" da

campanha para mudar as Organizações Mundiais do Comércio.

12. Green Building Council (GBC)

Usufruindo de novas tecnologias, a ONG visa estimular a sustentabilidade nos países por meio de construções civis. Criou a certificação *Leadership in Energy and Environmental Design* (LEED) que verifica as condições de um projeto, seja em questão de eficiência energética, qualidade ambiental interna e racionalidade de água, e emite seu selo de aprovação para construções que vêm sendo planejadas em todo o mundo.

No Brasil, um dos países onde a ONG tem participação, já existem 40 prédios certificados e 371 em processo, posicionando-o em 4º lugar no ranking mundial. Inclusive o país decidiu criar um ambiente sustentável nos eventos esportivos que estão para acontecer: Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016).

Um aspecto importante em um projeto de construção civil é o custo. Entretanto essa é uma preocupação que pode ser descartada, afinal uma construção sustentável de acordo com as certificações e informações da ONG, custa no máximo 7% a mais do que as construções civis normais. Esse custo é recuperado na economia de energia e água e na valorização de 10% na revenda do imóvel.¹⁶

13. Profissões e tecnologias em favor do meio ambiente

Com essa preocupação com o meio ambiente e o futuro do planeta, tecnologias foram se inovando, a maioria com características sustentáveis e, além disso, profissões em prol do desenvolvimento sustentável foram se sobressaindo em meio às outras.

Profissões como agronomia, ecologia, geologia, zootecnia, meteorologia e oceanografia são conhecidas e praticadas para beneficiar o ser humano e estudar a sua relação com a natureza e o planeta. Estudam as águas, as terras, a atmosfera, e procuram obter índices das modificações que a Terra vem sofrendo.

Por outro lado, as engenharias são responsáveis por importantes inovações tecnológicas. A engenharia ambiental, por exemplo, é a carreira que cuida do desenvolvimento sustentável, aplica sistemas de água e esgotos e projeta construções civis, respeitando os limites de

recursos naturais.

A engenharia de energia tem uma participação crucial na questão de inovações tecnológicas sustentáveis, pois além de cuidar de energias não renováveis, como carvão, gás natural ou energia nuclear, também planeja a construção de usinas de energia renováveis. Foi com pesquisas e trabalhos desses profissionais que se criaram tecnologias para captar energia do sol, dos ventos e das águas.

A energia dos ventos, conhecida também como energia eólica, está passando por um momento de evolução. É uma energia que, há 20 anos, durante a Eco-92, teve o seu primeiro gerador instalado no Brasil, e a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) prevê um aumento de 7% do uso dessa tecnologia até 2020. Esse aumento se deve ao barateamento da construção e da energia produzida. De R\$ 300, em 2004, caiu para R\$ 100 o preço do megawatt-hora (MWh)¹⁷, em 2011¹⁸. Outra tecnologia revolucionária é a energia solar: essa cresceu 300 vezes em 20 anos.

Ainda não é a coisa mais comum, mas notícias de iniciativas sustentáveis por parte de empresas e pessoas físicas estão se intensificando. Alguns cidadãos paulistanos já separam seu lixo em plástico, metal, papel e vidro e mandam para empresas que reciclam esse material, tornando-o novo para uso. Isso representa apenas 1% das 15.000 toneladas de resíduos produzidas diariamente pela cidade de São Paulo¹⁹. Mas segundo o Chefe do Departamento de Economia e Comércio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Steven Stone, a prática da coleta seletiva feita em todo o Brasil já movimentou R\$ 4 bilhões por ano e evita o lançamento de mais de 10 milhões de toneladas de gases de efeito estufa.²⁰

Com a pressão da ONG Greenpeace sobre as grandes marcas da moda, a Nike, Puma e Adidas já se comprometeram em zerar a emissão de substâncias tóxicas que estavam afetando o rio chinês Yangtzé até 2020.

As ameaças climáticas que a população mundial vem sofrendo causaram algumas mudanças e uma das atitudes tomadas em favor da melhoria do meio ambiente foi a construção de hotéis denominados “eco chic”, ou seja, hotéis que estão de acordo com as características de sustentabilidade. Uma novidade ocorre no hotel *Cottage Lodge*, na Inglaterra: além de os quartos serem revestidos de bambu, a energia vir do sol, o aquecimento ser à base de lenha e as camas terem sido feitas à mão, a televisão é movida a pedal, “perfeita para aqueles

que querem reduzir o seu impacto sobre o meio ambiente e entrar em forma ao mesmo tempo”, explica o responsável pelo hotel.

Foi na década de 1970, com o preço do petróleo altíssimo, que concessionárias de carros começaram a pesquisar outros tipos de combustíveis para baratear o preço e, por consequência, não diminuir a venda de carros. Além do gás natural, veio a ideia do veículo movido a energia elétrica.

Apesar de ter sido uma brilhante descoberta, os carros elétricos não foram tão bem-vindos quanto o esperado e desapareceram alguns anos depois. Todavia, com o tema de sustentabilidade reinando nas notícias, e com a preocupação do fim das fontes de recursos naturais como o petróleo, a ideia do carro elétrico vem surgindo novamente, mas com um apoio muito maior de governos, empresas e ONG's.

O presidente do Instituto das Concessionárias do Brasil, Evaldo Costa, indaga:

Estariamos hoje revivendo os acontecimentos da década de 70? Terão os projetos de carros elétricos os mesmos desfechos? O que mudou de lá para cá? Naturalmente, é cedo para afirmar, mas a realidade hoje é bem diferente. Primeiro, o consumo de combustível fóssil cresceu muito e há poucas chances de se encontrar petróleo em locais acessíveis.

Além disso, atualmente há baterias mais modernas e tecnologia capaz de fazer os carros elétricos ganharem rapidamente mercado a exemplo do que aconteceu com aparelhos de celulares e computadores. Finalmente, estamos todos testemunhando as ações de apoio de governos, de várias partes do globo terrestre, ao veículo elétrico.²¹

Uma novidade, tanto no Brasil quanto na Europa é a ideia de cidade sustentável se tornando realidade. O grupo EDP Portugal tornou Évora, uma cidade que é Patrimônio Mundial da Humanidade, a primeira metrópole portuguesa a receber uma rede inteligente de energia. O projeto, chamado de *InovCity*, está sendo implantado pela EDP Brasil²², também, na cidade de Aparecida, no estado de São Paulo.

As ações realizadas para obter uma cidade sustentável são a substituição dos medidores convencionais por medidores eletrônicos, iluminação pública com lâmpadas LED, implantação da mobilidade elétrica, instalando postos de abastecimento elétrico pela cidade, programas de eficiência energética (aquecedores solares, chuveiros inteligentes) e instrução da sociedade. Mas o mais interessante e inovador é a questão da microgeração: utilização de equipamentos simples para obter uma produção de

energia pelo próprio consumidor e, se obtiver acúmulo, a energia poderá ser vendida para a empresa fornecedora e o consumidor terá uma redução na sua conta mensal.

14. Considerações finais: virar o jogo é possível?

Nos últimos 200 anos, o homem tem participado de uma evolução tecnológica e uma in-
volução do meio ambiente terrestre. O fato de o Planeta Terra estar suportando, atualmente, 7 bilhões de habitantes é somente por causa da tecnologia produzida pelo homem; sem ela, a Terra, sustentavelmente, não suportaria mais do que 2 bilhões.

O “virar o jogo” está completamente na mão de cada indivíduo da sociedade do século XXI. O maior problema que hoje estamos sofrendo está no modo de pensar da população e esse pensamento tem sintomas como o uso incontrolado dos recursos minerais e um consumismo aparentemente irreversível. É o que afirma Thom Hartmann²³: “O problema é o modo que nós estamos pensando. O problema é fundamentalmente um problema cultural. É ao nível da nossa cultura que esta doença está a acontecer.”²⁴

Apesar de o número de manifestações, leis e ONGs a favor da preservação do ambiente

estar crescendo, a velocidade com que estão agindo não parece suficiente para a mudança do mundo ocorrer como desejada, pois ela já devia ter começado.

Essa reversão depende também de uma liderança do processo de transformação. Não é só a opinião pública que vai tornar o mundo um lugar sustentável, mas também o governo que transforma as ideias em realidade, ao criar políticas em prol do desenvolvimento sustentável.

Não é necessária uma Quarta Revolução Industrial; nós temos o que precisamos, mas devemos saber usar e saber inovar as tecnologias que já possuímos. A mudança deve ocorrer entre o modo de produção e o modo de utilização de cada produto.

Iniciativas como energias renováveis, águas limpas, reciclagem e construções sustentáveis devem se tornar os temas mais discutidos no mercado nos próximos anos. A energia gerada por petróleo e seus derivados, por exemplo, pode muito bem ser substituída por fontes de energia renováveis.

De forma complementar a esse cenário, cada indivíduo deve cumprir o seu papel. A sociedade deve alterar suas atitudes em relação aos problemas atuais e ser ativa no processo de mudanças: devemos ser os atores principais dessa história.

Notas

- 1 MARCOVITCH, Jacques. **Para mudar o futuro – Mudanças climáticas, políticas públicas e estratégias empresariais**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- 2 Físico e teórico de sistemas, diretor fundador do Centro de Eco-alfabetização de Berkeley. Autor do livro **As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável**.
- 3 Crítico de cinema da **Folha de São Paulo**.
- 4 *National Geographic*. **7 Billion**. Dados retirados do aplicativo de iPad. Acesso em 18 maio 2012.
- 5 MCHIE, Jessica. RANKING das 100 Melhores Marcas de 2011. **Interbrand**. Disponível em: <<http://www.interbrand.com/en/best-global-brands/best-global-brands-2008/best-global-brands-2011.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2012.
- 6 CHEN, Shaohua. How Have the World's Poorest Fared Since the Early 1980s? **The World Bank**. Disponível em: <http://econ.worldbank.org/external/default/main?imgPagePK=64202990&entityID=000112742_20040722172047&menuPK=64168175&pagePK=64210502&theSitePK=477894&piPK=64210520>. Acesso em: 14 jun. 2012.
- 7 Agência EFE. GLOBALIZAÇÃO não reduz desigualdade e pobreza no mundo, diz ONU. **Folha.com**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u104540.shtml>>. Acesso em: 14 jun. 2012.
- 8 *National Geographic*. **7 Billion**. Dados retirados do aplicativo de iPad. Acesso em 18 maio 2012.
- 9 MUNDO supera os 7 bilhões de habitantes. **Noticias.uol.com.br**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/10/31/mundo-supera-os-7-bilhoes-de-habitantes.jhtm>> Acesso em 14 jun. 2012.
- 10 *National Geographic*. **7 Billion**. Dados retirados do aplicativo de iPad. Acesso em 18 maio 2012.
- 11 *National Geographic*. **7 Billion**. Dados retirados do aplicativo de iPad. Acesso em 18 maio 2012.

- 12 The Club of Rome: Who we are. **Club of Rome**. Disponível em: <<http://www.clubofrome.org/?p=324>>. Acesso em 19 set. 2012.
- 13 Relatório publicado em 1987 que defende o conceito de desenvolvimento sustentável, como sendo um “desenvolvimento que dê resposta às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras darem resposta às suas próprias necessidades”.
- 14 VIALLI, Andrea. Sem Clima para Utopia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/46864-sem-clima-para-utopia.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2012.
- 15 Professor de Sociologia e de Planejamento Urbano e Regional na Universidade da Califórnia, Benkerley.
- 16 GBC Brasil. Disponível em: <<http://www.gbcbrasil.org.br/>>. Acesso em: 25 maio 2012.
- 17 Megawatt-hora é a unidade de medida de energia elétrica adotada pelo Sistema Internacional.
- 18 VIALLI, Andrea. A Revolução Silenciosa do Vento. **Folha.uol.com.br**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/46878-a-revolucao-silenciosa-do-vento.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2012.
- 19 FIORA, Eduardo. Reciclagem em Crise. **TudoEste**. Disponível em: <http://www.tudoeste.com.br/?DS=ttl_reciclagem-em-crise%7CPub_7%7Csmfr_3%7CCodArt_11091>. Acesso em: 16 jun. 2012
- 20 Sustentáveis são um dos temas principais da Conferência. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/47818-cidades-sustentaveis-sao-um-dos-temas-principais-na-conferencia.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2012
- 21 Evaldo Costa. Elétricos: o que mudou da década de 70 para cá? Carsale. 14 jun. 2012. Disponível em: <<http://carsale.uol.com.br/editorial/mercado/9541-eletricos--o-que-mudou-da-decada-de-70-para-ca>>
- 22 Empresa brasileira fornecedora de energia elétrica.
- 23 Apresentador de rádio americano, autor, psicoterapeuta, empresário e comentarista político progressista.
- 24 A ÚLTIMA HORA. Direção: Leila Conners, Nadia Conners. Equipe: Leonardo DiCaprio e outros. Roteiro: Leonardo DiCaprio; Nadia Conners; Leila Conners. 2007, 95 min, widescreen, color. Produzido por Appian Way, Greenhour, Tree Media Group.

Referências

A ÚLTIMA HORA. Direção: Leila Conners, Nadia Conners. Equipe: Leonardo DiCaprio e outros. Roteiro: Leonardo DiCaprio; Nadia Conners; Leila Conners. 2007, 95 min, widescreen, color. Produzido por Appian Way, Greenhour, Tree Media Group.

ADIDAS, Nike e Puma já Caminham para Serem Marcas Ecologicamente Corretas. **Vida Sustentável**. Disponível em: <<http://www.vidasustentavel.net/meio-ambiente/adidas-nike-e-puma-ja-caminham-para-serem-marcas-ecologicamente-corretas/>>. Acesso em 30 maio 2012.

AS TRÊS Revoluções Industriais. **Cola da Web**. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/geografia/as-tres-revolucoes-industriais>>. Acesso em: 7 jun. 2012.

BRASIL é o Quarto no *Ranking* Mundial de Construções Sustentáveis. **Adital**. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=67351>. Acesso em 12 jun. 2012.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARAMURU AUBERT, André. Quando as coisas deram errado? **Trip**, São Paulo, p.190, out. 2008.

CHEN, Shaohua. “How Have the World's Poorest Fared Since the Early 1980s?” **World Bank**. Disponível em: <http://econ.worldbank.org/external/default/main?ImgPagePK=64202990&entityID=000112742_20040722172047&menuPK=64168175&pagePK=64210502&theSitePK=477894&piPK=64210520>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CHOW, Claudia. A Realidade da Reciclagem no Brasil. *Science Blog*. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/ecodesenvolvimento/2011/05/a_realidade_da_reciclagem_no_b/>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CIDADES Sustentáveis são um dos temas principais da Conferência. **Folha. uol.com.br**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/47818-cidades-sustentaveis-sao-um-dos-temas-principais-na-conferencia.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2012

CLUBE de Roma. **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_de_Roma>. Acesso em: 04 jun. 2012.

COSTA, Evaldo. Carro Elétrico: O que Mudou da Década de 70 para cá? **Cross Brasil**. Disponível em: <<http://www.crossbrasil.com.br/2012060719954/Colunistas/evaldo-costa-carro-eletrico-o-que-mudou-da-decada-de-70-para-ca.html>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

DEARO, Guilherme. Conheça as 22 carreiras de Meio Ambiente e Ciências Agrárias. **Guia do Estudante**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/pordentrodasprofissoes/conheca-as-22-carreiras-de-meio-ambiente-e-ciencias-agrarias/>>. Acesso em 04 jun. 2012.

DESENVOLVIMENTO Sustentável. **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 10 jun. 2012.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2006.

ÉVORA, InovCity. **EDP**. Disponível em: <<http://www.inovcity.pt/pt/Pages/homepage.aspx>>. Acesso em 12 jun. 2012.

FERCONDINI, Max. Matriz Energética. **Globo Ecologia**. Vídeo publicado em 09 de junho de 2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoecologia/videos/t/edicoes/v/matriz-energetica-integra/1983470/>>. Acesso em 17 jun. 2012.

FIORA, Eduardo. Reciclagem em Crise. **Tudo Este**. Disponível em: <http://www.tudoeste.com.br/?DS=ttl_reciclagem-em-crise%7CPub_7%7Csmfr_3%7CCodArt_11091>. Acesso em: 16 jun. 2012

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. 1ª ed. L & PM Editores, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Petrópolis Ltda, 2000.

GARCIA, Felipe. Definição de Sustentabilidade. **Sustentabilidades**. Disponível em: <http://sustentabilidades.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=50>. Acesso em: 03 jun. 2012.

GBC: Conheça Nosso Trabalho. **GBC Brasil**. Disponível em: <<http://www.gbcbrazil.org.br/?p=world&M=3&O=1>>. Acesso em 13 jun. 2012

GLOBALIZAÇÃO não reduz desigualdade e pobreza no mundo, diz ONU. **Folha.com**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u104540.shtml>>. Acesso em 14 jun. 2012.

GODIN, Seth. **O futuro não é mais o mesmo**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir – Corporeidade e educação**. 11ª ed. Campinas: Papi-rus, 2008.

HERRMANN, Fabio. **Introdução à teoria dos campos**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HOTEL Ecológico e Sustentável tem TV Moviada a Pedal. **Vida Sustentável**. Disponível em: <<http://www.vidasustentavel.net/meio-ambiente/hotel-ecologico-e-sustentavel-tem-tv-moviada-a-pedal/>>. Acesso em 30 maio 2012.

MARCOVITCH, Jacques. **Para mudar o futuro – Mudanças climáticas, políticas públicas e estratégias empresariais**. 1ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MENDES, Luiz Alberto. Esperança sustentável. **Trip**, São Paulo, p.188, out. 2008.

MICROGERAÇÃO: O que é microgeração? **EDP**. Disponível em: <<http://www.edp.pt/pt/particulares/faqs/Pages/Microprodu%C3%A7%C3%A3o.aspx>>. Acesso em 15 jun 2012.

MONTGOMERY, Ruth. **O mundo futuro – As previsões dos guias sobre a era que está por vir**. 1ª ed. São Paulo: Pensamento, 2002

MUNDO supera os 7 bilhões de habitantes. **Noticias.uol.com.br**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/10/31/mundo-supera-os-7-bilhoes-de-habitantes.jhtm>> Acesso em 14 jun. 2012.

NATIONAL Geographic. **7 Billion**. Dados retirados do aplicativo de iPad. Acesso em 18 maio 2012.

O PLANETA. Direção: Michael Stenberg; Johan Södenberg; Linus Torell. Roteiro: Michael Stenberg e Linus Torell. Widescreen, color, 2006, 82 min. Produzido por Charon Film AB, SVT Dokumentär, Sveriges Television (SVT) e outros.

O QUE foi a Rio-92? *Tripod*. Disponível em: <<http://rpc.br.tripod.com/artigos/rio92.html>>. Acesso em: 30 maio 2012.

'OVER-CONSUMPTION' Threatening Earth. **Aljazeera**. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2012/05/201251502351773351.html>>. Acesso em 16 maio 2012.

QUEM MATOU O CARRO ELÉTRICO? Direção: Chris Paine. Equipe: Tom Hanks; Mel Gibson; Al Gore; George W. Bush; Bill Clinton; Arnold Schwarzenegger e outros. Roteiro: Chris Paine. Música: Jelly Gilbert. 2006, 92 min, color. Produzido por Plinyminor, Electric Entertainment, Papercut Films.

RANKING das 100 Melhores Marcas de 2011. *Interbrand*. Disponível em: <<http://www.interbrand.com/en/best-global-brands/best-global-brands-2008/best-global-brands-2011.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

REES, Martin. **Hora final – Alerta de um cientista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RELATÓRIO Brundtland. **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland>. Acesso em: 03 jun. 2012.

SOBRE a Rio+20. **Rio20**. Disponível em: <http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20>. Acesso em 13 jun. 2012.

STANLEY, Morgan. *The 100 Top Brands*. **Business Week**. Disponível em: <http://www.businessweek.com/pdfs/2004/0431_brands.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2012.

SUSTENTABILIDADE. **Sua Pesquisa**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ecologiasaude/sustentabilidade.htm>>. Acesso em 28 maio 2012.

TERRA. Direção: Alastair Fothergill, Mark Linfield. Roteiro: Alastair Fothergill; Leslie Megahey; Mark Linfield. Música: Bruno Sez nec. 2007, 90 min, color. Produzido por Disneynature, BBC Worldwide, Greenlight Media AG e outros.

UMA VERDADE INCONVENIENTE. Direção: Davis Guggenheim. Equipe: Al Gore; Billy West; George Bush; George W. Bush; Ronald Reagan. Roteiro: Al Gore, color. 2006, 100 min. Produzido por Lawrence Bender Productions.

VALLI, Andrea. Quem Torna o Imóvel 'Inteligente' é o Morador. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/46883-quem-torna-o-imovel-inteligente-e-o-morador.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

VIALLI, Andrea. A Revolução Silenciosa do Vento. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/46878-a-revolucao-silenciosa-do-vento.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

VIALLI, Andrea. Sem Clima para Utopia. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/46864-sem-clima-para-utopia.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Intérpretes: Ben Burtt; Elissa Knight; Jeff Garlin e outros. Roteiro: Andrew Stanton; Pete Docter; Jim Reardon. Música: Thomas Newman, c2008. 1 DVD (98 min), widescreen, color. Produzido por Pixar Animation Studios e Walt Disney Pictures.

Resumo

Neste trabalho monográfico você irá encontrar uma explicação do que é cirurgia plástica com aprofundamento em cirurgia plástica estética. Também serão abordadas algumas das responsabilidades que o cirurgião plástico tem perante seu paciente. Farei um breve relato das cirurgias plásticas nas quais existem maiores chances de ocorrerem danos.

Além disso, falarei sobre o culto à beleza do corpo com ênfase na influência da mídia. E mostrarei que o desejo por um corpo “perfeito” pode gerar grandes problemas psicológicos e de insegurança emocional.

Para finalizar relaciono a cultura contemporânea com os padrões de beleza. De que modo esses dois fatores influenciam na maneira de pensar e de agir da sociedade? Alerto que esses dois aspectos têm o poder de afetar o desejo e valores de cada ser humano, levando a extremos como a mutilação de seu corpo – por meio da cirurgia estética – e o abandono da preocupação com a saúde.

Palavras-chave: cirurgia plástica, padrão de beleza, saúde, ética médica.

Abstract

In this monograph you will find an explanation of what is the plastic surgery, and a deepening in cosmetic surgery. Also it will be listed some of the responsibilities that the plastic surgeon has before his patient. I will make a brief report of the plastic surgeries in which there are greater chances of damage.

In addition, I will speak about the worship the beauty of the body, and on the strong influence that the press has on us. I will show that the desire for a body “perfect” can generate great psychological problems and emotional insecurity.

To conclude I relate the contemporary culture with the standards of beauty. How these two factors influence the way of thinking and acting in society? I warn that these two aspects have the power to affect the desire and values of each human being, leading to extreme as the mutilation of his body – through esthetic surgery – and the abandonment of concern of health.

Keywords: plastic surgery, beauty standard, health, medical ethics.

1. Introdução

Há décadas vivemos em um mundo no qual as pessoas se preocupam com sua aparência. Desde o paleolítico quando surgiu o *Homo sapiens* até os dias de hoje a vaidade tem se tornado, em muitos casos, obsessiva. Antes, as distinções eram apenas no modo de se vestir – no caso dos indígenas nos desenhos em seus corpos –, e os diferentes tipos de corte de cabelo e tratamento dado à higiene pessoal. Além de que utilizavam somente recursos da natureza. Agora, com o sistema capitalista – que visa o lucro –, a aparência é um negócio. Em 2010 a população mundial alcançou sete bilhões de habitantes em consequência do desenvolvimento científico, e a preocupação com a imagem também vem crescendo com os avanços tecnológicos e as trocas de informações instantâneas e frequentes.

A mídia e seus recursos se espalharam e se popularizaram, gerando um novo meio de propagação da beleza ideal, oriundo e intensificado pelo *american way of life*,¹ criando assim um vício pela busca do corpo “perfeito”, consequentemente, aumentando a procura por métodos estéticos.

Essa disputa com o próprio corpo e a cobrança de suprir as expectativas da sociedade e de si mesmo, em relação à “beleza”, criaram uma maior insatisfação pessoal, causando uma série de problemas – indivíduos ansiosos, reprimidos, desmotivados, estressados – tanto no âmbito profissional quanto no familiar. A insegurança emocional cresceu consideravelmente, pois a mídia interessada apenas em lucrar, fez com que a beleza ideal seja inalcançável, induzindo as pessoas a tentarem se aproximar do que é chamado de belo através do consumismo. E a sociedade responde à influência da mídia comprando cremes rejuvenescentes – contrariando o poder da idade –, maquiagens excessivas e submetendo-se às cirurgias estéticas, por exemplo.

“Quem procura ajuda na cirurgia plástica quer modificar alguma região de seu corpo que a incomoda esteticamente e que a deixa insatisfeita. Esse problema diante do espelho costuma afetar a autoconfiança, podendo deixar a pessoa constrangida e insegura em seu convívio social”, segundo a cirurgiã plástica Mariângela Santiago.

O que é esquecido pela mídia, e por todos que têm o intuito de lucrar com o culto à beleza, é que cada vez mais as pessoas estão se mutilando, se descaracterizando, para cor-

responder ao padrão de beleza estabelecido pela sociedade.

Estamos nos esquecendo de olhar para dentro de nós mesmos. Nessa era da informação deixamos os nossos valores e nossas necessidades individuais para aderir ao que é idealizado por uma cultura.

Foto 1 – Rosto com marcas para cortes em cirurgia plástica



Fonte: Foto por Manoela Jubé e Gabriela Coelho. Disponível em: <<http://www.colegiostockler-blog.com/>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

Segundo jovens estudantes do Colégio Stockler, no *blog A Hora e a Vez*:

A apologia da juventude e da beleza nunca influenciou tanto a vida das pessoas como nos últimos anos. As cirurgias plásticas fazem parte de um mercado que cresce a cada dia mais e o Brasil já é o segundo país no ranking mundial de cirurgias plásticas, movimentando mais de 4 bilhões de reais por ano. O sonho da perfeição leva cada vez mais brasileiros a enfrentar o bisturi. No ano passado foram feitas mais de 650 mil cirurgias, sendo 20% desse total em adolescentes entre 15 e 17 anos que procuram, nesta ordem: prótese nos seios, rinoplastia, lipoaspiração/lipoescultura. Muitas vezes, trata-se de cirurgias longuíssimas e com riscos desnecessários. Esses dados apontam uma indiferença dos pacientes quanto às consequências de um procedimento cirúrgico e aos danos que podem ser causados à saúde, como hemorragias, infecção, paralisia dos músculos, deslocamento de próteses, cicatrizes sérias e dores constantes.

E por que essa procura obsessiva

pela perfeição? O psicólogo e professor da PUC Antonio Amador Pereira lista as principais causas da procura pela cirurgia plástica: baixa autoestima e autocrítica exacerbada; influência da mídia (todos são lindos, saudáveis, alegres); medo de envelhecer, uma vez que beleza e juventude estão cada vez mais associadas uma à outra; busca de solução rápida para problemas (uma boa repaginada poderá garantir namorados ou um bom emprego); distúrbios psicológicos como o dismorfismo, em que o indivíduo não se enxerga tal como é, mas sim com deformidades físicas.

2. Cirurgia plástica estética e suas implicações

A cirurgia plástica tem como objetivo reconstruir uma parte do corpo seja por razões médicas ou estéticas. Existem dois tipos de cirurgias: a reparadora que serve para corrigir lesões, defeitos congênitos ou adquiridos, e a cirurgia estética, que é feita pelo paciente para melhorar a sua aparência.

Foto 2 – Cirurgia estética: busca pelo padrão de beleza estabelecido pela sociedade e pela mídia



Fonte: <www.pinterest.com>. Acesso em: 29 jun. 2012.

A pessoa que decide fazer uma cirurgia plástica estética não vai ganhar uma melhora em sua saúde, apenas em sua autoestima. Geralmente procura esse recurso para ter uma melhora em seu estado psicológico. A idade das pessoas que buscam esse recurso está entre dezesseis e setenta anos, e seu perfil psicológico é muito variado. Os depoimentos abaixo foram retirados do livro *Nu e Vestido*, organizado por Mirian Goldenberg, e exemplificam o

perfil de pessoas adeptas às cirurgias estéticas:

Sou apaixonada pelo meu corpo (...) eu sou escrava da beleza, eu me amo, me adoro, me gosto, gosto de olhar no espelho e falar que me amo, me adoro, sou bonita. Eu sou completamente escrava da beleza, aquela história de “beleza não põe mesa” eu acho que põe, porque ninguém come no chão (...) você não vai andar com uma mulher feia nunca, entendeu? Pelo menos eu nunca vou ficar com um homem feio, gordo, malcuidado, nunca na minha vida.²

Não gosto de academia, não, prefiro essa história de chegar aqui, internar, operar e já sair inteira. Não gosto de sofrer, essa história de “tem que”, odeio essa história de “tem que”, é demorada. Eu prefiro uma coisa rápida, por isso fico com minhas cirurgias.³

Eu acho que com certeza não vou chegar a 50. Não quero chegar a 50 anos porque já é uma mulher muito velha (...) e com a gente aqui no Rio, a gente fala que depois de 50 a gente só se paga muito mico, então não estou a fim de pagar. Só quero chegar até 50, está bom demais.⁴

Dentro do tipo estético existem várias cirurgias diferentes, como a rinoplastia procurada para ajustar deformidades nasais aparentes, ou não, como o som da respiração e a voz, mamoplastia redutora, a otoplastia, implante capilar e lipoaspiração. No Brasil as duas cirurgias estéticas mais usadas são a lipoaspiração e o implante de prótese de silicone nos seios.

Porém, antes que a cirurgia plástica estética possa ser feita, existe uma série de decisões que o médico e seu paciente devem tomar juntos. O médico deve explicar que nem sempre a cirurgia sairá exatamente como se espera, podem acontecer imprevistos. Caso o problema de aparência esteja interferindo na relação familiar e no trabalho, o cirurgião deve explicar que a cirurgia não resolverá todos esses problemas.

“O ético cirurgião sabe que a plástica não é a solução para todos os problemas que o paciente pode ter na vida. Sempre explicamos que os problemas vão continuar no âmbito social e profissional, a mudança será apenas externa”, defende o Dr. Marcelo Wulkan.⁵

O cirurgião também tem que assumir algumas responsabilidades, como comprometer-se a fazer tudo o que estiver ao seu alcance. Todos os médicos estão sujeitos a críticas e processos legais quando cometem erros, mas sobre

o cirurgião plástico, paira um fantasma ainda maior, pois seu erro, além de ser evidente externamente, corre o risco de contrariar toda uma determinação sociocultural do que é aceitável.

O Brasil é o segundo país onde mais se realiza o procedimento (o primeiro são os EUA). A boa fama dos cirurgiões plásticos brasileiros percorre o mundo, tendo provocado até uma brincadeira que diz que o Brasil é conhecido pelo carnaval, futebol e pela cirurgia plástica.

2.1 Principais tipos de cirurgia estética e seus possíveis danos

Existem diversos tipos de cirurgia plástica estética, porém o que deve ser esclarecido é que qualquer método cirúrgico deixará alguma cicatriz, por menor que ela seja. Portanto, quando o cirurgião acha que será um risco para o paciente fazer aquela cirurgia, ele deve alertá-lo ou até mesmo se negar a realizar o ato cirúrgico.

As cirurgias estéticas que têm maior probabilidade de deixar grandes cicatrizes, ou as de maiores riscos são as seguintes.

A cirurgia estética do abdome, em geral é feita para retirar o excesso de pele e tecido gorduroso na região inferior do local. O resultado estético é considerado bastante positivo e corrige não só a sobra de pele como também a flacidez muscular, por meio de uma sutura que reaproxima a musculatura, como se fosse uma cinta interna e permanente. A cicatriz resultante localiza-se horizontalmente logo acima da implantação dos pelos pubianos, prolongando-se lateralmente em maior ou menor extensão, dependendo do volume do abdome a ser corrigido. Essa cicatriz é planejada para ficar escondida sob as roupas de banho. Outra cicatriz circunda o umbigo, o que poderá, dependendo do paciente, apresentar um aspecto artificial que

pode ser corrigido após alguns meses com uma nova intervenção e anestesia local.

Lipoaspiração é um procedimento médico que retira gorduras localizadas. É muito procurada devido ao padrão de beleza estar diretamente vinculado à magreza, como sustentam as passarelas, apesar dessa cirurgia não ter o intuito de emagrecer. São retiradas, normalmente, gorduras de locais como o braço ou a barriga, através de um sistema de aspiração a vácuo. Além desses, existem outros locais que também são bastante lipoaspirados como coxa, papa, mão, pé, enfim, todos os cantos do corpo.

Há também as cirurgias íntimas que crescem, como a lipoaspiração do púbis e a redução dos pequenos lábios. No caso dos homens, há procura por aumentar ou engrossar o tamanho do pênis.

Em todos os casos, médicos cirurgiões aconselham que se diminua o fumo, que se pare de beber, que se façam caminhadas e jejum na véspera da cirurgia e pós-acompanhamento para o bom resultado da operação. É necessário o uso, em alguns casos, de cinta após a realização da cirurgia, durante três meses.

Porém, as lipoaspirações vêm gerando uma série de problemas ao paciente, causando até a morte de alguns. Essas desventuras acontecem quando a indicação do procedimento não é precisa. Deve-se deixar claro que a lipoaspiração não é uma cirurgia para emagrecer, mas apenas para retirar certas gorduras.

Foto 3 – A cirurgia estética do abdome retira o excesso de pele e tecido gorduroso



Fonte: <www.pinterest.com>. Acesso em: 29 jun. 2012.

“A partir de 10% a mais do peso ideal, os resultados da lipoaspiração não são tão satisfatórios. É importante entender que se trata de uma cirurgia de acerto de contornos e não deve ser encarada como um método para emagrecer”, resalta o Dr. Ruben Penteado.⁶

O paciente deve ser informado que independentemente da técnica, os maiores riscos da lipoaspiração são a trombose, formação de coágulo sanguíneo e a embolia (obstrução de uma veia).

Existem várias outras cirurgias que podem causar problemas ao paciente, como a cirurgia plástica nas pálpebras, rejuvenescimento facial, redução de estômago, entre outras.

Portanto, para diminuir os riscos em uma cirurgia estética, o médico deve ser cuidadoso ao avaliar as condições físicas e emocionais do paciente, avaliar se tem condições cirúrgicas, cuidar do pré-operatório, e também do pós-operatório com muita cautela. O paciente deve seguir as orientações médicas para que possa ter uma cirurgia bem-sucedida.

3. O médico e a cirurgia plástica

A ideia de responsabilidade pode ser extraída da própria origem da palavra. Responsabilidade vem do latim *respondere* que quer dizer responder, ou seja, que o autor de algum ato danoso deve ser responsabilizado.

Responsabilidade é ainda a conjunção da palavra responder com a palavra habilidade, ou seja, *responder com habilidade*. Nesse sentido, o médico deve responder com as habilidades que possui àquilo que lhe é solicitado pelo paciente. Deve ainda, escutar com atenção, com habilidade de terapeuta, para localizar qual é o real pedido do paciente e poder avaliar se é possível atender às suas expectativas.

No caso da cirurgia plástica, essa escuta deve ser ainda mais sensível, pois o paciente pode estar falando de uma meta não alcançável pela simples mudança, transformação, de seu padrão físico. A pessoa, quando decide fazer uma cirurgia plástica, independentemente do que a motivou, faz com a certeza de que tal cirurgia terá êxito, já está cega dos riscos pela busca do corpo perfeito, caso contrário, não colocaria em risco a sua saúde. Nem sempre a melhora do aspecto de uma parte do corpo é suficiente para resgatar a autoestima e reconectar o indivíduo com a sua alegria interior.

Até o final do século passado não existiam preceitos que regulamentavam especificamente a responsabilidade do médico por dano, lesão ou homicídio culposo, de tal modo que vigorava a vingança privada como forma de reparação. Atualmente, porém, existem leis que punem severamente os médicos que cometem erros, seja por desatenção ou por inabilidade.

Com certeza, essas leis influem na opinião médica sobre a realização ou não de uma cirurgia plástica estética. Contudo, as considerações médicas vão além dos riscos de punição, eles avaliam com cuidado a cirurgia estética. No entanto, ainda assim, é preciso avaliar todas as precedências, pois o mercado estético é uma grande marca do capitalismo. O médico pode estar tão cego quanto o paciente, um visa o lucro e outro a beleza, criando-se um ciclo vicioso e perigoso, afastando de ambos os lados tal responsabilidade.

Nos dias de hoje, porém, em que a mídia vende sem escrúpulos padrões de beleza determinados pelo movimento do mercado capitalista, é necessário muito cuidado ao avaliar a aplicação ou não de um processo de cirurgia estética. Ainda mais considerando que, com frequência, adolescentes de treze a dezessete anos vêm tomando decisões de modificação do próprio corpo que muitas vezes não têm maturidade para sustentar.

A aparência, a beleza e a busca pelo corpo ideal mexem diretamente com uma identidade, com uma caracterização que ultrapassa o físico.

“É preciso avaliar cada caso individualmente. É necessário cuidar do processo maior que envolve o resgate da autoestima individual. Muitas vezes um processo terapêutico deve acompanhar o cliente que se submete a uma cirurgia estética. É importante ainda tomar o cuidado de não descaracterizar a aparência física natural do cliente, para evitar traumas de desidentificação”, concorda a Dra. Carmela Negrão.

“A estética do corpo humano não pode ser medida pelos critérios clássicos de avaliação científica, pois o conceito do belo é subjetivo e sujeito a variações e gosto individual; no corpo humano não há belo ‘normal’, e a estética filosófica se preocupa com o belo ideal, artístico, por definição fora da média. É difícil defini-lo, pois é variável segundo os costumes, a época, a raça e a população”, diz o Dr. Marcus Castro Ferreira.⁷

Assim, podemos notar que diferentes crenças e valores determinam opiniões diversas a respeito da cirurgia plástica estética. Esse assunto com certeza permanecerá em pauta por muito tempo em nosso país, já que hoje o Brasil é o campeão em cirurgia estética per capita. E considerando-se que está entre os países chamados emergentes, e que o desenvolvimento só acontece se toda a população estiver envolvida, ao acompanhar os países desenvolvidos a cirurgia estética estará cada vez mais presente na vida dos brasileiros.

4. O culto à beleza

Na sociedade atual há uma crescente busca pelo “corpo perfeito”, na qual as pessoas apresentam uma grande preocupação com sua imagem e estética. As pessoas avaliam seus corpos de acordo com a cultura do seu ambiente, assim sua autoestima é reavaliada durante toda a sua vida.

Porém, a sociedade nos faz esquecer as nossas necessidades individuais, fazendo com que acreditemos que o corpo ideal é aquele que a cultura nos impõe. A Indústria Cultural participa desse culto.

O capitalismo é um sistema econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos, ou seja, um sistema no qual o homem é escravo do homem, uma vez que está sujeito às suas próprias condições de gerar e acumular capital de modo cada vez mais individual e dependente da produção de um todo. Após as Revoluções Industriais, o comércio se fortaleceu e, com isso, o capitalismo tomou definitivamente seu espaço, principalmente, com o conseqüente avanço tecnológico decorrente das novas descobertas científicas. O homem não possui mais sua autonomia. Desse modo, os valores humanos foram trocados por interesses econômicos. Assim, com a busca incessante do homem pelo ter é que se dá lugar à chamada “Indústria Cultural”.

Segundo Adorno, tudo se transforma em negócio: compra, venda, indução, troca, mercadoria, objeto, sistema. E principalmente devido à cultura de massa. Um exemplo disso é o cinema, o que era antes uma forma de lazer, uma arte, tornou-se um meio de manipulação, ou seja, a cultura de massa como exploração

da cultura. A Indústria Cultural é a cultura de massa agregada a um valor específico, a uma ideologia dominante, a cultura de massa é produto da Indústria Cultural, e é imposta pelos meios de comunicação. Para Adorno, “se especula sobre o estado de consciência inconsciência de milhões de pessoas às quais ela [a indústria cultural] se dirige”,⁸ que ficam intimidadas para refletir, fazer uma crítica. Ele diz ainda: “Vai-se procurar o cliente para lhe vender um consentimento total e não crítico, faz-se reclame para o mundo, assim como cada produto da indústria cultural é seu próprio reclame”⁹ e as pessoas permanecem desse modo como meros consumidores incapazes de contestar o que lhes é imposto. “O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto”,¹⁰ pois ele é na realidade o alvo, o objeto a quem ela se dirige e quem ela manipula. Portanto, as propagandas, rádios, televisões, meios de comunicação em geral, com o que Adorno chama de técnica, levam o consumidor a comprar uma verdade inventada, uma liberdade inexistente, pois “quanto mais desumanizada sua ação e seu conteúdo [da indústria cultural], mais ativa e bem-sucedida é a sua propaganda”.¹¹ Aí forma-se o poder da Indústria Cultural, que Adorno afirma ser uma ideologia.

Importante entender que a força da indústria está nas necessidades não básicas do homem, está no consumo incessante, sempre insatisfeito. Com isso, consumindo constantemente cria-se a ideologia dominante. Porém, Adorno não desacredita que haja uma saída para o homem, mas ela somente será possível se houver uma consciência de todos, utilizando-se da filosofia. Ele não acredita também que será combatido o mal com o próprio mal, como o nazismo. A arte para ele é o que permite sentir, agir, é o que liberta, faz seres autônomos. De tal modo que “querer subestimar sua influência, por ceticismo com relação ao que ela transmite aos homens, seria prova de ingenuidade”.¹² Boa parte do que a Indústria Cultural cultua cabe cada vez mais no mundo atual: “A ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser”,¹³ uma vez que “ela [a indústria cultural] impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”.¹⁴

Foto 4 – “Cada produto da indústria cultural é seu próprio reclame”



Fonte: <www.pinterest.com>. Acesso em: 29 jun. 2012.

Quando uma pessoa vê que seu corpo está fora da idealização feita pela sociedade, ela se sente cobrada e insatisfeita e se lança na busca de uma aparência física idealizada. Isso fica muito reforçado se o indivíduo em questão apresenta insegurança emocional.

Pessoas que não se aceitam internamente questionam seu valor e desacreditam de si próprias, estão mais propensas a serem influenciadas pelas imposições da mídia. Buscam, muitas vezes, em uma mudança externa, a solução para seus problemas emocionais. É como se a aceitação possível da sociedade, motivada por mudança de padrões estéticos do próprio corpo, pudesse levar a uma autoaceitação.

Essa é uma ilusão vivida por muitos que têm em seu padrão emocional uma falta de confiança em si mesmos. Essa ilusão leva muitas vezes à busca pela cirurgia plástica como solução para problemas de autoestima, o que só pode levar a uma frustração profunda ao final do processo, pois, logicamente, as questões internas continuarão presentes enquanto não forem adequadamente cuidadas, com um processo terapêutico, por exemplo.

O nosso corpo pode ser associado à ideia de consumo, pois as indústrias se aproveitam dessa fixação da sociedade pelo “corpo perfeito” e dos conflitos emocionais, para vender

cada vez mais produtos de ginástica, remédios de emagrecimento, anabolizantes e até mesmo convencer as pessoas a fazerem cirurgias plásticas.

A imposição pela sociedade, da perfeição, do belo, do jovem, só faz com que as pessoas não aceitem a sua própria imagem, querendo mudá-la, até alcançar os padrões estabelecidos. E para conseguir atingir esse desejo os indivíduos se submetem a vários apelos, como cremes, massagens, choques, bandagens, fornos, plásticas, etc.

O fato é que a sociedade contemporânea acha que para alcançar a felicidade e o sucesso, é preciso ter a beleza idealizada. A nossa sociedade incentiva a batalha pelo belo. O culto ao corpo perfeito é tão excessivo que há pessoas que chegam a ter obsessão, e acabam se submetendo a mais de 10 cirurgias plásticas para tentar alcançar o ideal. Isso tem gerado uma série de preocupações nos profissionais da área da saúde.

Dessa forma, nós vivemos pelo nosso corpo e não pela nossa maneira e vontade.

A partir de pesquisas realizadas, foi possível perceber que não são apenas as mulheres que se preocupam em seguir os padrões de beleza, mas também os homens. Isso pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 1 – Questionário sobre autoestima

QUESTÕES	HOMENS	MULHERES
1- Entediada(o), preocupação com a forma física	14,54%	17,02%
2- Preocupada(o) a ponto de fazer uma dieta	18,18%	34,34%
3- Medo de ficar gorda(o)	23,63%	34,04%
4- Preocupado com o fato do seu corpo não ser firme	21,81%	19,14%
5- Estar com mulheres magras (homens magros), preocupação com o seu físico	09,09%	12,76%
6- Se sentiu gorda(o) mesmo comendo pouca comida	07,27%	04,25%
7- Repara no físico de outros e se sente em desvantagem	10,90%	23,40%
8- Estar nu, o faz sentir-se gorda(o)	03,63%	04,25%
9- Tem evitado usar roupas que arcam a forma do seu corpo	03,63%	08,51%
10- Já teve vergonha do seu corpo	07,27%	12,76%
11- Evita situações, como vestiários ou banhos de piscina	05,45%	19,14%
12- Preocupação que as pessoas vejam a dobra da sua cintura ou barriga	12,72%	27,65%
13- Belisca áreas do seu corpo para ver o quanto há de gordura	18,18%	14,89%
14- Toma laxantes para se sentir magra(o)	0,00%	4,25%
15- A preocupação com seu físico faz sentir que precisa fazer exercícios	45,45%	44,68%
16- Usa inibidores de apetite	0,00%	06,38%
17- Induz o vômito após a refeição	0,00%	04,25%
18- Pratica exercícios	67,27%	55,31%
19- Costuma ficar em jejum	05,45%	04,25%
20- Toma anabolizantes	03,63%	0,00%

Fonte: Pesquisa realizada pela professora Renata Russo.

4.1 Como a cultura contemporânea determina padrões de beleza

Vivemos em uma época em que nosso corpo é transformado, mutilado e modificado. Ele passou a ser comercializado, como um objeto. Isso vem sendo determinado, como em outras épocas, por fatores culturais. Com o agravante de que hoje em dia a cultura de massa entra em nossas casas, sem pedir licença, de diversas maneiras.

Foto 5 – Fatores culturais determinam padrões de beleza



Fonte: <www.pinterest.com>. acesso em: 29 jun. 2012.

Em outros tempos, como não havia recursos cirúrgicos tão avançados, o corpo da mulher e do homem era modelado apenas por fatores externos, como roupas, sapatos, perucas, etc. Hoje se torna possível a ação direta sobre o próprio corpo, com o desenvolvimento da cirurgia plástica moderna. Isso chega a extremos como a cirurgia para a retirada da costela flutuante (a última costela) para afinar a cintura.

Esse extremo culto à beleza do corpo também acontecia em outras épocas, como na Antiguidade, quando os egípcios acreditavam que a imortalidade da alma estava ligada à representação e à conservação do corpo. Para garantir que a alma continuaria viva, mumificavam os corpos a fim de conservá-los intactos mesmo após a morte. Ou ainda, na Grécia Antiga, onde os gregos se exercitavam, por meio dos esportes, para manter a boa aparência. Seu corpo era exposto nos ginásios, sendo a sua nudez uma for-

ma nobre de exaltar toda a grandeza física e beleza dos homens.

Hoje os recursos que existem para alcançar a beleza-padrão são bem maiores do que antigamente. O mercado divulga propagandas de tratamentos de beleza, cremes, remédios de redução de apetite para conseguir mais lucro, sem se preocupar com os problemas que isso irá gerar na sociedade. A mídia, os jornais e revistas, vendem como padrão de beleza necessário para atingir a felicidade, o corpo escultural. Esse padrão está presente desde nas novelas, que criam uma imagem

idealizada, até nos comerciais de creme dental.

“Estou falando de uma terrível ditadura que oprime e destrói a autoestima do ser humano: a ditadura da beleza. Apesar de serem mais gentis, altruístas, solidárias e tolerantes do que os homens, as mulheres têm sido o alvo preferencial dessa dramática ditadura. Cerca de 600 milhões de mulheres sentem-se escravas dessa masmorra psíquica. É a maior tirania de todos os tempos e uma

Foto 6 – O mercado oferece variados tratamentos de beleza



Fonte: www.pinterest.com, acesso em 29/06/2012).

das mais devastadoras da saúde psíquica [...]. O padrão inatingível de beleza amplamente difundido na televisão, nas revistas, no cinema, nos desfiles, nos comerciais, penetrou no inconsciente coletivo das pessoas e as aprisionou no único lugar em que não é admissível ser prisioneiro: dentro de si mesmas.¹⁵

A autoestima é assim assassinada pela ditadura dos padrões ideais de beleza, sustentada na presença constante da mídia em nossas casas. A guerra com o espelho gera um padrão de autorrejeição profunda, que se estende desde a não aceitação do próprio corpo físico, até a negação dos corpos emocional e anímico (da alma).

A imposição de um padrão de beleza este-reotipado para dar suporte à autoestima produz um grave adoecimento emocional e, muitas vezes, graves adoecimentos físicos, orgânicos. Criou-se um verdadeiro mercado negro da beleza que atinge as camadas mais pobres da população, que também tendo desejo de corresponder aos padrões impostos pela sociedade, acabam recorrendo a soluções economicamente mais viáveis, como a injeção de silicone líquido em mamas ou nádegas – muito usada pelos travestis – e que pode causar sérias lesões e doenças.

5. Conclusão

Toda essa pesquisa começou por meio da hipótese de que os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade são a principal causa da busca pela cirurgia plástica estética e de uma pergunta: a cirurgia plástica é solução para os problemas emocionais femininos relati-

vos à autoestima?

Meu primeiro foco no trabalho foi apenas nas mulheres, mas quando comecei a pesquisar e escrever pensei que poderia expandir e incluir os homens, tratar da sociedade como um todo, porque esses problemas não assolam apenas a vida feminina, mas também a masculina.

Após finalizar meu trabalho monográfico, consegui esclarecer várias perguntas que pairavam sobre minha pesquisa no início, tais como: mas o que leva alguém a realizar a cirurgia plástica, ou existe apenas um tipo de cirurgia plástica?

Conforme os estudos me mostraram, um dos fatores que mais influencia na decisão de fazer uma cirurgia estética é a insatisfação com alguma parte do corpo, por causa do desejo de corresponder ao padrão de beleza imposto pela nossa cultura.

A partir de conversas com especialistas da área, pude constatar que, mesmo o indivíduo realizando o processo cirúrgico, isso não garante que os problemas e insatisfações que o levaram a realizar a cirurgia sejam resolvidos, o que responde negativamente à minha pergunta inicial.

Para concluir minha pesquisa, aprofundi meus estudos na influência da mídia na cultura contemporânea, e percebi que apesar de serem principalmente as insatisfações com relação à autoestima que levam à busca pela cirurgia estética, existe algo por trás, a mídia e seu poder de manipulação, que estabelece com tamanha frieza o que é belo e o que deve ser seguido – esta, sim, é a verdadeira vilã da nossa “escravidão” pelo culto à beleza.

Notas

- 1 Expressão em inglês que quer dizer “modo de vida americano”. Expressão utilizada para se referir ao estilo de vida americano no pós-guerra caracterizado pelo nacionalismo, materialismo e consumo desenfreado.
- 2 GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e Vestido. Rio de Janeiro: Record. p.202.
- 3 Idem, p.201.
- 4 Idem, p.202.
- 5 O Dr. Marcelo Wulkan é médico desde 2002, doutorando pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), cirurgião plástico e membro especialista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. O Dr. Wulkan é o membro (active member) mais novo da história da Rhinoplasty Society, a mais importante sociedade de cirurgiões plásticos do mundo com foco em rinoplastia, sendo um dos dois únicos médicos dessa sociedade em São Paulo. Dados disponíveis em: <<http://www.estheticon.com.br/cirurgioes/marcelo-wulkan>>.
- 6 Membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Formado pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos, residência em Cirurgia Geral e Cirurgia Plástica no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. Contato: ruben.ribeiro@terra.com.br

- 7 Contato: <http://www.estheticon.com.br/cirurgioes/marcus-castro-ferreira>
- 8 ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Indústria Cultural*. p.93.
- 9 Idem, p.94.
- 10 Idem, p. 94.
- 11 Idem, p. 94.
- 12 Idem, p. 95
- 13 Idem, p. 96.
- 14 Idem, p. 99.
- 15 CURY, Augusto Jorge. *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*. São Paulo: Sextante, 2005. Augusto Jorge Cury (Colina, SP, 2 de outubro de 1958) é um médico, psiquiatra, psicoterapeuta e escritor de autoajuda.

Referências

- CIRURGIA plástica sob a ótica judaica. **Beit Chabad**. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/cirurgia/home.html>>. Acesso em: 2 set. 2011.
- CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. São Paulo: Sextante, 2005.
- DR. MARCELO Wulkan. Disponível em: <<http://www.drwulkan.com.br/contato.php>>. Acesso em: -18 abr. 2011.
- FUNDADORES do Pensamento no Século XX - Freud e a Psicanálise**. Direção: Ney Branco. Brasil, 2005. Duração: 50 min. Disponível em: <www.netmovies.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2012
- GOIS, Marcos Lúcio. **Professores, alunos e a comunicação**. Disponível em: <http://boletim.ifsc.usp.br/Todas-Noticias.php?rowid=225&rowid_vol=4>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- MATTELART, Michele e Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORAN, José Manuel. **As muitas formas de comunicarmo-nos**. In: *Desafios na comunicação pessoal*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p.43-50. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/muitas.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2012.
- PEREIRA, Daniele Cristina Zaccarão. **A influência da cultura contemporânea na (des)construção do corpo**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma, 2009.
- PORTAL de Saúde Brasil. Disponível em: <<https://portalsaudebrasil.com/artigospsb/psico029.pdf>>. Acesso em: -16 jul. 2011.
- REIS, Leandro Roberto de Paula. **A responsabilidade civil dos médicos nas cirurgias plásticas estéticas**. Disponível em: <www.evandroreis.adv.br/responsabilidade.doc>. Acesso em: 16 mar. 2012.
- SOUZA, Fernando Henrique Ramos. **A limitação racional e o desejo de unidade humano frente à razão e aos conceitos institucionalizados pelo próprio homem**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/fernandohrs/weblog/85953.html>>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- SUGIMOTO, Luiz. **Especialista mostra o que as ferramentas de redes sociais podem fazer por nós**. Disponível em: <www.unicamp.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2012.
- WAGNER, Adriana. **A comunicação em famílias com filhos adolescentes**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a08.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012

Resumo

Esta monografia apresenta os vários tipos de energia renovável, comparando-os com os não renováveis, e aplicando como conceito a sustentabilidade. Tem como foco o Brasil e a demanda futura por energia que aumentará junto com o crescimento da população e a atividade econômica.

Palavras-chave: energia, energia renovável, energia não renovável, sustentabilidade.

Abstract

This monograph portrays the many kinds of renewable energy, comparing them with non-renewable energy, and applying the concept of sustainability. It has focus on Brazil and the future demand for energy that will increase with population growth and economic activity.

Keywords: *energy, renewable energy, non-renewable energy, sustainability*

1. Introdução

O tema a ser abordado será o de “Energias Renováveis” com foco no entendimento e no desenvolvimento das principais tecnologias renováveis, tais como hidráulica, eólica, biomassa, solar e marítima, especificamente para a realidade do Brasil. Esse tema está diretamente relacionado ao meio ambiente e à demanda futura por energia (petróleo e eletricidade), sendo que esta depende do número de pessoas na Terra e do crescimento da atividade econômica.

Mais do que nunca, consumimos enormes quantidades de energia em praticamente tudo o que fazemos. Consumimos energia em nossas residências, nas atividades comerciais (ex.: lojas e *shoppings*) e nas atividades industriais (ex.: fábricas). A utilização de fontes de energia renováveis vem de antes da Revolução Industrial no século XVIII, quando já se constatava a existência de formas rudimentares de energia renováveis exploradas para uso pessoal. No entanto, a necessidade de quantidades cada vez maiores de energia, de confiabilidade na geração e custo fizeram com que o ser humano priorizasse a utilização de combustíveis fósseis, tais como diesel, óleo pesado, carvão e mais recentemente o gás natural. No entanto, além do fato de combustíveis fósseis serem uma fonte finita de energia, contribuem para o aquecimento do planeta por meio de elevados níveis de emissão de gás carbônico (principalmente carvão, diesel e óleo pesado).

Levando em conta o ritmo atual de extração e consumo dessa fonte, é provável que suas reservas se esgotem até 2050. Desde a Revolução Industrial e o consequente aumento demográfico, as carências energéticas da humanidade têm aumentado drasticamente. Essa desconexão entre a necessidade crescente por energia e a priorização de uma fonte finita, aliada ao recente aspecto de sustentabilidade, fizeram com que as fontes renováveis de energia ganhassem força.

Além desses dois desafios principais, substituição de combustíveis fósseis e redução de poluentes no meio ambiente, existe um componente geopolítico que influencia em como os países tratam a questão energética. O acesso irrestrito ao petróleo é uma questão fundamental e estratégica para todos os países do mundo, tendo em vista sua importância. A falta de reservas nativas leva o país a importá-lo e a ficar suscetível aos aumentos de preço, o que

gera consequências para a sua economia interna. Prova disso foi o ressurgimento das fontes alternativas e renováveis na década de 70 durante a crise do petróleo. Mais recentemente, em 2008, pôde-se constatar no Brasil a discussão da redução da exportação de gás natural da Bolívia para o Brasil e suas consequências na indústria e nos transportes.

O Brasil tem um papel de protagonista no tema energias renováveis, especificamente no que diz respeito à energia hidráulica e de biomassa de cana-de-açúcar. A partir de 2009, o país também vem se destacando no segmento de energia eólica, sendo este um dos casos de sucesso mundial no incentivo e na implantação dessa fonte na matriz energética brasileira.

No futuro, estima-se que outras formas de energias renováveis se tornarão possíveis devido a uma série de fatores, tais como investimentos em tecnologia e inovação, maior pressão para redução de utilização de petróleo, redução dos níveis de emissões e desenvolvimento sustentável da sociedade. A utilização de fontes renováveis pode ser a única forma de geração de eletricidade, pois num futuro próximo não existirá recursos fósseis em abundância.

2. Aumento populacional e urbanização como direcionadores da demanda de energia

Conforme destacamos na introdução, a demanda por energia tem uma correlação altíssima com o aumento da população e com o aumento da atividade econômica. Neste capítulo vamos explorar o aumento populacional e a consequente migração/concentração da população em centros urbanos como direcionadores da demanda de energia. Com a incorporação de políticas de saúde pública e avanços da medicina, em 1940, o país experimentou um crescimento demográfico. Nota-se que o percentual de crescimento populacional brasileiro começa em um patamar de aproximadamente 2,50% e vai caindo ao longo das décadas, chegando a um pouco menos de 1,50%, em 2005. Esse comportamento é também verificado em outros países emergentes (Fonte: EPE – Empresa de Pesquisa Energética).

Recentemente, entre 2000 e 2005, a população brasileira manteve a tendência de queda relativa, mostrada na Tabela 1.

Tabela 1- Evolução da população total residente (mil habitantes) - Brasil e regiões, 1970-2005

Região	1970	1980	1990	2000	2005
Norte	3.603,7	5.829,2	10.002,0	13.086,4	14.698,9
Variação (% ao ano)	-	4,93	5,55	2,72	2,35
Nordeste	28.111,6	34.690,8	42.433,2	48.075,6	51.019,1
Variação (% ao ano)	-	2,13	2,03	1,26	1,20
Sudeste	39.850,7	51.560,0	62.648,3	73.038,0	78.472,0
Variação (% ao ano)	-	2,61	1,97	1,55	1,45
Sul	16.496,3	18.982,1	22.103,4	25.300,3	26.973,5
Variação (% ao ano)	-	1,41	1,53	1,36	1,29
Centro-Oeste	5.072,5	7.271,4	9.405,7	11.779,6	13.020,8
Variação (% ao ano)	-	3,67	2,61	2,28	2,02
Brasil	93.134,8	118.333,5	146.592,6	171.279,9	184.184,3
Variação (% ao ano)	-	2,42	2,16	1,57	1,46

Fonte: IBGE; compilado pela EPE; disponível para acesso no site da EPE no “Plano Nacional de Energia 2030”, página 15

Os números do Censo Demográfico 2000 também mostram a tendência crescente de aumento da urbanização no Brasil. A partir de 1950, o Brasil deixa de ser um país basicamente rural e passa a se caracterizar como urbano, quando a expansão do Sudeste passa a atrair população migrante originária de áreas rurais, como o Nordeste.

No contexto mundial, o Brasil passa a apresentar um grau de urbanização superior a 75,0%, padrão dos países europeus, da América do Norte e Japão. Isso se deve basicamente a três fatores:

- 1) Crescimento vegetativo nas áreas urbanas;
- 2) Migração com destino urbano; e
- 3) Incorporação de áreas que em eram classificadas como rurais.¹

A Região Sudeste foi a que obteve maior incremento populacional urbano, entre 1991 e 2000, absorvendo 38,2% desse incremento. No Centro-Sul a modernização chega ao campo e provoca transformações, tais como concentração de terra, exclusão de produtores rurais menos capitalizados, liberação de empregados permanentes e aumento do assalariamento temporário, que resultaram na saída da população do campo para a cidade. Da mesma forma, o modelo econômico proposto para a expansão da fronteira de recursos da Amazônia Legal provocou, simultaneamente, a expansão de contingentes rurais, via concentração de terra e substituição de atividades, como também desencadeou um forte crescimento da população urbana com a proliferação de núcleos urbanos ao longo dos principais eixos rodoviários.

As Regiões Norte e Nordeste, cujos níveis ainda estão em torno de 70%, possuem o segundo mais baixo nível de urbanização do país. Entre 1970 e 2005, a taxa de urbanização do Brasil passou de 55,9% para 81,3% (Tabela 2), o que comprova a urbanização contínua que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos.

Tabela 2 - Grau de urbanização (%) – Brasil e Regiões, 1970-2005

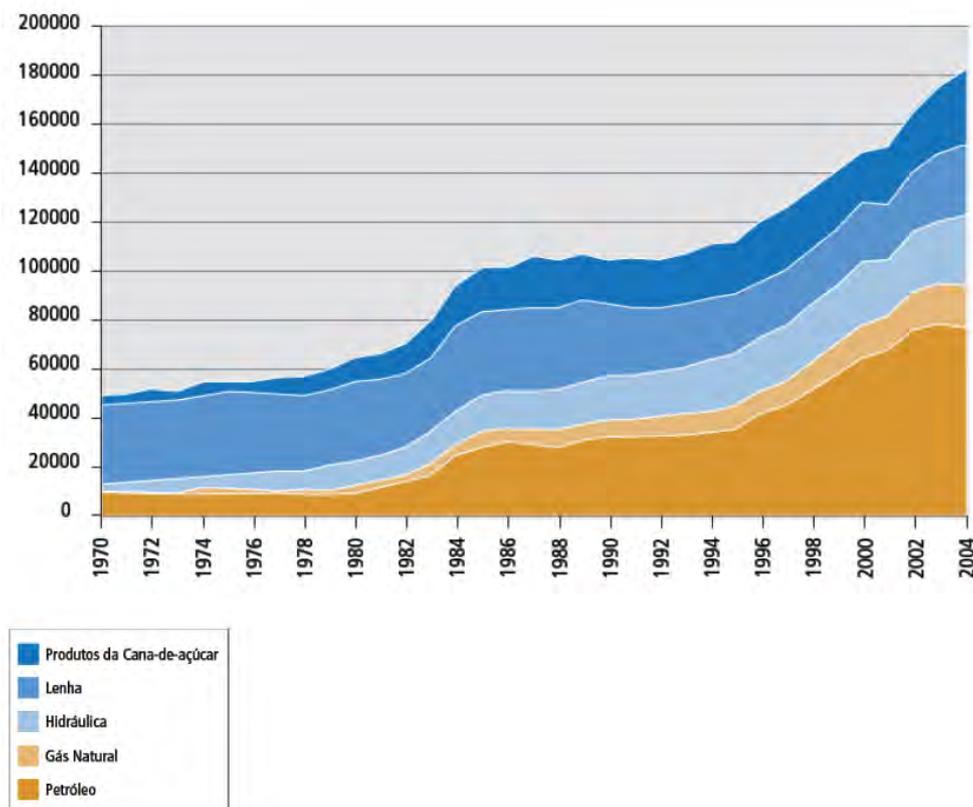
Região	1970	2005
Norte	45,1	70,0
Nordeste	41,8	69,1
Sudeste	72,7	90,5
Sul	44,3	80,9
Centro-Oeste	48,0	86,8
Brasil	55,9	81,3

Fonte: IBGE; compilado pela EPE; disponível para acesso no site da EPE no “Plano Nacional de Energia 2030”, página 19

Esse aumento da população, crescente industrialização do país e maior concentração em áreas urbanas contribuem para uma maior demanda por energia. Não somente no segmento de geração de energia, mas em toda a cadeia produtiva, da exploração dos combustíveis fósseis passando pela geração, transmissão e chegando até à distribuição dessa energia. Entre 1970 e 2005 o crescimento demográfico foi em média de 2,0% por ano, enquanto que a demanda por energia no segmento residencial cresceu a uma taxa de 6,5% por ano.

3. Importância da energia no Brasil

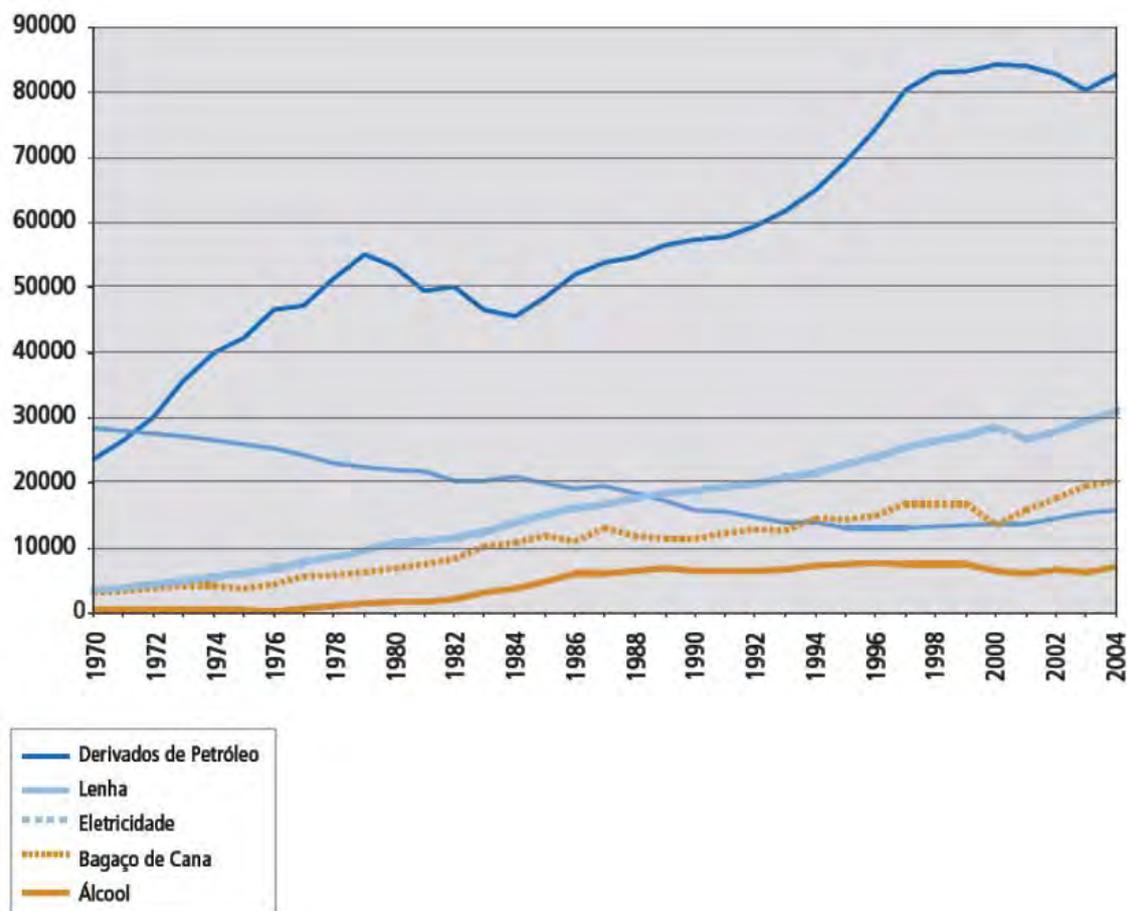
No período de 1970 a 2004, a produção primária de energia, ilustrada da Figura 1, mostra dois períodos de forte crescimento: na primeira metade da década de 80, resultante do processo de industrialização e a partir da segunda década de 90. Destaca-se nesta figura o forte crescimento da produção de petróleo liderado quase que em sua totalidade pela empresa estatal de petróleo Petrobrás.

Figura 1 – Produção primária de energia (10⁶ tep)

Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

Nesse contexto econômico, a oferta interna de energia aumentou 5,7% em 2004, passando de 201,9 . 106 tep para 213,4 . 106 tep e, o consumo final de energia passou de 182,1 . 106 tep para 191,1 . 106 tep, o que representa um crescimento no ano de 4,9%. Do lado do consumo, os derivados de petróleo apresentam maior crescimento nas últimas três décadas, intensificado nos anos 80. Eletricidade e bagaço de cana também apresentaram crescimento ao longo de praticamente todo o período analisado, excetuando-se o período do racionamento de energia elétrica em 2001. O consumo de álcool, embora em taxas mais modestas, também apresenta crescimento.

Figura 2 – Consumo final por fonte (106 tep)



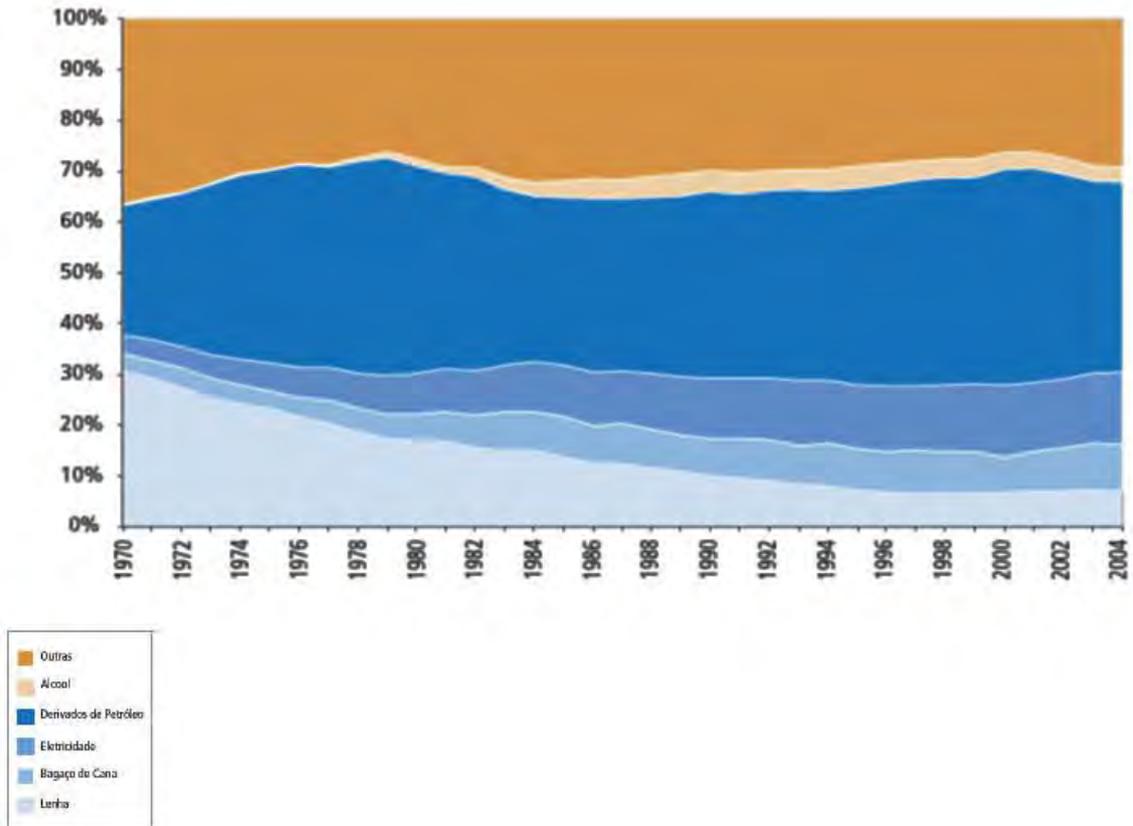
Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

A análise do consumo por fonte, baseada nos dados das Figuras 2 e 3, mostra que o consumo energético é dominado pelos derivados de petróleo. Os consumos de eletricidade e bagaço de cana têm apresentado um ligeiro aumento na sua participação. Observa-se ainda uma redução significativa no consumo de lenha até meados da década de 90, e uma estabilização da participação da lenha de 95 em diante.

Em 2004, a somatória para o item “derivados de petróleo” apresentou um crescimento de apenas 2,3%, em boa parte devido à redução do consumo final de óleo combustível, de -11,0%, já que os consumos de gasolina, óleo diesel e querosene de aviação apresentaram, respectivamente, crescimentos de 3,7%, 6,2% e 7,4%. O consumo de eletricidade cresceu 5,1% no total, com destaque para o setor industrial. Os grandes destaques são o etanol e o gás natural que cresceram 11,6% e 21,5%, respectivamente, com expansão nos setores de transporte e industrial.

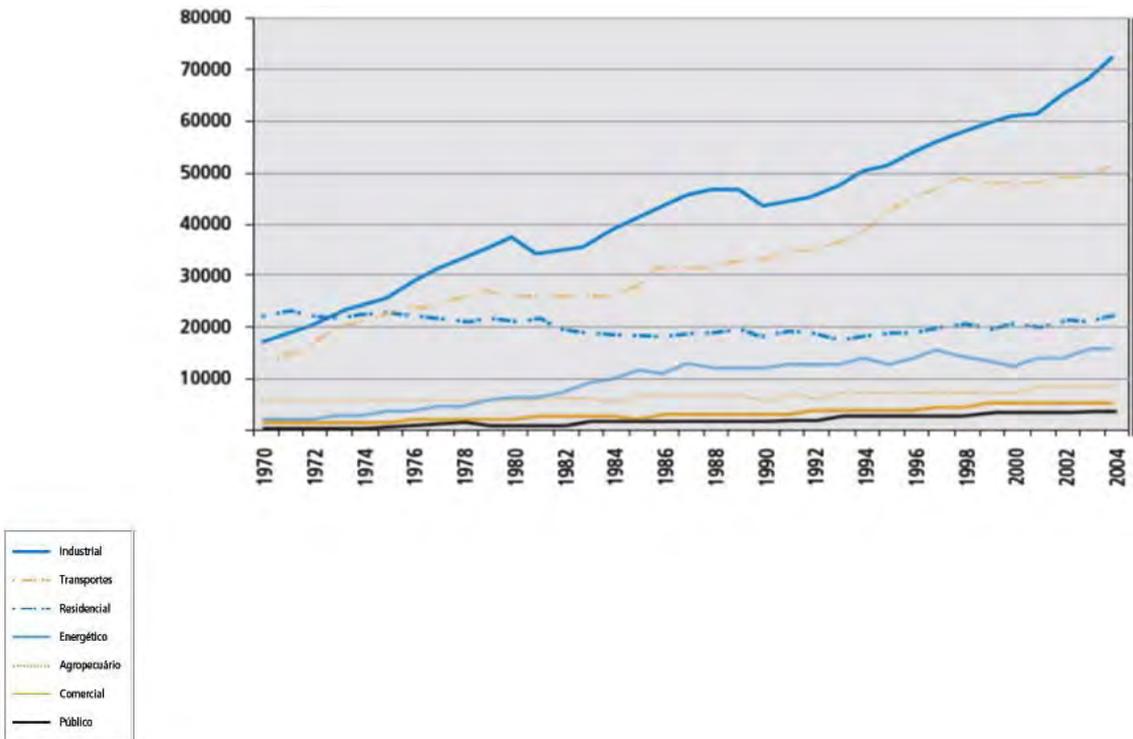
Todo esse consumo mencionado concentra-se principalmente nos setores industrial e de transportes que apresentam as maiores taxas de crescimento desde 1970, de acordo com a Figura 4.

Figura 3 – Consumo final por fonte



Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

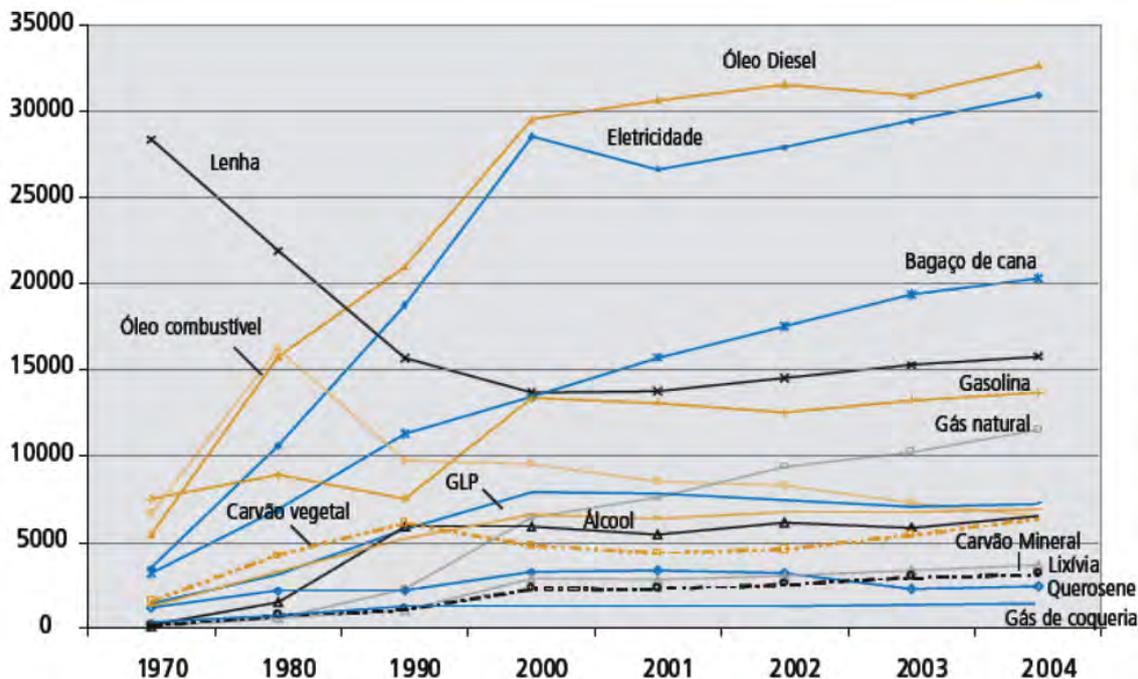
Figura 4 – Evolução do consumo final por setor (10⁶ tep)



Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

Na Figura 5, a evolução do consumo final energético por fonte realça o forte crescimento nos consumos de óleo diesel e eletricidade nas três últimas décadas. Fica claro o processo de substituição da lenha que decresce de 1970 a 2000. Observa-se também a recente substituição do óleo combustível por gás natural, responsável pelas maiores taxas de crescimento de 2002 a 2004.

Figura 5 – Evolução do consumo final energético por fonte (tep)



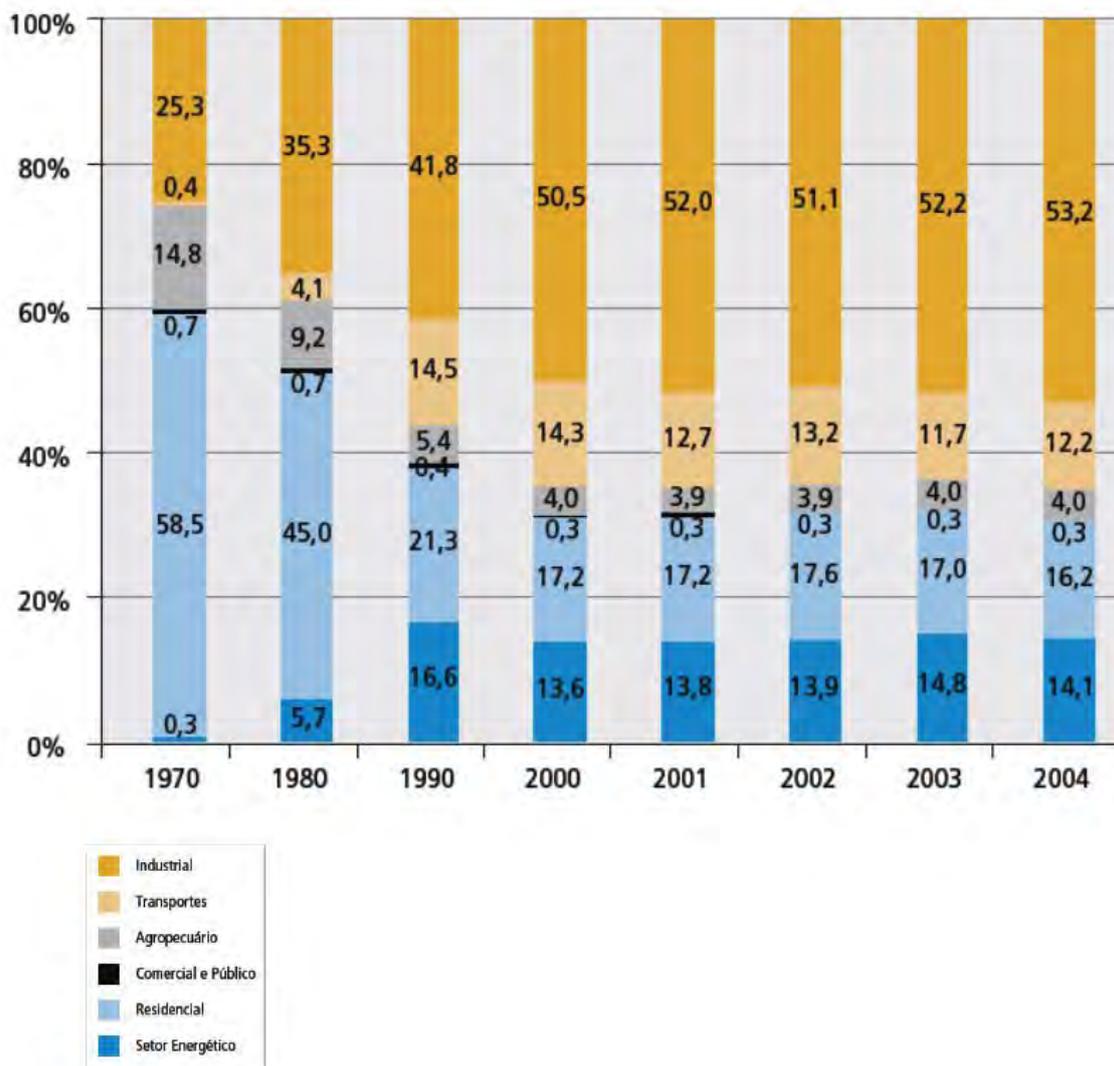
Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no "Balanço Energético Nacional"

Na análise do consumo de eletricidade, observa-se uma diminuição na participação dos setores energéticos e transportes de 1970 a 2005. Em contrapartida, o setor agropecuário aumenta sua participação a partir de 2000. Os setores públicos e comerciais mantêm sua participação praticamente estável no horizonte analisado.

O consumo final dos derivados de petróleo vem participando cada vez menos nos setores industrial e residencial, queda que vem sendo compensada pelo aumento da participação dos setores energético e agropecuário. A Figura 6 ilustra a evolução da composição do consumo final de biomassa, incluindo bagaço de cana, lenha, outras fontes primárias renováveis, carvão vegetal e álcool. Observa-se claramente a redução do uso de biomassa no setor residencial, evidenciando a redução do uso da lenha para cocção.

Em 1970, o setor residencial respondia por 58,5% do consumo total de biomassa, e em 2004 sua participação é de apenas 16,2%. Ao mesmo tempo, destaca-se o aumento da participação do setor industrial que evolui de 25,3% em 1970 para 53,2% em 2004. O mesmo movimento pode ser observado no setor de energia que contribuía com 14,1% do consumo total de biomassa em 2004 e em 1970 respondia por 0,3%. Essa maior industrialização do país é o segundo grande direcionador de demanda de energia, em conjunto com o crescimento populacional abordado no capítulo anterior.

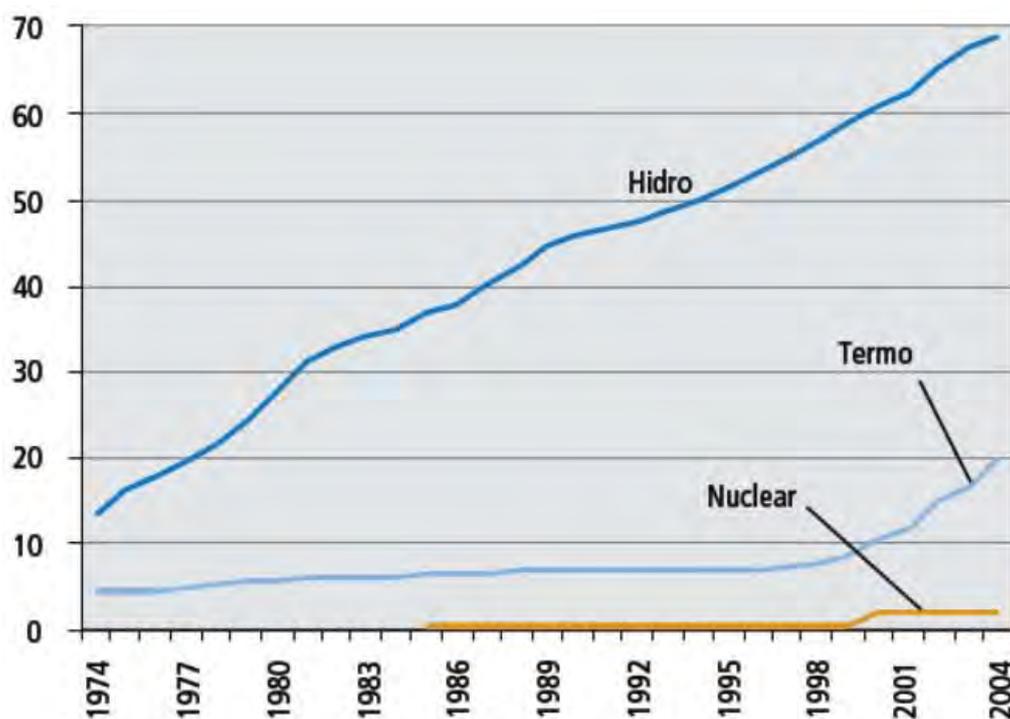
Figura 6 – Composição setorial do consumo final energético de biomassa



Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

Esses direcionadores se refletem no aumento da capacidade instalada de geração de energia elétrica, tanto em grandes centrais elétricas como em autoprodutoras. Enquanto a capacidade instalada de geração de energia elétrica total cresceu 4,7% entre 2003 e 2004.

A análise do gráfico da Figura 7 mostra que a capacidade instalada em usinas hidrelétricas cresce a uma taxa quase que constante ao longo das últimas duas décadas. A partir do final da década de 80, o aumento da capacidade instalada para geração termoelétrica convencional e nuclear reflete a diversificação da matriz energética brasileira.

Figura 7 – Evolução da capacidade instalada da geração (GW)

Fonte: BEN 2004/MME; compilado pela EPE; disponível no “Balanço Energético Nacional”

Mais recentemente, com a criação do Programa de Incentivo a Fontes Alternativas (PROINFA), o governo brasileiro formalizou um incentivo a pequenas centrais hidrelétricas, biomassa de cana-de-açúcar e eólica. A partir de 2009, com o fim do PROINFA que adicionou 3,3 GWs de capacidade instalada ao sistema brasileiro, a adição de fontes renováveis passou a ser feita por meio dos leilões de energia nova.

4. Apresentação das energias renováveis no Brasil

O Brasil é líder mundial no uso de fontes renováveis de energia. Atualmente, 46% da energia consumida no país vem de fontes alternativas, enquanto a média em outros países é de apenas 13%. Energia renovável é aquela originária de fontes naturais que possuem a capacidade de regeneração. Como exemplos de energia renovável, podemos citar: energia hidráulica (dos rios), energia solar, biomassa (matéria orgânica), energia eólica (dos ventos), energia nuclear, energia geotérmica (calor interno da Terra), energia mareomotriz (das ondas de mares e oceanos). No caso de energia primária, podemos incluir também o etanol de cana-de-açúcar, um exemplo brasileiro de sustentabilidade.

As fontes de energias renováveis, ao contrário dos combustíveis não renováveis, em geral, não causam impactos tais como poluição e desmatamento ao meio ambiente. Portanto, são excelentes alternativas, principalmente numa situação de luta contra o aquecimento global e a poluição atmosférica. Abaixo, apresentamos uma visão geral e resumida das principais fontes renováveis de geração de energia.

Foto 1 - Energia solar



Fonte limpa que não gera poluição nem impactos ambientais. Atualmente, ainda é muito cara, por isso, pouco explorada, pois precisa de incentivos financeiros. Porém, a energia solar é talvez a fonte que apresenta os maiores avanços tecnológicos e isso se traduz numa maior competitividade dessa fonte, pois os custos caem de 20 a 25% por ano. Essa energia é captada por painéis solares feitos de células fotovoltaicas e transformada em energia elétrica por meio de uma reação química. A energia solar é sinônimo de geração distribuída (geração de energia no ponto de consumo, sem necessidade de infraestrutura de transmissão e distribuição) e, por isso, é amplamente utilizada no segmento residencial. Os países que mais produzem energia solar atualmente são: Japão, Estados Unidos e Alemanha.

Foto 2 - Biogás



Gerado a partir da decomposição anaeróbica de materiais orgânicos (esterco, restos de alimentos, resíduos agrícolas e lixo), que diferentemente dos combustíveis fósseis, ocorre em um curto espaço de tempo. Por exemplo, num aterro sanitário a matéria orgânica do lixo se decompõe num prazo total de 7 anos.

Essa decomposição gera gás metano, extremamente nocivo à camada de ozônio, mas que é captado e transformado em eletricidade por meio de motores. É uma fonte renovável e gera baixas quantidades de poluentes (transforma o metano em eletricidade e gás carbônico).

Foto 3 - Biomassa de cana-de-açúcar



Numa usina de açúcar e álcool os resíduos sólidos do processo, bagaço, são utilizados na geração de eletricidade. Essa biomassa é utilizada como combustível numa caldeira de média ou alta pressão. A caldeira transforma água em vapor, que aciona uma turbina a vapor, gerando eletricidade. A geração de energia por meio da biomassa pode contribuir para a diminuição do efeito estufa e do aquecimento global. Além disso, uma usina tem potencial de gerar até 25 MW de eletricidade, sendo que ela consome por volta de 15 MW, ou seja, um processo altamente eficiente e sustentável do ponto de vista energético.

Foto 4 - Eólicas



inas

(aerogeradores) em formato de cata-vento. Esses aerogeradores captam a energia cinética do vento através das pás, transferem-na para um gerador através de um eixo, gerando energia elétrica. É uma fonte limpa e inesgotável, entretanto, pouco utilizada, pois o custo da eletricidade gerada ainda é alto devido à intermitência do vento. Desde a antiguidade, essa forma de geração é utilizada pelo homem, principalmente nos moinhos e embarcações. Atualmente, somente 1% da energia gerada no mundo deriva desse tipo de fonte. Essa tecnologia pode ser aplicada *onshore* (em terra) e também *offshore* (no mar).

Os 5 países que mais geram energia eólica são:

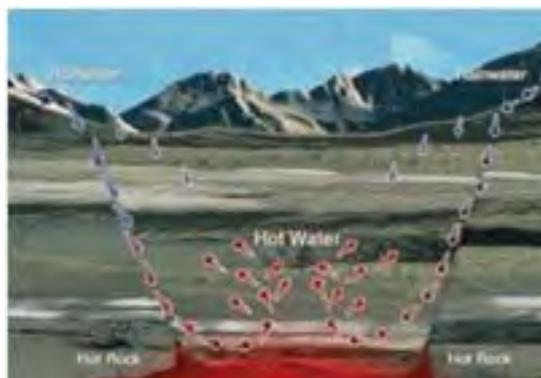
- 1° - China (62,7 mil megawatts)
- 2° - Estados Unidos (46,9 mil megawatts)
- 3° - Alemanha (29 mil megawatts)
- 4° - Espanha (21,6 mil megawatts)
- 5° - Índia (16 mil megawatts)

Foto 5 - Energia Nuclear



Embora não seja reconhecida como energia limpa, a energia nuclear é uma das formas mais limpas de geração de energia. É uma forma de energia térmica gerada a partir do urânio, um elemento químico. Quando o núcleo do urânio é desintegrado, uma enorme quantidade de energia é liberada, e esta é aproveitada para gerar eletricidade. Embora não produza poluentes, a quantidade de lixo nuclear é um ponto negativo e acidentes em usinas nucleares representam um grande perigo.

Foto 6 - Geotérmica



Utiliza o calor derivado do interior da Terra para acionar turbinas a vapor e gerar energia (mecanismo semelhante à biomassa). A energia geotérmica é limpa e renovável, pois causa poucos danos e poluição do meio ambiente. Pode ser obtida por meio das rochas quentes, secas, úmidas e vapor quente, em regiões onde a temperatura pode superar 5.000°C. Esse tipo de energia requer cuidados em relação ao meio ambiente, pois pode provocar instabilidade geológica caso seja produzido de forma inadequada.

Foto 7 - Maremotriz



Gerada a partir do movimento das águas oceânicas nas marés. Possui um custo elevado de implantação e, por isso, é pouco utilizada. Especialistas afirmam que, futuramente, esta, será uma das principais fontes de energia do planeta. Atualmente, este tipo de tecnologia está restrito a plantas de teste e pesquisa e desenvolvimento.

Foto 8 - Hidrelétricas

Tecnologia mais utilizada no Brasil devido ao extenso território plano e à quantidade de rios. A água possui um potencial energético e é aumentada quando represada. Na queda d'água, as turbinas fazem funcionar um gerador elétrico, produzindo energia. A construção de uma usina pode causar impactos ambientais, como alagamento e desvio do trajeto do rio, porém é uma fonte limpa. Diante de uma economia favorável, o Brasil vive a segunda grande expansão hídrica de sua história. O país tem um dos três maiores potenciais para geração hidrelétrica no mundo.

5. Vantagens das energias renováveis sobre as não renováveis

Atualmente, do ponto de vista de planejamento energético, não há um só país que tenha exclusivamente uma única fonte de energia, e sim os países possuem um conjunto de tecnologias para a geração de energia. Isso se deve a vários fatores macroeconômicos, estratégicos e financeiros. Mas também se deve ao fato de que cada tecnologia tem vantagens e desvantagens, e que dependendo da situação e aplicabilidade, uma fonte pode ser uma alternativa melhor que a outra.

Tomemos como exemplo 5 países: Estados Unidos, Arábia Saudita, China, Alemanha e Brasil. Cada um desses países tem realidades econômicas, variáveis demográficas, graus de industrialização, extensões territoriais, necessidades energéticas, acessos a combustíveis e, sobretudo, abordam o tema sustentabilidade de maneiras diferentes. Os Estados Unidos, por exemplo, passam por um processo de substituição de geração de energia elétrica a partir do carvão por geração eólica, principalmente motivados pela sustentabilidade. Já a Arábia Saudita, devido à grande disponibilidade de petróleo e gás em seu território, privilegia a

geração térmica a partir do gás natural mantendo os índices de poluição dentro do aceitável de acordo com os padrões internacionais.

A China por sua vez tem uma situação completamente distinta. Alto crescimento econômico, maior industrialização, população com maior acesso a eletricidade e grandes jazidas de carvão em seu território. Nessa situação, procura incentivar todas as fontes de geração devido a sua grande necessidade de energia, porém, mais da metade de suas novas plantas geradoras serão movidas a carvão, o que torna esse país o mais poluente do mundo. As questões de sustentabilidade são secundárias num país sedento por energia.

A Alemanha tem grande parte de sua geração feita por meio de painéis solares, fruto de um programa de incentivos pesado. Como a Alemanha é um país altamente industrializado e com um senso apurado de sustentabilidade, o governo alemão procura incentivar fontes renováveis de geração de energia.

No caso brasileiro, pela geografia do país e pela facilidade, construiu-se uma matriz energética altamente baseada em hidrelétricas. Apesar do tema sustentabilidade não ter sido um direcionador dessa matriz, hoje, o Brasil tem uma matriz energética altamente sustentável.

Importante notar que todos esses países têm uma diversidade de fontes, contando com geração nuclear, térmica (gás natural, carvão e óleo), eólica, biomassa e solar.

As principais vantagens das energias renováveis são:

- São consideradas inesgotáveis, podendo sempre se regenerar em um rápido período de tempo;
- Permitem reduzir significativamente as emissões de CO₂;
- Reduzem a dependência energética das energias não renováveis;
- Conduzem à pesquisa de novas tecnologias, que originará a melhor eficiência energética.

As principais desvantagens das energias renováveis são:

- Devido ao fraco investimento nesse tipo de energia, algumas possuem custos elevados na sua implementação;
- Podem causar impactos ambientais, porém, não se comparam ao impacto causado pelas energias não renováveis;
- Podem gerar algum ruído (porém, isso já foi desmistificado).

6. Conclusão

Com o aumento da população mundial, a crescente industrialização e a urbanização dos países, cresce a demanda mundial por eletricidade e a necessidade de usar fontes alternativas que não poluem, não impedem a sobrevivência das espécies e não degradam os recursos do planeta.

O maior desafio que enfrentamos para que a maior parte da energia venha de fontes renováveis, é que estas não são totalmente controláveis: não ter sol, vento, o inverno ser prolongado ou a seca diminuir o volume dos rios, são variáveis externas que não podemos controlar e que comprometem o fornecimento de energia. Por isso, essas fontes ainda possuem um papel complementar nas matrizes energéticas, já que não há uma única tecnologia capaz de suprir 100% da necessidade de um país.

O Brasil tem um papel de protagonista no tema energias renováveis, especificamente no que diz respeito à energia hidráulica e de biomassa de cana-de-açúcar. A partir de 2009, o país também vem se destacando no segmento de energia eólica, sendo um sucesso mundial o incentivo e a implantação dessa fonte na matriz energética brasileira.

No futuro, estima-se que outras formas de energia renováveis se tornarão possíveis devido a uma série de fatores, tais como investimentos em tecnologia e inovação, maior pressão para redução de utilização de petróleo, redução dos níveis de emissões e desenvolvimento sustentável da sociedade. A utilização de fontes renováveis pode ser a única forma de geração de eletricidade num futuro próximo caso não existam recursos fósseis em abundância.

Nota

¹ Fonte: Censo Demográfico 2000.

Referências

ANÁLISE Energia 2012, São Paulo 2012. Anual.

ANÁLISE Retrospectiva. **EPE** – Empresa de Pesquisa Energética, Brasília. Disponível em: <http://www.epe.gov.br/PNE/20080512_1.pdf> Acesso em: 13 jun. 2012.

BALANÇO Energético Nacional 2012. **EPE** – Empresa de Pesquisa Energética, Brasília. Disponível em: <<http://ben.epe.gov.br>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

CAVALCANTE, Kleber. Energia elétrica. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/fisica/energia-eletrica.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

ENERGIAS Renováveis. Por quê? **Energias Renováveis**, São Paulo, 22 maio 2008. Disponível em: <<http://energiasrenovaveis1.blogspot.com.br/2008/05/energia-hidroelctrica.html>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

ENERGIAS Renováveis. **Grupo ap**, São Paulo, 22 maio 2008.

ENERGIAS. **Tudo energia**, São Paulo, 22 maio 2008. Disponível em: <<http://tudoenergia.home.sapo.pt/index.htm>>. Acesso em: 11 junho 2012.

ENERGIA Renovável. **EBAH**, São Paulo, 22 maio 2008. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAsG8AL/energia-renovaveis>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

ENERGIA renovável. **Sua Pesquisa**, São Paulo. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/energia_renovavel.htm>. Acesso em: 11 jun. 2012.

EXXON MOBIL. Panorama energético – Perspectivas para 2030. **Esso**, São Paulo. Disponível em: <http://www.esso.com/Brazil-Portuguese/PA/Files/Panorama_Energetico_para_2030.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2012.

LEAL, Milton. Energia Elétrica. **Revista GTD**, São Paulo, ed. 49, p. 48-54, maio/jun. 2012.

MAIO, Lécidia. Energias Renováveis. **Minerva**, São Paulo, 22 maio 2008. Disponível em: <<http://www.minerva.uevora.pt/odimeteosol/energias.htm>> Acesso em: 20 mar. 2012.

MELO, Elbia. **Revista Smart Energy**, São Paulo, p. 28-32, maio/jun. 2012.

PRADO, Marcelo. Entrevistado por Júlia Prado, 17 março 2012.

ROCHA, Fabio. **Energia Renovável**. 1ª ed. São Paulo: Livraria Canalenergia, 2011.

SOUSA, Nadia de. Energia renovável. **Nota positiva**, São Paulo. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/geografia/geografia_trabalhos/energrenovaveis.htm>. Acesso em: 13 jun. 2012.

VECCHIA, Rodnei. **Energias Renováveis**. 1ª ed. São Paulo: Manole, 2010.

Sustentabilidade em um mundo superlotado

Lina Guzikauskas Celescuekci



Somos 7 bilhões! E daí?

Lina Guzikauskas Celescuekci

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar que para o mundo ser capaz de suportar o acréscimo populacional, que, hoje, atinge a marca de 7 bilhões de habitantes, todos precisam mudar seus hábitos dissipadores porque se vive em uma biosfera de recursos naturais finitos. A prática sustentável, nesse contexto, condicionaria bem-estar e qualidade de vida, ao passo que extingiria o ideal de riqueza material. Se o consumismo se convertesse para o consumo, ou seja, o saciar das necessidades básicas, não haveria mais a discrepância visual entre pobres e ricos, a árdua competição no mercado de trabalho, e a degradação do meio. Desse modo, a prática sustentável não deveria ser vista como mera opção de vida, mas condição para ela. Contudo, não será simples tarefa converter todos os indivíduos em prol da preservação do ambiente, ainda que a mentalidade capitalista domine o mundo.

Palavras-chave: sustentabilidade, capitalismo, meio ambiente, bem-estar, política, economia.

Abstract

The goal of this report is to show that the world be able to support the increase of population, that, today, reaches the mark of 7 billions habitants everyone needs to change their unthrifty habits because natural resources are limited. The sustainable practice, in this context, provides well-being and quality of life while extinct the ideal of material wealth. If consumerism turned to consumption, namely to glut only the basic needs, there wouldn't be a visual discrepancy between rich and poor, strong competition in the labor market and the degradation of the environment. Thus, sustainable practice should not be seen as mere lifestyle choice, but its condition. However, it is not simple task to convert all individuals in favor of preserving the environment, though, the capitalist mentality dominates the world.

Keywords: *sustainable practice, capitalism, environment, well-being, politic, economic.*

1. Introdução

Desenvolvimento Sustentável significa satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de saciarem as suas próprias. O uso consciente de recursos depende do comprometimento de cada cidadão com o meio ambiente e ainda de conceitos da vida civilizada, pois os recursos naturais são limitados e a conclamação para amar a teu próximo como a ti mesmo faz-se necessária. Entretanto, há um descompasso na prática sustentável, quando levamos em conta o sistema econômico vigente da maior parte da população: o capitalismo. Nele, o individualismo é sobreposto ao altruísmo e o discurso ético é deixado de lado.

2. Mentalidade capitalista



A afirmação “O homem é o lobo do homem”, feita por Hobbes¹ em 1651, é facilmente aplicada no contexto do mundo atual. Sabe-se que o homem naturalmente tende ao egoísmo, mas tal característica ganhou densidade no mundo contemporâneo porque a ambição humana nunca assumiu amplitude maior. O poder, prestígio e reverência social são constantemente aclamados dentro da história e, pretexto para competição e luta contínua. Ser bom não é o bastante, é necessário ser o melhor. É nesse campo que agem, ao mesmo tempo, a busca pela grandeza e o desprezo por ações que não beneficiem diretamente o ego do sujeito. O problema da tão estimada grandeza é que o indivíduo nem sempre dispõe do discurso

ético, por isso viola valores morais e os direitos humanos estipulados pela civilização. Assim ações que não sejam explicitamente recíprocas articulam questões como: “Por que eu deveria me importar, se muitos outros não o fazem?”, “Outra pessoa não poderia fazer isso em meu lugar?” ou “O que isso me trará?”. Tais questões implicam a morte da moralidade, pois não há indícios da preocupação com o coletivo, apenas com o privado. Por conseguinte, o pensamento sustentável torna-se inviável.

2.1 Ambição humana: a semente da desigualdade

A opulência de bens materiais é a melhor forma de expor a ambição humana e, portanto, o objetivo da grande maioria da população. O narcisismo é assim alimentado, fazendo com que riqueza alguma sacie os prazeres e desejos individuais. A publicidade se aproveita desse contexto fértil e explora as vontades de cada qual por meio de mecanismos que renovam as aspirações humanas, ou seja, a função primordial da propaganda é recriar sonhos e dar continuidade ao ciclo do capitalismo, pois esse não existe sem o consumismo. O bem-estar espiritual requer a sua materialização, pois a mídia impôs que dinheiro é sinônimo de felicidade. Dessa forma, o homem está exaurindo os recursos naturais para a produção dos bens materiais, o que não condiz com o projeto sustentável. Nele, o correto seria que todos seguissem o parâmetro da Pegada Ecológica, que define áreas de terras produtivas das quais uma pessoa precisa para sustentar o seu consumo e absorver seus resíduos pelo período de um ano. Nesse caso, a medida de 1,6 hectare seria a ideal para cada cidadão, entretanto, há pessoas que extrapolam a medida e outras que não atingem a metade da área considerada adequada.

Esse é o contexto criado pelo capitalismo: o da desigualdade. Como encontrar ética em um mundo em que alguns esbanjam e nem ao menos percebem a existência do outro, que vive na miséria? A exclusão é evidente e os esforços para a extinção da desigualdade são raríssimos.

A alienação, que se apropria de um número cada vez maior de pessoas, resulta num isolamento físico e ideológico de cada habitante. Esse prefere viver a sua utopia, prezando conquistas materiais e prestígio social, a lutar contra as patologias do mundo (miséria, fome, desigualdade, etc.). Seguindo o raciocínio traçado, a pessoa acredita ter relevada importância e apela para o egoísmo, pois crê

ter problemas grandes o suficientes para desprezar outros mais amplos que englobam um número muito maior de pessoas. Sendo assim, cada vez menos avistamos iniciativas para a melhoria das condições socioambientais do planeta.

Além do mais, é importante ressaltar as atrocidades que o capitalismo leva algumas pessoas a cometer, pois o desejo por poder é capaz de modelar as atitudes para atingir seus fins independentemente dos seus meios, como preconiza a máxima maquiavélica.² Tomemos como exemplo a extensiva emissão de gases poluentes e extinção de recursos naturais para beneficiar apenas a um pequeno grupo de pessoas ou a expropriação do trabalho de habitantes dos países subdesenvolvidos por meio do pagamento de salários baixíssimos e condições subumanas de vida.

3. Degradação do meio ambiente



O meio ambiente é um dos grandes afetados pelas ações indiscriminadas das grandes corporações. O ritmo da economia acabará matando o planeta, pois esse está condenado nas três etapas da sequência linear do capitalismo: no início do processo (extração de matéria-prima), no meio (emissão de gases poluentes) e no final (destino dos resíduos de produção).

3.1 Extração

A primeira etapa, a de extração, hoje infringe a capacidade do mundo de repor os recursos naturais. É necessário ter em mente que as dimensões da Terra não mudam, a biosfera é finita e não cresce! Nas últimas três décadas, um terço dos recursos naturais já foi consumido e 80% das florestas desapareceram. Nos EUA, por exemplo, restam, apenas, 4% das florestas originais e 40% das águas não são mais potáveis. Salientando o fato de que os norte-americanos são apenas 5% da população mundial, é inadmissível pensar que eles utilizam 30% dos recursos mundiais. Se todos consumissem do mesmo modo que eles, seriam necessários no mínimo mais quatro planetas com as mesmas

dimensões da Terra.

No Brasil, o contexto não é muito diferente, na verdade, o país se destaca por ser o líder mundial em desmatamento. Mesmo possuindo a maior floresta tropical do mundo, o agronegócio, a exploração madeireira e a especulação fundiária a farão desaparecer. O Mato Grosso responde por quase 50% do desmatamento anual na Amazônia brasileira. A Mata Atlântica, que cobria todo o litoral brasileiro, é outro exemplo, pois foi reduzida a 4% do seu tamanho original.

“Há riqueza bastante no mundo para as necessidades do homem, mas não para a sua ambição”, já dizia Mahatma Gandhi³ e não há contradição alguma no que foi expresso, pois o motivador que levou o homem a tanto foi a cobiça. O desmatamento é necessário para o progresso, segundo a visão contemporânea de grande parte da população. Lástima que não há motivações para o contrário, ou seja, para a reposição do que foi destruído, pois isso não traria lucros a ninguém.

3.2 Produção



A etapa de fabricação implica a emissão de gases poluentes tais como o dióxido de carbono, metano, óxido de azoto e os CFCs. Em julho de 2009, foi atingida a taxa de 387,81 PPM⁴ de dióxido de carbono na atmosfera, sendo que o nível máximo é de 350 PPM, para que o planeta continue conforme o conhe-

mos.⁵ Como produto dessa elevada taxa, surge o aquecimento global que significa a elevação brusca e repentina da temperatura devido ao acúmulo de gases poluentes na atmosfera. Essa é caracterizada por ser bem fina e é responsável por impedir o calor de se deslocar totalmente para o espaço o que determina uma temperatura amena para que haja vida no planeta. Porém, a emissão de gases e o consequente acúmulo desses na atmosfera ocasionam o engrossamento da fina camada atmosférica, logo tornam mais difícil a passagem do calor para o espaço, elevando a temperatura terrestre. As consequências do Aquecimento Global são inúmeras, mas as mais preocupantes são: o aumento do nível dos oceanos devido ao derretimento das geleiras, a extensão das secas e áreas desérticas, o desaparecimento de importantes rios e a morte de espécies da fauna e flora atuais.

Aumentar a temperatura dos oceanos também implica elevar a velocidade do vento, o que resulta na crescente incidência de furacões e tornados. A ciência dizia ser impossível ocorrer furacões no Atlântico Sul, entretanto, em 2004, no sul do Brasil, ocorreu o furacão Catarina.

As secas tornam-se constantes pois a evaporação da água dos solos intensifica-se, dois exemplos trágicos foram: o desaparecimento do lago Chade, localizado no continente africano, e, do Mar de Aral, situado na Ásia Central. Entretanto, os impactos mais alarmantes estão ocorrendo no Polo Norte do planeta. A calota do Ártico reduziu sua espessura em 40% e estudos indicam que em cinquenta anos ela desaparecerá. Os animais da região estão sendo profundamente afetados. Pela primeira vez na história, houve relatos de ursos polares que se afogaram em busca de planícies de gelo.

As correntes marítimas poderão se extinguir com o degelo das calotas, pois mais água doce desembocará no oceano o que reduzirá a densidade de suas águas, já que a concentração do sal diminuirá. A consequência do término das correntes fará surgir uma nova Era Glacial.

Outro impacto ocasionado pelo derretimento das geleiras é a elevação do nível do mar. Seus impactos já são sentidos, um exemplo ocorre em Tuvalu, uma minúscula ilha-nação no Oceano Pacífico, que está submergindo e, em meio século, provavelmente, não existirá mais. A Nova Zelândia é que tem aceitado os refugiados tuvalenses.

Os dez anos mais quentes da história ocorreram nos últimos catorze. As ondas de calor serão bem mais comuns. Em 2003, na Europa, foi observada uma onda de calor fortíssima que matou 35.000 pessoas. No mesmo ano, na Índia, os termômetros marcavam 50° C.⁶ Isso evidencia que a postura do homem em relação ao meio há de mudar, caso contrário, seremos vítimas de consequências catastróficas, que podem até extinguir a vida no planeta. O problema é que o homem está acomodado às mudanças climáticas que vêm ocorrendo e não pretende alterar o modo como vive. Felizmente, há alguns esforços, porém ainda muito pequenos, como é o caso do Protocolo de Kyoto ou da Conferência Rio+20. O primeiro anunciou que todas as nações, com exceção dos EUA, Austrália e Canadá, comprometeram-se a reduzir as taxas de emissão de gases poluentes. A segunda, que vem ocorrendo no ano de 2012, ainda está fundamentada em discussões, mas essas já propuseram medidas importantes como a criação das MDS (Metas do Desenvolvimento Sustentável) que são um conjunto de objetivos e prazos para a aplicação do desenvolvimento sustentável, a iniciativa de acabar com o subsídio do petróleo e a consolidação do IRI (Indicador de Riqueza Inclusiva) para medir o progresso de cada país através de cláusulas como educação, bem-estar e nível de sustentabilidade de produção, a fim de substituir o PIB (Produto Interno Bruto) que avalia apenas a riqueza bruta de cada nação.⁷

3.3 Lixo

Por fim, a etapa do destino dos resíduos de produção. Sabe-se que para manter um alto nível de consumo é necessária a produção em massa. O problema é que nem tudo é consumido e ainda são poucos os que reciclam, acarretando a abusiva geração de lixo. A solução?

O correto seria a redução do consumismo, mas como, atualmente, essa não aparenta ser uma maneira viável para o capitalismo, a reciclagem seria uma boa alternativa. Essa consiste na reutilização de materiais como fonte de matéria-prima para a fabricação de novos produtos. Deveria ser empregada por todas as residências, mas o analfabetismo ambiental o impede já que a ignorância a respeito da própria condição natural é muito grande no mundo. A articulação da autocrítica e revisão dos valores e costumes de cada qual são impedidas pela arrogância. Dessa maneira, um simples ato de separação do lixo para que esse

seja destinado à reciclagem torna-se um desafio, pois a despreocupação com o ambiente impede o indivíduo de zelar por ele. A motivação e o fim não são claros para o sujeito, que passa a descredenciar ações que beneficiariam o planeta.

Mas e as opções para o destino do lixo? São muitas, como, por exemplo, a criação de aterros sanitários, lixões ou incineração. Entretanto, os primeiros provocam a contaminação das águas subterrâneas do solo. Os segundos devem dispor de grandes dimensões territoriais pois os materiais demoram a se degradar e, portanto, são acumulados por anos. O vidro, por exemplo, demora 1 milhão de anos para se decompor enquanto que o plástico, tão comum no cotidiano, leva 100 anos.⁸ A incineração, por sua vez, implica o lançamento de gases poluentes no meio.

O lixo tóxico provém de substâncias com propriedades químicas altamente nocivas ao ambiente e também se enquadra na classificação de resíduos de produção. Deve ser manejado com grande precaução para não danificar áreas ao seu redor pois os resíduos liberados podem se acumular nos níveis tróficos das cadeias e teias alimentares, extinguindo espécies e ainda causando gravíssimos problemas de saúde nos humanos. Existem casos em que o lixo tóxico é transportado dos países desenvolvidos para outros territórios, sobretudo, em países subdesenvolvidos pois os primeiros não querem investir no tratamento desses rejeitos nem danificar o próprio ambiente.

Aqui, mais uma vez, é possível perceber a ganância humana que não demonstra preocupação com outros que não eles mesmos e uma

ação amoral sendo encoberta pelo desejo material. Felizmente, houve tentativas de coibir tal injustiça como a Convenção de Basileia, criada em 1988 e atualmente ratificada por mais de 60 países. O intuito era de diminuir a produção de lixo tóxico e providenciar depósitos apropriados para esses resíduos. Emendas de 1995 e 1997 também estabeleceram a proibição da exportação para fins de destinação ou reciclagem de lixo, sendo considerado crime o tráfico ilegal desses resíduos.

4. Meio ambiente e sete bilhões de pessoas

Imaginar que a densidade demográfica está se elevando é preocupante, pois isso conduz ao aumento de extração de recursos naturais que aumenta a quantidade de produtos fabricados porque o número de consumidores elevou-se. A emissão dos gases poluentes é então intensificada e quanto mais produtos consumidos, mais lixo será gerado.

Não podemos mais fingir que vivemos em um ecossistema ilimitado. Os recursos são finitos e mesmo que a tecnologia se desenvolva, nunca reproduziremos o que o planeta nos concebeu. Nesse ponto, a teoria malthusiana⁹ estava correta, pois não somos capazes de repor grande parte do que destruímos e a escassez dos recursos naturais é verdadeira. Portanto, satisfazer as necessidades básicas da vida não será questão que o dinheiro solucionará porque não haverá mais matéria-prima que as supra, ocasionando a morte dos habitantes da Terra.

5. Expropriação do trabalho

Outra evidência da degradação do mundo não se exprime pelo desmatamento ou pelo comprometimento do meio ambiente, mas pelas relações de trabalho.

Ao criar um produto, o fabricante geralmente se depara com a possibilidade de usar materiais atóxicos, duráveis e ecologicamente corretos, porém isso implicaria a elevação do custo de produção e, logo, é descartado pelo empresário. Esse, por sua vez, dá



preferência à criação de produtos que se tornem mais baratos para saciar a febre do consumismo e disputar o mercado. É curioso pensar que os produtos dispostos nas prateleiras das lojas são barateados, pois a mesma matéria-prima e os mesmos empregados foram utilizados na sua fabricação. A lógica disso tudo está no fato de que o preço do produto envolve a margem de lucro da empresa, que faz de tudo para torná-la a mais vantajosa possível. Esse “fazer de tudo” atinge a máxima amplitude, pois engloba atitudes reprováveis tais como a exploração dos trabalhadores, sobretudo, dos países subdesenvolvidos.



Comunidades migram em direção às cidades, habitando favelas e suportando condições insalubres de vida por questão de sobrevivência. Sem opção, elas concordam em trabalhar horas extensivas em troca de salários miseráveis. Hoje, na China, o salário médio é de 4,93 reais por hora, enquanto que nos EUA é de 35,49 reais. Lástima é pensar que esse não é o único entrave enfrentado pelos empregados, pois, além do baixo salário, eles lidam com o medo de serem punidos.

A Oxfam, organização não governamental internacional, relatou, em 2002, um protesto contra a exploração do trabalho dos cidadãos indonésios pela corporação da Nike. Nele, é dito que os empregados recebem dois dólares por dia, sofrem abusos sexuais, repressões e são expostos a substâncias que se revelaram cancerígenas em testes com animais.¹⁰

Analogamente, é possível enxergar no mundo contemporâneo, o cenário relatado por Karl Marx e Friederick Engels na obra *O Capital*¹¹ no período da modernidade. No livro, o trabalho é descrito como algo externo ao operário, ou seja, não é voluntário e é apenas realizado para a sua própria subsistência o que, conseqüentemente, acarreta a sua infelicidade. “A alienação do trabalho faz com que o ope-

rário se torne tanto mais pobre quanto maior é a riqueza que produz.” Mais pobre porque ele faz o que não o agrada e por esse motivo não se sente realizado ao encerrar o dia.

Em um mundo superlotado o desemprego cresce tal como a submissão dos empregados que para garantir vaga no mundo corporativista, são comparados a muitos outros. Qualquer sinal de qualidade favorável à empresa é um diferencial para a sua admissão. O trabalho árduo e pouco recompensado é comum num cenário desses, o que empobrece a vida no planeta pois essa não é contemplada como deveria e, por conseguinte, a exaustão domina os corpos dos seus habitantes.

6. Batalha corporativista e a degradação dos corpos



Ninguém é ingênuo no mundo do corporativismo, todos estão à espreita para agarrar a primeira iminência de lucro e dispostos a agir de modo irracional para atingir seu fim. O mundo materializante tornou as relações pessoais superficiais o que implica na prática antiética sem nenhum pudor ou ressentimento. O indivíduo é capaz de usar pessoas sem ter o menor respeito por elas, pois não foram estabelecidos verdadeiros vínculos sociais. Cria-se então uma sociedade de máscaras em que todos são estranhos a todos, pois é de conhecimento geral que o homem tem sede por lucro e poder e aspira a esse objetivo, sem se importar com a sua volta. Portanto, pode-se esperar de tudo no campo corporativista, pois esse se assemelha a um verdadeiro campo de batalha em que vencem os mais gananciosos e ávidos por conquistas. O mundo para o “vencedor” diminui e ele passa a enxergar apenas a si próprio e

ao negócio. Desse modo, a preocupação com o outro é extinta e mais degradado se torna o ambiente de trabalho, pois o indivíduo, cada vez menos, teme transgredir leis do bom convívio social e apela, cada vez mais, para o comportamento condenável.

7. Receita para a felicidade

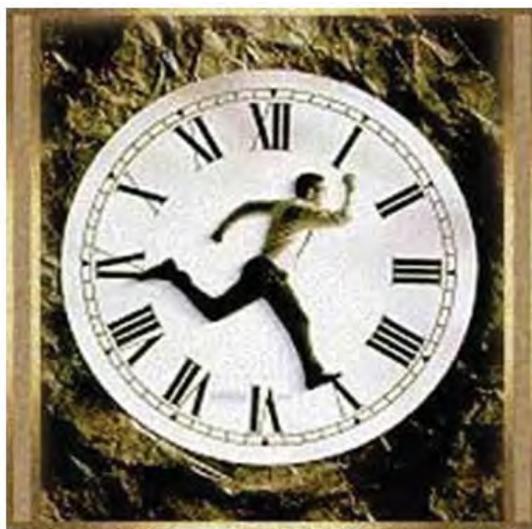
A sociedade está caótica e todos buscam pelo mesmo fim: o de enriquecimento imensurável. O dia ficou curto para alcançar a “utopia do mundo melhor” e todos trocam o bem-estar pela fadiga que gera a corrida pelo sucesso. Afinal, dinheiro e poder trazem felicidade, não? Na verdade, esse estereótipo de vida foi lançado pela mídia e para a mídia, pois tal padrão de vida sugere o consumismo, já que a riqueza necessita ser exibida para gerar prestígio social. Não basta ser rico, é preciso demonstrar que o é. É aí que surge a ambiguidade, pois, afinal, se estávamos lutando por um ideal para nosso prazer, por que é preciso se expor? Em verdade, é que o ideal não era nosso, mas do grupo. Uma referência de *status*. Saramago¹² disse: “gostar é provavelmente a melhor maneira de ter e ter deve ser a pior maneira de gostar”, o que se encaixa perfeitamente bem, pois, depois de ter finalmente alcançado o que a sociedade tanto estima, cabe a reflexão. Nela, é percebido que a corrida para atingir o fim não foi feita pelo sujeito apenas por si próprio, mas por influência do mundo. O desgaste pode nem sempre valer a pena, pois a felicidade pode ser atingida de outros modos, ainda que a mesma não esteja “embalada”, ou seja, não são necessárias conquistas materiais para atingi-la, basta estar satisfeito com a vida.

O homem não é feliz sozinho pois mesmo a alma mais brilhante requer afeto. *Fausto*, de Goethe¹³, exemplifica-o, uma vez que o protagonista era reconhecido e estimado, havia alcançado todos os desejos e a parafernália de uma vida bem-sucedida. No entanto, tudo o quanto ele conseguiu soava vazio. Ele era tão pobre que só tinha dinheiro.

O que levou Fausto a sentir seus triunfos como lixo foi o seu isolamento que tornou sua relação com o mundo exterior (pessoas, natureza. etc.) tão pobre. Em suma, ele foi tão fundo na corrida que se esqueceu de viver. Portanto, a luta pelo capital deve ser refletida e questionada quanto ao seu mérito. Será que ela vale mesmo a fadiga do corpo ou o “desligar-se” da vida?

8. Relógio biológico versus relógio mercantil

Irônico é pensar que uma das indústrias que mais lucrou no contexto do capitalismo foi a farmacêutica por produzir pílulas antiestresse e calmantes, o que evidencia o caráter patológico do mundo atual. Noites mal dormidas, refeições “engolidas”, preocupações excessivas e correria cotidiana fazem com que nos esqueçamos do nosso próprio corpo. Ele dá sinais de extenuação, mas todos estão cegos atrás de sonhos e não os percebem.



[...] A gente se acostuma a acordar de manhã, sobressaltado porque está atrasado. A tomar café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo de viagem. A comer sanduíches porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia [...]. A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto [...]. A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o que necessita. E a lutar por ganhar o dinheiro com que paga. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra [...]. A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. [...] Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda

fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado [...] A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que de tanto acostumar, se perde de si mesma.

O trecho acima, escrito por Marina Colasanti,¹⁴ expõe nitidamente o cotidiano caótico comum a grande parte da população. Não é saudável viver sob tal perspectiva de vida, mas o sistema não oferece muitas outras opções porque ser diferente é alvo de julgamentos e exclusões. Além do mais, o poder persuasivo da mídia é imbatível e dificilmente falha ao convencer grande parte das massas de como agir.

Sete bilhões de habitantes no planeta Terra tornam a corrida mais acirrada, pois mais pessoas lutam por um único ideal e não são todas que o alcançam. A batalha de todos contra todos hobbesiana torna-se explícita e, cada vez mais, as ações individuais discordam da ética. Traficantes de armas vendem equipamentos a ditadores e grupos rebeldes. A indústria de cigarros cresce mesmo sabendo dos danos que seus produtos causam à saúde. Os agrotóxicos e transgênicos, muitas vezes, são utilizados sem a comprovação da sua segurança. A moda emprega casacos de pele como referência de *status*. Guerras desnecessárias que possuem como fim a aquisição de matéria-prima industrial são constantes e o continente africano é um alvo comum. A Igreja Universal desviou dinheiro de fiéis. A corrupção política é recorrente. A cobiça humana, como visto, atingiu patamares improváveis e conseqüentemente deixou o mundo às avessas.

9. Conclusão

Portanto, é obvio que ocorre a aceleração do processo de degradação tanto dos corpos humanos quanto do meio ambiente. O capitalismo pode ser o melhor sistema para a produção de riqueza, mas não se deve confiar nele cegamente porque ele é, de fato, falho. Ele aumentou as desigualdades, provocou o desgaste humano e de recursos naturais, ocasionou o aquecimento glo-

bal, criou, por meio da mídia, uma sociedade alienada e atenuou os vínculos sociais. O progresso material definitivamente não significou a melhoria da qualidade de vida, mas o oposto dela. Multidões literalmente se matam em busca de poder e dinheiro, inflando seu corpo com doses industriais de gordura e estresse até a implosão. O mundo claramente está doente, mas sua enfermidade passa despercebida pela população que o habita, pois a grande maioria está ocupada demais com seus problemas individuais e não dispõe de tempo para pensar no outro.

A solução seria reorganizar o sistema econômico atual, de modo a construir sociedades equânimes que não se fundamentem no acúmulo de riqueza ou qualquer outro valor que estimule a cobiça humana e resulte no egoísmo. Possuímos todos os mecanismos para derubar o sistema e reverter a trágica cena em que todos estão submetidos. No entanto, é imprescindível que a força de vontade de cada indivíduo esteja canalizada para a melhoria da situação global. A mídia, por exemplo, tem grande força persuasiva e se direcionada para

According to repeated nationwide surveys,

More Doctors Smoke **CAMELS** than any other cigarette!

Doctors in every branch of medicine were asked, "What cigarette do you smoke?" The brand named most was Camel!

You'll enjoy Camels for the same reason so many doctors enjoy them. Camels have cool, cool mellow, pack after pack, and a favor submitted by any other cigarette. Make this sensible one: Smoke only Camels for 30 days and see how well Camels please your taste, how well they suit your throat as your steady smoke. You'll see how enjoyable a cigarette can be!

THE DOCTORS' CHOICE IS AMERICA'S CHOICE!

For 30 days, test Camels in your "T-Zone" (T for Throat, T for Taste).

o caminho sustentável influenciaria a mudança dos hábitos atuais. Para isso, os valores mundanos deveriam ser rearticulados, e o paradigma determinado pela publicidade de que o dinheiro é sinônimo de felicidade, seria revertido para algo que esteja de acordo com o projeto sustentável, como a valorização do bem-estar e saúde. O progresso não deveria mais seguir os parâmetros comteanos¹⁵ de que o ápice do desenvolvimento é uma sociedade industrial, mas sim parâmetros que puguem o desenvolvimentismo, ou seja, que valorizem o bem-estar da população em geral, e não de apenas um grupo. A educação, nesse contexto, assumiria papel de destaque pois cultivaria práticas sustentáveis e alertaria, desde cedo, as imparcialidades do capitalismo. O analfabetismo ambiental seria então quebrado e a preocupação com o outro resgatada. Para isso, a reorganização da vida pública faz-se necessária, pois alguém deveria estar incumbido de zelar pelo povo e não pelas riquezas materiais ou pelos interesses corporativos.

Triste é pensar que, mesmo sendo possível o deslanchar dessas mudanças, o egoísmo humano ainda seria um percalço, pois à medida que alguns se beneficiam com o sistema, não pensam em parar. O próprio ex-presidente norte-americano George W. Bush, em um discurso eleitoral, para contra-argumentar seu concor-

rente, disse: “Esse sujeito é um ambientalista tão radical que vamos acabar com corujas até o pescoço e sem emprego para os americanos.” Essa é a postura que deveria ser evitada, não apenas no Congresso mas em todo o mundo. O desrespeito para com o meio ambiente não deveria ser estimulado, foi ele o principal responsável pelas mudanças climáticas. Essas já estão atuando no planeta, entretanto o homem está acomodado a elas e necessita de uma catástrofe sem retorno para o motivar a mudar. A alteração da realidade atual requer a mobilização de todos, mas para isso é necessário o convencimento geral de que o modo com que estamos levando a vida tem final trágico.

Se a mudança for efetuada, não será apenas o meio ambiente o grande beneficiado, mas toda a população. As desigualdades sociais seriam atenuadas e não haveria disputas que implicassem o mal-estar, o desgaste corporal ou falsos vínculos de pessoas. Se o desenvolvimentismo fosse aplicado frente ao desenvolvimento, não existiria riqueza material mais importante do que as relações sociais e o bem-estar físico e espiritual. Ninguém estaria compenetrado em um mundo individualista, e, portanto, todos pregariam o altruísmo e seriam mais felizes. Lástima é pensar que esse futuro está muito distante, pois o homem naturalmente tende ao egoísmo.

Notas

- 1 O autor do **Leviatã**, Thomas Hobbes, foi um dos teóricos do Absolutismo. Defendia que o único jeito de se atingir a civilização é a total submissão ao Estado. Caso contrário, a raça humana se encontraria em um Estado primitivo em que todos estão desprotegidos, pois, sem o poder autoritário, a luta entre iguais seria constante. Imagem: <<http://envolverde.com.br/economia/artigo-economia/o-capitalismo-em-criese-e-os-meios-de-superar-la/>>
- 2 Maquiavel, teórico absolutista, construiu como deveria ser a conduta de um rei do seu tempo para permanecer no poder. O controle da população, segundo ele, é garantido pelo temor, porque, sob a perspectiva do súdito, é preferível ferir alguém que ama a alguém que teme, já que não existe o medo de punição. Desse modo, o Príncipe pode agir com violência ou como bem entender para atingir seus objetivos.
- 3 Gandhi liderou a Independência indiana por meio de princípios religiosos de não violência e da crença na santidade de todos os seres vivos.
- 4 Partes por milhão ou abreviadamente PPM é a medida de concentração que se utiliza quando as soluções são muito diluídas.
- 5 Informações retiradas da obra **A História das Coisas**, de Annie Leonard.
- 6 Informações recolhidas no documentário **Uma Verdade Inconveniente**.
- 7 Medidas tomadas na Conferência Rio+20 segundo a revista **Veja**, edição 2274.
- 8 Conteúdo encontrado no *site*: <<http://www.turistamalemolente.com.br/tempo-de-decomposicao-dos-materiais-na-natureza>> conjuntamente com a imagem abaixo.
- 9 Teoria malthusiana: Enquanto a população cresce em progressão geométrica, a produção de alimentos cresceria em progressão aritmética. Dessa forma, não haveria alimentos para todos. Quadrinho que satiriza a condição subumana a que trabalhadores estão submetidos. Encontrado no *site*: <<http://biaguidi.blogspot.com.br/2011/04/nike.html>>
- 10 Artigo encontrado no *site* da **BBC Brasil**.
- 11 A obra **O Capital**, de Karl Marx e Friederick Engels critica as formas de sociabilidade que caracterizam o mundo moderno. Postula a necessidade da luta de classes para reverter a realidade. No caso, seria o proletário quem pegaria em armas para lutar a favor de seus direitos.
- 12 José Saramago (1922-2010) foi o primeiro escritor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de literatura.
- 13 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um importante romancista, dramaturgo e filósofo alemão. Imagem: <renatagranagarcia.blogspot.com>
- 14 Marina Colosanti é escritora e jornalista. Trecho extraído do livro **Eu sei, mas não devia**.
- 15 Comte, através do princípio da ordem e progresso, definiu um patamar ideal em questão de desenvolvimento. Esse é caracterizado por conter o maior e melhor desenvolvimento tecnológico e que, portanto, deveria ser o objetivo de toda e qualquer nação. II- A imagem encontrada no *site*: karendecoster.com, ao dizer que médicos fumam a marca de cigarro Camels, deixa implícito que fumar tal marca é seguro, pois profissionais da saúde o fazem. Entretanto, foi comprovado pela ciência que fumar traz problemas respiratórios.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores**. Tradução de Alexandre Wernwck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moises e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOLIGIAN, Levon et al. **Geografia: espaço e vivência**, 8ª. Série. 2ª. edição. São Paulo: Atual Editora, 2005.
- COHEN, Daniel. **A prosperidade do vício, uma viagem (inquieta) pela economia**. Tradução de Wandyr Hagge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- DALY, Herman E. Sustentabilidade em um mundo lotado. **Scientific American Brasil**, edição 41, out. 2005.
- VEJA, São Paulo, edição 2274, 20 jun. 2012.. Número especial.
- GREENPEACE. Disponível em: <www.greenpeace.org/brasil/>. Acesso em: 14 set. 2012.
- DA **SERVIDÃO moderna**. Direção: Jean Francois Brient. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Sgd4xLmLbrc>. Acesso em: 14 set. 2012.
- LEONARD, Annie. **A história das coisas – Da natureza ao lixo – O que acontece com tudo que consumimos**. Tradução de Heloisa Mourão. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- THE CORPORATION**. Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Escrito por Joel Bakan, 2003.
- THE VANISHING north. **The Economist**, 16 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21556921>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- THE STORY OF STUFF. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gLBE5QAYXp8>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2 - Novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo: Globo, 2012. pp. 5-27.
- UMA VERDADE inconveniente, um aviso global**. Direção: Davies Guggenheim, EUA, 2006. Documentário. 1h40min.

Resumo

Este trabalho retrata o papel que os principais movimentos da moda têm na criação da identidade pessoal. Mostra a evolução e a disseminação desse mundo criativo por meio da globalização, tecendo críticas ao processo de produção.

Palavras-chave: moda, globalização, identidade, produção.

Abstract

This essay expresses fashion's main moments and its influences in creating individual identity. It explains this creative world's evolution and its dissemination through globalization, pointing its production process.

Keywords: *fashion, globalization, identity, production.*

1. Introdução

O trabalho que será desenvolvido tem como objetivo mostrar como a globalização exerce influência na maneira das pessoas se vestirem. E mostrará também a busca de novas referências no resgate de tradições multiculturais para a moda atual, tomando como base o poder da comunicação em difundir essa nova ideia.

Por mais que a globalização estimule a uniformidade cultural, o estilo de se vestir de cada povo revela traços das suas tradições, atitudes e costumes. Mesmo em países desenvolvidos e próximos, como França e Inglaterra, é possível identificar a origem das pessoas por meio do jeito que se vestem. Até mesmo dentro de um país, as diferenças regionais também podem ser percebidas nos trajes de sua população. Entre os 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta, a roupa é uma das formas mais simples que cada um possui para expressar a sua personalidade.

A indústria tenta universalizar a moda em busca, entre outras coisas, da redução de custos, padronização de produção e ganhos de escalas. Para influenciar e atrair mais consumidores, as grandes confecções correm atrás de padrões estéticos antes esquecidos pelas culturas europeias e americanas, tudo sob a justificativa da originalidade e da criatividade. A leitura que os mais importantes estilistas levam às passarelas dos grafismos em trajes de povos africanos pode ser interpretada como a massificação de elementos estéticos antes rejeitados pelo preconceito social - ideia rotulada de politicamente correta.

Segundo Gabriela Maroja, professora e coordenadora do curso de design de moda do Centro Universitário de João Pessoa, para “os grandes estilistas, os símbolos étnicos são apenas mais uma forma de fazer negócios e o consumidor desta moda não está preocupado em utilizá-la com a intenção de se sentir pertencente a um grupo, como forma de identificação”.¹

A disseminação dos novos padrões da moda, ao longo do tempo, se tornou cada vez mais acelerada. Se nos anos 50, as recentes criações dos estilistas levavam meses até desembarcarem em portos mais distantes, hoje, com a ajuda da tecnologia, as novidades são absorvidas imediatamente pelos consumidores. No mesmo instante em que as novas coleções de moda são apresentadas em Paris ou em Nova York, os chineses começam a trabalhar

em ritmo frenético para que sua mão de obra - barata e abundante - passe a reproduzir, sem respeitar os direitos de seus criadores, algumas daquelas peças recém-saídas das passarelas.

De acordo com filósofo francês Gilles Lipovetsky, “o indivíduo é produto do meio e, ainda que eternamente mobilizados pelo desejo de inovação e pela lógica da imitação ou, na contramão desses impulsos, levados pela recusa de determinados padrões culturais, acabamos nos guiando pelas hierarquias sociais, onde nosso referencial localiza-se no topo da pirâmide. *Status*, prazer, beleza, sucesso, desejo, sedução, poder, sempre serão combustíveis para movimentar os motores da moda e da sociedade de consumo”.²

2. A globalização da moda

Paris sempre foi a principal vitrine da moda internacional, seguida por Milão, Nova York e Londres. Durante uma semana, em março e outubro, a capital dos franceses atrai os olhares de milhões de pessoas para os 150 desfiles de mais de 80 grifes internacionais, como Chanel, Dior e Jean Paul Gaultier, além de jovens estilistas que encontraram o caminho do sucesso. Tudo observado nos mínimos detalhes, por 2.000 jornalistas, 400 fotógrafos e 800 compradores vindos de aproximadamente 20 países.³

Foto 1 – Semana de Moda de Paris 2013: Lentes apontadas para as criações de John Galliano



Fonte: Foto de Adilson Félix⁴

Em questão de minutos, depois de admiradas nas passarelas, as novas criações, que foram mantidas em segredo durante meses, ganham domínio público, em todos os cantos do planeta, por meio de *blogs* e redes sociais

- **Facebook, Twitter, You Tube**, entre outros. Como fonte de informação, o segmento da moda, assim como outros setores produtivos da economia, foi bastante favorecido pelo efeito da globalização - fenômeno que o filólogo Antonio Houaiss⁵ define como o intercâmbio econômico e cultural entre diversos países, devido à informatização (internet), ao desenvolvimento dos meios de comunicação.

Essa facilidade permitiu, por exemplo, que milhares de internautas postassem recentemente, em poucos minutos, nas redes sociais seus comentários a respeito da adequação ou não do vestido vermelho usado pela duquesa de Cambridge, Kate Middleton, assinado pelo estilista Alexander McQueen, durante uma das festividades do jubileu da rainha Elizabeth II, em Londres.

Foto 2 - Kate Middleton e Príncipe William: jubileu da Rainha Elizabeth II



Fonte: Foto de David Crump/AFP.⁶

3. Principais períodos da moda e a criação da identidade pessoal

A moda contemporânea precisou de uma longa trajetória para se tornar o que é hoje. Foram décadas de lançamentos de tendências, de novos estilistas e de movimentos que influen-

ciaram o pensamento crítico de moda atual. O modo de vestir é um reflexo do comportamento da sociedade, de seus costumes e de sua cultura. E Paris sempre foi a principal referência para os criadores de estilo.

O ambiente cheio de luxo e *glamour* caracterizou a *Belle Époque* europeia, principalmente a de Paris. Foi um período em que ocorreram grandes bailes, jantares e festas, e tudo era cercado de regalias e gastos exorbitantes. Dessa forma, a moda era marcada pela individualidade e pelo requinte. Tudo era exclusivo, não havia peças iguais e todas eram costuradas ao corpo da mulher. Assim, o exagero reinava e por isso o volume era excessivo. Havia penas, plumas, rendas, bordados, babados e tudo o que havia de melhor para a época. O padrão de beleza exigia um corpo em formato de ampulheta, lembrando muita a figura do S, a cintura não deveria ter mais do que 40 cm, portanto o uso do espartilho nunca esteve tão em alta. As roupas eram tão elaboradas e cheias de detalhes, que era quase impossível se vestir sozinha, aumentando ainda mais a distinção social.

Foto 3 – Espartilho: molde do corpo das mulheres



Fonte: *Blog De Tudo um Pouco*,
De Eliane Bonotto⁷

Figura 1 – Volumes: principal característica do período



Fonte: *Site Moda Feminina*⁸

Com a percepção de que a I Guerra Mundial estava para eclodir, os envolvidos com o mercado da moda viram a necessidade de transformação do modo de vestir. Era preciso algo prático, sem muitos detalhes, já que não havia mais espaço para movimentos limitados. A silhueta passa a ficar mais livre e longe de amarrações, a barra das saias começa a subir, dando maior visibilidade para o peito do pé. O ambiente de conflitos gerou a necessidade da inserção da mulher no mercado de trabalho, assim novas peças foram criadas para que o vestuário se adequasse ao novo estilo de vida.

A autonomia da mulher no período entreguerras permitiu a criação de um estilo

com mais liberdade e com características mais masculinas. O ineditismo das calças femininas e dos práticos cortes de cabelo curtos foi fundamental para isso e Coco Chanel foi a principal perscrora desse movimento. Pode-se dizer que ela foi a personalidade mais ousada do período.

Muitos produtos desenvolvidos durante a II Guerra Mundial tiveram importante papel para a indústria têxtil, como é o caso do *nylon* usado em paraquedas e ao mesmo tempo em meias finas e peças mais confortáveis do guarda roupa feminino. A influência da guerra na moda foi intensa, atingindo também os comprimentos das roupas que passam a ficar mais curtas, na altura dos joelhos, para economizar tecido.

O final da guerra indicou também o início de uma nova era para a moda. O modo de vida capitalista americano teve influência quase no mundo todo, com exceção apenas dos países com ideais socialistas. Isso trouxe visibilidade para o modo de vestir dos Estados Unidos. Os vestidos amplos, com cintura marcada e na altura dos tornozelos caracterizavam o *New Look* de Christian Dior, era a volta da figura feminina. O desejo pelo consumo aumentou ainda mais e por isso os primeiros *shoppings centers* surgiram nesse período.

Fotos 4 e 5 - Chanel: símbolo de ousadia e modernidade



Fonte: *Site Moda na Passarela*⁹

Foto 6 - O New Look de Christian Dior



Fonte: Almanaque da Folha ¹⁰

Na década de 60, a mulher norte-americana passa a ser ícone para as demais, devido à influência dos meios de comunicação de massas, como o cinema e as revistas. A moda deixa de ser única, dando espaço para o nascimento das multitendências, que se entrelaçam de tal maneira que passa a ser quase impossível a criação de um estilo único. É nesse período que os jovens abrem caminho para o desenvolvimento da identidade pessoal e lançam diversos movimentos a favor desse ideal.

A rebeldia da juventude da época trouxe para a moda a influência do *rock n' roll*, e as peças de couro e as saias rodadas passaram a fazer sucesso no mercado. Ainda assim, a vedete da década foi sem dúvida a minissaia. Esse foi o símbolo da inovação e de ousadia, as meninas faziam questão de expor suas pernas finas, ao estilo da modelo Twiggy¹¹, pelas ruas nova-iorquinas.

Foto 7 – O fenômeno das minissaias



Fonte: Site Moda Novidade Diária ¹²

Foto 8 – Twiggy: padrão de beleza



Fonte: Blog Diário Surreal ¹³

A década de 70 marcou o início do *street-wear*, a rua passa a inventar a sua própria moda e as pessoas começam a exprimir aquilo que acreditam, tendo como principal fonte de inspiração o movimento *hippie*. Esse foi um momento de grandes transformações, houve a

luta pelos direitos femininos, a defesa do meio ambiente, o festival de música Woodstock fazendo com que a moda não seguisse por um único viés. Os grupos buscavam a diferenciação por meio de acessórios, estilos de cabelo e roupas que passassem um caráter individual. Ao mesmo tempo, as calças bocas de sino, batas, franjas, tranças e elementos étnicos viram elementos universais.

Foto 9 – Estilo *hippie* dos anos 70



Fonte: **Blog Momento Flash Back** ¹⁴

O movimento *punk* também teve espaço dentro desse mundo de inovações. Seus adeptos fizeram questão de mostrar sua aversão generalizada à ordem social vigente, exibindo um comportamento agressivo e violento que se refletia nas roupas. Foi o momento de criação das *T-shirts*¹⁵ com estampas de bandas e frases emblemáticas e com cara de usadas. O preto é a cor principal que caracteriza esse estilo.

A moda dos anos 80 colocou fim nas roupas largas e artesanais das duas décadas anteriores. Esse foi um período marcado pela saúde, em que o cuidado com o corpo era essencial. As roupas eram chamativas, os tecidos eram colados ao corpo, as cores eram fortes, dando destaque aos tons do tipo flúor. As estampas de animais começaram a aparecer, produzindo um figurino ainda mais divertido. As ombreiras, as sandálias de plástico, as mangas estilo morcego e as polainas davam um toque a mais no visual moderno da época.

Foto 10 – Polaina, calça justa e cor: a essência dos anos 80



Fonte: **Blog A Toca Daninha**¹⁶

A tecnologia esteve muito presente na década de 1990. As roupas tinham um aspecto futurista e a utilização de tecidos desenvolvidos ajudou ainda mais a criação desse estilo. Apesar disso, nessa época misturaram-se todos os estilos do século XX, mostrando o que estava por vir, pois a moda atual nada mais é do que a revisitação das antigas tendências com um toque mais moderno.

4. O fervor da moda contemporânea

“É preciso surpreender para seduzir. Renovar-se para vender. A moda do mundo de ontem só muda porque tem que manter-se a par de um sistema que ela revigora.” As palavras de François Baudot¹⁷ refletem exatamente o conceito de moda atual, com tantas tendências já expostas, é preciso ter criatividade para garantir um diferencial em meio a tantos estilistas.

Por isso, as coleções exibidas na passarela são muito mais conceituais hoje do que no passado. Agora, os *designers* estão mais preo-

cupados em encontrar referências novas, ainda não exploradas, mesmo assim, lembram as tendências anteriores para conseguirem se reinventar. Os estilos estão mesclados e as pessoas utilizam isso a seu favor. Adequam o novo e o antigo para criarem a sua personalidade por meio da roupa.

Foto 11 – Desfile do estilista Jum Nakao: roupas feitas de papel



Fonte: *Blog Jorge Bischoff*¹⁸

Contudo, existe ainda a uniformização da moda, pessoas que se vestem da mesma maneira ao se identificarem com determinado tipo de vestimenta. Esse é o caso da febre Abercrombie e Fitch, marca casual de Nova York, que vem conquistando o público adolescente de alto poder aquisitivo. As cores são diferentes, as estampas também, mas paradoxalmente as camisetas e agasalhos de moletom são quase todos iguais. Isso pode ser percebido nas escolas que não possuem uniformes, os jovens se vestem da mesma forma, criando uma espécie de padronização. Apesar disso, não foram só os adolescentes que aderiram a esse comportamento, milhares de adultos buscando o ideal atlético e moderno que a marca oferece, passaram a usar também as roupas da grife.

O *marketing* da marca é tão forte que acabou conquistando o mundo todo, são 1.092 lojas espalhadas em mais de 12 países, que geram um faturamento de mais de US\$ 3,46 bilhões (2010)¹⁹. Assim, a população com baixo poder aquisitivo também começou a se interessar pelo estilo e a onda de falsificações cresceu.

Foto 12 - O estilo despojado da marca Abercrombie & Fitch



Fonte: *Site Zimbio*²⁰

E não é só essa marca que tem um alto número de falsificações, grandes grifes internacionais como Chanel, Louis Vuitton, Prada, Dior e Gucci são alvos de pirataria, já que representam um mercado que atinge um público de alto poder aquisitivo, mas que faz os olhos de pessoas menos afortunadas brilharem ao ver as novas criações. Desse modo, o número de falsificações vem crescendo a cada ano, atingindo também a internet, onde os produtos são vendidos de forma rápida e prática, alimentando ainda mais o tráfico ilegal.

O processo de produção dessas peças está altamente ligado ao trabalho escravo de imigrantes ilegais. Na cidade de São Paulo, em especial, os bolivianos e peruanos representam grande parte da mão de obra, trabalham em condições sub-humanas, recebendo salários insignificantes, tudo isso por acreditarem que assim estão correndo um risco menor de serem deportados e de terem que voltar aos seus países. Atualmente, foi descoberto que uma grande *fast-fashion*²¹, a Zara, realizava suas produções nessas condições de trabalho em três de suas fábricas fornecedoras de São Paulo. A marca alegou que o fato estava relacionado à terceirização das atividades e que não tinha responsabilidade sobre o caso, mas esqueceu-se que o seu compromisso está exatamente em constatar se o método de fabricação é legal ou não. Agora, a marca terá que responder a processos penais no Brasil e ainda fazer muito para que possa limpar a sua reputação.²²

A moda hoje é sinônimo de poder, um ver-

dadeiro negócio capaz de movimentar o mercado financeiro. O setor têxtil nunca cresceu tanto como nos últimos anos, a produção é acelerada e a busca por novos profissionais é cada vez maior. E o principal motivo para tudo isso é a globalização. As informações chegam de modo imediato, as opções de roupas e estilos são muito maiores e o interesse das pessoas pela moda também. Hoje, é considerado fora de moda aquele que está alienado desse mundo *fashion*.

No entanto, a moda cria seus escravos, aqueles que vivem em função dela, em função de segui-la, ou seja, muitas pessoas acabam por se sentir obrigadas a estar dentro das tendências. Assim, se desfazem a cada seis meses de seus guarda-roupas e passam a adquirir novas peças, sem ao menos perceberem que estão deixando de representar quem elas realmente são, para que possam estar dentro do padrão. Diante disso, muitos especialistas na área afirmam que a moda é um alicerce para a construção da própria identidade, ou seja, está ali apenas para dar apoio e não para obrigar ninguém a segui-la. As novas tendências aparecem, mas nem por isso é preciso aposentar roupas seminovas só porque deixaram de estar em alta. Ao fazer pequenas modificações de combinações e até na própria modelagem, é possível que se obtenha um look totalmente renovado e atual.

4. Evolução dos desfiles de moda

Em um século, o desfile de moda deixou de ser uma apresentação feita em uma loja e destinada exclusivamente a uma ou a várias clientes para se tornar um espetáculo dirigido ao mundo inteiro por meio dos meios de comunicação. Os primeiros desfiles surgem na metade do século XIX, quando o costureiro Charles Frederick Worth procurava uma maneira de organizar o seu ciclo de criação, além de tentar se diferenciar dos simples fabricantes de roupas. Foi ele quem apresentou também pela primeira vez seus modelos às clientes utilizando manequins vivas. Mas só no início do século XX, com a indústria de moda mais estruturada na Europa e nos Estados Unidos, os estilistas come-

çam a sistematizar seus desfiles de alta-costura para convidados exclusivos. Nos anos 30, para chamar a atenção das clientes, atrizes do cinema eram contratadas para desempenhar a função de manequins.

Em 1943, o sindicato que reúne os profissionais de moda criou um importante divisor de águas no setor com a implantação de três categorias de trabalho: a **Alta-costura**, o **Prêt-à-porter de Luxo** e o **Costureiro**. Nessa época, passa a ser difundida a cultura das grifes, que começam a ser produzidas em outros países e lançam suas novas tendências nos grandes desfiles. A *Fashion Week* de Paris surge em 1973, criada pela Federação Francesa da Alta-Costura, *Prêt-à-porter* dos Costureiros e Criadores de Moda. Ao contrário das outras grandes semanas de moda, o evento francês mudou muito pouco até o que conhecemos hoje.

Nos anos 80, os estilistas Giorgio Armani, Vivienne Westwood, Christian Lacroix e Jean-Paul Gaultier transformam seus desfiles em verdadeiros *shows* em busca de destaque na mídia. Dez anos depois, a novidade fica por conta do surgimento das *top-models* Cindy Crawford, Linda Evangelista, Claudia Schiffer e Naomi Campbell, profissionais que abriram espaço para um mercado atualmente ocupado por Gisele Bündchen, Anastasia Kuznetsova, Hanna Rundlof, Rosie Huntington-Whiteley, Alessandra Ambrosio e Carol Trentini.

5. A moda e as revistas

Mesmo sem a velocidade conquistada com a popularização da internet na última década do século XX, a moda começou a ser mais difundida no século XIX, com o surgimento das primeiras revistas voltadas exclusivamente para o público feminino. Eram publicações com conteúdo editorial dedicado aos afazeres domésticos, às novidades da moda, moldes de roupas e riscos para bordar. Embora a principal referência de estilo estivesse em Paris, as quatro principais revistas direcionadas à mulher surgiram nos Estados Unidos: a *Harper's Bazaar* (1867), *Ladies Home Journal* (1883), *Good Housekeeping* (1885) e *Vogue* (1892).

Foto 13 – Capas de algumas das primeiras revistas femininas

Harper's Bazaar 1867²³The Ladies' Home Journal 1883²⁴Vogue 1892²⁵

A revista de moldes prontos orientou a mulher a um novo modo de se vestir, como se apresentar socialmente de forma correta, ou seja, elegante. No início do século XX, as revistas femininas já eram totalmente aceitas como importante canal de disseminação da cultura de massa. Para se ter uma ideia da força dessa mídia segmentada, a estilista francesa Coco Chanel, mesmo sem nunca ter pisado nos Estados Unidos, tornou-se conhecida na América depois que a revista *Harper's Bazaar* apresentou às leitoras, em 1916, suas criações inovadoras para a época. Sobre as publicações voltadas para a mulher o sociólogo e filósofo francês Edgard Morin, comenta: “O primeiro motor da moda é a necessidade de mudança em si mesma; o segundo é o desejo de originalidade pessoal por meio da afirmação dos sinais que identificam os pertencentes à elite e por isso a moda se renova aristocraticamente, enquanto que se difunde democraticamente. Assim, jornais, revistas e televisão permitem ao público imitar o mais depressa possível a elite.”²⁶

6. A moda e o cinema

Com o surgimento do cinema também no século XIX, a moda ganhou outro importante aliado para a difusão das novas tendências. Mas só a partir de 1930, quando o estúdio MGM convidou Coco Chanel para assinar os figurinos de três de seus filmes - *Esta Noite ou Nunca* (1931), *Cortesãs Modernas* (1932) e *Um Homem do Outro Mundo* (1934) - por US\$ 1 milhão, o cinema e a moda descobri-

ram que poderia haver uma afinidade entre as duas formas de retratar a sociedade. No entanto, a MGM não soube conviver com o talento de Chanel e considerou excessiva sua obsessão pelos detalhes, qualidade que o cinema ainda não era capaz de absorver. Como diz a historiadora Elizabeth Leese em seu livro *Costume Design in the Movies* (1991): “Chanel simplesmente não precisava de Hollywood”. A estilista só retomou sua parceria com a sétima arte quase 30 anos depois, criando o guarda-roupa das produções europeias *Os Amantes* (1958), de Louis Malle; *O Ano Passado em Marienbad* (1961), de Alain Resnais; e *A Educação Sentimental* (1962), de Alexandre Astruc.

Em 1946, Hollywood revelou seu poder de influenciar a moda ao tornar em fonte de inspiração do público feminino os modelos usados por Rita Hayworth no filme *Gilda*, dirigido por Charles Vidor. Os figurinos criados pelo estilista Jean Louis despertaram atenção das mulheres por revelar a sensualidade da atriz, sem resvalar na vulgaridade. Depois o cinema marcou época com a camiseta e o jeans usados por James Dean em *Juventude Transviada* (1955), o modelo branco esvoaçante de Marilyn Monroe, em *O Pecado Mora ao Lado* (1955), o vestido preto, com cortes retos, criado pelo estilista francês Hubert de Givenchy para Audrey Hepburn interpretar *Bonequinha de Luxo* (1961), os figurinos de Edith Head para Grace Kelly em *Janela Indiscreta* (1954); as calças e os sapatos de John Travolta em *Os Embalos de Sábado à Noite* (1977); os ternos de Giorgio Armani em *Os Intocáveis* (1987); e o estilo inovador de Patrícia Field em *O Diabo Veste Prada* (2006).

Foto 14 - Rita Hayworth:
elegância de Gilda



Fonte: *Blog Bianca Boeny*²⁷

Foto 15 – James Dean:
Juventude Transviada



Fonte: *Site Miss Campinas*²⁸

Foto 16 – Marilyn:
O Pecado Mora ao Lado



Fonte: *Site Miss Little Cherry*²⁹

Foto 17 – Audrey Hepburn:
Bonequinha de Luxo



Fonte: *Site Mercado Xique*³⁰

Foto 18 – James Stewart e Grace Kelly: *Janela Indiscreta*



Fonte: *Site Mood*³¹

Foto 19 – Estilo Armani: Os Intocáveis



Fonte: *Blog Magia em Cena* ³²

Foto 20 – Figurinos Patricia Field:
O Diabo Veste Prada



Fonte: *Site Revista Marie Claire* ³³

7. A moda e a internet

Após os anos 2000, a internet democratizou a informação da moda, permitindo que os filmes, as fotos e informações postadas na grande rede atingissem todos os cantos do planeta em instantes. A tecnologia permitiu acompanhar os grandes desfiles em tempo real. Primeiro surgiram os *blogs* – cada vez mais as pessoas falam sobre o assunto –, depois vieram os espaços especializados nas redes sociais, com a possibilidade da intervenção de outros internautas – usuários agrupados em um único ambiente discutindo um mesmo assunto: a moda. Além disso, estilistas novatos usam a rede para debater novas tendências, apresentar e submeter suas novas criações a um público crítico e qualificado.

8. Conclusão

Após realizar esse trabalho foi possível concluir que a moda, ao contrário do que parece ser o senso comum, é importantíssima, tanto do ponto de vista econômico quanto psicológico, já que é a representação máxima da identidade das pessoas. É por meio dela que

podemos expressar os nossos sentimentos, ideais e aquilo em que realmente acreditamos.

Ao longo das décadas, a liberdade feminina foi conquistada, fazendo com que as mulheres pudessem ter maior autonomia para escolher aquilo que ficasse melhor para elas. Hoje sabem exatamente o seu tipo de corpo e usam isso como ferramenta para a criação de um visual ainda mais sofisticado e adequado.

Durante o século XX, a moda deixou de ser algo individual e passou a ser universal, pois cada vez mais as pessoas passaram a ter acesso a esse mundo *fashion*, devido ao fenômeno da globalização. Esse é o principal responsável pela disseminação das tendências e novos modismos. Os meios de comunicação como as revistas, o cinema e a internet têm um papel fundamental para isso. Difundem tudo que há de novo e em poucos minutos todos já podem dispor desse conteúdo e debater suas opiniões a respeito do fato.

A moda nada mais é do que um movimento, que está em constante mudança. Segue de acordo com as necessidades do mercado e procura sempre se reinventar, por meio da procura de novas tendências e referências. Assim, deixa de ser algo uniformizado e passa a ser sinônimo de diferenciação.

Notas

- 1 MAROJA, Gabriela. Moda Afro... ou mais um modismo? **COOLtura de Moda**, João Pessoa, 18 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://coolturademoda.blogspot.com.br/2010/11/moda-afro-ou-mais-um-modismo.html>>. Acesso em: 18 de março de 2012.
- 2 LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. Tradução: Maria Lúcia Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- 3 MODE à Paris. **Fédération Française de la Couture du Prêt-à-Porter des Couturiers et des Créatures de Mode**. Paris. Disponível em: <http://www.modeaparis.com/en> Acesso em: 10 jun. 2012.
- 4 Foto de Adilson Félix. Disponível em: <<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=372839332764185&set=a.341734502541335.73449.165605606820893&type=1&theater>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 5 Dicionário online Houaiss. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=globaliza%E7%E3o&x=16&y=10&stype=k>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- 6 Foto de David Crump/AFP. Disponível em: <<http://www.fashionmagazine.com/blogs/society/2011/12/20/all-hail-queen-kate-every-look-the-duchess-has-worn-since-her-engagement/attachment/june12-jubilee-kate-2/>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 7 Disponível em: <<http://www.elianebonotto.com/2010/09/belle-epoque.html>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 8 Disponível em: <<http://www.modafeminina.com.br/post/112-a-evolucao-da-moda-feminina>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 9 Disponível em: <<http://modanapassarela.com.br/2012/03/a-historia-das-calças-femininas/>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 10 Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/christiandior.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 11 Twiggy Lawson, modelo, atriz e cantora inglesa que começou a ser referência a partir de 1965 e é recebida nos Estados Unidos como estrela.
- 12 Disponível em: <<http://moda.novidadediaria.com.br/roupas/mini-saias-anos-60>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 13 Disponível em: <<http://diariosurreal.blogspot.com.br/2011/02/twiggy-twiggy.html>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 14 Disponível em: <<http://momentoflashback.spaceblog.com.br/1263477/O-Movimento-Hippie-dos-Anos-70/>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 15 Camisetas básicas que passaram a ser usadas como roupas comuns e não mais por baixo de camisas.
- 16 Disponível em: <http://atokadanina.blogspot.com.br/2010/10/80s.html> Acesso em: 17 de junho de 2012
- 17 BAUDOT, François. **A Moda do Século**. Tradução: Maria Thereza de Rezende Costa. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p. 34.
- 18 Disponível em: <<http://jorgebischoff.com.br/blog/?p=8806>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 19 Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/09/abercrombie-fitch-casual-luxury.html>>. Acesso em: 9 jun. 2012.
- 20 Disponível em: <<http://www.zimbio.com/Tom+Abercrombie/articles/svFt7hF60Ko/Abercrombie+Fitch+Looks+Spring+2012>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 21 Loja de departamento.
- 22 COSTA, Flávio. Escravos da Moda. **Isto é**. Disponível em: <http://www.istoec.com.br/reportagens/152925_ESCRAVOS+DA+MODA>. Acesso em: 24 set. 2012.
- 23 Disponível em: <<http://www.harpersbazaar.com/magazine/140-years/bazaar-140-0107>>. Acesso em: 17 jun. 2012
- 24 Disponível em: <<http://www.lhj.com/style/covers/125-years-of-ladies-home-journal/>>. Acesso em: 17 jun. 2012
- 25 Disponível em: <<http://mylovesofthefashionworld.blogspot.com.br/2011/04/vogue-1892.html>>. Acesso em: 17 jun. 2012
- 26 Disponível em: <<http://queilaferraz.fashionbubbles.com/historia-da-moda/midia-imprensa-revista-feminina-parte-2/>>. Acesso em: 17 jun. 2012
- 27 Disponível em: <http://biancaboeny.blogspot.com.br/2010/09/tomara-que-caia-como-usar-e-quando-nao.html> Acesso em: 17 de junho de 2012
- 28 Disponível em: http://miscampinas.com.br/evento_170-juventude_transviada__1955_.htm Acesso em: 17 de junho de 2012
- 29 Disponível em: <http://misslittlecherry.wordpress.com/2010/05/22/o-pecado-mora-ao-lado/> Acesso em: 17 de junho de 2012
- 30 Disponível em: <http://www.mercadoxiq.com/2011/05/audrey-hepburn-as-avessas.html> Acesso em: 17 de junho de 2012
- 31 Disponível em: <http://mood.com.br/revista/cultura/janela-indiscreta/> Acesso em: 17 de junho de 2012
- 32 Disponível em: <<http://magiaemcena.blogspot.com.br/2010/10/os-intocaveis.html>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- 33 Disponível em: <<http://revistamarielaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI307712-17738,00-O+DIABO+VESTE+PRADA+TERA+CONTINUACAO+EM.html>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

Referências

- ABUSI, Grazielle. A Evolução da Moda Feminina. **Moda Feminina**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.modafeminina.com.br/post/112-a-evolucao-da-moda-feminina>>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- AMED, Imran. **The Business of Fashion**. Disponível em: <www.businessoffashion.com>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- ARRUDA, Daniela. Entenda a mudança de paradigmas do consumo do pós-guerra à abertura do primeiro shopping center. **Greenstyle**. São Paulo. Disponível em: <<http://style.greenvana.com/2011/entenda-a-mudanca-de-paradigmas-do-consumo-do-pos-guerra-a-abertura-do-primeiro-shopping-center/>>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- AVELAR, Suzana. **Moda, Globalização e Novas Tecnologias**. 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- BAUDOT, François. **A Moda do Século**. Tradução: Maria Thereza de Rezende Costa. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- CARDOSO, Cynthia. La Belle Époque. **Democracia Fashion**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.democracifashion.com.br/2011/02/la-belle-epoque/>>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- CORDEIRO, Manuela. Saiba mais sobre a semana de moda de Paris. **Paris Fashion Week**. São Paulo. Disponível em: <<http://paris.fashionweek.com.br/post/97-saiba-mais-sobre-a-semana-de-moda-de-paris/>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- CORRÊA, Thomaz. Segunda parte de uma breve história sobre as revistas. **Curso Abril de Jornalismo**. São Paulo. Disponível em: <http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_89358.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- COSTA, Flávio. Escravos da Moda. **Isto é**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/152925_ESCRAVOS+DA+MODA>. Acesso em: 24 set. 2012.
- CRANE, Diana. **A Moda e Seu Papel Social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução: COIMBRA, Cristina. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2009.
- FARINACI, Antonio. Experimental e controverso “O Ano Passado em Marienbad” faz 50 anos com elegância atemporal de Chanel. **Blog do Antonio Farinaci**. Disponível em: <<http://antoniofarinaci.blogosfera.uol.com.br/tag/coco-chanel/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- FERRAZ, Queila. Mídia Impressa e Fotografia de Moda. Revista Feminina/Parte 2. **Fashion Bubbles**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/midia-impressa-revista-feminina-par-te-2/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- GARCIA, Claudia. Anos 50. **Especial Moda-Folha Online**. São Paulo. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. Tradução: Lea Zylberlicht. 1ª ed. São Paulo: Senac, 2010.
- KALIL, Glória. **Fashion Marketing**. 1ª ed. São Paulo: Senac, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. Tradução: Maria Lucia Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- MAROJA, Gabriela. Moda Afro... ou mais um modismo? **COOLtura de Moda**, João Pessoa, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://coolturademoda.blogspot.com.br/2010/11/moda-afro-ou-mais-um-modismo.html>>. Acesso em: 18 mar. 2012.
- MENDES, Valerie; LA HAJE, Amy de. **A Moda do Século XX**. Tradução: Luis Carlos Borge. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- MODE à Paris. Fédération Française de la Couture du Prêt-à-Porter des Couturiers et des Créatures de Mode. Paris. Disponível em: <<http://www.modeaparis.com/en>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- PRIPAS, Flávio. A democratização da moda via internet. Breve resumo da história da moda até os dias de hoje. **Fashion Bubbles**. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-democratizacao-da-moda-via-internet-breve-resumo-da-historia-da-moda-ate-os-dias-de-hoje/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- SANCARTIER, Angela. Globalization. **Clothing and Fashion Encyclopedia**. Disponível em: <<http://angelasan-cartier.net/globalization>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- SVENDSEN, Lars. **Moda – Uma Filosofia**. 1ª ed. São Paulo: Zahar, 2010.

Resumo

O objetivo deste trabalho é destacar por meio da evolução do teatro e do cinema como esses resgatam a cultura não homogeneizada em uma população de sete bilhões de pessoas. Para isso, foram selecionados momentos históricos do teatro e do cinema que possibilitam compreender a estreita relação desses com a evolução cultural, social e política, evidenciando tanto o caráter de entretenimento quanto de resgate cultural universal dessas artes.

Palavras-chave: cinema, cultura, evolução do cinema, evolução do teatro, surgimento do cinema, surgimento do teatro, teatro.

Abstract

The objective of this paper is to highlight through the evolution of theater and cinema how these redeem the not homogenized culture in a population of seven billion people. For this, we selected historical moments of theater and cinema that enable to understand their close relationship with the cultural, social and political evolution, highlighting both the character of entertainment as the universal cultural rescue of these arts.

Keywords: *cinema, cinema's development, culture, movies, theater, theater's development, the emergence of cinema, the emergence of theater.*

1. Introdução

O principal objetivo deste trabalho será mostrar a importância do entretenimento hoje, enfatizando o teatro e o cinema, uma vez que essas artes se constituíram historicamente como representantes da cultura, política e sociedade.

Na sociedade contemporânea, dominada pela indústria cultural, onde é possível transmitir mensagens rapidamente para grandes quantidades de pessoas, o que as predispõe a ficarem cada vez mais apressadas e alienadas, destaca-se a importância do resgate da cultura não homogeneizadora ou niveladora, como a cultura de massa. A televisão é uma das mais representativas formas de cultura de massa, característica principal deste século.

O teatro e o cinema são apresentados neste trabalho como representantes importantes da cultura, vistos como artes que possibilitam a participação efetiva na sociedade, o questionamento sobre as relações sociais, o registro histórico e a diminuição da alienação social.

Portanto, a introdução dessas formas artísticas na vida de sete bilhões de pessoas é uma importante forma de resgate cultural e social.

2. O surgimento e a evolução histórica do teatro

Rituais fúnebres, danças, mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, ou ainda danças com o objetivo de evocar espíritos são hipóteses para o aparecimento das primeiras representações teatrais com caráter ritualístico.

O surgimento da tragédia grega é geralmente relacionado aos cultos a Dionísio, deus do vinho e da fertilidade, no século VIII a. C. Os gregos promoviam festas em homenagem a Dionísio, nas quais dançavam, representando o êxtase causado pelo vinho, cantavam hinos em coro, tocavam flauta e usavam máscaras de animais que simbolizavam a transformação dramática. No século V a. C., Pisístrato oficializou o culto a esse deus e passou a organizar festas dionisíacas urbanas. Contratou Téspis, um ator que “inventou um respondedor ao coro e ao corifeu, substituiu a máscara animal pela máscara humana, introduziu a máscara feminina e deu início à dramaturgia de temas místicos e históricos”.¹

O primeiro documento sobre a teoria teatral, **Poética**, foi elaborado por Aristóteles, apresentando a estrutura do teatro, diferen-

ciando-a em comédia e tragédia. A tragédia clássica grega exerceu inúmeras funções. A dramaturgia em formato de coro representava a sociedade grega (pólis), julgando, criticando e interferindo nos conflitos dos homens. Segundo Fernando Peixoto, “a maneira como utilizam o coro é um termômetro da estabilidade ou do questionamento da unidade social”.²

No século II a. C. enquanto a tragédia se expressava na Grécia, em Roma predominava a comédia crítica: “[...] as comédias voltavam-se para a investigação crítica do cotidiano, ainda que geralmente em defesa dos valores tradicionais e contra os perigos de uma decadência ética e moral.”³

O teatro surgiu por meio de rituais e danças e teve suas características ritualísticas substituídas por características sociais: passou a representar questionamentos, narrou lendas, foi considerado pagão e, por isso, as representações foram extintas.

Durante a primeira época medieval (séculos XII a XIV), o teatro ressurgiu ligado à igreja, tornando-se um meio de propagação da religião. Em datas religiosas, as encenações representavam passagens da Bíblia, como a ressurreição de Cristo. Na segunda época medieval (séculos XV e XVI), Gil Vicente acrescentou o homem como parte da sociedade, criticando a nova ordem social e os valores burgueses no início do século XVI. Na peça **Farsa de Inês Pereira**, Gil Vicente satiriza os valores mercantis, materialistas e burgueses que substituíram os da cavalaria medieval.

Rompendo com as tradições do teatro medieval, o teatro renascentista recriou a estrutura teatral. Na Itália, os atores da **Comédia Dell'Arte** cantavam, dançavam, faziam malabarismos, representavam e improvisavam, rompendo, assim, com as propostas clássicas, elitistas ou literárias da época anterior. O teatro popular, geralmente encenado em vias públicas, por atores itinerantes, alcançou os palácios com suas melhores companhias, cruzando fronteiras por toda a Europa, a partir de 1570.

O teatro barroco espanhol, do Século do Ouro, desprezou o erudito, fazendo do teatro uma representação do povo. Conhecido como a arte da Contrarreforma, retomou a tradição cristã em oposição às ideias reformistas de Calvino e Lutero.

No teatro romântico, em que se destacaram Shakespeare (embora faça parte do Clássicismo e do início do Barroco, antecipa temas românticos) e Victor Hugo, predominaram as

ideias subjetivas (emoção acima da razão), o teatro de ideias e o drama de crítica social. Já o teatro realista, em meados do século XIX, pregava a fidelidade ao real (percebido, observado e comprovado), encenando reflexões sobre temas sociais.

Na segunda metade do século XIX, dramaturgos europeus e norte-americanos fizeram um movimento teatral, nomeado de Teatro do Absurdo, com textos pessimistas sobre a luta do homem, sem resultado, para encontrar um propósito para sua vida e controlar seu destino; a humanidade era vista como confusa e sem esperança. A peça mais conhecida do Teatro do Absurdo, **Esperando Godot**, de Samuel Beckett, praticamente elimina o enredo, ao apresentar dois personagens que ficam, sem nada para fazer, à espera de um tal de Godot, sem saber por que o esperam, nem quem ele seria. O Teatro do Absurdo foi visto como o antiteatro, com farsas e sátiras, sem sentido dramático ou ideal.

No século XX, o teatro passou a ser utilizado como forma de denúncia da realidade. Segundo a obra **Gente de Teatro**, de William Mendonça, Bertolt Brecht propunha o “efeito de distanciamento” – isto é, deixar claro para o espectador o artifício da representação cênica – o que estimulava o senso crítico e destacava os valores ideológicos do texto.⁴

De acordo com Fernando Peixoto, Brecht foi responsável por “revolucionar teórica e praticamente a dramaturgia e o espetáculo, alterando de forma irreversível sua função social e elaborando, com fundamento na assimilação crítica do marxismo, um teatro que redefine o realismo crítico e socialista, fundando o ‘teatro dialético’”.⁵

As ideias do alemão Bertolt Brecht foram as mais influentes no teatro moderno. Exemplo disso foi o surgimento do *Jornal Vivo* (**Living Newspaper**), caracterizado por encenações baseadas em notícias de jornais, retratando o início do teatro político. O teatro documento, da década de 1960, surgiu com a proposta de fazer peças que reconstituíssem processos jurídicos didaticamente apresentados, como representação fria de verdades documentadas como visto em **O Interrogatório**, sobre Auschwitz ou **O discurso do Vietnã**, sobre a Guerra do Vietnã, ambas de Peter Weiss.

No Brasil, a influência política e social do teatro, presente em encenações e manifestações populares (teatro popular ou teatro de revista), inicia-se na década de 1930. Durante o Estado Novo, apesar de a ditadura tentar

silenciar o teatro de revista, prevaleceu a ideologia na crítica política. Em São Paulo, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) surgiu depois do fim da era Vargas, “produzido pela burguesia para burguesia, importando técnica e repertório, evidenciando ideologicamente ecletismo e nítida tendência para o culturalismo esteticista”.⁶ Contrapondo os ideais, surgiu o Teatro de Arena, formado por estudantes da Escola de Arte Dramática (EAD), com o intuito de usar o teatro como instrumento político, e que estreou com a peça **Eles não usam black-tie**, de Gianfrancesco Guarnieri e o Teatro Oficina, formado por estudantes de Direito. No Rio de Janeiro, como tentativa de resistência ao golpe de 1964, surgiu o Teatro Opinião. Os Teatros Arena, Oficina e Opinião foram fechados pela repressão policial, após um longo período de resistência cultural.

O surgimento e a evolução do teatro não se concentraram em nenhum país ou continente. O teatro foi influenciado por vários períodos históricos, literários e inspirou várias sociedades. Várias culturas contribuíram para a formação dessa arte universal diversificada.

3. O surgimento e evolução histórica do cinema

Assim como o teatro, o cinema também teve uma evolução histórica enquanto meio de representação da mente e da cultura, além de causar grande impacto na sociedade. O surgimento da indústria cinematográfica trouxe a possibilidade de se documentar um fato histórico e divulgá-lo mundialmente.

28 de dezembro de 1895, Lyon – França: os irmãos Lumière, inventores do cinematógrafo, exibiram a primeira sessão de cinema com filmes curtos, mudos e em preto e branco, que, basicamente, reproduzia sequências de fotos que mostravam movimentos. O filme que teve mais impacto nessa apresentação foi **A chegada do trem na estação (L'Arrivée d'un Train à La Ciotat)**, que mostrava uma locomotiva em movimento chegando à estação, filme que provocou reações de susto e medo no público, pela realidade da imagem. Em pouco tempo, as exibições dos filmes dos irmãos Lumière se espalharam pela França. Operadores de cinematógrafo eram treinados na França e enviados a vários países, difundindo o cinema como forma de entretenimento para todos os continentes.

Georges Méliès adquiriu o cinematógrafo na Inglaterra e passou a filmar cenas do cotidiano. Enquanto filmava uma rua de Paris, a

máquina travou e voltou a funcionar minutos depois. Quando Méliès apresentou seu filme, a imagem de um ônibus se transformou magicamente em um carro fúnebre, uma vez que a máquina travou após captar a imagem do ônibus e voltou a funcionar captando a imagem de um carro fúnebre. Assim, a mágica do cinema apareceu como realidade, tornando o entretenimento cinematográfico ainda mais interessante para o espectador.

Em um período de avanços tecnológicos, pós-Revolução Industrial, a burguesia tanto desenvolveu máquinas que facilitaram o acúmulo de capital, quanto criou um universo cultural à sua imagem. Uma das preocupações tecnológicas foi a de descobrir como dar a ilusão de movimento ao rolo de imagens fotográficas sem que o público notasse a fita se desenrolando. Culturalmente, a arte criada pela burguesia, reproduzia a realidade de seu universo como ela era. “A mecânica elimina a intervenção e assegura a objetividade. Portanto, sem intervenção, sem deformações, o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade.”⁷ Ainda que essa realidade se apresentasse de forma mágica, divertida e representativa.

Arte criada pela burguesia para a burguesia, o cinema permitiu que os espectadores franceses fizessem uma viagem pelo mundo, conhecendo lugares que não poderiam visitar pessoalmente, por meio dos documentários culturais exibidos pelos irmãos Lumière, que apresentavam imagens registradas em diversos países.

Uma vez que o cinema se mostrou uma forma impactante de entretenimento, os filmes começaram a contar histórias. Eram cômicos e filmados em pequenos atos em cenários teatrais (em cima de palcos). Geroges Méliès inovou ao basear seus filmes em obras literárias, como por exemplo, o precursor da ficção cinematográfica, o filme **Viagem à Lua**, de 1902, baseado na obra de Julio Verne, chamada **Da Terra à Lua**. O cinema se formou com uma linguagem própria, visual, antes mesmo de ser acrescentada a fala. A magia do cinema permitiu difundir uma linguagem universal de imagens.

O cinema mudo continha enredos e personagens que atraíam os espectadores. O filme **O Nascimento de uma Nação**, de D. W. Griffith, foi o primeiro filme comercial a introduzir uma linguagem cinematográfica moderna, ao contar uma história dividida em três atos: início, meio e fim.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a produtividade de filmes diminuiu na Europa, se concentrando nos EUA, mais precisamente em Hollywood, na época em que surgiu a concepção de cinema publicitário.

História, política e cinema se unem após a Primeira Guerra Mundial, principalmente nos movimentos chamados de Expressionismo Alemão e Experimentalismo Soviético. Na Alemanha, “sombras, loucura e grotesco são os atores principais do cinema alemão. O movimento tenta representar o clima pós-guerra que toma conta do país e dura até a ascensão de Hitler, que proibiu as artes ‘degeneradas’ e apostou no cinema-propaganda, afugentando grandes diretores do país”.⁸ Na Rússia, Sergei Eisenstein, produziu o filme **O Encouraçado Potemkin**, um material encomendado pelo governo comunista, empregando características ideológicas e sociais, utilizando pessoas comuns ao invés de atores. Com esses movimentos, o cinema assumiu caráter histórico e documental na Europa durante um longo período, retomando o caráter cultural somente após a Segunda Guerra Mundial.

Nos EUA, década de 1920, dentre as produções cinematográficas, destacou-se o surgimento do personagem Carlitos (o vagabundo), criado por Charles Chaplin, um dos personagens mais populares no mundo todo até os dias de hoje. Em 1927, os irmãos Warner, fundadores do estúdio Warner Bros, renovaram a produção cinematográfica introduzindo a fala nas películas. O primeiro filme com diálogo foi **O Cantor de Jazz**. Mesmo com a possibilidade de produzir filmes falados, Chaplin manteve-se fiel à estrutura do cinema mudo durante a década de 1930, quando fez sua obra-prima, **Tempos Modernos**. Somente em 1940, Chaplin rendeu-se ao diálogo, ao produzir **O Grande Ditador**. **Tempos Modernos** retratou de forma cômica e visual a nova condição trabalhista durante a Revolução Industrial, expressando uma crítica social. Já **O Grande Ditador** representou uma sátira crítica e cômica dos representantes do nazismo (Adolf Hitler) e do fascismo (Benito Mussolini).

Outro avanço na tecnologia da indústria cinematográfica foi o acréscimo de cores às películas. O processo Technicolor, que acrescentava cor às imagens, foi utilizado pela primeira vez pelo estúdio Fox, em 1935, na obra **Vaidade e Beleza**, de Rouben Mamoulian.

Durante o período de 1930 a 1940, nos EUA, o cinema foi utilizado para incentivar a

reconstituição moral da população que se recuperava da crise de 1929. O cinema americano viveu a chamada Era do Ouro, período em que os filmes realçavam os valores humanos. Destacaram-se as obras de Frank Capra, cineasta que enfatizava o lado humanista da sociedade em seus musicais hollywoodianos, como **A Felicidade Não Se Compra**, de 1946. Dentre os anos da Era do Ouro, 1939 foi considerado o Ano de Ouro, no qual as obras **A Mulher Faz o Homem**, de Capra; **E O Vento Levou** e **O Mágico de Oz**, de Victor Flaming; **No Tempo das Diligências**, de John Ford; **O Morro dos Ventos Uivantes**, de William Wyler foram produzidas.⁹

O entretenimento do cinema americano se expandiu com os musicais hollywoodianos durante toda a Era do Ouro, atingindo várias camadas sociais. O filme **Cantando na Chuva**, de Stanley Donnen e Gene Kelly, foi o maior representante do cinema musical.

O cinema neorrealista surgiu na década de 1940, na Itália, com Federico Fellini e Roberto Rossellini, na obra **Roma, Cidade Aberta**. O movimento chamado Neorrealismo foi responsável por documentar o pós-Segunda Guerra com filmes essencialmente políticos e sociais como: **Ladrões de Bicicleta**, de Vittorio De Sica, que representa a situação geral de desemprego dos italianos, por meio da história de um personagem que conseguiu se empregar como colocador de cartazes, mas tem seu meio de transporte, uma bicicleta, roubada e passa a procurá-la por toda a Roma; e **Alemanha, Ano Zero**, de Roberto Rossellini, que retrata a péssima condição de vida em Berlim, após a devastação da guerra.

Alfred Hitchcock revolucionou o cinema com filmes de mistério e suspense, tais como **Sabotador** (1942), **A Sombra de uma Dúvida** (1942), **Festim Diabólico** (1948), **Janela Indiscreta** (1954), **O homem que sabia demais** (1955), **Um corpo que cai** (1958), **Psicose** (1960), **Os Pássaros** (1963). Esses entretiveram a plateia mostrando tramas misteriosas em que o espectador não tem conhecimento do que está prestes a acontecer, e tramas de suspense proporcionando ao espectador o conhecimento dos fatos que envolvem a ignorância dos personagens.

Distanciando-se do *glamour* dos musicais hollywoodianos da década anterior, produtores, roteiristas e diretores da década de 1960 inovaram seus filmes com cenas explícitas da vida cotidiana, incluindo cenas de sexo e violência. **Bonnie & Clyde**, de Arthur Penn, deu

início a filmes mais realistas ao retratar a história real de um casal de assaltantes a bancos, que aterrorizou os EUA durante a época de recessão.

No final da década de 1960, 2001: **Uma Odisseia no Espaço**, de Stanley Kubrick, foi um marco no cinema de ficção científica e, no início da década de 1970, **Laranja Mecânica**, do mesmo diretor, acrescenta um teor crítico social nesse drama psicológico que ilustra uma sociedade futurista marcada pela violência.

Brian De Palma, Francis Ford Coppola, Woody Allen, Martin Scorsese, Sydney Pollack, George Lucas e Steven Spielberg foram alguns dos nomes de destaque da década de 1970 que dominaram a nova era de filmes hollywoodianos marcada por drama, suspense, comédia, romance, ação, terror, aventura e ficção.

George Lucas e Steven Spielberg formam uma dupla de roteiristas, diretores e produtores que levaram o caráter de entretenimento aos filmes, “[...] sem qualquer intenção intelectual e despretensioso no tocante à utilização do cinema como alimentador de ideias e reflexões”¹⁰. **Tubarão** (1975), **Star Wars Episódio IV: Uma Nova Esperança** (1977), **Os Caçadores da Arca Perdida** (1981), **E.T. - O Extraterrestre** (1982), **Indiana Jones e o Templo da Perdição** (1984), **Jurassic Park** (1993) e **As aventuras de Tintim** (2011) são exemplos de filmes que entretêm o espectador com sua linguagem visual, mágica e fictícia.

Dos primórdios da década de 1980 até os dias atuais, o cinema assume personalidades diferentes: apresentando duras críticas sociais, por vezes, amenizadas com características de entretenimento; retratando acontecimentos históricos, políticos ou sociais; refletindo o pensamento contemporâneo e sua moralidade; e entretendo os espectadores.

4. Cultura de Massa: a televisão

Na sociedade contemporânea, dominada por processos de industrialização e pelo capitalismo, as pessoas necessitam dispor da maior parte de seu tempo para a produção, ou seja, trabalham cada vez mais e, conseqüentemente, vivem sob constante estresse. Instituições dominantes, como a indústria cultural, tendem a prover as necessidades da sociedade, fazendo com que os indivíduos sejam produtivos e consumistas. Assim, como exemplo, criam-se meios de comunicação capazes de transmitir mensagens rapidamente, para grande quanti-

dade de pessoas, em resposta ao desejo de velocidade e facilidade na aquisição de informações. Por outro lado, esses meios de comunicação tendem a homogeneizar a cultura, as preocupações sociais, os questionamentos, os estilos de vida e os comportamentos. Apesar de alguns considerarem o cinema também como representante da cultura de massa, foi com o surgimento da televisão que a indústria cultural ganhou velocidade e se globalizou, características principais deste século.

Jean-Claude Bernardet cita como uma das transformações resultantes do surgimento da televisão na década de 1940, a migração do espectador do cinema para a televisão. “Para citar apenas os EUA, passa-se de 21 mil salas de exibição e 90 milhões de espectadores em 1945 para 14 mil salas e 45 milhões de espectadores em 1955. Simultaneamente, as estações emissoras de TV passam de seis em 1946 para 511 em 1955 e, no mesmo período, passa-se de 30 mil receptores para 46 milhões.”¹¹

Enquanto o cinema e o teatro representam documentos históricos do passado e do presente, preocupados em expressar e reconstruir, a televisão estreita essa temporalidade, uma vez que apresenta seu conteúdo quase que ao mesmo tempo em que ele ocorre na realidade. Como exemplo, o atentado das Torres Gêmeas do *World Trade Center*, ocorrido em 11 de

setembro de 2001, que foi transmitido ao vivo para todo o mundo, isto é, a televisão permitiu ao telespectador a recepção da notícia ao mesmo tempo em que os fatos eram documentados, e construiu um registro histórico.¹²

O teatro não surge da mídia de massa, ele possui um caráter mais literário e crítico, induzindo os seus espectadores a pensarem e refletirem sobre um determinado assunto, diferentemente da televisão, que faz com que as pessoas apenas absorvam as informações.

Por meio do estudo do surgimento e da evolução do teatro e do cinema, é possível compreender a estreita relação entre história, sociedade, política e cultura. Ao longo dos séculos, tanto o teatro quanto o cinema mostraram-se capazes de possibilitar a participação social, instigar questionamentos sobre a sociedade e suas relações, documentar e resgatar fatos históricos além de diminuir a alienação social.

O teatro e o cinema surgem como formas diferenciadas de entreter, evoluem historicamente e socialmente, unindo diversas culturas, construindo, assim, uma universal. Em contraposição à alienação promovida pela velocidade e à ocupação do tempo pela produtividade, o teatro e o cinema oferecem diminuição do ritmo acelerado de vida, entretenimento e possibilidade de resgatar a cultura universal.

Notas

- 1 PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.51.
- 2 PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.52.
- 3 PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.51.
- 4 MENDONÇA, William. BERTOLD BRECHT - Teatro para fazer pensar. Disponível em: <<http://www.william-mendonca.com/visualizar.php?id=1204935>>. Acesso em: 13 mar. 2012.
- 5 PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.78.
- 6 PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.86.
- 7 BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.16.
- 8 TAVARES, Ingrid. A história do cinema. **Superinteressante**. São Paulo, nov. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/historia-cinema-446090.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- 9 DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema - A Era de Ouro em Hollywood. **Cine Players**. 3 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=44>>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- 10 DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema - O cinema contemporâneo. **Cine Players**. 28 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=45>>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- 11 BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.87.
- 12 KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p.12.

Referências

- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BORGO, Érico; FORLANI, Marcelo; HESSEL, Marcelo. **Almanaque do cinema**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. **História e Cinema**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens 1**. 6ª ed. reform. São Paulo: Atual, 2008.
- KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LOPES, Denilson; FRANÇA, Andréa. **Cinema, globalização e interculturalidade**. Santa Catarina: Argos, 2010.
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.
- NETO, José Alves de Freitas; TASINAFIO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Harbra, 2006.
- PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Meio eletrônico

- ARAÚJO, Lindomar. História do Cinema. **Infoescola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema/>> Acesso em: 17 mar. 2012
- ARAÚJO, Lindomar. História do Teatro. **Infoescola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/historia-do-teatro/>> Acesso em: 13 mar. 2012
- BARBOSA, Jane Maria de Almeida. Dionísio e o surgimento do teatro. **Professor João Paulo**. Disponível em: <<http://professorjoaopaulo.com/mitologia/dionisio-e-o-surgimento-do-teatro/>> Acesso em: 20 mar. 2012.
- DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema – A Era de Ouro em Hollywood. **Cineplayers**. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=44>> Acesso em: 5 jun. 2012.
- DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema – Do Mundo ao Colorido. **Cineplayers**. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=43>> Acesso em: 5 jun. 2012.
- DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema – O Cinema Contemporâneo. **Cineplayers**. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=45>> Acesso em: 5 jun. 2012.
- DALPIZZOLO, Daniel. A História do Cinema - O Surgimento da Sétima Arte. **Cineplayers**. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=42>> Acesso em: 17 mar. 2012.
- FÁVARO, Mirian. O cinema nos anos 60. **UOL**. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/anos-602.htm>> Acesso em: 5 jun. 2012.
- HEYMANN, Gisela. Irmãos Lumière: Luzes, câmera, ação. **Superinteressante**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1991/conteudo_112830.shtml> Acesso em: 17 mar. 2012.
- MENDONÇA, William. BERTOLD BRECHT - Teatro para fazer pensar. **William Mendonça**. Disponível em: <<http://www.williammendonca.com/visualizar.php?id=1204935>> Acesso em: 13 mar. 2012.
- A ORIGEM e Evolução do Teatro. **UOL**. Disponível em: <<http://liriah.teatro.vilabol.uol.com.br/historia/aorigeme-evolucaodoteatro.htm>> Acesso em: 13 mar. 2012.
- COMÉDIA Dell'Arte. **UOL**. Disponível em: <http://liriah.teatro.vilabol.uol.com.br/historia/comedia_dell.htm> Acesso em: 7 jun. 2012.
- DESVENDANDO Teatro**. Disponível em: <<http://www.desvendandoteatro.com/origemehistoria.htm>> Acesso em: 7 jun. 2012.
- O QUE é Teatro do Absurdo. **UOL**. Disponível em: <<http://lazer.hsw.uol.com.br/teatro-do-absurdo.htm>> Acesso em: 7 jun. 2012.
- O TEATRO na Grécia e em Roma. **Plano nacional de leitura**. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitu->

ra.gov.pt/teatro/backstage.php?s=21&id=2> Acesso em: 16 mar. 2012.

O TEATRO nas civilizações primitivas. **Plano nacional de leitura**. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/teatro/backstage.php?s=21&id=1>> Acesso em: 16 mar. 2012.

O TEATRO no século XIX. **Plano nacional de leitura**. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/teatro/backstage.php?s=21&id=21>> Acesso em: 16 mar. 2012.

O TEATRO no século XX. **Plano nacional de leitura**. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/teatro/backstage.php?s=2>> Acesso em: 16 mar. 2012.

SÉCULO XX: o Teatro de Ideias e de Intervenção Social Didáctica. **Plano nacional de leitura**. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/teatro/backstage.php?s=21&id=24>> Acesso em: 16 mar. 2012.

TAVARES, Ingrid. A história do cinema. **Superinteressante**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/historia-cinema-446090.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

TEATRO e suas origens. **Portal São Francisco**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-teatro/historia-do-teatro.php>> Acesso em: 13 mar. 2012.

Peças de teatro

ELES NÃO USAM BLACK-TIE. Dramaturgo: Gianfrancesco Guarnieri. Brasil, 1958.

ESPERANDO GODOT. Dramaturgo: Samuel Beckett. Paris, 1953.

FARSA DE INÊS PEREIRA. Dramaturgo: Gil Vicente. Portugal, 1523.

O DISCURSO DO VIETNÃ. Dramaturgo: Peter Weiss. Alemanha, 1968.

O INTERROGATÓRIO. Dramaturgo: Peter Weiss. Alemanha, 1965.

Filmes

2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO. Direção: Stanley Kubrick. Roteiro: Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1968.

A CHEGADA DE UM TREM À ESTAÇÃO. Direção, produção e roteiro: Auguste e Louis Lumière. França: 1895.

A FELICIDADE NÃO SE COMPRA. Direção e produção: Frank Capra. Roteiro: Philip Van Doren Stern, Frances Goodrich. Eua: Liberty Films Inc., 1946.

A INVENÇÃO DE HUGO CABRET. Direção: Martin Scorsese. Roteiro: John Logan. EUA: Paramount Pictures, 2011.

A MULHER FAZ O HOMEM. Direção: Frank Capra. Roteiro: Lewis R. Foster, Sidney Buchman. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1939.

A SOMBRA DE UMA DÚVIDA. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Jack H. Skirball. Roteiro: Thornton Wilder, Sally Benson. EUA: Universal Pictures, 1942.

ALEMANHA, ANO ZERO. Direção: Roberto Rosellini. Roteiro: Roberto Rosellini, Max Kolpé. Itália: Produzione Salvo D'Angelo, 1948.

AS AVENTURAS DE TINTIM. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Steven Moffat, Edgar Wright. EUA: Columbia Pictures, Paramount Pictures, 2011.

BONNIE E CLYDE. Direção: Arthur Penn. Roteiro: David Newman, Robert Benton. EUA: Warner Bros./Seven Arts, 1967.

CANTANDO NA CHUVA. Direção: Gene Kelly e Stanley Donen. Produção: Arthur Freed. Roteiro: Betty Comden, Adolph Green. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1952.

E O VENTO LEVOU. Direção: Victor Flaming. Produção: David O. Selznick. Roteiro: Sidney Howard. EUA: Selznick International Pictures, 1939.

- E.T. - O EXTRATERRESTRE. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Melissa Mathison. EUA: Universal Pictures, 1982.
- FESTIM DIABÓLICO. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Arthur Laurents. EUA: Universal Pictures, 1948.
- INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Willard Huyck, Gloria Katz. EUA: Paramount Pictures, 1984.
- JANELA INDISCRETA. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: John Michael Hayes. EUA: Universal Pictures, 1954.
- JURASSIC PARK. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Michael Crichton. EUA: Universal Pictures, 1993.
- LADRÕES DE BICICLETA. Direção: Vittorio De Sica. Roteiro: Luigi Bartolini, Cesare Zavattini. Itália: Produzioni De Sica, 1948.
- LARANJA MECÂNICA. Direção e Roteiro: Stanley Kubrick. EUA: Warner Bros., 1971.
- NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS. Direção: John Ford. Roteiro: Ernest Haycox, Dudley Nichols. EUA: Walter Wanger Productions, 1939.
- O CANTOR DE JAZZ. Direção e produção: Alan Crosland. Roteiro: Alfred A. Cohn. EUA: Warner Bros., 1927.
- O ENCORAJADO POTESKIN. Direção: Sergei Eisenstein. Produção: Iakov Bliokh. Roteiro: Nina Agadzhanova, Nikolai Aseyev, Sergei Tretyakov. Rússia: Goskino, 1925.
- O GRANDE DITADOR. Direção, produção e roteiro: Charles Chaplin. EUA: United Artists, 1940.
- O HOMEM QUE SABIA DEMAIS. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: John Michael Hayes. EUA: Universal Pictures, 1955.
- O MÁGICO DE OZ. Direção: Victor Fleming. Roteiro: Noel Langley, Florence Ryerson. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1939.
- O MORRO DOS VENTOS UIVANTES. Direção: William Wyler. Roteiro: Charles MacArthur, Ben Hecht. EUA: The Samuel Goldwyn Company, 1939.
- O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO. Direção e produção: D.W. Griffith. Roteiro: Thomas F. Dixon Jr., D.W. Griffith, Frank E. Woods. EUA: David W. Griffith Corp., 1915.
- OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Lawrence Kasdan, George Lucas. EUA: Paramount Pictures, Lucasfilm, 1981.
- OS PÁSSAROS. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Daphne Du Maurier, Evan Hunter. EUA: Universal Pictures, 1963.
- PSICOSE. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Joseph Stefano. EUA: Shamley Productions, 1960.
- ROMA, CIDADE ABERTA. Direção: Roberto Rossellini. Roteiro: Sergio Amidei, Federico Fellini. Itália: Excelsa Film, 1945.
- SABOTADOR. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Jack H. Skirball. Roteiro: Peter Viertel, Joan Harrison. EUA: Universal Pictures, 1942.
- STAR WARS EPISÓDIO IV. Direção, roteiro e produção: George Lucas. EUA: Lucasfilm, Twentieth Century Fox, 1977.
- TEMPOS MODERNOS. Direção, produção e roteiro: Charles Chaplin. EUA: United Artists, 1936.
- TUBARÃO. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Peter Benchley, Carl Gottlieb. EUA: Universal Pictures, 1975.
- UM CORPO QUE CAI. Direção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Alec Coppel. EUA: Paramount Pictures, 1958.
- VAIDADE E BELEZA. Direção: Rouben Mamoulian. Roteiro: Langdon Mitchell, William Makepeace Thackeray. EUA: Twentieth Century-Fox, 1935.
- VIAGEM À LUA. Direção, produção e roteiro: Georges Méliès. França: Star Film, 1902.

Resumo

O tema desta monografia é a utilização de alimentos transgênicos na sociedade atual. Apresenta suas vantagens e seus riscos, assim como informações sobre os métodos de combinação genética. Finalmente explica e identifica algumas das instituições responsáveis pela fiscalização e controle de organismos geneticamente modificados.

Palavras-chave: alimentos transgênicos, OGM, modificação genética, agrotóxicos, genes recombinantes.

Abstract

The subject of this monograph is the use of transgenic food in the modern society bringing forward its advantages and risks, as well as information about genetic combination methods. Finally it explains and identifies some of the institutions in charge of the supervision and control of the genetically modified organism.

Keywords: *transgenic food, GMO, genetic modification, agro toxics, recombinant genes.*

1. Introdução

A relação da população e a produção de alimentos não é algo novo. O célebre economista Thomas Robert Malthus alarmou a sociedade do século XVIII em relação a esse assunto. Ele afirmava que a fome era eminente, pois o crescimento demográfico obedece uma progressão geométrica, enquanto que a produção de alimentos obedece uma progressão aritmética, sendo apenas questão de tempo para que a demanda de alimentos supere o poder produtivo da Terra.

A teoria de Malthus resultou ser falsa, pois, com avanços tecnológicos, conseguimos aumentar a produção em padrões geométricos, alcançando, em alguns casos, quase o dobro de colheita. No Brasil, a produção de cereais aumentou em 72%, em 2010, comparado com 1992. Inovações nas técnicas de plantio e colheita, maquinário mais eficiente e maior entendimento dos ciclos vegetais e seus genótipos possibilitam suprir a demanda de alimentos sem ter que expandir a terra cultivável, o que beneficia a preservação ambiental.

Mas a população continua a crescer, fazendo que o avanço tecnológico seja uma necessidade constante. Relatórios da *Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)*, indicam que, atualmente, há suficientes alimentos sendo produzidos para erradicar a fome, mas que a desigualdade é a responsável por mais de 1 bilhão de desnutridos. Um aumento na oferta de comida levaria a uma queda nos preços, o que significaria uma maior acessibilidade das regiões com altos índices de má nutrição.

Os organismos geneticamente modificados (OGMs) são uma maneira para se aumentar a produção de alimentos, mas suas vantagens não se restringem a isso. Entre seus diferentes usos, podemos identificar a modificação para combater pestes, fazendo alguns agrotóxicos daninhos para o ser humano e para o ambiente se tornarem obsoletos. Também podem ser utilizados para acrescentar alguma vitamina importante para uma dieta saudável, como é o caso do arroz dourado, que foi geneticamente modificado para proporcionar vitamina A. A produção de remédios também pode ser lograda por meio da modificação genética, como é o caso da bactéria *E. coli*, produtora de insulina.

Há muita polêmica sobre OGMs, pois caso não sejam cuidadosamente fiscalizados e devidamente testados os alimentos transgênicos podem ser muito prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. Entre os riscos se destacam: a unifor-

midade genética, que aumenta a fragilidade da colheita em relação a doenças; assim como o aumento de alergias, devido à combinação de um gene causador de alergia a um produto que naturalmente não a causaria, e por último a falta de controle dos esporos da planta, podendo-se fertilizar plantas não transgênicas e causar a perda da identidade genética da espécie.

Há também quem critique a mutação genética por razões religiosas, afirmando que a criação de Deus não deveria ser modificada pelo ser humano. Nossa espécie vem modificando a natureza desde seus primórdios. A utilização de ferramentas de pedra, madeira ou osso pelos homens pré-históricos são exemplos disso. Com o passar dos anos e o avanço no campo da ciência e da genética, essas modificações se tornaram muito mais complexas e sofisticadas. Negar a utilização da natureza para nossa sobrevivência é nos negar como espécie, pois moldar o entorno é algo característico da nossa história e da nossa cultura. A discussão dos efeitos dessa moldagem pode e deve ser feita, pois às vezes a humanidade vai longe demais e, às vezes, transforma a natureza de forma permanente e irreversível. Mas a moldagem em si é algo inerente a nossa natureza.

2. Processo de modificação genética

Os organismos geneticamente modificados consistem em plantas, animais, bactérias ou qualquer outro tipo de ser vivo cujo genótipo¹ foi manipulado pelo ser humano para suprir alguma necessidade específica. O melhor armazenamento, a produção acelerada de alimentos e substâncias, resistência a pragas e agrotóxicos, são exemplos de benefícios.

A utilização dessa tecnologia chamou a atenção da sociedade brasileira em meados de 1998. Nesse ano a empresa multinacional Monsanto² fez uma petição à Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio³) para o cultivo de um tipo de soja transgênica chamado de Roundup Ready. Esse vegetal é resistente a um agrotóxico chamado Roundup, da própria Monsanto.

A ideia desse tipo de soja é que o agrotóxico apenas mate as ervas daninhas sem destruir ou comprometer a safra. A opinião pública quanto à soja “mutante” era de pânico, causado pelo medo ao desconhecido ou uma descrença em relação à confiabilidade das pesquisas sobre o tema. Essa postura fez com que o uso de transgênicos, mesmo sendo uma

realidade no Brasil atual, ainda esteja em um limbo legal.

Para um melhor entendimento do problema é necessário uma maior explicação de como esses alimentos são produzidos.

O processo de modificação genética é algo extremamente complicado. Há dois processos usuais de obtenção de organismos transgênicos. O primeiro, e mais usado, é através do veículo de genes e o segundo é o bombardeio de genes.

2.1 Veículo de genes

O material genético que se quer combinar com o organismo é inserido em uma bactéria, capaz de infectar o organismo e introduzir os seus genes no genótipo dele. No caso de plantas, a bactéria mais usada é *Agrobacterium tumefaciens*.

Nas bactérias existe, além do seu cromossomo usual, um plasmídeo. Este consiste em um fragmento circular de DNA, no qual ocorre a inserção do gene desejado, que logo passará para o material genético da planta.

Uma vez a planta infectada, células que apresentam o plasmídeo da bactéria no DNA são retiradas da planta e cultivadas em um meio de cultura apropriado, produzindo, assim, uma nova planta com as características desejadas. Já que a planta se desenvolveu da célula modificada, todas as células do organismo estarão submetidas à mutação.

2.2 Bombardeio de genes

Este processo consiste em introduzir os genes que se pretende combinar ao organismo em um aparelho de aceleração de microprojéteis. São adicionados também microprojéteis de ouro ou tungstênio.

Esses microprojéteis são acelerados e logo disparados contra os tecidos do organismo, fundindo-se com seu DNA.

3. Vantagens e desvantagens de alimentos modificados

Os alimentos transgênicos apresentam benefícios para a população mundial, mas também riscos e desvantagens. Todo assunto polêmico tem argumentos favoráveis e desfavoráveis, e os OGMs não são exceção.

A manipulação genética requer uma garantia muito grande de não ser prejudicial nem para a saúde da população nem para o meio ambiente, pois o resultado de erros poderia ser desastroso em termos ecológicos e sociais. E essa certeza é muito difícil de ser obtida na área da ciência genética.

Em contrapartida, o uso consciente e responsável poderia representar uma enorme melhoria ao mundo atual, resolvendo parte de seus problemas. Poderia trazer também benefícios para a sociedade, como o avanço na medicina, limpeza de águas poluídas, aumento na produção de comida, dieta mais completa, diminuição do uso de agrotóxicos, entre outros.

Justamente para ter uma maior fiscalização internacional dos OGMs e evitar qualquer catástrofe, foi elaborado o protocolo de Cartagena, com a assinatura de cento e três estados no ano de 2000. O Brasil só assinou o protocolo em 2003. Nesse documento, os países se comprometem a um padrão de segurança no cultivo e comercialização de alimentos transgênicos, assim como à responsabilidade pela segurança do meio ambiente e das populações consumidoras do transgênico.

3.1 Desvantagens

Do ponto de vista do mercado, alimentos transgênicos são de mais difícil aceitação, tanto pelo público consumidor interno quanto no mercado internacional.

Do ponto de vista ecológico, há as seguintes desvantagens: as plantas transgênicas podem acarretar a morte de insetos benéficos, como polinizadores ou predadores de pestes. O desaparecimento de um organismo de uma cadeia alimentar, na maioria dos casos, leva a uma desestruturação do equilíbrio do ecossistema, podendo gerar consequências catastróficas para todos os organismos da região.

O fato de não ter controle sobre o pólen da planta possibilita que haja uma polinização cruzada com cultivos não transgênicos, tornando seus descendentes transgênicos também. Isso leva a uma perda da identidade genética de uma espécie de plantas, pois seu genoma foi modificado de forma não natural. Caso algum problema seja detectado na planta transgênica o mal já terá se expandido para as outras plantas. Também a variabilidade genética é comprometida, aumentando o impacto das doenças nas plantações, prejudicando a adaptação e evolução naturais da espécie.

A combinação de genes não é algo exato ou absoluto, deixando muita margem para o erro e a inexatidão, o que aumenta o risco de formação de um organismo prejudicial ou potencialmente perigoso para o ser humano e para o ecossistema. Além disso, as pesquisas para saber os efeitos no ser humano muitas vezes só podem ser feitas a longo prazo, e os danos são detectados tarde demais. Isso se soma ao fato de certos efeitos serem testados primeiramente em animais, que podem responder de forma diferente que uma pessoa a certas substâncias.

Finalmente, há o incentivo à mutação de bactérias novas mais resistentes, que podem causar doenças mais potentes e imunes a antibióticos. Também se verifica um maior índice de alergias, causadas por substâncias que, naturalmente, não estariam no alimento.

3.2 Vantagens

As vantagens dos OGMs são diversas, entre elas se encontra o aumento da produção agrícola, o que aumentaria a oferta e diminuiria os preços dos alimentos. Isso também permitiria o acesso das populações desnutridas que carecem de recursos suficientes para a sobrevivência digna do ser humano. Além disso, os OGMs podem aumentar a produtividade por hectare, ajudando a combater o desmatamento.

O milho transgênico Bt se caracteriza por ter os genes da bactéria *Bacillus thuringiensis*, que produz seu próprio inseticida natural. Isso torna obsoleto o uso de agrotóxicos para controle de pragas, já que estes têm um impacto ecológico devastador no meio ambiente. Assim, outra vantagem, seria um método mais ecológico para processos que atualmente têm muito impacto no meio ambiente.

Outro benefício, na área da medicina, é a síntese de substâncias medicinais ou necessárias para o ser humano, como, por exemplo, bactérias que produzem insulina, ou então hormônio do crescimento humano. O uso de bactérias como “fábricas” permite suprir, com certos hormônios, pessoas que têm carência deles por alguma complicação de saúde.

Paralelamente a isso, a inclusão de vitaminas necessárias para o ser humano nos alimentos é também um benefício que os OGMs trazem. Um exemplo disso é o arroz dourado, alimento que contém betacaroteno (precursor da vitamina A). Ingo Potrykus, o suíço que conseguiu criar esse alimento, uniu genes da planta

narciso e a bactéria Erwina no grão de arroz.

Há também novos estudos sendo feitos na área constantemente. Um estudo publicado pela *BMC Biotechnology*, em Londres, demonstra a criação de uma bactéria, *Escherichia coli*, que é resistente a altas concentrações de mercúrio. E, graças à presença de um gene do organismo do rato, a bactéria é capaz de produzir metalotioneína, que desintoxica água poluída por mercúrio. Os experimentos demonstram que as bactérias conseguiram, em cinco dias, absorver 80% do metal no líquido onde estavam. Isso não apenas ajuda a descontaminar rios e lagos que contêm metilmercúrio⁴ e outras formas do metal, mas também abre a possibilidade de criar um ciclo de reciclagem dos desperdícios industriais.

4. Considerações finais

Segundo a chefe do Departamento de Alergologia do Hospital Clinic de Barcelona, María Martín, a modificação genética não é algo novo para o ser humano. A recombinação de plantas por meio do enxerto⁵ é uma técnica muito antiga e precursora da tecnologia. A ciência moderna a aperfeiçoou para ter um maior controle e diminuir o risco de efeitos inesperados, fazendo do processo algo muito mais sofisticado. Os OGMs, caso tratados com as medidas de segurança necessárias e com os cuidados e delimitações de uma política judicial informada dos riscos, têm um imenso potencial de melhorar a sociedade em que vivemos.

Uma política desinformada pode tender para dois lados, ambos com resultados não desejados. Uma inclinação acentuada ao alarmismo e ao fanatismo ecológico levaria a um conformismo quanto aos problemas sociais e, ironicamente, ambientais⁶. Por outro lado, uma política de liberalismo desmedido resultaria em graves riscos para o planeta e para a população.

O problema da fome é algo latente no mundo. O aumento de produção de comida é um dos principais métodos para tentar combater esse problema. Os alimentos transgênicos são uma tecnologia que promete grandes avanços para chegar a esse aumento. Descartá-los por preconceito e ignorância seria algo contraproducente para a nossa espécie e para a sua sobrevivência.

Sete bilhões de pessoas precisam se alimentar, esse número vem crescendo, assim como a quantidade de alimentos consumidos por pessoa.

A demanda só tende a aumentar. Estender a malha agrícola não é uma opção, pois preservar as áreas verdes é fundamental. Nesse panorama surge a inovação tecnológica como solução.

O uso ou não de transgênicos não deveria ser a preocupação da sociedade, mas sim a fiscalização e a credibilidade das pesquisas.

A modificação gênica só apresenta benefícios caso empregada de forma responsável. Em decorrência disso, a importância de conscientização do povo é fundamental tanto para o avanço da nossa sociedade quanto para a proteção ambiental e da saúde da população.

Notas

- 1 Genótipo é o conjunto de genes de um indivíduo.
- 2 O maior nome na tecnologia e cultivo de plantas transgênicas do mundo, apesar de não ser a única a trabalhar com isso.
- 3 CTNbio é uma instância colegiada cuja finalidade é controlar, fiscalizar e aprovar o uso, teste e cultivo de OGMs. Também é responsável pela implementação das leis de segurança à população e ao meio ambiente, no que diz respeito a transgênicos.
- 4 A forma mais tóxica do mercúrio é alcançada após os processos industriais pelos quais ele passa.
- 5 Enxerto é um processo no qual tecidos de plantas são combinados por meio da sobreposição do ramo de uma sobre o caule de outra, desencadeando uma junção de duas espécies diferentes.
- 6 Como o caso de limpeza de rios poluídos por mercúrio, substituição de agrotóxicos, entre outros citados anteriormente.

Referências

- ALVES, J. E.D. A polêmica Malthus versus Condorcet reavaliada à luz da transição demográfica. **ENCE/IBGE**, nº4, Rio de Janeiro, 2002.
- CAMPBELL, Neil A. Biology. The Benjamin Cummings Publishing Company, Inc., Califórnia, 1996. Disponível em: <<http://www.sabedoria.ebrasil.net/db/biologia/estudos/biologia/biologiag/transgenico.php.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- DA VEIGA, José Eli. A tímida política agrária. **Ciência Hoje**, SBPC, v. 24, n.141, ago. 1998, pp. 27-31.
- GIEHL, Germano. O protocolo de cartagena e o Brasil: os reflexos econômicos e a lei de biossegurança. **BuscaLegis.ccj.ufsc.br**, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/26877-26879-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- GOMES, Diogo F. Como são feitos os enxertos de plantas? **Planeta Sustentável**. Disponível em: <<http://planeta-sustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/como-sao-feitos-enxertos-plantas-553225.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2012.
- LEITE, Marcelo. **Os alimentos transgênicos**. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FUNDAÇÃO Mokiti Okada. A agricultura natural. **Megaagro**, São Paulo. Disponível em: http://www.megaagro.com.br/organtica/art_agric_natur.asp. Acesso em: 5 junho 2012.
- FRANCE Presse. Bactérias transgênicas podem limpar águas poluídas com mercúrio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/961594-bacterias-transgenicac-podem-limpar-aguas-poluidas-com-mercúrio.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- PRIMAVESI, Ana. **Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais**. São Paulo: Nobel, 1979.
- RIEDEL, Charlie. A terra que queremos. **Veja**, São Paulo, n. 2273, p.98, 13 jun. 2012.
- VARELA, Hamilton. Aspectos relacionados à utilização da equação logística quadrática em processos eletroquímicos. **Química nova**, São Carlos, v. 25, n. 1, 99-106, 2002.

Ocupe Wall Street: duas realidades em conflito

Perspectiva e histórico de um mundo consumido pelo lucro

Vitor Medeiros Sampaio



Resumo

O foco deste trabalho é a atual crise do capitalismo. Baseado em conceitos e ideias presentes no livro *A Doutrina do Choque*, de Naomi Klein, são apresentados os precedentes da atual crise. É mostrado como a concentração de renda vem ocorrendo gradativamente e como as recentes revoltas aconteceram. Por meio de exemplos históricos são evidenciados aspectos em comum quando medidas neoliberais são empregadas favorecendo uma minoria da população. Trabalho de caráter anticapitalista.

Palavras-chave: capitalismo, crise econômica, neoliberalismo.

Abstract

The focus of this work is the current crisis of the capitalism. Based on concepts and ideas found in the book The Shock Doctrine, by Naomi Klein, are presented the precedents of the current crisis. It's showed how the income concentration has been growing gradually and how the recent riots happened. By historic examples are evidenced aspects in common when the neoliberal actions are used helping a minority part of the population. This is a work of anti-capitalist character.

Keywords: capitalism, economic crisis, neoliberalism.

1. Introdução

O mundo está em crise. Milhões de pessoas já foram e irão às ruas protestar, principalmente, contra a forma de capitalismo que rege o mundo atualmente. O que mais assusta nos dias de hoje é a concentração de renda nas mãos de 1% de toda a população mundial.

Essa concentração de renda vem crescendo gradativamente, contudo, atualmente, atingiu marcas jamais vistas. Tais marcas fizeram com que parte da população abrisse seus olhos e começasse a protestar.

Em suas teorias, o idealizador do socialismo, Karl Marx,¹ já afirmava que a história do capitalismo estava atrelada a uma luta de classes eterna.

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.

(Frase de Karl Marx)

Não é necessário voltar muito no tempo para verificar o afirmado: a Primavera Árabe² mostrou o poder da população e, embora a questão econômica não tenha sido o principal pilar da revolta, estava atrelada a ela, mesmo que indiretamente.

Não foi só na África que revoltas ocorreram. A Europa, entendida como o “continente superior”, também não escapou de revoltas populares. Massivos levantes populares ocorreram quando os governos, claramente manipulados por banqueiros, anunciaram pacotes de austeridade. Os índices de desemprego alcançaram uma taxa extremamente alta, uma das causas dos protestos.

O continente americano também não escapou. Talvez o maior exemplo de revolta esteja nos Estados Unidos da América. O movimento “*Ocuppy Wall Street*” mobilizou milhões de pessoas em protesto contra a desigualdade econômica e social. Os manifestantes tomaram o marco do capitalismo financeiro, a *Wall Street Avenue*. O movimento teve apoio de várias figuras famosas como músicos, filósofos e ativistas renomados.

Todavia, como um mundo inteiro pode entrar em tamanha recessão de uma hora para a outra? O sistema simplesmente implodiu. Claramente há precedentes a tudo que vem acontecendo e, para entender a situação mundial atual, é necessário entender algumas questões de extrema importância.

2. O contexto das revoltas

Desde a década de 90, o mundo vem passando pelo tão falado processo de globalização. Esse processo consiste, como o próprio nome sugere, na unificação do planeta.

Aberturas de fronteiras para o capital estrangeiro e privatizações de empresas são algumas das consequências desse processo. Com isso a economia adquire caráter global, acontecimentos econômicos de um lado do mundo passam a afetar o outro lado também. Em 1999, houve uma onda de protestos contra esse processo e a partir daí surgiu o termo “antiglobalização”.³

É nesse contexto que uma crise financeira nos Estados Unidos da América, uma das economias mais importantes do planeta, se não a mais importante, passou a afetar o mundo inteiro.

Toda consequência tem uma causa e, obviamente, dessa vez não foi diferente. Pode-se atribuir a atual crise mundial à “brincadeira de criança” de banqueiros e corretores americanos.

3. A “brincadeira de criança”

3.1 Do interesse de lucrar, o início da crise

No sistema capitalista o dinheiro e, mais especificamente, o lucro são os focos das organizações. Muitas ações são tomadas desprezando a humanidade e visando simplesmente a essas duas coisas tão valorizadas. Essa mentalidade explica, em parte, algumas práticas de hoje em dia que, definitivamente, não deveriam existir.

É nestas práticas que a crise começa a se formar: corrupção, especulação, manipulação e, sobretudo, omissão fizeram com que a situação se agravasse e chegássemos à atual crise mundial.

A atual crise, chamada por muitos de “grande recessão”, formou-se a partir do interesse, entre outros, de banqueiros em aumentar seus lucros. Os bancos passaram a fazer empréstimos considerados de risco em maior escala, muitas vezes com evidências gritantes de que o devedor não iria conseguir pagar o empréstimo. Se havia tantas evidências de que o credor não honraria o empréstimo, por que emprestar o dinheiro? Simples, com isso o banco sairia lucrando.

3.2 Derivativos e resseguros

Apesar de parecer contraditório, os bancos passaram a lucrar por meio de dívidas. Os derivativos, também conhecidos como CDOs, são papéis que afirmam uma dívida e, espertamente, os bancos americanos venderam muitos desses papéis a terceiros. Ou seja, eles vendiam a dívida de uma pessoa para outra e com isso garantiam que não teriam prejuízo, pois a dívida que, muito provavelmente, não seria paga para o banco, passa a não ser paga para um terceiro.

E eles conseguiram um jeito de lucrar ainda mais. Com os resseguros, definitivamente afundaram a economia e criaram um efeito dominó sem fim. Sabendo que seus devedores não quitariam suas dívidas, os bancos faziam seguros dessas dívidas.

A partir daí virou matemática para criança, uma simples conta de soma. Os bancos lucravam com os derivativos e também com os resseguros: lucro em dobro. Porém, há uma regra básica no capitalismo: quando alguém ganha, outro perde. Os prejuízos dessas dívidas foram canalizados para as companhias de seguro e para aqueles que compraram os derivativos.

Como dito antes, toda ação tem uma consequência e, como esperado, dessa vez não foi diferente. Companhias de seguro quebraram, os bancos perderam parte de seus lucros, e os derivativos pararam de dar lucro, pois não havia mais ninguém que os comprasse. Como consequência disso, os bancos quebraram e estava armada a recessão.

3.3 O colapso

A quebra dos bancos gerou uma repercussão negativa sobre as bolsas de valores. O dólar e o euro, as duas moedas mais fortes do mercado, passaram a ter uma queda incontrolável. Com as empresas e bancos quebrando, o nível de desemprego foi aumentando. A dívida externa de vários países foi crescendo, o exemplo mais notório é o da Grécia. Esse país chegou a tal recessão econômica que a dívida do país superou seu próprio PIB (produto interno bruto).

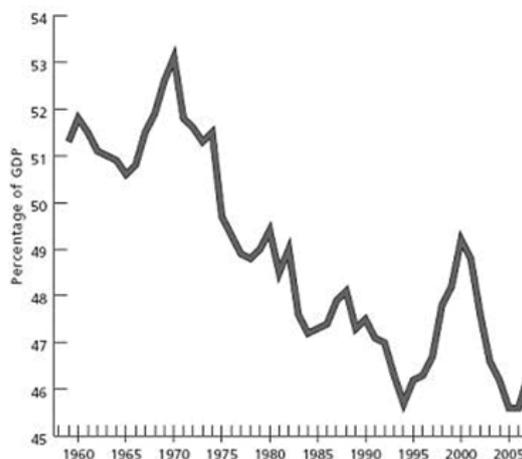
Para 99% da população a crise foi verdadeiramente terrível, todavia para 1% a crise se tornou algo “bem-vindo”. Os lucros destes últimos foram extremos.

4. A concentração de renda

4.1 Concentração de renda por omissão

Como algo tão perceptível a economistas e profissionais do ramo passou despercebido? A resposta para isso chega a ser trágica. Os responsáveis por regular o mercado simplesmente se omitiram quanto a esses acontecimentos, por um único motivo: ganhos pessoais. Como mencionado antes, o capitalismo coloca o lucro antes da humanidade e a omissão desses responsáveis por regular o mercado é um bom exemplo.

Gráfico 1 – A progressão dos salários de trabalhadores comuns

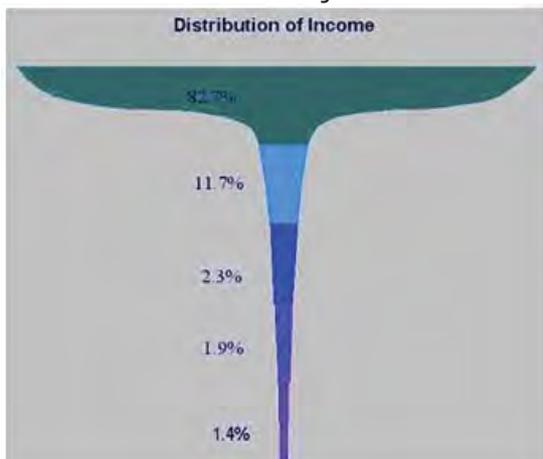


Fonte: Monthly Review. John Bellamy Foster and Fred Magdoff (Dez. 2008).

Sabendo do “jogo sujo” que estava acontecendo, esses indivíduos omitiram-se para obter maiores lucros pessoais. O documentário *Trabalho Interno*⁴ ilustrou bem essa situação: bônus de milhões, quase bilhões de dólares foram atribuídos a certas pessoas, enquanto a grande maioria da população tinha seus salários diminuídos, como mostra o gráfico apresentado acima.

Não é difícil prever o que isso acarretou: concentração de renda. Não foi uma pequena concentração de renda, foi uma concentração de renda extrema. Como mostra o gráfico a seguir, a distribuição foi afunilando-se até praticamente toda a renda estar concentrada em pouco mais de 1% da população.

Gráfico 2 – Distribuição de renda



Fonte: Human Development Report (1998, p. 37)

4.2 O sentimento anticapitalista

Devido a isso um sentimento anticapitalista passou a ganhar notoriedade, revoltas passaram a acontecer, novas perspectivas sobre o capitalismo passaram a ganhar um maior destaque e novos personagens surgiram no cenário mundial.

Entre músicos, filósofos, ativistas e jornalistas desse novo cenário mundial, uma pessoa parece destacar-se: *Naomi Klein*.⁵ Em seus livros *No Logo (Sem Logo - A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido, em português)* e *The Shock Doctrine (A Doutrina do Choque)* ela faz críticas ao sistema capitalista.

No primeiro mostra efeitos negativos de um mundo consumista e a opressão de grandes empresas sobre seus trabalhadores, muitas vezes tratados de formas desumanas. No segundo descreve como choques em uma cultura favorecem a exploração de populações por grandes empresas. Naomi Klein com certeza apresenta uma nova perspectiva para o panorama mundial.

5. A perspectiva de Naomi Klein

Claramente Naomi Klein abre, para muitos, um novo jeito de olhar o mundo a sua volta. Desperta interesse e ao mesmo tempo raiva naqueles que são manipulados e explorados, ou seja, 99% do mundo.

Ela apresenta em suas obras uma base teórica que expõe o funcionamento de um capitalismo desregulado, um capitalismo que segue uma doutrina: a doutrina do choque. Essa doutrina favorece grandes empresas que, com

ela, conseguem maiores lucros e expansão de mercado.

Segundo Naomi, “choques” fazem com que a população perca a noção, tornando-se vulnerável ao aproveitamento dessas grandes empresas. Guerras, desastres naturais, violência por parte do governo, tudo isso serve como “choque”. Durante esses eventos a população perde o senso de resistência em meio ao desastre, em uma busca desesperada por um sentido a seguir.

A doutrina do choque como todas as doutrinas é uma filosofia de poder. É uma filosofia sobre como conseguir seus próprios objetivos políticos e econômicos. É uma filosofia que sustenta que a melhor maneira, a melhor oportunidade para impor as ideias radicais do livre-mercado é no período subsequente ao de um grande choque.

(Naomi Klein em entrevista ao La-Haine em 27-09-2007)

Incisivamente, ela aponta um dos idealizadores dessa doutrina: Milton Friedman. Explana de maneira objetiva as ideias de Friedman, cita alguns exemplos bem consistentes, chega inclusive a citar a ditadura militar de Brasil e Argentina, e faz fortes críticas quanto ao modelo defendido por ele. Essas ideias são de suma importância para entender fatos históricos marcantes e uma mentalidade presente nos dias de hoje.

6. Milton Friedman e o neoliberalismo

Milton Friedman⁶ é sem dúvida responsável por ideologias presentes no mundo de hoje. Friedman já chegou a ser comparado a Karl Marx, resguardadas as devidas proporções, devido ao fato de ser um popularizador de ideias capitalistas radicais.

Em seus livros apoia uma ideia extremista, a de que o Estado não deveria influenciar na economia de maneira alguma. Para ele as únicas tarefas do Estado deveriam ser a implantação de contratos e a proteção de fronteiras. Qualquer outra interferência é desnecessária, pois considera que a economia é forte o suficiente para se autorregular e controlar serviços como educação, transporte público, entre outros que, teoricamente, o Estado deveria fornecer sem que houvesse lucro para empresas privadas.

Ninguém gasta o dinheiro dos outros (impostos) com tanto cuidado como gasta

o seu próprio. Se quisermos eficiência e eficácia, se quisermos que o conhecimento seja bem usado, isso precisa ser feito por meio da iniciativa privada.

(Frase de Milton Friedman publicada em <http://pensador.uol.com.br/milton_friedman/3/>)

Um de seus livros é intitulado *Capitalism and Freedom* (*Capitalismo e Liberdade, em português*) e aponta a teoria de não interferência do Estado na economia como o meio de chegar à verdadeira liberdade e democracia. Esse é um dos argumentos-base das ideias de Friedman.

Em contradição, esse sistema de livre mercado nunca foi implantado com total “liberdade e democracia”. Diga-se de passagem, que a liberdade foi muito mais restringida do que permitida. A ditadura de Pinochet no Chile, o governo da “Dama de Ferro” na Inglaterra e a invasão do Iraque por parte dos EUA são alguns exemplos em que a prática dessa teoria só trouxe opressão, torturas e, não coincidentemente, “choques” na população.

7. Análise histórica das ideias de Friedman

7.1 Contradição: neoliberalismo x liberdade

Ao contrário do que Friedman afirmava, o neoliberalismo em nenhum momento promoveu a tão prometida liberdade. É grande o número de exemplos que comprovam essa afirmação, entre eles os mais famosos talvez sejam aqueles citados no capítulo anterior.

Ao analisar, esses exemplos mais famosos, percebemos o porquê dessa contradição. Ditaduras e repressões parecem ser consequências dessa política econômica, uma política que agrada uma pequena parte da população e, para ser imposta, necessitou do uso da força.

7.2 A ditadura de Pinochet

A ditadura de Pinochet ocorreu no Chile a partir de 1973. Augusto José Ramón Pinochet Ugarte tornou-se ditador do Estado chileno por meio de um golpe militar. O vencedor das eleições diretas foi Salvador Allende, um socialista democrata, contudo ele foi impedido de assumir o governo e diante da situação de repressão, no dia 11 de setembro de 1973, ele cometeu suicídio.

A ditadura de Pinochet, conhecida como a mais perversa da história chilena, se assemelha muito às ditaduras vividas no Brasil e na Argen-

tina durante as décadas de 60, 70 e 80. Como são ditaduras, as três controlavam a população por meio da força. Como de costume, a tortura era descaradamente praticada pelos Estados.

Curiosamente, ou talvez nem tanto, um dos conselheiros de Pinochet era o economista norte-americano Milton Friedman. Durante a era de Pinochet várias políticas econômicas apresentadas por Friedman foram utilizadas. Segundo Naomi Klein, as relações entre Chile e Estados Unidos se estreitaram e estes passaram a influenciar o “governo” chileno.

Nesse momento, aparece uma grande contradição: embora Friedman afirmasse que suas ideias trariam mais liberdade ao mundo, apoiava regimes opressivos e contrários à liberdade como as ditaduras anteriormente citadas.

7.3 A “Dama de Ferro”

“Dama de Ferro” é um apelido geralmente utilizado para designar a primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990, Margaret Thatcher. Ela foi extremamente conservadora. Seu apelido deve-se ao fato de ser veementemente contrária ao comunismo.

Mais uma vez as políticas de Friedman foram usadas para que houvesse um reerguimento econômico, dessa vez na Grã-Bretanha, durante a era Thatcher. O executor dessas políticas foi eleito democraticamente, diferentemente do exemplo anterior, em que se tratava de ditadura.

Embora a Dama de Ferro tenha conseguido reerguer a Grã-Bretanha economicamente, não foi um progresso igualitário. Revoltas de trabalhadores aconteceram, contudo as atitudes tomadas pela primeira-ministra da época justificaram seu apelido. Todas as manifestações foram controladas através da força, através da polícia.

Parece-me bem claro que o Brasil não teve ainda um bom governo, capaz de atuar com base em princípios, na defesa da liberdade, sob o império da lei e com uma administração profissional. Bastaria um período assim, acompanhado da verdadeira liberdade empresarial, para que o país se tornasse realmente próspero.

(Citação de Margaret Thatcher em março de 1994 à revista *Veja*).

Por essa citação percebe-se que Margaret pregava a liberdade às empresas como meio

de alcançar a prosperidade, porém, contraditoriamente, reprimiu a liberdade de protesto dos trabalhadores.

7.4 A invasão do Iraque

Diferentemente dos outros exemplos, esse é de âmbito internacional. Ultrapassa fronteiras e envolve diretamente dois países diferentes: EUA e Iraque. Nos exemplos anteriores a influência norte-americana era indireta, com ideias e propostas políticas, neste caso os Estados Unidos da América agiram de modo a atingir diretamente o Iraque.

O cenário mundial pareceu pertinente aos interesses americanos. Em 11 de setembro houve o tão lembrado atentado contra as Torres Gêmeas, a repercussão na mídia foi enorme e os EUA pareciam ter perdido sua imagem de “intocável”. Todavia, os americanos transformaram esse atentado em lucro.

Em março de 2003, sem o aval da Organização das Nações Unidas (ONU), os EUA invadiram o Iraque com a promessa de acabar com o regime ditatorial imposto por Saddam Hussein e combater o terrorismo. Algo contraditório, pois os grupos islâmicos terroristas eram em sua maioria xiitas e se opunham a Saddam Hussein que era sunita.

Parecia uma causa nobre, como se eles fossem os “heróis” do mundo. Não foi bem assim.

Com essa invasão os EUA colocaram parte das ideias de Friedman em progresso. Passado algum tempo o número de mercenários na invasão era uma parte significativa em relação ao número total de militantes. Curiosamente, a maior empresa recrutadora de mercenários, Halliburton, teve, durante um tempo, como seu vice-presidente o ex-secretário de defesa dos EUA Dick Cheney. O número de mercenários atuando na operação no Iraque já chega a 10 mil homens.

Isso significa, basicamente, que parte do exército americano passou a gerar lucro para empresas particulares. Esse lucro foi direcionado para essas empresas, privilegiando uma minoria. Além disso, foram implantadas redes privadas de fast food nos quartéis norte americanos. Os que mais ganharam com essa invasão foram os donos de empresas que passaram a prestar serviços ao exército.

Novamente uma atitude totalmente represiva foi utilizada para favorecer uma mínima porcentagem da população.

Durante a guerra do Iraque vimos tortura, morte, um verdadeiro cenário de ditadura. Isso se assemelha muito ao cenário observado nos outros dois casos citados. Mais uma vez, a política neoliberal apoiada por Friedman necessitou de força para ser imposta. Conclusão semelhante é obtida em *A Doutrina do Choque*, de Naomi Klein.

7.5 Conclusão

Dados alguns exemplos, é possível analisar os prós e contras dessa política neoliberal, porém essa análise também é influenciada pela perspectiva de quem a faz. Talvez o fato que mais influencie nessa perspectiva é o *status* social de uma pessoa. Se perguntarmos a um dono de empresa, possivelmente dirá que vê benefícios no sistema defendido por Friedman, já a uma pessoa “comum”, um trabalhador, por exemplo, provavelmente esse sistema não agradará.

Todas as vezes que foi implantado, esse sistema necessitou de uma opressão para que obtivesse “sucesso”. O porquê disso é bem simples: não é algo que agrada a maioria e sim a minoria, por isso a necessidade de repressão.

Democracia teoricamente é aquele sistema que atende aos desejos da maioria, por isso não existe meio desse sistema existir em conjunto a uma democracia plena. Favorecendo uma minúscula parte da população, a concentração de renda ocorre aceleradamente e desagrada a população. Com isso há revoltas populares e o governo reprime com a força.

Quando Friedman afirma que suas ideias são o caminho para uma maior liberdade, ele está sendo contraditório. Suas ideias são o contrário disso. Com elas, o maior princípio da democracia é violado: a minoria passa a controlar tudo, o sistema por inteiro.

8. Ocupe Wall Street

Como explicado no capítulo anterior, o sistema vigente passou a agradar uma minúscula minoria, algo em torno de 1%. Quando a crise tomou conta do mundo e passou a afetar em alto grau a vida dos outros 99% e quando tudo isso veio à tona, era óbvio o que iria acontecer: movimentos e revoltas.

O movimento mais significativo foi a ocupação do centro nervoso desse capitalismo manipulador, desregulado e ilusório: a *Wall Street Avenue* (Av. Wall Street, em português), um

marco do capitalismo financeiro.

Milhares de pessoas ocuparam esse espaço físico com frases como “você é um dos 99%” e “perdi meu emprego, encontrei uma ocupação”. A desigualdade social, a desigualdade econômica, a corrupção, todas essas características são combatidas pelos manifestantes.

O movimento foi convocado por uma revista canadense chamada *Adbusters* em 17 de setembro de 2011 e acabou um ano depois. Serviu de exemplo para vários outros movimentos no mundo inteiro.

Em 6 de maio de 2011 a ativista Naomi Klein fez um discurso para os manifestantes apoiando a causa. O sistema de som foi proibido, por isso os mais próximos ao “palco”, se assim podemos chamar, repetiam o que Naomi Klein falava para que todos pudessem ouvir, mostrando a solidariedade entre os manifestantes. Solidariedade é algo que parece faltar nesse sistema regido pelo dinheiro.

No site do movimento (www.occupywallstreet.org), ele é definido como um movimento de resistência sem nenhuma liderança. Foi considerado um movimento revolucionário por, embora ter poucos ideais econômicos, ser um movimento que reivindica uma democracia não controlada pelo poder econômico.

9. Uma tentativa de perspectiva: futuro incerto

Poucos foram os períodos em que o sistema sofreu tanta pressão como sofre atualmente. Talvez porque uma crise não tivesse tantos efeitos na população como um todo, talvez porque a ideologia presente não fosse tão radical e aproveitadora como a que vigora ultimamente. O fato é que grande parte da população está insatisfeita.

O futuro é incerto, mas alguma coisa deve ser feita, é quase inimaginável que a situação continue a mesma depois de tantas revoltas e manifestações. Não se sabe se repressões serão novamente usadas para conter todas essas revoltas ou alguma coisa de fato mudará na

mentalidade do mundo, se ainda não mudou.

Repressão, embora seja uma opção, seria um meio no mínimo difícil de se aplicar. Quando feita contra um grupo limitado, apesar de ser uma represália contra a manifestação de uma ideia, um atentado à liberdade, pode ser eficaz para “acalmar os ânimos”. Todavia, quando feita contra uma grande parte da população, como é o caso em questão, se torna algo muito mais difícil e característico de uma ditadura.

Grande parte dos movimentos não tem data para acabar. Dia após dia os manifestantes continuam se reunindo. Infelizmente o movimento “Ocupe Wall Street” acabou um ano depois de ter começado. A realidade entra em cena com esses manifestantes que procuram por um novo caminho, por uma mudança nesse sistema.

É indiscutível a força de uma população, uma força que se compara à das oligarquias que manipulam o sistema, pelo menos, assim se mostra ultimamente. Fica a dúvida de até quando esses movimentos vão durar, mas não importa a resposta dessa questão. O mais importante é o que esses movimentos trarão de mudança para o mundo.

Um sistema igualitário de oportunidades, uma democracia de verdade, a liberdade de expressão a todos, tudo isso parece utópico em se tratando da humanidade e da formação do homem hoje em dia, todavia no estado em que o mundo se encontra uma mudança não parece tão distante. Esses movimentos criam uma chama de esperança em um mundo morto e manipulado, uma chama para aqueles que acreditam na tão falada liberdade e num mundo com menos desigualdade.

Talvez esse seja o maior legado desses movimentos. Se, infelizmente, não conseguirem trazer nenhuma mudança concreta, com certeza deixarão algo muito forte. Esses movimentos reacenderam nas pessoas o sentimento de luta, a esperança de lutar por algo em que acreditam, por um ideal social que torne o sistema menos desigual.

Notas

- 1 Karl Heinrich Marx, mais conhecido como Karl Marx, foi um economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista que viveu no século XIX. Nasceu em 1818 e morreu em 1883. Foi o grande teórico do comunismo, suas ideias influenciaram diretamente a Revolução Russa de 1917. Sua obra mais conhecida é o Manifesto Comunista, em que explica sua teoria socialista.
- 2 A Primavera Árabe foi um movimento revolucionário ocorrido em 2011 que tirou do poder vários ditadores do norte da África. O ponto inicial foi na Tunísia, o presidente Ben Ali foi deposto após revoltas populares que pediam melhorias nas condições de vida. A partir desse caso, revoltas contra outras ditaduras espalharam-se pelo norte da África. Os movimentos mais divulgados na mídia foram o do Egito e da Líbia. O primeiro pôs fim à ditadura de Hosni Mubarak e o segundo à de Muammar Al-Gaddafi. As duas ditaduras tiveram mais de 30 anos de duração.
- 3 Antiglobalização é um termo utilizado a partir de 1999 para fazer referência àqueles que são contra o processo de globalização. Pessoas antiglobalização geralmente são contra aspectos econômico-liberais trazidos pela globalização, como a formação de blocos econômicos.
- 4 Trabalho Interno é um documentário dirigido por Charles Ferguson e narrado por Matt Damon. Em seus 109 minutos de duração, o documentário procura mostrar todos os lados da crise americana de 2008. Oscar de melhor documentário em 2010.
- 5 Naomi Klein é uma jornalista, escritora e ativista nascida no Canadá. Suas obras contêm grandes críticas ao capitalismo. Entre seus ideais estão o feminismo, a antiglobalização e o anticapitalismo.
- 6 Milton Friedman foi um teórico que se destacou no século XX devido às suas ideias sobre economia. Nasceu em 1912 e morreu em 2006. Foi um grande defensor do liberalismo econômico. Membro da Escola de Chicago, Friedman foi conselheiro de Augusto Pinochet durante a ditadura chilena.

Referências

A DOCTRINA DO CHOQUE. Direção: Mat Whitecross e Michael Winterbottom. Ano de produção: 2009. Duração: 118min.

KEY, Fritz. Protesto no espelho: Occupy Wall Street chega em Washington. **Geh.com.br/fórum**. Disponível em: <<http://www.geh.com.br/forum/viewtopic.php?f=7&t=6403&p=37361#p37361>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

KLEIN, Naomi. 'A doutrina do choque'. O tema do novo livro da ativista Naomi Klein. **Oestrangreiro.net/política**. Disponível em: <<http://oestrangreiro.net/politica/127-a-doutrina-do-choque-o-tema-do-novo-livro-da-ativista-naomi-klein>>. Acesso em: 9 mar. 2012.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: A Ascensão do capitalismo do desastre**. 1ª edição. Editora: Nova Fronteira.

OCCUPY: Movimentos de protesto que tomaram as ruas. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

REIS, Carlos. Mercenários: a privatização da guerra. **Pime.org.br/mundoemissao/politica_guerra**. Disponível em: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/politica_guerra.htm>. Acesso em: 23 set. 2012.

REUTERS. Movimento Ocupe Wall Street ganha força de amigos músicos. **Globo.com/pop-arte**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/01/movimento-ocupe-wall-street-ganha-forca-de-amigos-musicos-1.html>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

ROLNIK, Raquel. Ocupe Wall Street: mais do que um bando de jovens desempregados contra banqueiros yuppies. **Raquelrolnik.wordpress.com**. Disponível em: <<http://raquelrolnik.wordpress.com/2011/10/27/ocupe-wall-street-mais-do-que-um-bando-de-jovens-desempregados-contrabanqueiros-yuppies/>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

SOUSA, Janice Tirelli Pontes de. Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas. **Perspectiva**, Santa Catarina, n, 22, p. 451-470, dez. 2004.

TRABALHO Interno. Direção: Charles Ferguson. Produção: Charles Ferguson. Interpretes: Matt Damon (narrador). Ano de produção: 2010. 1 DVD (120 min), widescreen, color.

ZIZEK, Slavoj. O casamento entre democracia e capitalismo acabou. Tradução: Luis Leiria. **Paginadoenock.com.br**. Disponível em: <<http://paginadoenock.com.br/home/post/9938>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ANA PAULA MUCHE SCHIAVO

IZABELA HARUMI NISHIOKA

ANNIA LALESCA MAZUR LAURICELLA

JÚLIA ORTOLAN PRADO

BARBARA ZAGO BAPTISTA

LINA GUZIKASKAS CELESCUEKCI

CAROLINA PIAI VIEIRA

MARIANA FAVA DE ALMEIDA

GABRIELA BRANCO DOS SANTOS

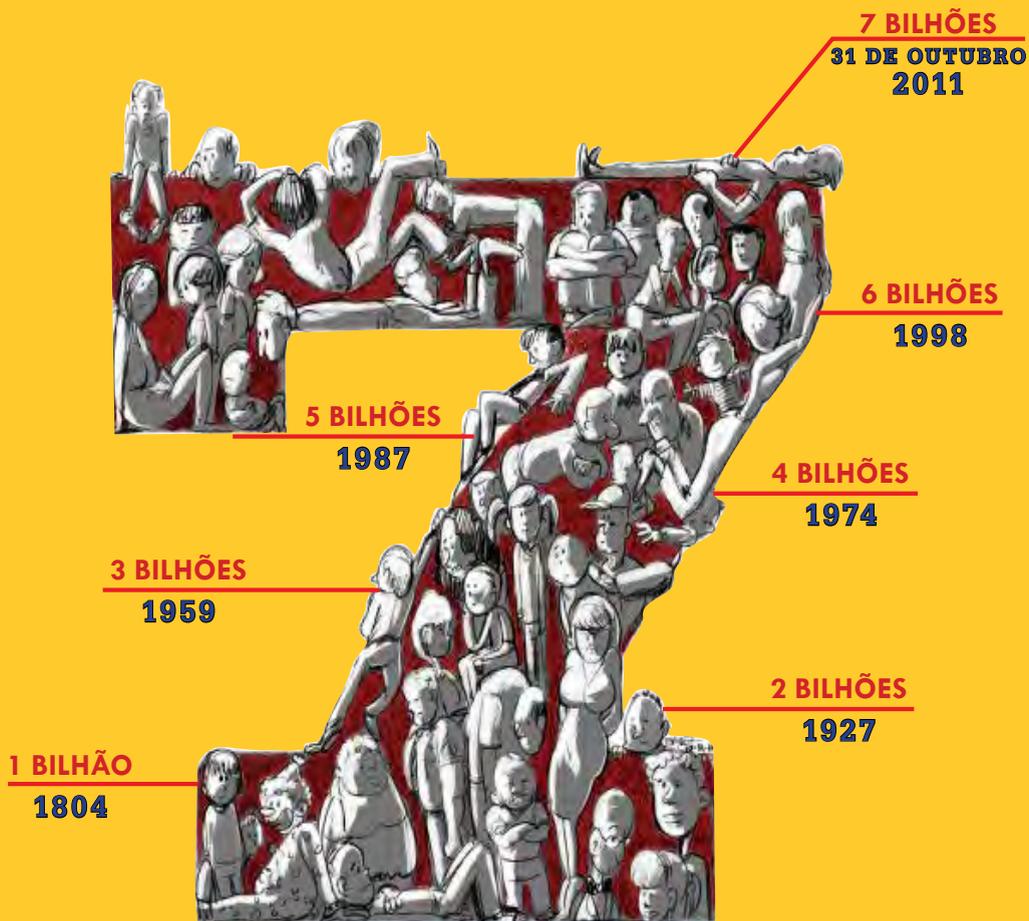
REBECCA RODRIGUES BUENO MOMO

GISELLA GALLO MÜHLEISE

SANTIAGO SULZBECK VILLALOBOS

GRECCA VOLPE DIAS

VITOR MEDEIROS SAMPAIO



Somos 7 bilhões! E daí?